

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA – UNESP
Faculdade de Ciências e Letras - Campus de Assis-SP

FLAVIA RENATA DA SILVA VAROLO

"FILIS Y DEMOFONTE":
TRANSCRIÇÃO SEMIDIPLOMÁTICA DE UM POEMA INÉDITO
LÍRICO/TRÁGICO DE ANTÓNIO DA FONSECA SOARES (1631-
1682)

ASSIS
2025

FLÁVIA RENATA DA SILVA VAROLO

"FILIS Y DEMOFONTE":

**TRANSCRIÇÃO SEMIDIPLOMÁTICA DE UM POEMA INÉDITO
LÍRICO/TRÁGICO DE ANTÔNIO DA FONSECA SOARES (1631-
1682)**

Tese apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, para a obtenção do título de Doutora em Letras (Área de Conhecimento: Literatura e Vida Social)

Orientador(a): Carlos Eduardo Mendes de Moraes

**ASSIS
2025**

V323"	Varolo, Flávia Renata da Silva "Filis y Demofonte" : proposta de edição de um poema lírico/trágico inédito de António da Fonseca Soares (1631-1682) / Flávia Renata da Silva Varolo. -- Assis, 2025 390 p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis Orientador: Carlos Eduardo Mendes de Moraes 1. Literatura Portuguesa- Século XVII. 2. António da Fonseca Soares, 1631-1682.. 3. Filologia. 4. Poética. 5. Manuscrito. I. Título.

FLÁVIA RENATA DA SILVA VAROLO

"FILIS Y DEMOFONTE":

**PROPOSTA DE EDIÇÃO DE UM POEMA LÍRICO/TRÁGICO INÉDITO DE
ANTÔNIO DA FONSECA SOARES (1631-1682)**

Tese apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras de Assis, para obtenção do título de Doutora em Letras.

Área de Concentração: Literatura e Vida Social

Data da defesa: 21/11/2024

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Carlos Eduardo Mendes de Moraes
UNESP – Faculdade de Ciências e Letras - Campus De Assis

Prof. Dra. Adma Fadul Muhana
USP – Universidade de São Paulo

Prof. Dr. Ricardo Magalhães Bulhões
UFMS – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Prof. Dr. Profa. Dra. MAIRA ANGÉLICA PANDOLFI
UNESP – Faculdade de Ciências e Letras - Campus De Assis

Prof. Dr. Prof. Dr. Francisco Claudio Alves Marques
UNESP – Faculdade de Ciências e Letras - Campus De Assis



ATA DA DEFESA PÚBLICA DA TESE DE DOUTORADO DE FLAVIA RENATA DA SILVA VAROLO, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS, DA FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS - CÂMPUS DE ASSIS.

Aos 21 dias do mês de novembro do ano de 2024, às 14:30 horas, no(a) Sala de Videoconferência do Prédio II e Sala Virtual: meet.google.com/yki-knps-gwk, realizou-se a defesa de TESE DE DOUTORADO de FLAVIA RENATA DA SILVA VAROLO, intitulada "**FILIS Y DEMOFONTE**": **TRANSCRIÇÃO SEMIDIPLOMÁTICA DE UM POEMA INÉDITO LÍRICO/TRÁGICO DE ANTÔNIO DA FONSECA SOARES (1631-1682)**. A Comissão Examinadora foi constituída pelos seguintes membros: Prof. Dr. CARLOS EDUARDO MENDES DE MORAES (Orientador(a) - Participação Presencial) do(a) UNESP/FCL - Assis, Profa. Dra. ADMA FADUL MUHANA (Participação Virtual) do(a) Universidade de São Paulo (USP), Prof. Dr. RICARDO MAGALHÃES BULHÕES (Participação Virtual) do(a) Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Profa. Dra. MAIRA ANGÉLICA PANDOLFI (Participação Presencial) do(a) UNESP/FCL - Assis, Prof. Dr. FRANCISCO CLAUDIO ALVES MARQUES (Participação Presencial) do(a) UNESP/FCL - Assis. Após a exposição pela doutoranda e arguição pelos membros da Comissão Examinadora que participaram do ato, de forma presencial e/ou virtual, a discente recebeu o conceito final: aprovada. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelo(a) Presidente(a) da Comissão Examinadora.

Prof. Dr. CARLOS EDUARDO MENDES DE MORAES



Aos meus filhos, Isabela Lúcia Silva Varolo e Gabriel Silva Varolo, que tornam primavera toda a minha existência.

AGRADECIMENTOS

Ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP – campus de Assis-SP.

A todos os funcionários ligados ao Programa de Pós-graduação da FCL de Assis e aos funcionários da Biblioteca da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP – campus de Assis-SP.

Ao meu querido professor e orientador Carlos Eduardo Mendes de Moraes, toda gratidão pelo apoio incondicional e a generosidade em compartilhar não somente conhecimentos acadêmicos, mas também tantas experiências de estudo e de vida.

Aos companheiros de pesquisa do Grupo de Estudos “MILA – Manuscritos e Impressos Luso Americanos”, por toda parceria e colaboração durante esse percurso do doutorado. Vivemos muitas histórias juntos e pudemos nos apoiar em momentos de desânimo, decisões e até mesmo em uma pandemia.

À Prof. Dra. Cleide Antônia Rapucci e ao Prof. Dr. Francisco Claudio Alves Marques pelas contribuições fundamentais durante o exame de qualificação.

À Prof. Dra. Adma Fadul Muhad, ao Prof. Dr. Ricardo Magalhães Bulhões, à Prof. Dra. Maira Angélica Pandolfi e ao Prof. Dr. Francisco Claudio Alves Marques pelas valiosas sugestões a essa versão final da tese.

Aos meus familiares por todo carinho e torcida durante essa jornada, em especial aos meus filhos Isabela Lúcia Silva Varolo e Gabriel Silva Varolo e ao meu esposo Everton Adolfo Varolo, que entenderam o meu amor à pesquisa e acreditaram na minha capacidade em desenvolvê-la, mesmo já sendo mãe, esposa e professora. Sem vocês nada teria sentido.

A todos aqueles que acreditaram que a educação, o conhecimento e a ciência podem transformar a vida das pessoas e ajudar a melhorar a sociedade em que vivemos.

A todos que lutam pela Universidade pública, gratuita e de qualidade.

Era inevitável: o cheiro das amêndoas
amargas lhe lembrava sempre o destino
dos amores contrariados.

(Gabriel Garcia Márquez, em O amor
nos tempos do cólera)

RESUMO

Esta tese de doutorado tem por finalidade a edição e análise do poema narrativo “Filis y Demofonte”, de Antônio da Fonseca Soares (1631-1682), que trata da tragédia amorosa entre dois personagens mitológicos, composto a partir da perspectiva do poeta português. Sobretudo, destaca-se, nessa alegoria a metamorfose da própria personagem Filis, que se transforma em uma amendoeira após seu suicídio decorrido pela longa espera do regresso de Demofonte. Desta maneira, o estudo deste poema (tradicionalmente conhecido na cultura manuscrita), visa a discutir a força retórica de influência da cultura e da mitologia greco-romana confrontada pela visão católica portuguesa no seiscentismo, contida de forma marcante no poema. Este confronto, em parte dialogando com marcas da poética do século XVII, será explorado a partir da arqueologia do próprio poema, que será transcrito e analisado como resultado da demonstração dos recursos de emulação e produção de efeitos eficazes e argutos da “poética”, da qual António da Fonseca Soares é aderente. Ademais, a tese destaca as influências da tradição clássica, especialmente das obras *Eneida*, de Virgílio e *Metamorfoses*, de Ovídio, que são marcantes no poema. O autor possui vasta produção a ele atribuída, ainda por ser pesquisada e difundida, tanto no Brasil, quanto em sua terra natal. Por outro lado, fato de ser um texto inédito do ponto de vista da tradição impressa nos obriga a trabalhar com uma versão manuscrita – Ms. 49-III-84, a qual, dentro de uma vasta tradição, foi eleita como uma das mais confiáveis, graças aos critérios de preparação que o seu compilador, António Correia Viana (1750-1785) utilizou para executá-la. A metologia utilizada neste estudo teve como base os fundamentos da crítica textual para a transcrição e edição do poema com suas possíveis variantes, recorrendo, aos trabalhos de Houaiss (1962), Cambraia (1995), Moraes (1999), Spaggiari & Perugi (2004), e Moreira (2011).

Palavras-chave: Filis y Demofonte, Mitologia Greco-romana, cristianismo, poesia portuguesa seiscentista, fontes primárias.

ABSTRACT

This doctoral thesis aims to edit and analyze the narrative poem "Filis y Demofonte" by Antônio da Fonseca Soares (1631-1682), which addresses the tragic love story between two mythological characters, composed from the perspective of the Portuguese poet. Notably, the metamorphosis of the character Filis stands out in this allegory, as she transforms into an almond tree after committing suicide due to the long wait for Demofonte to return. Thus, the study of this poem (traditionally known in manuscript culture) seeks to discuss the rhetorical force of influence from Greco-Roman culture and mythology, confronted by the Portuguese Catholic vision in the seventeenth century, which is notably present in the poem. This confrontation, in part dialoguing with the marks of seventeenth-century poetics, will be explored through the archaeology of the poem itself, which will be transcribed and analyzed as a demonstration of the emulation techniques and the production of sharp and effective effects in the "poetics" to which Antônio da Fonseca Soares adheres. Moreover, the thesis highlights the influences of classical tradition, especially from works such as Virgil's "The Aeneid" and Ovid's "Metamorphoses," which are prominent in the poem. The author has an extensive body of work attributed to him, which can still be investigated and disseminated both in Brazil and his homeland. On the other hand, the fact that this is an almost unpublished text from the perspective of the printed tradition compels us to work with a manuscript version – Ms. 49-III-84, which, within a vast tradition, was chosen as one of the most reliable, thanks to the preparation criteria used by its compiler, Antônio Correia Viana (1750-1785). The methodology used in this study was based on the foundations of textual criticism for the transcription and editing of the poem with its variants, using the works of Houaiss (1962), Cambraia (1995), Moraes (1999), Spaggiari & Perugi (2004), and Moreira (2011).

Keywords: Filis y Demofonte, Greco-Roman Mythology, christianity, 17th Century Portuguese poetry, primary sources.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – Didascália	35
Imagem 2 – Índice do poema	35
Imagem 3 – Fólio do manuscrito	36
Imagem 4 – Capa do Ms. 49-III-84	37
Imagem 5 – Catálogo de Manuscrito	40

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Versões do manuscrito “Filis y Demofonte” em 2019	38
Tabela 2 – Versões do manuscrito “Filis y Demofonte” em 1889	39
Tabela 3 – Registro de versões do manuscrito “Filis y Demofonte” na Biblioteca Nacional de Portugal	41-2
Tabela 4 – Registro de versões do manuscrito “Filis y Demofonte” na Biblioteca Nacional da Espanha	42-3
Tabela 5: Trecho do poema – Canto 1, estrofe 54	49
Tabela 6: Trecho do poema -Canto 1, estrofes 72	51
Tabela 7: Antíteses	52
Tabela 8: Trecho do poema – Canto 3, estrofe 49	55
Tabela 9: Trecho do poema – Canto 4, estrofes 80	58
Tabela 10: trecho do poema – Canto 4, estrofe 81	59
Tabela 11: Canto 1, estrofe 1 – Filis y Demofonte, António da Fonseca Soares e livro 1 – Eneida, Virgílio	294

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO 1 – O MANUSCRITO, O POETA E A OBRA	20
1.1 A PESQUISA COM FONTES PRIMÁRIAS: O MANUSCRITO	20
1.2 ANTÓNIO DA FONSECA SOARES	22
1.3 “FILIS Y DEMOFONTE”, CARACTERÍSTICAS DO MANUSCRITO MS. 49-III-84 DA BIBLIOTECA DA AJUDA	28
1.4 OUTRAS VERSÕES DO POEMA FILIS Y DEMOFONTE	37
CAPÍTULO 2: O PROCESSO DE TRANSCRIÇÃO SEMIDIPLOMÁTICA DO POEMA “FILIS Y DEMOFONTE”	45
CAPÍTULO 3. TRANSCRIÇÃO DO POEMA “FILIS Y DEMOFONTE”, DE ANTÓNIO DA FONSECA SOARES.	48
3.1 A NARRATIVA	49
3.2 CANTO PRIMEIRO - EL NAUFRÁGIO	59
3.3 CANTO 2: LAS RUINAS	86
3.4 CANTO 3: LOS AFFECTOS	108
3.5 CANTO 4: LAS SELVAS	138
3.6 CANTO 5: LOS ZELOS	166
3.7 CANTO 6: LA SOLEDAD.	204
3.8 CANTO 7: LAS LAGRIMAS	221
3.9 CANTO 8: LAS ARMAS	250
3.10 CANTO 9: LOS EXTREMOS	253
3.11 CANTO 10: LOS SUSPIROS	283
CAPÍTULO 4: A HERANÇA CLÁSSICA EM “FILIS Y DEMOFONTE”	290
4.1 <i>ENEIDA</i> , DE VIRGÍLIO EM “FILIS Y DEMOFONTE”	292
4.2 METAMORFOSES, DE OVÍDIO EM “FILIS Y DEMOFONTE”	295
4.4 A METAMORFOSE DE FILIS	297
CONSIDERAÇÕES FINAIS	305
NOTAS DE FIM	307
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	321
REFERÊNCIAS MANUSCRITAS	328
ANEXO	329

INTRODUÇÃO

O primeiro contato que tive com essa pesquisa foi a partir da leitura de tese e artigos de alguns amigos que já participavam do Grupo de Estudos “Escrita no Brasil Colonial e suas Relações”. Ao me interessar pela poesia de António da Fonseca Soares comecei a participar do grupo de estudos visando conhecer e me inteirar da obra e da vida de Fonseca, bem como dos estudos com fontes primárias.

Dessa forma, dei início ao doutorado, com o projeto sobre a transcrição do poema “Filis y Demofonte”, desse autor, sob a orientação do Professor Doutor Carlos Eduardo Mendes de Moraes. O projeto foi sendo reelaborado conforme as pesquisas foram avançando, até chegarmos nessa tese, que aqui apresentamos.

Atualmente, nosso Grupo de Estudos se transformou no “Grupo de Estudos Mila” – Manuscritos e Impressos Latino-Americanos, sob orientação do professor doutor Carlos Eduardo Mendes de Moraes, visto que o grupo cresceu e as pesquisas foram sendo ampliadas.

Diante do exposto, passamos a falar dessa tese, que se insere no contexto da linha de pesquisa Fontes Primárias e História Literária, do Programa de Pós-graduação em Letras da Faculdade de Ciências e Letras de Assis. Sua relevância está na edição do poema inédito “Filis y Demofonte”, do poeta português António da Fonseca Soares e no aporte que o estudo e a transcrição dessa obra manuscrita propicia aos estudos de fontes primárias e da literatura do século XVII.

O fato de se propor a discussão de um poema que não fazia parte da tradição seiscentista impressa é uma forma de mexer com o cânone e trazer contribuições importantes para o estudo da literatura seiscentista no século XXI.

Moreira (2011) cita que o a compreensão dos mecanismos de produção e práticas de escrita nos séculos XVI e XVII é crucial para formular teorias da edição que respeitem a história das tradições textuais. Essas teorias devem levar em conta as condições materiais e culturais sob as quais os textos foram produzidos, para que a crítica textual moderna (crítica dialógica) possa apreciar plenamente essas obras em seu contexto histórico. (MOREIRA, 2011, p.319)

O autor também menciona que

[...] os manuscritos de autores modernos diferem dos manuscritos produzidos sob a égide da cultura escribal, já que estes últimos se originam

em condições sociais e históricas de produção do escrito distintas daquelas que prevalecem nos séculos XX e XXI (MOREIRA, 2011, p.292)

Nesse contexto, ao tratarmos da obra manuscrita “Filis y Demofonte”, de António da Fonseca Soares, a consideramos de acordo com as condições históricas, culturais e letradas de seu tempo, em que a reprodução de manuscritos pela ação da manuscritura é condição essencial à publicação de qualquer escrito, independentemente de sua natureza, ou seja, diferente do pensamento moderno, o manuscrito do século XVII se tornava público na medida em que era declamado, lido, copiado, manuseado.

Se compreendermos publicação como o ato de dar a público pela primeira vez uma obra qualquer, publicar pode estar historicamente dissociado do escrito, já que para certas culturas a publicação pode dar-se durante a declamação. (MOREIRA, 2011, p.306)

Teófilo Braga (1984), em *História da Literatura Portuguesa: Os Seiscentistas*, refere-se a António da Fonseca Soares como um poeta lírico e ainda faz um resumo de sua trajetória, abordando sua vida e as principais obras conhecidas. Segundo o estudioso, Fonseca Soares foi por muito tempo esquecido, apesar da grande quantidade de cópias de seus versos espalhadas em manuscritos dos finais do século XVII e ao longo do século XVIII. Após sua conversão à vida ascética, adotando o nome de Frei Antônio das Chagas, ele procurou apagar os vestígios de sua imaginação intensa, que o aproximava de Gôngora, seu grande modelo. Braga destaca que, por essa razão, Fonseca merecia ser estudado como o melhor representante do lirismo gongórico em Portugal, especialmente porque o sentimento amoroso em suas obras adquire uma nova dimensão ao incorporar as doutrinas teológicas do Amor divino (BRAGA, 1984, p. 319-320).

Nesse sentido, a obra de Braga faz uma breve referência ao poeta seiscentista, ressaltando sua relevância para a literatura portuguesa e o reconhecendo como um dos mais destacados representantes do gongorismo em Portugal.

Granjeiro (2012) aponta que diversos escritores compuseram suas obras alternando entre o português e o castelhano, e, em várias ocasiões, chegaram a mesclar ambas as línguas em um mesmo texto. Essa prática tornou-se especialmente comum após a União Ibérica, período em que Portugal e Espanha se

encontravam politicamente integrados. Essa aliança influenciou diversas áreas, incluindo a literatura. Sob o domínio espanhol, Portugal passou a adotar algumas normas ditadas pela Espanha. Contudo, no campo literário, os poetas portugueses absorveram as influências do renomado escritor espanhol Góngora.

As obras de Góngora, caracterizadas por sua singularidade estilística, deram origem a uma corrente literária conhecida como gongorismo, que ganhou força tanto no contexto do Quinhentismo quanto no Seiscentismo.

Destaca-se, nesse contexto, que o poeta Antônio da Fonseca Soares tem influência da obra de Góngora. Em suas obras existe grande reflexo das características do mestre espanhol. Para Montes “[...] Antonio da Fonseca Soares es quizá, de todos los gongoristas portugueses, la figura poética y humana más interesante” (1956, p. 112). Entretanto, o estudioso acrescenta que o gongorismo português revela problemas de identificação de autoria de algumas obras que estão escuras e complicadas de ler, por esse motivo, as atribuições dos autores são duvidosas e na maioria das vezes equivocadas, estando sempre sujeitas à retificação. Outrossim, Montes afirma que:

[...] lo que se refiere a las poesías de Fonseca Soares, hay que explicar el silencio por el temor a manchar la memoria de quien había muerto poco menos que en olor de santidad, y que, además, había repudiado, según se decía, todas sus obras profanas al tomar los hábitos franciscanos. (MONTES, 1956, p. 79)

Diante do exposto, a crítica à obra de Fonseca Soares difere da crítica direcionada à obra de Frei Antônio das Chagas. Enquanto a obra deste último foi amplamente estudada, tanto em trabalhos acadêmicos quanto em avaliações realizadas nos séculos seguintes à sua vida, o poeta secular, Fonseca Soares teve menor atenção. No entanto, entre os compiladores e colecionadores de sua época, ele era reconhecido como o melhor romancista em língua portuguesa (MORAES, 2021, p. 201).

A respeito da obra manuscrita de Antônio da Fonseca Soares, especialmente suas poesias, a tradição divide-se em diferentes tipos de coletâneas: algumas são volumes únicos que reúnem obras de múltiplos autores; outras são organizadas por um único autor; e há também compilações feitas por colecionadores (atuando como precursores de editores) dedicadas a um único autor, como no caso da compilação de Antônio Correia Viana. Esse editor reuniu escritos de diversos autores, incluindo

Fonseca Soares, com algumas referências à obra de Frei António das Chagas, seu alter ego (MORAES, 2021, p. 198).

Considerando ainda a percepção de Moraes (2013), em relação a temática da obra de António da Fonseca Soares, o estudioso aponta que em seus romances, o poeta valorizava tanto a matéria quanto o estilo, explorando uma ampla riqueza de possibilidades e engenho. Esses aspectos podem ser observados na obra *Erotismo e Religiosidade – Romances de António da Fonseca Soares* (2013), cujos temas se organizam em blocos que abordam o amor, o erotismo, a saudade, a saúde, o cotidiano e o rancor, fazendo da relação humana o núcleo central de sua poesia (MORAES, 2013, p. 25).

Dessa forma, Fonseca, ao utilizar-se de inúmeras metáforas e alegorias em seu texto, faz uso de um aspecto de engenho do século XVII, demonstrando ser ele, um poeta consciente das tradições e dos engenhos poéticos do seu tempo.

Logo, o poema narrativo, fonte de estudo dessa tese, retrata da história de amor de Filis y Demofonte, em um contexto mitológico, que ao mesmo tempo é permeado por valores cristãos e, de acordo com Hansen, a temática mitológica e de valores cristãos em uma obra fazia parte do padrão ibérico da poesia barroca dos séculos XVI e XVII, que apresentava deuses moralizados.

Por conseguinte, os aspectos estudados dividem-se em quatro capítulos, divididos em subtítulos, que passam pelo conceito de manuscrito e publicação no século XVII, pela vida, obra e do autor, pela base teórica utilizada para a pesquisa, pelo processo de edição dos poemas e por fim, pela análise e edição do poema.

Portanto, o capítulo 1: O manuscrito, o poeta e a obra - aborda brevemente a processo de escrita e publicação no seiscentismo, bem como a vida do autor e sua obra “Filis y Demofonte”, diante da literatura do seu tempo, as características do manuscrito em questão –Ms. 49-III-84 que faz parte do acervo da Biblioteca da Ajuda de Lisboa, Portugal e foi adquirido pelo orientador com financiamento da FAPESP 2016/17138-3, sob a coordenação do Dr. Carlos Eduardo Moraes, integrando a documentação do projeto de pesquisa denominado “*Recensio* e edição de poemas de António da Fonseca Soares/Frei António das Chagas, com auxílio das compilações de António Correia Viana (1777-1783)”. Além da explanação sobre outras versões do poema, bibliotecas de Portugal e Espanha, encontradas através da pesquisa on-line.

No capítulo 2 - Processo de edição do poema “Filis Y Demofonte” - explanamos a experiência que tivemos na transcrição e edição do poema, a base teórica utilizada para esse processo e as suas contribuições no desenvolvimento dessa tese.

O capítulo 3: Apresentação da transcrição do Poema “Filis Y Demofonte”, de António da Fonseca Soares - versa a respeito da narrativa do poema, ou seja, a história de Filis e Demofonte e referências aos artifícios e recursos de linguagem de que o poeta se utiliza para construir essa narrativa poética, que se divide em 10 cantos, sobre os quais apresento um breve resumo e análise em seguida a edição de cada canto. São eles: Canto Primeiro - El Naufrágio, Canto 2: Las Ruinas, Canto 3: Los Afectos, Canto 4: Las Selvas, Canto 5: Los Zelos, Canto 6: La Soledad., Canto 7: Las Lagrimas, Canto 8: Las Armas, Canto 9: Los Extremos e Canto 10: Los Suspiros.

Enfim, o Capítulo 4: A Herança Clássica em “Filis Y Demofonte” - discorre sobre as influências da literatura clássica na obra em estudo, especificamente de *Eneida*, de Virgílio e de *Metamorfoses*, de Ovídio. Ainda, nesse capítulo dissertamos sobre a metamorfose de Filis, protagonista do poema, que é transformada em uma árvore de amendoeira após seu suicídio.

Concluindo, esta tese visa a apresentar um aporte que, espera-se, seja significativo para os estudos literários, na medida em que ao resgatar e transcrever o poema inédito até então manuscrito “Filis y Demofonte” de António da Fonseca Soares, autor cuja obra, por muito tempo, foi negligenciada. A adesão ao projeto ocorre, enfim, pela pesquisadora julgar ser de grande relevância para a compreensão do lirismo seiscentista em Portugal. A pesquisa revela como Fonseca, ao trabalhar com temas como o amor, e a saudade, mitologia e cristianismo, vida e morte, entre outros, foi capaz de criar uma poesia rica em metáforas e engenhosidade, refletindo as tradições literárias e culturais do século XVII.

Os capítulos desta tese perpassam desde o processo de transcrição do manuscrito, com seu embasamento pela crítica textual, até a análise do conteúdo narrativo e estilístico do poema, destacando a influência clássica, como as referências a *Eneida*, de Virgílio e *Metamorfoses*, de Virgílio. Por fim, a metamorfose de Filis, transformada em uma amendoeira após seu suicídio, simboliza a fusão entre a vida e a morte, a mitologia e tradição cristã, bem como o homem está à mercê dos designios dos deuses.

Isto posto, esta tese não apenas resgata uma obra valiosa, mas também expande os estudos com fontes primárias e aprofundam o entendimento da literatura portuguesa do século XVII, reforçando a importância de António da Fonseca Soares no cenário literário.

CAPÍTULO 1 – O MANUSCRITO, O POETA E A OBRA

Neste capítulo explanar-se-á a respeito dos textos manuscritos e da importância desse artefato como testemunho literário do século XVII. Além disso, objetiva-se apresentar uma breve biografia de António da Fonseca Soares, bem como mencionar aspectos de sua obra, especificamente do poema “Filis y Demofonte”, cuja tradição remonta aos tempos de sua escritura, embora a afirmação de que seja um poema inacabado nunca conferiu a ele a possibilidade de ser impresso, tratando-se, desse modo, de um manuscrito.

1.1 A PESQUISA COM FONTES PRIMÁRIAS: O MANUSCRITO

Na obra *A mão do autor e a mente do editor* (2014), Chartier usa os termos: “escutar os mortos com os olhos” e “recobrar as velhas palavras em arquivos” para se referir a pesquisa com fontes documentais escritas ou fontes primárias, cujos registros escritos são a única forma de acessar as vozes do passado, o que exige uma leitura cuidadosa e uma interpretação dos vestígios deixados pela história. (CHARTIER, 2014, p.7)

Logo, o trabalho com a leitura, a transcrição e análise de um manuscrito nos permite conhecer, reconstruir e refletir mais sobre a história, a literatura, a arte, o pensamento, os costumes e a cultura da sociedade de uma época. Sobre isso, Spaggiari; Perugi (2004) afirmam:

Das origens até meados do século XV, a cópia manual é o meio com que os homens retêm na memória coletiva, e transmitem para a posteridade, o patrimônio cultural da nossa civilização, tanto no campo da ciência como no da religião, da história, da política, da literatura. (SPAGGIARI, B.; PERUGI, M., 2004, p. 18).

Pimentel, por seu turno, aponta que a concepção editorial do século XIX traz o manuscrito como a preparação para o impresso, entretanto, entre os séculos XVI e XVIII, o manuscrito constituía um suporte em si mesmo e convivia em pé de igualdade com o impresso.

No século XVII era costume galante fazer circular de mão em mão as poesias inéditas; os autores pareciam lisonjear-se mais com essa

propaganda, para que o sexo feminino muito contribuía, do que com a vulgarização pela imprensa. (PIMENTEL, 1889, p. 145)

Lucien LeFebvre afirma que “os manuscritos eram, de fato, muitas vezes repostos à venda, e passavam de mão em mão durante várias gerações de estudantes e professores.” (LEFEBVRE, 2017, p. 61-2)

Moreira (2011) esclarece que “a reprodução de manuscritos é condição essencial à publicação de qualquer escrito, independentemente de sua natureza.” Dessa forma, aos séculos medievais e ao século XVI o manuscrito é produto da socialização da escrita. Assim, organizados em códices poéticos ou não, eram produzidos, comercializados, manuseados e lidos. (MOREIRA, 2011, p.292-8). O autor ainda destaca que

Os poemas, declamados e/ou lidos em certames poéticos e registrados manuscritamente pelos próprios autores, que podiam iniciar sua disseminação durante as competições, também eram registrados por pessoas presentes aos certames, o que lhes propiciava sua publicação já completamente fora do controle autoral. Os poemas eram entregues para apreciação provavelmente em folha avulsa (ou pequeno caderno) a ser compulsada e lida pelos árbitros da competição. (MOREIRA, 2011, p.312)

Por conseguinte, alguns poemas eram publicados mesmo antes de serem escritos, já que primeiro eram declamados ou lidos em eventos, para posteriormente serem registrados, em geral de forma manuscrita.

Portanto, mesmo com a circulação do texto impresso, o texto manuscrito ainda persistiu por séculos, uma vez que todo escrito para ser publicado necessitava de licença emitida pelo Santo Ofício, deveria passar pela censura da Igreja, e com isso, muitos textos considerados “seculares” ou “mundanos” eram disponibilizados unicamente em manuscritos. Conforme Moreira:

[...] todo escrito para ser publicado necessitava de licença emitida, primeiramente, pelos oficiais do Santo Ofício da Inquisição e, em um segundo momento, após receber o *imprimatur* da Igreja, pelos desembargadores do Paço, os manuscritos avantajavam-se aos impressos, já que sua produção escapava mais facilmente ao controle da censura eclesiástica real. (MOREIRA, 2011, p. 324)

O autor ainda menciona que

O publicar diz respeito, entre outras formas de socialização do escrito, à fixação de uma folha volante em lugar público, à sua leitura, seja ela solitária

– em silêncio ou voz alta – ou coletiva e à murmuração que acompanha sua difusão entre os membros do corpo da República. (MOREIRA, 2011, p.318)

De acordo com Chartier (2014) “o manuscrito permitia uma difusão controlada e limitada de textos que evitam censura prévia e que podiam circular clandestinamente com mais facilidade do que obras impressas” e por isso, esses textos eram direcionados a leitores capazes de compreendê-los.

Logo, durante séculos o manuscrito foi o único instrumento de difusão do pensamento escrito, apresentando-se como uma modalidade de troca de textos tão importante quanto o texto impresso.

Outrossim, o estudo das fontes primárias, especificamente dos manuscritos contribui com a sociedade, na medida em que traz para a discussão a questão do manuscrito como aparato literário de resistência no século XVI, sobretudo em Portugal. Finalmente, destacamos que é no contexto dessa sociedade leitora do século XVII que a obra de Fonseca se revela.

1.2 ANTÓNIO DA FONSECA SOARES

António da Fonseca Soares (1631-1682), herdeiro de uma linhagem nobre e de origem ilustre, nasceu de António Soares de Figueiroa, homem de leis e reputação, e de Helena de Zuñiga, uma irlandesa de ascendência castelhana. Fonseca, ainda jovem, buscou os saberes do Latim e da Filosofia na cidade de Évora, até que o falecimento de seu pai o traz de volta à Vidigueira, aos dezoito anos. O luto pelo pai o fez assumir as rédeas da casa, dedicando-se à mãe e às irmãs em meio à sua juventude.

Aos vinte anos, o vigor de sua idade fez pulsar intensamente sua existência, entregando-se às festividades, às aventuras do amor e às musas inspiradoras de sua poesia. Contudo, um romance com uma mulher casada lhe trouxe dissabores por haver ceifado a vida de um rival em duelo. Para escapar ao rigor da justiça, alistou-se no exército em Moura, unindo-se à luta contra as tropas espanholas pela liberdade de Portugal.

Ainda perseguido pela sombra do trágico evento, Fonseca, em 1653, deixou a pátria acompanhado de um parente desembargador, embarcando rumo ao Brasil. No decorrer da viagem, o encontro com um livro de teor religioso foi o primeiro

vislumbre de sua experiência com a fé. Entretanto, em terras tropicais, manteve-se entregue a uma vida desregrada e devassa, ao mesmo tempo em que fazia brotar versos de notável sensibilidade. Essa dualidade rendeu-lhe o epíteto de “Capitão Bonina” (GRANJEIRO, 2012, p. 13).

Em terras brasileiras, Fonseca enveredou pela criação do poema épico-amoroso *Filis y Demofonte*, escrito em oitavas e de grande circulação em manuscritos, conforme atesta D’Arcadia (2019). A obra foi dedicada ao jovem príncipe D. Teodósio, figura estimada entre os soldados portugueses.

No entanto, Braga, por sua vez, sugere que o poema fora composto antes da viagem transatlântica, entre 1651 e 1652, em um período em que o poeta ainda pisava os campos lusitanos. Assim, em cada verso e em cada passo, António da Fonseca Soares atravessava os dilemas de uma vida dividida entre paixões terrenas, reflexões espirituais e as adversidades de seu tempo.

É neste curto período de 1651 a começar de 1652, que esse entusiasmo pela presença do príncipe se reflecte na dedicatória em cinco estâncias do poema *Filis*, de António da Fonseca Soares, que roçava pela mesma idade, e militava na campanha do Alentejo. (BRAGA, 2005, p. 210)

Outrossim, a produção poética de António da Fonseca Soares foi, em sua essência, um reflexo da alma inquieta e prolífica que carregava. Pontes, em sua análise, assinala que o poeta, ao retirar-se para meditar, era comumente presumido por seus amigos como imerso na composição de versos. Para Fonseca, o ato de versejar era tão natural quanto respirar, estendendo-se pelos rincões de Portugal, pelas margens ensolaradas da Baía e por todos os lugares em que sua jornada o levava (PONTES, 1953, p. 27).

A essa percepção, Almeida, citado por Alberto Pimentel, adiciona outro matiz, descrevendo-o como um poeta que, enquanto homem secular, entregava-se à criação poética como era de costume em sua época. Sua obra fluía tanto em português quanto em castelhano, permanecendo muitas de suas composições conservadas em manuscritos, como relicários de um talento atemporal (ALMEIDA, 1866 apud PIMENTEL, 1889, p. 148).

Após sua estadia no Brasil, Fonseca Soares regressou a Lisboa, trazendo consigo não apenas o peso das experiências vividas, mas também o desejo de redenção. Tocada pela luz da conversão ao catolicismo, procurou por refúgio na

Ordem Franciscana. Contudo, a sombra do crime de outrora impediu que seu pedido fosse aceito. O caminho da religiosidade institucionalizada se fechou, mas o espírito arrependido encontrou no Alentejo um refúgio para a introspecção e a criação.

Desde modo, foi nesse exílio voluntário que Fonseca Soares compôs dois de seus grandes poemas: *Mourão Restaurado* (1658) e *Elvas Socorrida* (1659), nos quais sua habilidade poética encontrou expressão em meio às marcas da Guerra da Restauração. Dividia-se entre Elvas, participando dos combates, Setúbal, nos encontros dos terços, Vidigueira, onde buscava a serenidade do lar junto à família, e Lisboa, onde brilhava nos encontros da ilustre Academia dos Generosos.

Assim, Fonseca Soares viveu em constante trânsito, não apenas físico, mas também espiritual e literário. Sua poesia, vibrante e profundamente humana, era o espelho de um homem que encontrava nas palavras o alento para suas inquietações e o testemunho de sua busca incessante por redenção e transcendência.

[...] dividido entre a vida militar nas campanhas da Guerra de Restauração em Elvas, que lhe renderia o perdão de seu crime e a patente de Capitão; a vida boêmia, que compartilhava com amigos e as damas; e as Letras. (LOPES, 2012, p.15)

Diante de uma existência permeada por prazeres, batalhas e versos, António da Fonseca Soares viu-se abatido por uma enfermidade que o relegou ao leito. Recuperado de seu padecimento físico, enfrentou em Setúbal um atentado que marcaria profundamente sua alma: um rival, movido pelo fogo ardente do ciúme, disparou-lhe um tiro de bacamarte. Tal evento, mais que um golpe ao corpo, foi um chamamento à reflexão, conduzindo o poeta, mais uma vez, à religião. Por conseguinte, em maio de 1663, na enigmática Capela dos Ossos, renasceu espiritualmente. Dali em diante, António da Fonseca Soares deixou de existir, para dar lugar ao austero Frei António das Chagas.

Como frade, abraçou uma vida de despojamento e penitência, percorrendo Portugal de norte a sul. Suas peregrinações tornaram-se uma tentativa de expiar os “males” que, em sua juventude, julgava haver semeado sob o epíteto de Capitão Bonina. Na simplicidade de seu viver, sua bagagem resumia-se à Bíblia, a um rosário, a um velho breviário, a um livro de cunho religioso e às cartas que se dispunha a responder. Entretanto, era nas suas pregações que Frei António das Chagas verdadeiramente fulgurava, fazendo de seus sermões espetáculos de arrebatamento e emoção.

As suas homilias uniam a teatralidade à eloquência, sendo célebres os atos em que esbofeteava a si próprio ou exibia um crânio humano como símbolo da mortalidade e da penitência. Tal veemência e vigor oratório despertavam frenesi e fervor entre os fiéis, que o recebiam com entusiasmo por onde passava. Sua presença, em qualquer vilarejo ou cidade, transformava os espaços em palcos de redenção e introspecção.

Pontes (1953) destaca que a vida religiosa de Frei António das Chagas foi de singular relevância, conduzida com a mais solene seriedade, sendo ele capaz de atrair multidões com a intensidade de sua pregação. Pontes sublinha ainda que a obra religiosa do frade, assim como os versos de sua juventude mundana, assegurou-lhe um lugar de destaque entre seus contemporâneos. Sua memória, iluminada pela singularidade de sua trajetória, permanece imortal, ressoando tanto na poesia quanto na devoção que marcaram a sua existência.

Mas quem foi António da Fonseca Soares? António da Fonseca Soares vem à luz da ribalta, trazido por Frei António das Chagas, que é o próprio Fonseca, ele mesmo, penitente, arrependido, ardente, apostólico, a arrastar as multidões, a quem pregava penitência e mudança de vida, a dirigir na austeridade, na finalidade a uma regra, freiras que por sua virtude eram, naqueles tempos, como oásis em deserto. E, se não fora o autor das Cartas Espirituais, talvez o moço irrequieto, espadachim, esbelto e facundo, versejador inesgotável, fazedor de romances e sonetos que o Fonseca era, não tivesse conseguido remover o esquecimento, que o havia de confundir no anonimato, igualando-o tantos contemporâneos seus que, por obras valiosas, se não assinalaram. (PONTES, 1953, p. 6)

Sob a perspectiva de Granjero (2015) tanto a obra religiosa quanto a obra secular de Fonseca Soares, estão envolvidas na atmosfera do século XVII e apresentam características semelhantes quanto ao modo de escrita, como por exemplo, a persuasão do interlocutor.

[...] que existiram dois modos de vida em uma e dois modos de escritas em uma. Por fim, António da Fonseca Soares / Frei António das Chagas representa(m) um paradigma de vida e escrita de seu tempo. Sua atividade literária pode ser dividida em duas fases: a mundana e a religiosa, apesar de terem as mesmas características estilísticas direcionada para interlocutores distintos, ambas apresentam grande valor para a literatura do século XVII. (GRANJEIRO 2012, p. 15)

D'Arcádia (2019) menciona que em sua nova vida, o poeta desenvolveu um trabalho reconhecido pelas suas pregações em Portugal e por manter a constante produção de textos religiosos.

O clérigo levou uma vida de peregrinações e pregações constantes. Em 1676, seu prestígio era tal que lhe são oferecidas posições de bispo, as quais recusou. Uma, inclusive, partindo do príncipe D. Pedro II, que na época procurava legitimação após um golpe de Estado contra seu irmão Afonso VI. Os mais de 15 anos de vida apostólica culminam, em 1678, com a fundação do seminário de Varatojo, cuja direção assume em 1680. Sempre mantendo uma produção constante de sermões e cartas, após um ano de peregrinação pelo Algarve, relatou vertigens em uma carta datada de 9 de janeiro de 1682. No dia 20 de outubro do mesmo ano, em Varatojo, o Frei António das Chagas morreu. (D'ARCADIA, 2019, p. 28-9)

Logo, pode-se asseverar que António da Fonseca Soares, posteriormente conhecido pelo nome religioso de Frei António das Chagas, legou à posteridade uma obra vastamente documentada, dispersa em acervos de arquivos, bibliotecas e institutos de Portugal. Essa herança literária, predominantemente composta por manuscritos, encontra-se ora mencionada, ora colecionada, sendo atribuída a uma ou outra identidade que o autor assumiu ao longo de sua trajetória.

A produção literária atribuída ao autor é caracterizada por sua natureza lírica e circunstancial, representando sua fase mundana, compreendida entre os anos de 1631 e 1662. Já as obras atribuídas ao período em que adotou a identidade de Frei António das Chagas são de caráter sacro-religioso, abrangendo o intervalo de 1662 a 1682. Ambas as fases, cada qual singular em seu propósito, inserem-se na literatura de seu tempo como testemunhos eloquentes de uma mente profundamente erudita. Revelam não apenas o domínio cultural, literário, mitológico, religioso e histórico do autor, mas também sua maneira vigorosa de viver e sentir, expressa na arte da escrita, na eloquência de sua oratória e na intensidade de suas ações.

António da Fonseca Soares encarnou, com plenitude, os contrastes de cada etapa de sua existência. Na vida secular, foi um homem que se lançou ao mundo com paixão, saboreando cada aspecto que a vida terrena lhe oferecia. No campo de batalha, destacou-se como soldado exemplar, participando com bravura nas campanhas de restauração de Portugal, alcançando a patente de Capitão. Já na vida religiosa, renunciou às vaidades do mundo, entregando-se à simplicidade e à pregação, percorrendo incansavelmente o território português. Consequentemente sua dedicação à vida de fé alcançou tal intensidade que, certa vez, chegou a realizar treze sermões em um único dia.

A despeito disso, Lopes (2012) destaca

Fonseca foi membro da Academia dos Generosos e lá escreveu romances, glosas e sonetos; foi soldado e, influenciado pelos acontecimentos de guerra, compôs dois poemas épicos em louvor às campanhas vitoriosas de

Elvas e Mourão: “Elvas Socorrida” e “Mourão Restaurado”; fez fama com o poema trágico amoroso Filis e Demofonte; após conversão a vida religiosa, deixa na mão de amigos centenas de romances, os quais, fazendo nossas as palavras de Pontes (1953), eram uma espécie de crônica poética que, diferente da poesia culta, também praticada por Fonseca, transgrediam a idealização desse tipo de poesia, de tendências petraquistas, e ia buscar no cotidiano seus temas e motivos. Na fase religiosa, Fr. Antônio das Chagas quer esquecer a vida feita dos excessos de outrora. Pede aos amigos que queimem seus romances. Torna-se o missionário dedicado, fiel ao voto de humildade da Ordem dos Franciscanos. Produziu grande número de sermões; escreveu as Cartas Espirituais, os Sermões Genuínos; obras cujo tema central é o desengano do mundo e o apego à fé cristã. Manteve, em seus sermões, certa veia poética, herança daquele Fonseca poeta e soldado, apelidado de Capitão Bonina. (LOPES, 2012, p. 17)

Ao longo dos séculos, a obra Fonsequiana tem sido alvo de variadas interpretações e perspectivas críticas em relação a sua fortuna crítica, da mesma forma que a poesia barroca, especialmente da segunda metade do século XVII.

Verney, em *O Verdadeiro Método de Estudar* (1747), não hesita em lançar duras críticas à poesia do período barroco, elegendo Fonseca Soares/Chagas como paradigma para ilustrar suas teorias. Segundo o crítico, a escolha da obra fonssequiana deve-se ao renome que o autor conquistara como um poeta de prestígio, consolidado por sua trajetória. Ainda assim, Verney não deixa de apontar as falhas que percebia em sua produção, oferecendo uma leitura que mescla reconhecimento e censura.

Já Pimentel, em *Vida Mundana de um Frade Virtuoso* (1889), adota uma perspectiva mais biográfica ao apresentar a obra e a vida de Antônio da Fonseca Soares. O autor destaca que as paixões amorosas do poeta, muitas vezes vividas em ambientes eclesiásticos, marcaram sua reputação. Segundo Pimentel, a fama de conquistador de Fonseca Soares perdurou como uma sombra sobre sua memória, mesmo após sua conversão à vida religiosa. Tal abordagem reforça a dualidade da figura do poeta, que oscilava entre os prazeres terrenos e os anseios espirituais, refletindo-se também em sua obra multifacetada.

[...] vê-se claramente que Antônio da Fonseca era muito conhecido no convento de Jesus, onde a imprudência das suas aventuras passadas - de que aquele convento haveria sido teatro - se conservou tão viva na memória das freiras, que, apesar de ele se ter alistado na milícia sagrada de S. Francisco, procuravam abalá-lo, com recordações tentadoras, na intenção de regenerar-se completamente (PIMENTEL, 1889, p. 78).

Destaca-se que Pimentel debate as obras impressas e os manuscritos de Fonseca Soares, e ainda faz um levantamento de demais pesquisadores que

abordam a mesma temática, tais como: Padre Manoel Godinho, Costa e Silva, Innocencio Francisco da Silva, Visconde de Castilho e Verney.

Maria de Lourdes Belchior Pontes, a pesquisadora mais abrangente em relação à obra de Fonseca Soares, apresenta um estudo criterioso e atento as duas faces do poeta – Fonseca Soares/Chagas – considerando-o como peça importante na literatura e um dos maiores autores de sua época e ainda hoje, já que a sua poesia do século XVII permanece presente no meio acadêmico.

Em suma, as investigações conduzidas até o presente momento revelam-se de inestimável valor para o aprofundamento do estudo da obra e das distintas características deste singular poeta, cuja trajetória, marcada pela filiação à prestigiosa Academia dos Generosos, foi profundamente moldada pelo contexto histórico e cultural do período seiscentista, tanto em sua fase religiosa quanto secular.

Destaca-se, neste cenário, os trabalhos do grupo de pesquisa “MILA - Manuscritos e Impressos Luso Americanos”¹ cujos membros têm se dedicado ao exame, à transcrição e à edição da vasta produção literária deste autor, a fim de resgatar e trazer ao público os manuscritos inéditos ou trazer novas reflexões às obras já publicadas e estudadas.

Para isso, é mister considerar o conhecimento das várias visões apontadas pela crítica Fonsequiana, visando a compreensão da totalidade da obra, da intensidade da vida do autor, do estilo da escrita, do decoro específico de cada gênero e enfim, de todo o arcabouço de material que possa contribuir com critérios mais justos para o estudo e o resgate da obra de António da Fonseca Soares.

1.3 “FILIS Y DEMOFONTE”, CARACTERÍSTICAS DO MANUSCRITO MS. 49-III-84 DA BIBLIOTECA DA AJUDA

“Filis y Demofonte”, livro manuscrito, suporte desse trabalho, faz parte da obra considerada “mundana” de António da Fonseca Soares. Sua importância na literatura do século XVII pode ser reconhecida devido ao número de manuscritos que se encontram nas Bibliotecas de Portugal, de outros países da Europa e em posse

¹ Grupo de estudos organizado pelo Prof. Dr. Carlos Eduardo Mendes de Moraes, com a participação de seus orientandos, orientados e outros colaboradores.

de particulares. Perante a esse grande número de testemunhos da obra “Filis y Demofonte” há de se concordar que se trata de uma obra significativa para a literatura do século XVII. Como faz notar Pimentel (1889)

A grande vulgarização que tiveram as obras de Antonio da Fonseca Soares ou frei Antonio das Chagas, tanto impressas como inéditas, mostra claramente quanto o seu fecundo engenho foi apreciado dos contemporâneos. (PIMENTEL, 1889, p. 148)

Outrossim, o manuscrito “Filis y Demofonte” é considerado uma das obras seculares mais importante e lida do autor, já que de acordo com Spaggiari; Perugi (2004) [...] um texto muito divulgado e muito lido é, necessariamente, um texto que foi copiado muitas e muitas vezes. (SPAGGIARI, B.; PERUGI, M., 2004, p. 19). No caso de “Filis y Demofonte” é isso o que acontece.

Contudo, o fato da obra secular de Fonseca Soares permanecer manuscrita, não significa que não foi publicada, divulgada, conhecida ou lida. Moreira (2011) indica que historicamente, no século XVII, publicação pode estar dissociado do escrito, “já que para certas culturas a publicação pode dar-se durante a declamação.” (MOREIRA, 2011, p.306)

Pimentel (1889) menciona que “A phrase mandar um papel significava mandar uma produção litteraria, ordinariamente versos, manuscriptos.” (PIMENTEL, 1889, p. 145)

Logo, a obra secular de António da Fonseca Soares faz parte desse arcabouço de manuscritos que circularam em Portugal no seiscentos.

César Nardelli Cambraia (2005) enfatiza que a contribuição mais evidente e importante da crítica textual é a recuperação do patrimônio cultural escrito de uma dada cultura, e esse material escrito é ainda fonte de dados para o conhecimento da língua (CAMBRAIA, 2005, p.19 - 20).

Assim sendo, trazer à luz um manuscrito inédito de Antônio da Fonseca Soares, transcrevê-lo e analisá-lo se configura como uma contribuição para a história literária e cultural do século XVII, haja vista que a intensa obra desse autor ainda necessita ser transcrita e editada para que seja revelada à sociedade, aos estudiosos do campo da literatura, da filologia, da paleografia e da crítica textual.

É importante salientar, nessa tese, os termos que utilizamos durante a escrita para nos referir tanto ao tempo cronológico, quanto as características e ao contexto literário em que obra de Fonseca Soares se insere, tais como Barroco e Seiscentismo.

O termo Barroco ou Seiscentismo, na literatura e em outras expressões artísticas, refere-se às produções culturais realizadas entre os séculos XVII e XVIII. Esse período, vivenciado por toda a Europa, caracteriza-se pela coexistência entre o avanço científico e o fortalecimento da religiosidade. Sendo assim, o Barroco resgata elementos temáticos da Antiguidade Clássica, compartilhados com o Renascimento, mas os recria com uma dinâmica marcada por contrastes e exuberância.

Ademais, o Barroco é entendido como um movimento que se desenvolveu e encerrou nos séculos XVII e XVIII no Ocidente, influenciando principalmente os países europeus, como a Espanha, e refletindo um modo peculiar do ser humano enxergar a si mesmo e o mundo ao seu redor.

Na perspectiva de Santilli (1967), o termo Barroco designa uma amplificação da estética da Antiguidade Clássica, da literatura medieval com influência islâmica, além da poesia renascentista que retomava os valores greco-romanos. A pesquisadora analisa o movimento literário em Portugal, destacando os aspectos sociais, políticos, econômicos e culturais que permeavam o país durante a consolidação desse estilo, já que em Portugal, o Barroco teve um caráter predominante, diferente de outros países, evidenciando características como o sonho, a melancolia, a obscuridade e o messianismo, que se manifestaram nas obras da época.

O trecho abaixo ilustra as condições histórico-culturais vividas por este país.

Em Portugal, as condições histórico-culturais que configuram o séc. XVII – o desfalecimento da febre épica do século anterior; o depauperamento das energias e das velhas virtudes nacionais; a perda da independência política; um melancólico halo de misticismo e profetismo sebástico; a ação opressora da censura inquisitorial a sufocar as vocações e as individualidades literárias; o ensino universitário jesuítico, eminentemente escolástico, a manter Portugal inteiramente divorciado “das doutrinas mais fecundas e renovadoras” do pensamento europeu; uma vida espiritual – diz Hernani Cidade – inteiramente “dominada por uma fé intolerante, ao mesmo tempo que formalista”; enfim, uma *apagada e vil tristeza* -, especificaram a produção literária dessa época (SANTILLI, 1967, p. 11-12).

Inspirando-se na tradição greco-latina, o poeta barroco enriquece a linguagem seiscentista com alegorias, conferindo-lhe um caráter mais erudito.

Segundo Morejón (1965), o objetivo central do artista barroco é provocar admiração e surpresa, utilizando esses recursos para dar um toque artístico à sua produção.

Os estudiosos adotam a terminologia Barroco para referir-se a todo o período desse estudo, uma vez que esse termo abrange as diversas variantes estilísticas presentes, ainda que algumas sejam mais predominantes que outras.

Dessa forma, o termo Barroco é utilizado em seu sentido amplo. Por outro lado, a denominação Seiscentismo será aplicada de maneira específica para delimitar o século XVII. Assim, neste trabalho, ambas as terminologias coexistirão: a primeira destacará as características predominantes das obras, enquanto a segunda enfatizará a delimitação cronológica.

Diante disso, o poema “Filis y Demofonte”, passa pelo universo da mitologia grega e romana, pela literatura clássica e pelo campo do cristianismo, como pano de fundo para uma história de amor, guerras, desencontros, desenganos, tragédia, que tem o deus cupido como o culpado por esses acontecimentos. O cupido faz suas vítimas sofrerem por amarem cegamente. O poema termina com a metamorfose de Filis em árvore, após a sua morte, sugerindo a ideia de eternidade da protagonista, mas também a eternidade das tragédias amorosas e dos desenganos do amor causados por cupido.

O poema trágico/lírico “Filis y Demofonte” foi produzido para ser declamado, conforme as características do gênero lírico e heroico da tradição seiscentista.

Portanto, é possível afirmar que um texto dito “heroico” possui características formais e de conteúdo que o tornam um poema puro. Sua composição narrativa, feita em versos heroicos – versos decassílabos, é mais adequada para narrativas do que os versos de redondilha maior ou menor. Essa forma poética permite maior extensão dos textos, pois eram feitos para recitação pública, destacando sua alta qualidade e uso magistral da retórica, convidando o leitor a se envolver e aceitar as ideias do autor. A forma poética em versos heroicos é a utilizada na construção do poema “Filis y Demofonte”.

Muhana (2005), explicita que o gênero lírico tem como norma “cantar a beleza, o bem amoroso, a amada, seja os homens virtuosos cujo feitos são dignos de se guardar na memória.” (MUHANA, 2005, p. 38)

A escrita fonsequiana, possui todas essas características, do heroico e do lírico, provocando encantamento pela riqueza de detalhes, metáforas, alegorias, lirismo, estrutura formal e alusões que ele faz a outras grandes obras da literatura clássica, como veremos mais adiante no capítulo quarto.

Para definir a linguagem barroca, o poeta seiscentista recorre ao uso da expressão pictórica, que representa a realidade, e a variados recursos expressivos,

como metáforas, hipérboles, antíteses e ritmos. Além disso, dá atenção especial à significação das sílabas átonas e tônicas, ao uso de adjetivos que ganham status de substantivos no vocabulário barroco.

As metáforas e o lirismo abrangem todo o poema, conforme veremos em outros exemplos e na leitura da obra. No entanto, selecionamos aleatoriamente alguns versos do canto décimo para exemplificar as metáforas e o lirismo do poema, como marcas para caracterizar gênero lírico. Na estrofe 1, versos 7-8: "*pues haze, perssuadiendo mis conciones/ cithara el arco, y cuerda los arpones*" - o arco e os arpones são transformados metaforicamente em instrumentos musicais, sugerindo a criação de harmonia a partir de instrumentos de guerra; na estrofe 4, versos 6 - 7: "*plumas de aquella cera antojadica/ q hizo del Tajo en las doradas venas*" - essa metáfora traz a referência das asas de Ícaro, quando menciona "plumas de aquella cera antojadica", comparando-a com as veias douradas do rio Tajo, ou seja, com as águas douradas do rio Tajo, criando uma imagem de riqueza e beleza, porém frágil e transitória, uma vez que as asas de Ícaro se derretem conforme ele se aproxima da beleza do sol.

Em relação ao lirismo, utilizamos, alguns trechos do canto primeiro. Na segunda estrofe, versos 1-2: "*Musa Q Culramento amanceiste/ Candida en las Auroras demi Oriente*" – uma característica do poema lírico presente nesse trecho é a alusão a mulher amada, como musa inspiradora, pura e brilhante, capaz de acalmar e inspirar o poeta. Ainda no canto primeiro, na quarta estrofe, verso 2: "Presto le espero a Luzitana toda. / que digno assumpto de Mayor e Homero" – aqui o eu lírico que o que ele vai cantar é assunto maior que Homero², ou seja, maior que as obras *Ilíada* e *Odisseia*, de Homero, e, portanto, é um assunto que irá ser muito lembrado.

O manuscrito "Filis y Demofonte", de António da Fonseca Soares, provavelmente foi escrito por volta de 1649, e para essa pesquisa utilizamos a versão compilada em 1783. Esse material se encontra em Lisboa, na Biblioteca da Ajuda Ms. 49-III-84 e está vinculado ao projeto de pesquisa da FAPESP 2016/17138-3, denominado *Recensio* e edição de poemas de António da Fonseca Soares/Frei António das Chagas, com auxílio das coleções de António Correia Viana (1777-1783 sob a coordenação do Dr. Carlos Eduardo Moraes. O documento que temos acesso, possui 213 páginas, sendo que 119 páginas se referem ao poema "Filis y Demofonte"

² As obras *Ilíada* e *Odisseia* de Homero são até os dias atuais umas das obras mais famosas da literatura clássica.

e as demais são destinadas a sonetos, do mesmo autor. Fonseca Soares (1632/1682) transformou o episódio da Mitologia Grega “Filis y Demofonte” em um poema de 10 cantos, 676 estrofes, de 8 versos cada, compondo um poema com 5.408 versos decassílabos.

Os cantos que constam nesse poema são: Canto 1: Naufrágio – com 81 estrofes - (intervalo de 14 fólhos); Canto 2: Las Ruinas - 64 estrofes - (intervalo de 10 fólhos); Canto 3: Los Afectos - 87 estrofes - (intervalo de 14 fólhos); Canto 4: Las Selvas - 81 estrofes - (intervalo de 14 fólhos); Canto 5: Los Zelos - 116 estrofes - (intervalo de 20 fólhos); Canto 6: La Soledade - 51 estrofes - (intervalo de 9 fólhos); Canto 7: Las Lagrimas - 87 estrofes - (intervalo de 15 fólhos); Canto 8: Las Armas – não tem estrofe – (intervalo de 1 fólho); Canto 9: Los Extremos - 90 estrofes - (intervalo de 15 fólhos); Canto 10: Los Suspiros -15 estrofes - (intervalo de 2 fólhos).

Destaca-se que o poema foi escrito em espanhol, o que constitui documento da marca da condição bilingue que vigorou à época em que viveu o jovem Fonseca Soares, uma vez que se trata do período imediatamente posterior à Restauração do Trono Português após a Dinastia Filipina ou Dinastia de Habsburgo quando uniram-se as coroas de Espanha e Portugal. Nessa relação, a língua portuguesa era considerada vulgar. Esse fato denota para o escritor e seu público, que provavelmente seriam leitores que dominavam a língua oficial, o que para o contexto representava certo prestígio, tanto do poeta, quanto do leitor.

Vale mencionar que existem outras cópias completas e/ou mutiladas do poema “Filis y Demofonte” na sua tradição manuscrita, tanto nas bibliotecas de Portugal, quanto nas bibliotecas da Espanha. Essas cópias não aparecem sempre com o mesmo nome ou mesmo copista. Além disso, relevam corrupção do material, devido à idade, manuseio, tinta, papel, entre outras. Esses detalhes fazem parte do universo da tradição manuscrita.

De acordo com os estudos de Cambraia, “um texto sofre modificações ao longo do processo de sua transmissão” (Cambraia, 2005). Essas modificações se originam de processos diversos, que vão desde a corrupção do material usado para registrar um texto (papel e tinta) até o ato de reprodução do texto em si (cópia em um novo suporte):

(...) colabora-se para a transmissão dos textos, porque, ao se publicar um texto, este se torna novamente acessível ao público leitor; e contribui-se para a sua preservação, porque se assegura sua subsistência através de

registro em novos e modernos suportes materiais, que aumentarão sua longevidade (CAMBRAIA, 2005, p.19-20).

O Ms. 49-III-84 apresenta pequenas modificações que acreditamos ser por conta da corrupção do material. Entretanto, essas não atrapalharam nem a edição e nem a compreensão do poema. Averiguou-se também que o Ms. 49-III-84 teve mais de um copista (pelo menos dois copistas diferentes) e provavelmente uma troca de pena.

Nesse sentido, Cambraia afirma que após se ter restituído a forma genuína de um texto escrito, ele é, geralmente, publicado novamente, contribuindo, não somente para a transmissão, mas também para a preservação desse patrimônio. Deste modo, para uma melhor compreensão acerca desse manuscrito, apresentamos uma descrição de suas páginas iniciais e em seguida um breve resumo de cada canto.

Esse manuscrito, constante do acervo da Biblioteca da Ajuda, em Lisboa, inicia-se com uma didascália³, que apresenta informações sobre o texto a ser lido.

Para Moreira (2011), em um manuscrito

as variantes de títulos e didascálias são importantes para o historiador da leitura, porque nos subministram informação indireta sobre o direcionamento da construção do significado textual durante a leitura, [...] (MOREIRA, 2011, p. 326)

Nesse sentido, o copista adota essa prática de escrever as didascálias aos poemas com o intuito de torná-lo mais acessível ao público, através da explicação do teor da obra e do seu autor. A didascália nesse poema aponta os dois momentos distintos da obra do poeta, ou seja, duas vozes para o leitor, a de Fonseca Soares, autor do poema, e a de Frei António das Chagas, que é lembrado nessa obra, considerada mundana, remetendo ao decoro esperado tanto da persona lírica, ao conteúdo que o leitor do livro manuscrito tem em mãos e a informação de como o texto ao qual está ligada deve ser lido.

³ Os títulos descritivos que encimam poemas copiados em livros de mão no Império Português entre os séculos XVI e XVIII são denominados pelos especialistas nas práticas letradas das monarquias ibéricas "didascálias". O aparato didascálico foi compreendido por muito tempo como título ao poema que encimava, de caráter supostamente autoral, sem que os especialistas da poesia quinhentista e seiscentista de língua portuguesa se ativessem a uma leitura comparativa desse tipo de paratexto por meio da colação de suas muitas ocorrências em variados membros de uma mesma tradição textual. (MOREIRA, 2017, 615)



Imagem 1 Didascálica

Após a didascália, o manuscrito traz um sumário com os títulos dos 10 cantos que o compõem.

Index delos Cantos.	
El Naufragio.	Canto 1. hoja
Las Ruinas.	Canto 2. Eja.
Los efectos.	Canto 3. hoja
Las Selvas.	Canto 4. Eja.
Los Zelos.	Canto 5. Eja.
La Soledad.	Canto 6. Eja.
Las Lagrimas.	Canto 7. Eja.
Las Armas.	Canto 8. Eja.
Los Extremos.	Canto 9. Eja.
Las Tumbas.	Canto 10. Eja.

Imagem 2 – Índice do poema

Nas páginas seguintes temos os cantos poéticos, que são dispostos no centro da página, com linhas espaçadas e pequeno recuo nos versos 2, 3, 4, 6, 7 e 8. As páginas são numeradas no canto superior à direita, a partir do Canto Primeiro. No

canto inferior à direita estão dispostos os reclames⁴, que sinalizam a palavra inicial da próxima página, recurso utilizado para adiantar a leitura e indicar a sequência dos fólhos.

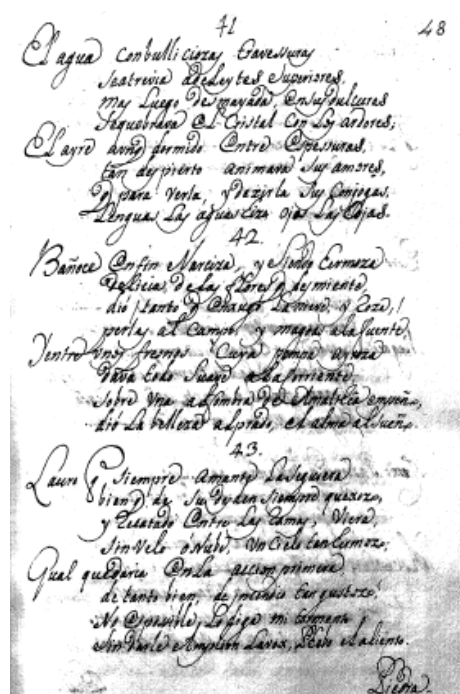


Imagem 3 – Fólio do manuscrito

Diante do exposto, acredita-se que a partir dessa edição poder-se-á ampliar a divulgação dessa obra inédita de Fonseca Soares, bem como tê-lo em outro meio de publicação, além do manuscrito.

⁴ Reclame, reclamo, chamadeira ou palavra-guia, é “a palavra, parte de palavra ou grupo de palavras que, no final de uma página, de um fólho, ou de um caderno, duplica o início do texto da página, fólho ou caderno seguintes. (DIAS, 2006, p. 1).

Nessa edição optamos por não registrar os reclames.

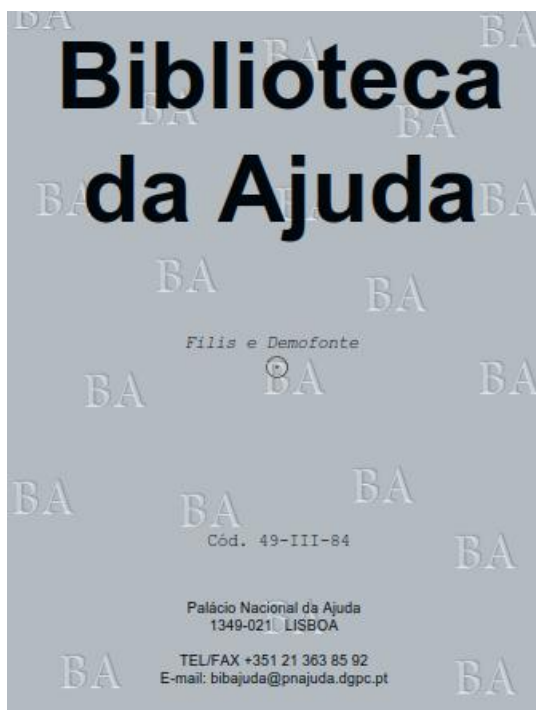


Imagem 4: Capa do Ms. 49- III-84

Considerando que “Filis y Demofonte” foi uma das grandes obras de António da Fonseca Soares, encontramos durante a pesquisa outros exemplares que se encontram em Bibliotecas de Portugal e da Espanha, como segue no próximo item.

1.4 OUTRAS VERSÕES DO POEMA FILIS Y DEMOFONTE

Pimentel (1889) em sua obra *Vida Mundana de um Frade Virtuoso*, que disserta sobre a vida e a obra de Fonseca Soares, discorre ao menos 22 páginas sobre o poema “Filis y Demofonte”, descrevendo a narrativa, a quantidade de manuscritos que circulavam na época, onde as obras estavam localizadas, a relevância dessa obra, dentre outras características.

A cada cópia de “Filis y Demofonte” que o autor cita, ele faz algumas descrições, tais como esta que ele faz sobre a cópia que se encontra na Academia Real das Ciências de Lisboa:

Tanto o frontispicio como o principio de cada canto são en labyrintados de arabescos fantasiosamente desenhados á penna. O poema encerra dez cantos, estando o oitavo e o ultimo incompletos. (...) O primeiro canto do poema intitula-se El naufrágio; o segundo, Las riu/nas; o terceiro, Los affectos; o quarto, Las selvas; o quinto, Los zelos; o sexto, La soledad; o sétimo, Las lagrimas; o oitavo, que apenas tem cinco oitavas,

Las armas; o nono, Los extremos; o decimo, Los suspiros, ficou interrompido na oitava 15.ª. (PIMENTEL, 1889, p. 150)

E esta que ele faz sobre a cópia que se encontra na Universidade de Coimbra:

Na livraria da Universidade o tomo 3.º das obras inéditas de Frei Antonio das Chagas compreende este poema, com o seguinte titulo — La Filis, poema trágico de António da Fonseca Soares, hoje conhecido por Frei António das Chagas, tomo unico e das suas obras 3.º. (PIMENTEL, 1889, p. 150)

Sobre as cópias manuscritas que podiam ser encontradas na época, de acordo com Pimentel, eram apenas 6, como segue na tabela abaixo:

Cópias do manuscrito Filis y Demofonte no ano 1889				
Bibliotecas	Quantidade	Título da obra	Identificação	Número de páginas
Universidade de Coimbra	1 EXEMPLAR	La Filis, poema trágico de Antonio da Fonseca Soares, hoje conhecido por Frei Antonio das Chagas	TOMO 3º	—
Biblioteca Nacional de Lisboa	1 EXEMPLAR	Poesias e o poema da “Filis y Demofonte”	S-4-71	258 páginas
Torre do Tombo	1 EXEMPLAR	Filis	M-405	—
Biblioteca de Évora	1 EXEMPLAR	Filis	Tomo II, p. 167-425	—
Academia Real das Ciências de Lisboa	1 EXEMPLAR	Filis e Demofonte	—	—
Nepomuceno	1 EXEMPLAR	Filis e Demofonte, poema heroyco	—	258 páginas

Tabela 1 – Versões do manuscrito Filis y Demofonte

Fonte: própria autora⁵

Na próxima tabela, retirada da obra de Pimentel (1889), o autor evidencia as diferenças entre os números de oitavas de cada versão de “Filis y Demofonte” apontada por ele, de acordo com a tabela 1: as versões de Coimbra, Évora, Academia Real das Ciências, Bibliotheca Nacional de Lisboa, Torre do Tombo e a do sr. Nepomuceno.

⁵ Tabela criada a partir da leitura do livro: PIMENTEL, Alberto. Vida Mundana de um Frade Virtuoso (perfil histórico do século XVII). Lisboa, 1889.

Coimbra			Bibliotheca Nacional	Academia	Bibliotheca de Evora	Torre do Tombo	Nepomun- cesso
Canto	1. ^o	86	=	=	=	63	86
"	2. ^o	72	=	=	=	=	=
"	3. ^o	103	=	=	=	=	=
"	4. ^o	123	91	90	92	92	92
"	5. ^o	91	123	123	123	122	123
"	6. ^o	54	=	=	=	=	=
"	7. ^o	86	87	=	=	84	87
"	8. ^o	5	=	=	=	=	=
"	9. ^o	99	=	100	99	99	99
"	10. ^o	15	=	=	=	=	=

Tabela 2 - Diferenças entre os números de oitavas nas versões do manuscrito Filis y Demofonte
Fonte: PIMENTEL, 1889, p. 152.

Segundo Pimentel (1889), após a conversão de autor a vida monástica, ele “offerecia a todas as pessoas que lhe dessem “para as queimar, copias das suas poesias profanas, o jejuar ou disciplinar-se um anno por tenção d'essas pessoas.” (PIMENTEL, 1889, p. 149)

Essa informação apontada pelo autor nos leva a crer que, embora “Filis y Demofonte” tenha sido umas das poesias mais lidas e mais importantes da obra secular de António da Fonseca Soares, as cópias manuscritas provavelmente foram queimadas pelo próprio autor já convertido, em troca de favores espirituais dele.

Na atualidade, as pesquisas online, em Bibliotecas de Portugal, permitiram o acesso a outras versões do manuscrito “Filis y Demofonte”. Na Biblioteca Digital da Universidade de Coimbra⁶, no Catálogo de manuscritos, na página 151, temos o registro de uma versão dessa obra (ms 1013) e suas descrições, como pode se observar na imagem abaixo:

⁶ Possivelmente é o mesmo manuscrito citado por Pimentel (1889, p.152)

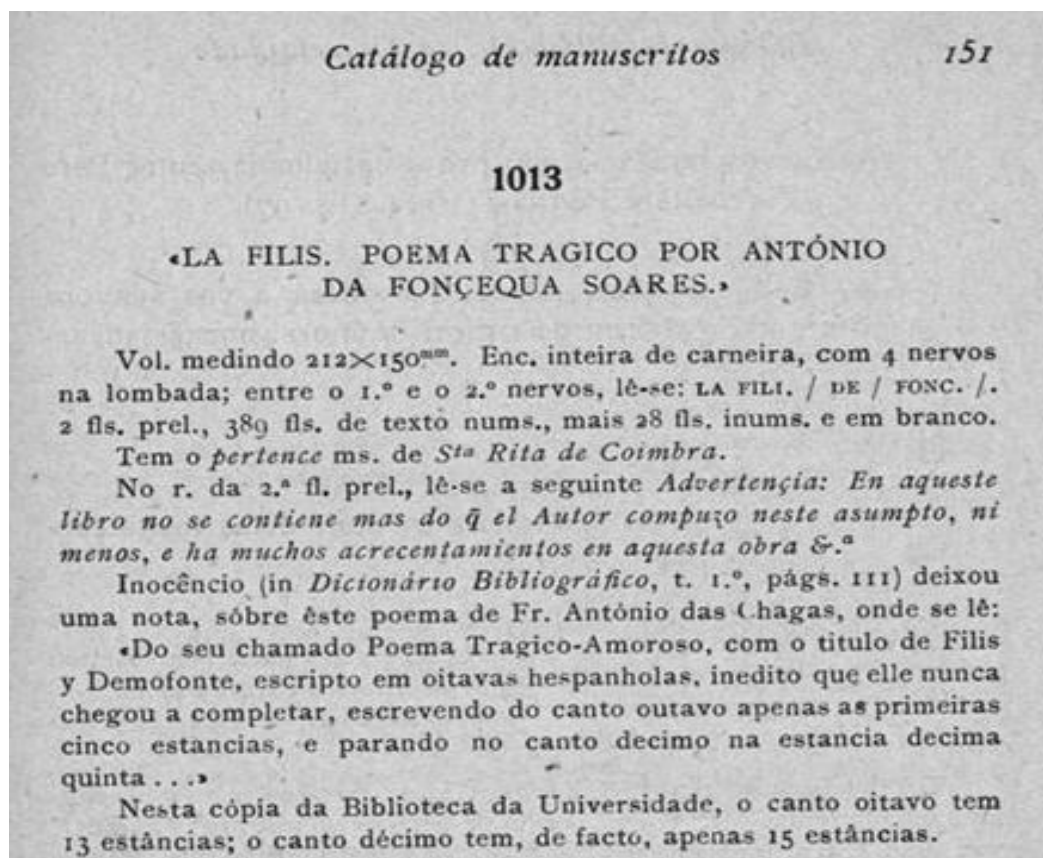


Imagem 5 – Catálogo de manuscrito⁷

Na Biblioteca Nacional de Portugal⁸, a partir do acesso online é possível encontrar registros da obra do autor acessando o catálogo geral e pesquisando pelo nome do autor, no caso, foi utilizado a denominação António das Chagas e o resultado da pesquisa são os registros de todas as obras do autor disponíveis para pesquisa nessa biblioteca. No entanto, no site só temos acesso ao registro dos dados de cada manuscrito. Para este trabalho, foram selecionados apenas os registros que se referem ao manuscrito *Filis y Demofonte*, sendo o total de 7 registros, como segue na tabela abaixo:

⁷ Disponível em: <https://web.bg.uc.pt/cman/show.asp?i=1013> Acesso em 05 ago.2019.

⁸ Disponível em: <http://www.bnportugal.gov.pt/> Acesso em 15 de ago. 2019.

BIBLIOTECA NACIONAL DE PORTUGAL			
Nº do registro	Título	Dados da obra	Situação
N. 29	LA FILIS [MANUSCRITO:POEMA TRÁGICO [POEMAS]/POR ANT.O DE FONSECA SOARES	AUTOR(ES): Chagas, António das, 1631-1682, O.F.M. ANT.POSSUIDOR(ES): Carvalho, José Neto de, ant. possuidor; Livraria Antiquária do Calhariz, ant. possuidor PUBLICAÇÃO: [depois de 1697] DESCR.FÍSICA: [278] f., enc. : 21 cm NOTAS: Cópia em letra de várias mãos Prov.: "De Jozeph Netto de Canv.o" (nota ms.) La Filis: Ref. em B. Machado I 233 e Inoc. I 111 Para a datação baseámo-nos no facto de uma composição poética do aut. ter a sua origem no Enc. em perg. CONTEM: Os poemas incluem romances, tercetos, sonetos e glosas a motes TÍT. UNIF.: La Filis Poemas CDU: 821.134.3"17"(0.032)	Cota: COD 13092 Coleção: manuscritos Reservados Tipo de acesso: reservado sob autorização Estado: disponível
N. 36	PHILIS Y DEMOPHONTE: POEMA HEROYCO Y AMOROZO/COM PUESTO POR EL CAPITAN ANTONIO DE AFFON. CA SOARES [MANUSCRITO]	AUTOR(ES): Chagas, António das, 1631-1682, O.F.M. ANT.POSSUIDOR(ES): Livraria Antiquária do Calhariz, ant. possuidor PUBLICAÇÃO: [17-] DESCR.FÍSICA: [108], [3] f., enc. : 21 cm REF.EXT.: Ref. em: B. Machado I 236; Inocência I 111 PROVENIÊNCIA: Compra a José Manuel Rodrigues (Livr. Antiquária do Calhariz), Leilão n. NOTAS: Cópia António da Fonseca Soares (1631-1682), nome secular de Fr. António da Texto em espanhol Enc. com pastas de cartão revestidas a papel marmoreado; lombada com Inclui, no final, 3 f. de época posterior, com os quais se completa o poem TÍT. UNIF.: Filis y Demofonte CDU: 821.134.3"17"(0.032)	Cota: COD 13358 Coleção: manuscritos Reservados Tipo de acesso: reservado sob autorização Estado: disponível
N. 44	[FILIS E DEMOFONTE] [MANUSCRITO]/ [FR.ANTÓNIO DAS CHAGAS]	AUTOR(ES): Chagas, António das, 1631-1682, O.F.M. PUBLICAÇÃO: [1750-1800] DESCR.FÍSICA: [198] f., enc. : 22 cm REF.EXT.: Referido em: Barbosa Machado I 236; Inocência I 111 PROVENIÊNCIA: Pert.: Conde da Ega PTBN: COD. 11439 NOTAS: Cópia Texto em castelhano	Cota: COD 11439 Coleção: manuscritos Reservados Tipo de acesso: reservado sob autorização Estado: disponível
N. 45	[FILIS E DEMOFONTE] [MANUSCRITO]/ [FR.ANTÓNIO DAS CHAGAS]	AUTOR(ES): Chagas, António das, 1631-1682, O.F.M. PUBLICAÇÃO: [1750-1800] DESCR.FÍSICA: [191] f., enc. : 20 cm REF.EXT.: Referido em: Barbosa Machado I 236; Inocência I 111-112 NOTAS: Cópia Texto em castelhano	Cota: COD 11441 Coleção: manuscritos Reservados Tipo de acesso: reservado sob autorização Estado: disponível
N.46	LA FYLIS [MANUSCRITO]: POEMA TRAGICO/POR ANTONIO DE AFFONCECA SOAREZ	AUTOR(ES): Chagas, António das, 1631-1682, O.F.M. PUBLICAÇÃO: [1750-1800] DESCR.FÍSICA: [130] f., enc. : 21 cm REF.EXT.: Referido em: Barbosa Machado I 236; Inocência I 111-112 PROVENIÊNCIA: Pert.: «F.A.S.» (f. [130 v.]) PTBN: COD. 11442 NOTAS: Cópia; referência ao copista «J.B. de Gama» na f. [130 v.] Texto em castelhano	Cota: COD 11442 Coleção: manuscritos Reservados Tipo de acesso: reservado sob autorização Estado: disponível

N. 52	LA FILIS: POEMA TRÁGICO/POR ANTÓNIO DE AFFONCECA SOARES [MANUSCRITO]	AUTOR(ES): Chagas, António das, 1631-1682, O.F.M. ANT.POSSUIDOR(ES): Lacerda, Vasco de, 18 - -, ant. possuidor; Soares e Mendonça, (firm) PUBLICAÇÃO: [17--] DESCR.FÍSICA: [128] f. , enc. ; 22 cm REF.EXT.: Ref. em : Inocêncio I 111-112 e B. Machado I 236 PROVENIÊNCIA: Pert. : Vasco de Lacerda (1810) (nota ms.) NOTAS: Cópia Ex-libris Aulo Gélío Enc. em pele com ferros grav. a ouro na lomb. e com o rót. : La Ph CDU: 869.0-1"16"	Cota: COD 12965 Coleção: manuscritos Reservados Tipo de acesso: reservado sob autorização Estado: disponível
N.59	LA FILIS: POEMA HEROJCO [MANUSCRITO]	AUTOR(ES): Chagas, António das, 1631-1682, O.F.M. PUBLICAÇÃO: [1701-1750] DESCR.FÍSICA: [184] f. ; 21 cm REF.EXT.: Ref. em: B. Machado I 236; Inocêncio I 111 NOTAS: Cópia Texto em espanhol Trata-se de um poema em oitavas espanholas com nove cantos que, segundo a bibliografia, ficou incompleto Obra de António da Fonseca Soares (1631-1682), nome secular de Fr. António das Chagas, O.F.M. Portada impressa e não preenchida na f. [1] Encadernação em pele castanha mamoreada, sobre pastas de cartão; lombada gravada a ouro com motivos florais; rótulo v TÍT. UNIF.: Filis y Demofonte	Cota: COD 9818 Coleção: manuscritos Reservados Tipo de acesso: reservado sob autorização Estado: disponível

Tabela 3 – Registro das versões do manuscrito Filis y Demofonte na Biblioteca Nacional de Portugal

Da mesma forma, conforme pesquisa realizada no catálogo da Biblioteca Nacional da Espanha⁹ obtivemos o registro de quatro versões do manuscrito “Filis y Demofonte”, de Fonseca Soares, a partir da busca pelo nome da obra. Nessa biblioteca encontramos 4 cópias de “Filis y Demofonte”. Esses manuscritos estão disponíveis para o *download*, em formato de pdf, *São eles*:

BIBLIOTECA NACIONAL DA ESPANHA			
Número do registro	Título	Dados da obra	Situação
	Filis y Demofón [Manuscrito] : poema trágico		Cota: mss-micro/17496 Coleção: inventario General de Manuscritos Tipo de acesso: reproducción em microforma Estado: disponível para download

⁹ Disponível em: <http://catalogo.bne.es/uhtbin/cgisirsi/?ps=K8zLsv4UGi/BNMADRID/101711588/123>
Acesso em 18 mar. 2022.

	Filis y Demofonte [Manuscrito]	Detalles de la obra ☐ Guardar Petición anticipada Solicitar reproducción Solicitar en préstamo interbibliotecario (acceso para bibliotecas) Ver signatura/s Índice/Resumen Registro del catálogo Título Filis y Demofonte [Manuscrito] Autor António das Chagas (O.F.M.) 1631-1682 Fecha de pub.: S.XVIII Descripción física 113 h. ; 21 x 15 cm. Enlace: Biblioteca Digital Hispánica Información de ejemplar: 1 ejemplar disponible en Sede de Recoletos. Más información de ejemplares Sede de Recoletos Localización: MSS/17528 Nota encuademación: Encuademación en pergamino con cierres de correas FONDOS <table> <tr> <th>Sede de Recoletos</th> <th>Código de barras</th> <th>Tipo de material</th> <th>Localización</th> </tr> <tr> <td>MSS/17528</td> <td>1001151895</td> <td>Fondo anterior a 1958</td> <td>Sala Cervantes</td> </tr> </table>	Sede de Recoletos	Código de barras	Tipo de material	Localización	MSS/17528	1001151895	Fondo anterior a 1958	Sala Cervantes	Cota: mss-micro/17528 Coleção: inventario General de Manuscritos Tipo de acceso: reproducción em microforma Estado: disponível para download												
Sede de Recoletos	Código de barras	Tipo de material	Localización																				
MSS/17528	1001151895	Fondo anterior a 1958	Sala Cervantes																				
	Filis y Demofonte [Manuscrito]: poema épico – amoroso em octavas reales, dividido em diez	Detalles de la obra ☐ Guardar Petición anticipada Solicitar reproducción Solicitar en préstamo interbibliotecario (acceso para bibliotecas) Ver signatura/s Índice/Resumen Registro del catálogo Título Filis y Demofonte (Manuscrito) : poema épico-amoroso en octavas reales, dividido en diez cantos Autor António das Chagas (O.F.M.) 1631-1682 Fecha de pub.: S.XVIII Descripción física 194 h. ; 22 x 16 cm Enlace: Biblioteca Digital Hispánica Enlace: Inventario General de Manuscritos Información de ejemplar: 2 ejemplares disponibles en Sede de Recoletos. Más información de ejemplares Sede de Recoletos Localización: MSS/4038. Antigua signatura: H. 342 Nota encuademación: Encuademación en holandesa FONDOS <table> <tr> <th>Sede de Recoletos</th> <th>Código de barras</th> <th>Tipo de material</th> <th>Localización</th> </tr> <tr> <td>MSS.MICRO/14261</td> <td>1103897666</td> <td>Reproducción en microforma</td> <td>Sala Cervantes</td> </tr> <tr> <td>MSS/4038</td> <td>Nota: Reproducción de MSS/4038 (198 fotogramas)</td> <td>Fondo anterior a 1958</td> <td>Sala Cervantes</td> </tr> <tr> <td></td> <td>1001168604</td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td></td> <td>Nota: Ejemplar reproducido</td> <td></td> <td></td> </tr> </table>	Sede de Recoletos	Código de barras	Tipo de material	Localización	MSS.MICRO/14261	1103897666	Reproducción en microforma	Sala Cervantes	MSS/4038	Nota: Reproducción de MSS/4038 (198 fotogramas)	Fondo anterior a 1958	Sala Cervantes		1001168604				Nota: Ejemplar reproducido			Cota: mss-micro/14261 Coleção: inventario General de Manuscritos Tipo de acceso: reproducción em microforma Estado: disponível para download
Sede de Recoletos	Código de barras	Tipo de material	Localización																				
MSS.MICRO/14261	1103897666	Reproducción en microforma	Sala Cervantes																				
MSS/4038	Nota: Reproducción de MSS/4038 (198 fotogramas)	Fondo anterior a 1958	Sala Cervantes																				
	1001168604																						
	Nota: Ejemplar reproducido																						
	Filis y Demofonte [sic][Manuscrito]: poema heroico en doce cantos de octava rima	Detalles de la obra ☐ Guardar Petición anticipada Solicitar reproducción Solicitar en préstamo interbibliotecario (acceso para bibliotecas) Ver signatura/s Índice/Resumen Registro del catálogo Título Filis y Demofonte [sic] [Manuscrito] : poema heroico en doce cantos de octava rima Autor António das Chagas (O.F.M.) 1631-1682 Fecha de pub.: S.XVIII Descripción física 1. 189 h. ; 21 x 16 cm Enlace: Biblioteca Digital Hispánica Información de ejemplar: 1 ejemplar disponible en Sede de Recoletos. Más información de ejemplares Sede de Recoletos Localización: MSS/22032 Nota encuademación: Enc. en hol. FONDOS <table> <tr> <th>Sede de Recoletos</th> <th>Código de barras</th> <th>Tipo de material</th> <th>Localización</th> </tr> <tr> <td>MSS/22032</td> <td>1000616176</td> <td>Fondo anterior a 1958</td> <td>Sala Cervantes</td> </tr> </table>	Sede de Recoletos	Código de barras	Tipo de material	Localización	MSS/22032	1000616176	Fondo anterior a 1958	Sala Cervantes	Cota: mss-22032 Coleção: inventario General de Manuscritos Tipo de acceso: reproducción em microforma Estado: disponível para download												
Sede de Recoletos	Código de barras	Tipo de material	Localización																				
MSS/22032	1000616176	Fondo anterior a 1958	Sala Cervantes																				

Tabela 4 – Copias do manuscrito Filis y Demofonte na Biblioteca Nacional da Espanha

Embora tenhamos essas versões da Biblioteca Nacional da Espanha em mãos, ressalta-se, que provavelmente não são idênticas, visto que para cada versão tem um copista diferente e em nenhuma dessas versões há registro das estrofes do canto 8. Moreira chama a atenção para isso, quando afirma:

Ao ler um exemplar de uma edição quinhentista ou seiscentista, é preciso nos precavermos contra a tentação de acreditar que todos os exemplares remanescentes daquela edição nos fornecerão o texto que temos sob os olhos. (MOREIRA, 2011, p.294)

O mesmo autor também esclarece que as diferenças existentes entre exemplares de uma mesma obra estão relacionadas à autocensura visando a concessão de licença pelas autoridades religiosas, “mas principalmente entre as versões impressas e as manuscritas. As mudanças também são ocasionadas pela contínua reprodução manuscrita de uma obra, mesmo após ter sido ela impressa.”

(p.325). É possível que cada exemplar de “Filis y Demofonte”, aqui apontado, tenha sido escrito por pessoas diferentes e isso é o esperado quando se trata de manuscritos.

Por isso, para concluir esse capítulo, destaca-se, a contribuição de Moreira (2011) quando afirma a “importância do manuscrito para a publicação da produção letrada em uma cultura ainda dependente da manuscritura.” O autor ainda enfatiza que o manuscrito não é somente o instrumento que visa à preservação da informação, porém, a função primordial do manuscrito é a de dar a público a produção letrada, mesmo que esta esteja restrita a grupos pequenos.

Ademais, no que diz respeito ao Ms. 49-III-84, compilado por António Correia Viana (1750-1785), versão com a qual trabalhamos (versão digitalizada/fac símile) se encontra em bom estado de conservação e praticamente completa¹⁰, a escrita é legível na maioria do poema, salvo em algumas páginas que aparentam estar borradas ou com rasura, não impedindo a compreensão da narrativa. Ao centro da página dispõem-se os cantos poéticos, com linhas espaçadas e pequeno recuo nos versos 2, 3, 4, 6, 7 e 8. As páginas são numeradas no canto superior à direita, a partir do Canto Primeiro e ao final de cada fólio temos um reclame para indicar a palavra que a próxima estrofe irá começar em outro fólio.

A mudança de canto ocorre a cada evento que acontece: do momento em que Demofonte naufraga em Trácia, a narrativa de Demofonte sobre a Guerra de Tróia – Las Ruínas, o amor e encatamento de Filis e Demofonte, o ato de sexual do casal, a preocupação de Filis em relação a culpa do amor, a partida de Demofonte para Atenas, suicídio de Filis e por fim o regresso de Demofonte a Trácia, encontrando Filis já transformada em amendoeira.

No próximo capítulo discorrer-se-á sobre o processo de transcrição do poema “Filis y Demofonte”, as escolhas das referências teóricas, o trato com o texto, a decodificação de cada letra, entre tantos aprendizados para chegar no resultado dessa tese.

¹⁰ Com exceção do canto oitavo, como em todas as demais versões encontradas.

CAPÍTULO 2: O PROCESSO DE TRANSCRIÇÃO SEMIDIPLOMÁTICA DO POEMA “FILIS Y DEMOFONTE”

Este capítulo tem o objetivo de apresentar as bases teóricas que nortearam a transcrição do manuscrito - Ms. 49-III-84 da Biblioteca da Ajuda de Portugal, sobre António da Fonseca Soares, “Filis y Demofonte”, além do breve relato sobre os desafios encontrados durante a edição desse testemunho.

O hábito de registrar e transmitir conhecimentos adquiridos ao longo da vida sempre fez parte da cultura humana. De acordo com SPAGGIARI, B.; PERUGI (2004),

Mudam no tempo os materiais de suporte, desde a pedra gravada até às tábuas de madeira ou de barro, para chegar finalmente aos códices de pergaminho e, enfim, de papel: o que não muda é o hábito de transmitir ou de fixar em forma rigorosamente manuscrita qualquer aquisição intelectual. (SPAGGIARI; PERUGI, 2004, p. 15).

Como representante dessa cultura, o manuscrito teve seu auge e sua importância diante da cultura letrada, visto que foi uma das principais formas de registros até o completo triunfo da cultura impressa dos séculos XX e XXI, dessa forma. Desde modo, a transcrição de um manuscrito, ou especificamente do manuscrito “Filis y Demofonte”, representa um resgate da literatura do século XVII, bem como dos costumes, da história, da língua e das práticas de escrita e de leitura que permearam esse período.

As primeiras questões que surgem quando deparamos com um documento dessa natureza estão relacionadas ao como fazer a transcrição, quais critérios considerar para tal trabalho e saber a importância do livro manuscrito para a cultura do seiscentismo em Portugal.

O critério a adotar há de, portanto, resultar dum compromisso entre o editor, a tradição do texto, e as exigências do público mirado: O critério é assim um “justo meio”, variável de caso para caso, e não a aplicação cega de um método ou concepção geral a todo e qualquer tipo de texto. Há casos que recomendam a reprodução exata do exemplar, outros em que isso só é prejudicial (CASTRO, 1981, p. 337)

Desta forma, após discussões e estudos com o orientador dessa tese e várias leituras no campo da crítica textual, da filologia e paleografia, consideramos o tratamento do texto manuscrito a partir de pressupostos situados nesses campos

acima citados, os quais exigem conhecimentos vinculados ao seu contexto histórico e a sua dinâmica de produção, veiculação e recepção no universo em que estavam inseridos. Ademais, outros fatores importantes, foram a familiaridade com os aspectos composicionais, com a letra do copista, com a métrica, com as rimas, com os usos de recursos linguísticos e estilísticos presentes no poema.

Em relação aos aspectos paleográficos, segundo Spaggiari; Perugi (2004) observa-se que essa área de pesquisa “examina e cataloga as formas de escrita conforme a datação e o lugar de procedência”. (SPAGGIARI; PERUGI, 2004, p. 17). Cambraia (2005) salienta que “A relevância da paleografia para o crítico textual é basicamente evidente: para se fixar a forma genuína de um texto, é necessário ser capaz de decodificar a escrita em que seus testemunhos estão lavrados.” (CAMBRAIA, 2005, p.23). Considerando essas afirmações, tivemos para o trato com o texto, esse período de decodificação da letra, dos símbolos, dos números, das abreviaturas¹¹, além da compreensão do assunto a partir de uma leitura atenta. Além disso, anotamos as dúvidas sobre o desenho da letra, no intuito de serem comparadas com as páginas seguintes e discutidas com o orientador, e, até mesmo com colegas que partilhavam de pesquisas afins.

A partir daí, demos início ao trabalho de transcrição do manuscrito, com base nos estudos da Crítica Textual, que de acordo com Cambraia (2005), está relacionada “não apenas o processo de restituição da forma genuína de um texto, mas também os procedimentos técnicos para apresentar o texto ao público.” (CAMBRAIA, 2005, p.14)

Outrossim, Cambraia (2005) ainda acrescenta:

Com certeza a contribuição mais evidente e importante da crítica textual é a recuperação do patrimônio cultural escrito de uma dada cultura. [...] restauram-se os livros em termos tanto físicos (recuperação da folha, da encadernação, da capa etc.) quanto de seu conteúdo (recuperação dos textos). Considerando que, após se ter restituído a forma genuína de um texto escrito, ele é, via de regra, publicado novamente, contribui-se também, assim, para a transmissão e preservação desse patrimônio: colabora-se para a transmissão dos textos, porque, ao se publicar um texto, este torna-se novamente acessível ao público leitor; e contribui-se para a sua preservação, porque se assegura sua subsistência através de registro em novos e modernos suportes materiais, que aumentarão sua longevidade (CAMBRAIA, 2005, p.19).

¹¹ O emprego habitual de formas abreviadas respondia, por um lado, à necessidade de poupar espaço (por ser o material escriptório de preço elevado), e, por outro lado, à vontade de ganhar tempo (por ser transcrição manual por sua natureza demorada). (SPAGGIARI; PERUGI, 2004, p. 18)

Desta maneira, visando a restituição da forma genuína do texto e a preservação do contexto histórico em que foi produzido, optamos por fazer primeiramente uma edição diplomática, que para Cambraia (2005) se caracteriza por

[...] uma transcrição rigorosamente conservadora de todos os elementos presentes no modelo, tais como sinais abreviativos, sinais de pontuação, paragrafação, translineação, separação vocabular, etc. (CAMBRAIA, 2005, p.92).

Sendo este trabalho, a primeira edição do manuscrito “Filis y Demofonte” de António da Fonseca Soares, é imprescindível nesse caso, a transcrição semidiplomática, para que a partir dessa, outras edições possam ser feitas.

Nesse sentido, considerou-se nessa transcrição, tal qual o copista, os seguintes registros: j ou y = i, v=u, @ = e, as letras em maiúsculo quando assim postas, as expressões que indicam nasalidades: ñ = nh, ã = ‘em’, ‘en, õ = ‘um’, ‘un’; manter as abreviaturas, manter a pontuação, manter as fronteiras das palavras na forma que aparecem, entre outros registros.

Os estudos¹² sobre paleografia também foram importantes na transcrição do poema, uma vez que nos permitiu comparar e vivenciar durante o curso “Letras do Mundo II uma viagem paleográfica (Séculos XVI-XIX)” as diferentes formas de tratamento e transcrição de um manuscrito. Além disso, esse curso de Paleografia nos propiciou aprofundamento no trabalho com os manuscritos e a possibilidade de fazermos, em um segundo momento, a edição paleográfica, com o objetivo tornar o texto mais acessível ao leitor do século XXI e de explicitar e divulgar a obra de Fonseca Soares.

Ademais, compreender a teoria do verso que foi utilizada pelo poeta auxiliou com a transcrição e edição do poema. Chociay disserta sobre como isso se desenvolve na construção do verso.

O poeta assimila o acervo melódico da língua para construir o verso, o que se torna possível mediante a reutilização do material e dos recursos que aquela lhe faculta. Estabelecem-se, deste modo, em termos de técnica versificatória, os meios com que alcançar um fim - a harmonia melódica do poema. Não se adultera; reelabora-se. Nessa passagem de nível, o natural e espontâneo da fala requinta-se e formaliza-se através da técnica versificatória. Há em todo processo de acomodação um quantum de

¹² CURSO: LETRAS DO MUNDO II UMA VIAGEM PALEOGRÁFICA (SÉCULOS XVI-XIX) Fundação das Casas de Fronteira e Alorna | Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro | Centro de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

naturalidade, relativo ao primeiro nível, e um quantum de funcionalidade, ditado pelo segundo. (CHOCIAY, 1974, p.14)

O poema “Filis y Demofonte” foi escrito em oitavas com versos decassílabos com esquema rímico ABABABCC. Desse modo, quando havia dúvidas na transcrição, seguíamos a lógica da rima na tentativa de definir a letra ou a palavra mais pertinente. Além disso, quando optamos por ler as estrofes mantendo a entonação, o ritmo e a duração, o processo de transcrição e edição do poema foi acontecendo de forma natural e fluente. De acordo com Chociay, esse também é um fator importante para a compreensão do poema.

[...] embora a versificação se fundamente no número de sílabas e nos fatores de intensidade e pausas, muitas vezes estes dados não serão suficientes para explicar certos fatos, razão por que temos de recorrer também à entoação e à própria duração, pois nada que é do idioma se perde no verso. (CHOCIAY, 1974, p.36)

Terminados os esclarecimentos sobre o processo de transcrição do manuscrito “Filis y Demofonte”, e capítulo apresentaremos o resultado da transcrição com algumas orientações cujo fito é auxiliar na compreensão do poema, posto que ao optarmos pela transcrição conservadora, coloca-se alguma distância entre a ortografia atual e a seiscentista (setecentista, no caso da cópia com a qual trabalhamos).

CAPÍTULO 3. TRANSCRIÇÃO DO POEMA “FILIS Y DEMOFONTE”, DE ANTÔNIO DA FONSECA SOARES.

Neste capítulo, cujo objetivo é apresentar a transcrição que fizemos do poema “Filis y Demofonte” falaremos também sobre a narrativa que está contida no poema, bem como sobre algumas características, recursos estilísticos, referências, aspectos mitológicos, religiosos, dentre outros. Além disso, apresentaremos um breve resumo de cada canto.

3.1 A NARRATIVA

A obra manuscrita "Fílis y Demofonte" retrata um mundo belo, com a natureza, os deuses e os humanos em harmonia, mas ao mesmo tempo ilusório, já que o amor traz tanto a felicidade quanto o desengano, tanto a vida quanto a morte, devido ao deus cupido que quando flecha alguém a torna apaixonada, porém cega e iludida. No poema todos os desencontros e tragédias de amor são provocados pelo deus Cupido.

Sobretudo, a obra reflete o grande talento, criatividade, intelectualidade e sapiência do autor, uma vez que o uso de termos cultos, figuras e recursos de linguagem, referências a personagens mitológicos e a obras clássicas fazem parte do universo do poema.

Em relação as referências e intertextualidade que o poema faz as obras clássicas, como *Eneida*, de Virgílio, *Ilíada*, de Homero, *Cartas de amor – As Heróides* e *Metamorfoses* de Ovídio, além d' *O Asno de Ouro*, de Apuleio, entre outras, é possível de serem verificadas, na medida em que o autor cita personagens, versos e lugares mencionados nessas obras, e devido a estrutura de poema narrativo lembrar tanto *Eneida*, de Virgílio, quanto *Ilíada* de Homero.

Além disso, nota-se em "Filis y Demofonte" o embate que o poeta constrói entre os aspectos mitológicos e os religiosos que promovem tensão no poema narrativo, a cada canto que é apresentado.

Demofonte era rei de Atenas, filho de Teseu. Ao voltar da Guerra de Troia, Demofonte parou o seu navio no pequeno reino da Trácia onde conheceu Filis, a bela filha do rei. Eles se enamoraram quando se viram. Vendo os jovens tão apaixonados, o rei consentiu no casamento instituindo o futuro genro como herdeiro de seu trono.

54. Filis, viendo en sus playas Redemido. delas ó Las, el Naufrago Estrangero, Y del Varon Mayor encarecido En cortexano Estilo, el daño fiero; Tierna Hospitalidad, piedoso nido Le dá en el alma, y coraçon Sincero, Y ensiñando el dolor, que La entornece, Su fuego admite, y su favor le ofrece	54 Filis, viendo en sus playas Redemido. delas ó Las, el Naufrago Estrangero, Y del Varon Mayor encarecido En cortexano estilo, el daño fiero; Tierna Hospitalidad, piedoso nido Le dá en el alma, y coraçon Sincero, Y ensiñando el dolor, que La entornece, Su fuego admite, y su favor le ofrece.

Tabela 5: trecho do poema – Canto 1, estrofe 54

Antes do casamento, Demofonte explicou que precisava fazer uma breve visita a seu pai em Atenas, afinal não o via há muitos anos desde que partira para a guerra. Rogou pela compreensão de Filis, jurando que estaria de volta em quatro meses para viver para sempre ao lado da amada. Vivendo junto à praia, Filis várias vezes se iludiu julgando ter avistado ao longe as velas brancas do navio de Demofonte.

Na medida em que o tempo passava, suas esperanças diminuíram, e tomada pelo desespero, não suporta mais o sofrimento e decide se enforcar.

Acrescenta-se que os deuses, apiedando-se dessa rainha tão jovem e tão terna, transformaram-na em amendoeira. Em certa estação do ano, as folhas dessa árvore pareciam úmidas, e dizia-se então que estavam molhadas pelas lágrimas de Filis.

Quando Demofonte finalmente regressou, três meses mais tarde, só lhe restou abraçar-se a árvore, reafirmando entre soluços, o amor que sentia por Filis. Nesse instante a amendoeira se cobriu de delicadas flores, que apenas aguardava o abraço apaixonado do amado, que lhe deu força e a seiva de que precisava para desabrochar.

Essa história de amor da mitologia grega, narrada no poema, remete a outros personagens da mitologia que viveram amores, desencontros e desenganos, tais como em “Filis y Demofonte”.

O deus Cupido está presente em vários cantos desse poema. Para o poeta é ele o responsável por cegar os amantes, por colocar as vendas nos olhos dos apaixonados e impedi-los de enxergar com clareza e razão. Nas estrofes abaixo, o poeta remete ao cupido como Dios tirano e Lince Vendado y Basilisco Ciego (Canto1, estrofe 72, versos 1 e 2 respectivamente).

72. El Dioz tirano, q'es nieta de la Espuma Lince Vendado, y Basilisco Ciego alma nó dexa atanto Harpon en suma, q' holocausto en sus Aras no zága Luego; Manda, q' el fuego abraze, y nó consuma, que pueda arder la nieve, y elarse el fuego, y raze contierno ardor, y dulce Susto, Vida el jncendio los meritos martirios gusto.	72. El Dioz tirano, que es nieta de laespuma Lince Vendado, y Basilisco Ciego¹³ alma nó dexa atanto Harpon en suma, que holocausto en sus Aras no zága Luego; Manda, que el fuego abraze, y nó consuma, que pueda arder la nieve, y elarse el fuego, y raze contierno ardor, y dulce Susto, Vida el jncendio los meritos martirios gusto.

Tabela 6: trecho do poema -Canto 1, estrofe 72, versos 1 e 2.

Sobretudo, no canto 3, temos a figura de Cupido aludida por meio de diversas metáforas, tais como: Ciego Dios (Canto 3, estrofe 9, verso 7; estrofe 11, verso 4); un ciego (Canto 3, estrofe 12, verso 8); oval lince (Canto 3, estrofe 13, verso 3); lo vendado (Canto 3, estrofe 13, verso 6); adorado engano (Canto 3, estrofe 39, verso 6); eclipses (Canto 3, estrofe 40, verso 2); Dios Vendado (Canto 4, estrofe 12, verso 8); esse hijo ingrato (canto 5, estrofe 38, verso 1); un dios que es lince (canto 5, estrofe 39, verso 8); Ciego Niño (canto 7, estrofe 24, verso 5). Essas metáforas são apenas alguns exemplos utilizados pelo autor para se remeter ao filho da deusa Vênus. O Cupido, nesse sentido, tem um papel muito importante nessa narrativa, haja vista que o poeta o culpa por flechar e cegar os amantes, fazendo com eles sejam regidos por Vênus.

Ademais, é importante destacar o jogo de ideias contrárias, representado pelo uso de antíteses e paradoxos - morte/vida, primavera/inverno, céu/inferno, sol/chuva; amor/razão, prazer/pecado - se sobressaem e percorrem os versos do poema, trazendo ao canto recursos de estilo que demonstram o genialidade e o talento do autor na escrita, como também os próprios dilemas vivenciados por “Filis”, entre se entregar ao amor e o sentimento de culpa, entre o espera do amado e a dor da saudade, entre o desejo de vida com “Demofonte” e o desejo da morte por conta da longa espera.

Em vista disso, selecionamos alguns trechos do canto 3 para exemplificar as inúmeras antíteses observadas no poema.

¹³ Referência a Cupido.

LOCALIZAÇÃO	TRECHO	ANTÍTESE
Estrofe 13, Versos 5-6	<i>"No ansi centella occulta incendios cresce Como el la vista en lo vendado ayuda"</i>	Contraste entre o "oculto" (escondido) e o "vendado" (cegado), sugerindo que o amor pode ser simultaneamente dissimulado e poderoso.
Estrofe 13, Versos 7-8	<i>"ni en el Zenith tan breve el Sol semira Como en su Niñez, alto amor seadmira."</i>	Comparação entre o Sol no seu ponto mais alto (Zenith) e o amor na infância (Niñez), sugerindo a contradição entre o pequeno e o grandioso
Estrofe 25, Versos 3-4	<i>: "y el Sol dezea, que su Imperio Rija, porque enla vista el alma sedeleite"</i>	Contraste entre a noite (domínio da escuridão) e o desejo do Sol de reinar novamente, sugerindo a oposição entre luz e escuridão.
Estrofe 34, Versos 5-6:	<i>"Si deste Iman Ilustre son despojos deze tanta Beldad, clauzura tanta!"</i>	Oposição entre "Ilustre" (magnífico) e "despojos" (restos), e entre "Beldad" (beleza) e "clauzura" (encerramento)
Estrofe 36, Versos 5-6:	<i>"suave aprieta, y congustoza calma, deixa vna Vida, quando lleva vn alma."</i>	Contraste entre a vida deixada e a alma levada, sugerindo a oposição entre vida e morte.
Estrofe 38, Versos 7-8:	<i>"y en lagrimas, y ardores, frio, y calma, eran los ojos mar, ceniza el alma."</i>	Contraste entre lágrimas e ardores, frio e calma, mar e cinzas, sugerindo uma oposição entre estados emocionais e físicos extremos.
Estrofe 43, Versos 7-8:	<i>"matais sin verme, huis sin scuicharme."</i>	Contraste entre "matar" e "fugir", associando a ideia de presença e ausência, violência e evasão.
Estrofe 44, Versos 1-2:	<i>"Cielo os contempla, y bronze os afigura."</i>	Contraste entre "Cielo" (céu, algo elevado e espiritual) e "bronze" (algo duro e material).
Estrofe 44, Versos 5-6:	<i>"Lo inexorable agravia la hermosura, / quando lo atrox suviza labelleza,"</i>	Contraste entre "inexorable" (implacável) e "hermosura" (beleza), e entre "atrox" (cruel) e "suviza" (suaviza).

Tabela 7: Antíteses

Essas antíteses refletem os contrastes emocionais e conceituais presentes no poema, intensificando as tensões temáticas e estilísticas da obra.

Além da metáfora e da antítese que são utilizadas pelo autor para compor o poema, a narrativa também traz outros recursos e figuras de linguagem, demonstrando a erudição e conhecimento do autor quanto aos aspectos formais e literários do barroco, como: linguagem rica em imagens e simbolismos - a alegoria - para explorar temas como a brevidade da vida e a busca por transcendência, pelo eterno. A alegoria no Barroco foi um dos recursos mais sofisticados e amplamente

utilizados para expressar os valores, dilemas e ansiedades do período. Sua riqueza simbólica e complexidade fizeram dela uma forma de arte capaz de dialogar tanto com as emoções quanto com o intelecto, refletindo as tensões e belezas de um mundo em constante transformação.

A crise do mito heroico do século XVII e a concepção da invenção poética como ornato dialético ou silogismo retórico incluem, por exemplo, a reposição de topoi épicos e líricos como exercício do engenho poético, variação que leva a um fechamento da elocução, dada a sobredeterminação da agudeza em tais imitações: em termos horacianos, obscuridade. Aquilo que, segundo o *ut pictura poesis*, deve ser visto de longe, em função de apreensão da unidade do todo – por exemplo, *Os lusíadas* – passa a ser retomado e variado como detalhismo ornamental, que deve ser visto de perto. Em outros termos, a poesia barroca mantém as tópicas da épica e da lírica e a preceptiva clássica, para transpô-las como incongruência anamorfose: o tema desenvolvido exige um ponto de vista artificialmente calculado. Arte cenográfica, visa antes o efeito fantástico das imagens proporcionalmente desproporcionais que a reprodução de uma imagem icástica, clara e congruente: (HANSEN, 1989 p. 250 -1)

O manuscrito “Filis y Demofonte”, é um poema heroico, em sua forma, narrativa e características formais. Os escritores desse gênero consideravam importante no processo de criação tanto do conteúdo (assuntos de reis e nobres), quanto da forma (a métrica e as estrutura estrófica em versos decassílabos). Curtius (2013) apresenta o “herói” ou o “heroico”, em seu formato e substância como um ser incomparável - seres fixados na nobreza e em suas realizações, caracterizados por valores fundamentais: “a santidade, os valores espirituais, a nobreza, o agradável.

Várias são as justificativas de adequação de uso do gênero pelo poeta, que vão desde a sua fama como melhor romancista do século XVII; passam pela extensão do seu corpus poético, composto predominantemente de romances; corrobora-se com a sua passagem pela Academia dos Generosos; alterna-se com seu fazer poético em modelos graves, cujos resultados principais foram *O Mourão restaurado*, *Elvas socorrida* e *Filis y Demofonte*; finda com uma obra poético-retórico-religiosa de proporções imensas.(BELOTO, 2022, p. 144)

A obra estudada apresenta essas características, uma vez que esses valores estão explícitos em toda narrativa do poema, haja vista que a imagem de Filis que o poeta nos apresenta é de uma jovem princesa de beleza ímpar, sensível, sofredora e amada pelos deuses e pela natureza. É a figura de uma heroína perfeita, que mesmo morta, continua eternizada na simbologia da árvore em que ela é transformada.

Segundo Spina (2003) a trajetória histórica desse verso é bastante interessante, desde sua origem até os dias atuais. Surgido logo após o verso octossilábico, no final do século X ou início do século XI, o decassílabo enfrentou forte concorrência do metro alexandrino durante a Idade Média e continuou a rivalizar com ele na poesia posterior à Renascença. (SPINA, 2003, p.45)

O verso decassílabo, cujo emprego na poesia trovadoresca, em variados esquemas, é matéria controversa, teve, desde o Classicismo, seu uso caracterizado pelo predomínio de realizações fundadas em 6+4, esquema fundamental 6-10, tipo denominado, genericamente, de heróico (CHOCIAY, 1974, p.107)

Sobre os metros do poema, CHOCIAY (1974) diz que são frequentemente chamados de "prisão da poesia". Se suavizarmos um pouco essa metáfora, podemos concordar com ela. O verso metrificado é uma estrutura silábica que se organiza em torno de uma unidade maior – a estrofe – que é imposta à poesia externamente. O poeta precisa ajustar seu discurso a um esquema pré-definido. Esse ajuste, que nem sempre é fácil, exige o desenvolvimento e domínio de uma técnica anterior ao processo criativo. No entanto, um poema rigorosamente metrificado não se resume apenas a isso. Ele também envolve o jogo de sons vocálicos e consonânticos, as repetições fônicas, a duração variável das sílabas, a entonação, entre outros elementos, todos os quais estão intrinsecamente ligados à expressão global do poema. Nesse contexto, o ritmo é a percepção resultante da harmonia entre esses níveis da linguagem que formam o poema. Profundamente enraizado na expressão, o ritmo não emerge de um aprendizado técnico, mas do próprio dinamismo criativo do artista. É percebido e sentido como uma totalidade, e não como efeitos secundários ou parciais.

O *modus operandi* de Fonseca Soares, no poema “Filis y Demofonte”, usa a estrutura metrificada, como na tradição seiscentista, e a associa a temas bélicos, náuticos, míticos e religiosos, ainda que o poema se queira trágico. Todas as nuances acabam por torná-lo lírico, à medida em que a variação trabalha no sentido de amenizar ou intensificar a tensão trágica da narrativa em cada momento. Mesmo reconhecendo-se nele uma fórmula, este recurso a inova. Seu diferencial, portanto, reside no uso exaustivo das figuras de linguagem, como forma de agudeza e argúcia.

No trecho selecionado, que se encontra no canto 3, estrofe 49, temos um exemplo de sinestesia, com “gusto al oydo, y Muzica al olfato.

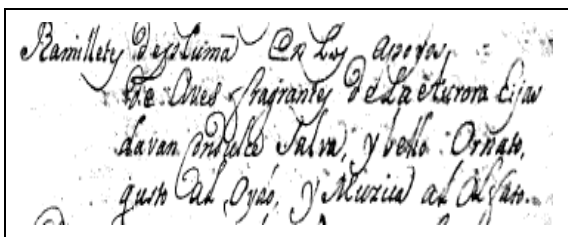
	49. Ramilletes depluma en los apoyos de aves fragrantas de la Aurora hijas davan condulce salva, y bello ornato, gusto al oydo, y Muzica al olfato.

Tabela 8: trecho do poema – Canto 3, estrofe 49

Outrossim, o texto também possui características que o remetem aos gêneros épico e lírico, uma vez que narra a história de amor de "Filis y Demofonte" utilizando recursos estilísticos e de linguagem, como metáforas, comparações, aliteraões, paradoxos, antíteses, prosopopeias, entre outros.

Los romances son poemas épico-líricos breves que se cantan al son de un instrumento, sea en danzas corales, sea en reuniones tenidas para recreo simplemente o para el trabajo en común" (R. M. Pidal, *Flor nueva de romances viejos*, p. 7). (SPINA, 2003, p.192)

A *Poética* de Aristóteles se reflete nos tratados poéticos dos séculos XVI e XVII. Esses tratados, em sua maioria, discutem detalhadamente a epopeia, a tragédia e, em menor grau, a comédia, mas pouco se concentram na poesia lírica. Contudo, isso não significa que aspectos do gênero lírico não sejam abordados em tratados, prólogos, comentários e nos próprios poemas. Pelo contrário, o debate sobre elementos específicos da lírica se intensifica ao longo do século XVII. No entanto, é importante destacar que o que entendemos hoje como "gênero lírico" não corresponde às diferentes formas líricas presentes na produção retórico-poética do século XVII.

Remetendo a Aristóteles, destaca-se que a poesia épica é similar à tragédia, pois ambas são imitações metrificadas de personagens nobres. A diferença está no fato de que a épica é composta em um único metro e é narrativa. Além disso, a tragédia busca, tanto quanto possível, "em não passar duma revolução do sol ou superá-la de pouco; a epopeia não tem duração delimitada e nisso difere."; já a epopeia não tem uma duração definida, diferenciando-se por isso. Originalmente, porém, tanto as tragédias quanto as epopeias seguiam essa mesma prática (ARISTÓTELES, 2014, p.24).

Carvalho (2007) ressalta que a eminência poética e a univocidade do gênero lírico são posteriores a essa produção. Ao considerar o poema épico, revitalizado no século XVI por Luís de Camões e os grandes modelos de tragédia e comédia, os

tratados poéticos do século XVII não reconheciam as diversas formas líricas como um gênero unívoco, ainda que abrangente.

A autora ainda aponta, na verdade, que a concepção abrangente do gênero lírico, conforme entendemos hoje, só seria plenamente desenvolvida no contexto da poesia romântica, que elevou a lírica ao status de eminência poética (CARVALHO, 2007, p.180).

Além disso, destaca-se que o poema em geral se apresenta como uma grande antítese, contrapondo constantemente duas ideias: lírico x heroico, cantos de amor x saudade, vida x morte, primavera x inverno, mitologia (vários deuses) x cristianismo (um único Deus). Essas alusões feitas pelo poeta enfatizam a riqueza e o primor na construção do poema.

Outro aspecto ligado à mitologia é a representação da mulher, que às vezes é mostrada em sua aparência real e outras vezes é retratada como personagens mitológicos.

Nesse poema, Fonseca Soares remete a nomes e personagens da mitologia grega e romana, que também podem ser encontrados em outras obras clássicas, como *Eneida*, de Virgílio, *Ilíada*, de Homero, *Metamorfoses*, de Ovídio, dentre outras. É interessante observar como ele apresenta a figura feminina, vítimas de Cupido.

A mulher, na obra desse autor, ora tem traços marianistas, ora da mulher pecadora, imagens oriundas do cristianismo ocidental: Virgem Maria e Maria Madalena.

E é justamente nessa perspectiva que Fonseca Soares nos apresenta Filis, mulher perfeita que remete tanto a Maria, por sua pureza, beleza, sofrimento quanto a Maria Madalena, por sentir se arrependida por ter consumado o ato sexual e considera que está pagando o preço alto por se deixar ser regida pelo amor. No entanto, em vários momentos o poeta lembra que o culpado por toda essa tragédia amorosa é o Cupido, que ao flechar suas vítimas já as destina ao sofrimento e cegueira causados pelo amor.

Rapucci (2011) aborda essa questão, a partir da pesquisa de Marina Warner (1992) que relaciona a “Virgem e Madalena como um díptico da ideia de mulher no patriarcado cristão. Warner compara Madalena a Eva, resultantes ambas da misoginia no Cristianismo, que associa mulheres com perigos e degradação da carne.” (RAPUCCI, 2011, p.70)

Maria Madalena representa o lado sexual do díptico, a relação com os aspectos eróticos da deusa. Mas a repressão da sexualidade pelo pai cristão manipulou a imagem de maneira que Maria Madalena fosse vista como penitente, renunciando à sua sexualidade. Sua imagem, como a da prostituta sagrada, é capaz de encerrar todos os aspectos dinâmicos e transformadores do feminino: paixão, espiritualidade e prazer. (RAPUCCI, 2011, p.70)

A autora considera, ainda, que de acordo com o sistema patriarcal, a mulher representa três papéis: mãe, prostituta e virgem ou até uma combinação das três. Além disso, Rapucci (2011) apresenta um estudo, intitulado *A deusa interior*¹⁴ que divide as deusas em três pares de deusas: Ártemis e Atenas seriam a díade da independência, Hera e Persefóne, a díade do poder e Deméter e Afrodite, a díade do amor. Referindo-se aos estudos de Bolen¹⁵, a autora aponta que há uma divisão das deusas em três categorias: as deusas virgens, as vulneráveis e as deusas alquímicas ou transformativas.

Rapucci (2011) identifica Hera, Deméter e Perséfone como as deusas vulneráveis, representando os papéis tradicionais de esposa, mãe e filha, e expressando as necessidades femininas de vínculo e adoção. Essas deusas, sensíveis e sintonizadas com os outros, foram dominadas ou humilhadas pelos deuses. Afrodite, identificada como parte do grupo das deusas alquímicas, apesar de manter sua autonomia como deusa virgem, também apresenta traços de vulnerabilidade em seus relacionamentos. Já as deusas virgens, como Ártemis, Atenas e Héstita, simbolizam a independência e autossuficiência femininas.

No poema fonsequiano “Filis y Demofonte” encontramos menção a várias mulheres e deusas da mitologia grega e romana que foram flechadas por cupido. Observando o Canto 3, por exemplo, temos: Cinthia (Estrofe 1, Verso 2); Meduza (Estrofe 3, Verso 1); Filis (Estrofe 4, Verso 1); Arminda (Estrofe 8, Verso 1); Laura (Estrofe 10, Verso 1); Lesbia (Estrofe 10, Verso 1); Lizida (Estrofe 10, Verso 4); Clori (Estrofe 10, Verso 4); Silvia (Estrofe 10, Verso 5); Narciza (Estrofe 10, Verso 6); Venus (Estrofe 36, Verso 3); Andromeda (Estrofe 37, Verso 1); Aretuza (Estrofe 32, Verso 4); Daphne (Estrofe 33, Verso 1); Danae (Estrofe 34, Verso 4) e Europa (Estrofe 35, Verso 6). Nesse canto, o autor coloca essas mulheres e deusas, vítimas de cupido, para dialogarem com Filis, já que também viveram tragédias amorosas

¹⁴ WOOLGER, J. B., WOOLGER, R. J. *A deusa interior: um guia sobre os eternos mitos femininos que moldam nossas vidas*. Trad. Carlos A. Malferrari. São Paulo: Cultrix, 1992.

¹⁵ BOLEN, J. S. *As deusas e a mulher: nova psicologia das mulheres*. Trad. Maria Lúcia Remédio. São Paulo: Paulinas, 1990. (Amor e Psique)

como a que Filis viverá durante todo o poema. Da mesma forma, ao colocar as histórias dessas personagens, o autor já antecipa para o leitor e/ou ouvinte¹⁶ o possível final para a história de “Filis y Demofonte”

Dessa forma, o autor só volta a narrar a história de “Filis y Demofonte” no canto 4, a partir da estrofe 78. E é ao final desse canto, na estrofe 80 que acontece o ato sexual entre as personagens:

80. <i>Nó havia Valle Espeso, ó bosque umbroso, opaca soledad, seño escondido, que al sueño dulce, algusto cariciozo, ní armace lecho, y ní hixiese nido; Nó tronco alegre, ní cristal vndozo que de Los dos gravado, y discorrido, ní hablase en sus orillas, y cortezas caricias de vn amor, de ótro ternuras.</i>	80. Nó havia valle espezo, ó bosque umbroso, opaca soledad, seño escondido, que al sueño dulce, algusto cariciozo, nó armace lecho, y nó hixiese nido; Nó tronco alegre, nó cristal vndozo que de Los dos gravado, y discorrido, nó hablase en sus orillas, y cortezas caricias de vn amor, de ótro ternuras.

Tabela 9: trecho do poema – Canto 4, estrofe 80

O trecho sugere uma conexão entre os amantes e a natureza, uma vez que vales, bosques e locais sombrios são ideais para um doce sonho e prazer caricioso, rementendo aqui ao ato sexual de Filis e Demofonte. O poeta também propõe que a natureza guarda as marcas do amor vivido por Filis e Demofonte, já que os troncos das árvores e os rios cristalinos carregam, metaforicamente, as lembranças das carícias e ternuras compartilhadas pelos amantes. É como se a natureza tivesse registrado esses momentos, tornando-se testemunha e cúmplice dos sentimentos e da momentos vividos pelo casal.

Na estrofe seguinte, o autor alerta que tudo isso que foi vivido pelos amantes, não se passa de ilusão e mentira, e quem acredita amor é amor e sorte está certamente enganado, pois se trata de uma doce mentira, de uma arma para morte. As metáforas reforçam a ideia de que essa ilusão passa como fumaça, como flores que murcham e sonhos que desaparecem. Aqueles que se deixam enganar por essas ilusões acabam perdendo tempo, prejudicando a alma e encontrando a ruína. É possível inferir que nesse trecho o poeta faz alusão ao que se seguirá na história de Filis e Demofonte.

¹⁶ No século XVII muitas obras vinham a público através da oralidade, para depois serem manuscritas.

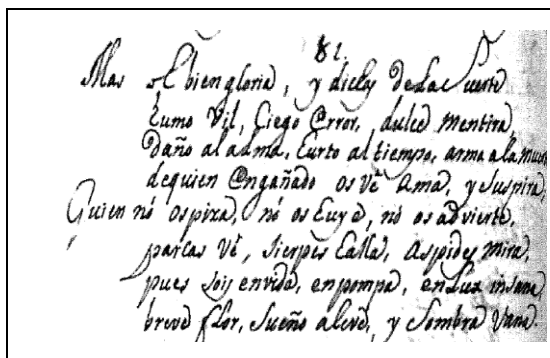
	81. Mas oh bien gloria, y dichas de la Suerte humo vil, ciego error, dulce mentira, daño al alma, hurto al tiempo, arma ala muerte de quien engañado os vê ama, y suspira; Quien nó ospiza, nó os huye, nó advierte, parcasⁱ vê, sierpes halla, aspides mira, pues sois envida, en pompa, en lux insana, breve flor, sueño a leve, y sombra vana.

Tabela 10: trecho do poema – Canto 4, estrofe 81

A partir disso, o poema detalha toda trajetória de Filis até a sua morte e em seguida a volta de Demofonte a Trácia, sempre trazendo referencial mitológicos greco-romanos e cristãos.

Com essa breve análise a respeito da obra estudada, apresenta-se no capítulo seguinte, a herança clássica presente em “Filis y Demofonte”.

Logo, segue um breve resumo e análise de cada canto, seguida da edição do poema. Salienta-se que no início de cada canto apresenta-se a primeira página de cada manuscrito que conseguimos compilar, sendo a primeira imagem, a do Ms. 49-III-84, fonte dessa pesquisa.

3.2 CANTO PRIMEIRO - EL NAUFRÁGIO

No primeiro canto, composto de 81 estrofes, o poeta contextualiza o tema a ser tratado no poema, informando ao leitor que a obra trata de um canto de amor e tragédia, digno de comparação com Homero.

Nesse canto é descrita a terrível tempestade desencadeada por Vênus em vingança pela destruição de Tróia. A deusa convence Éolo a liberar os ventos, causando um naufrágio catastrófico. Entre os heróis que enfrentam o desafio no mar está Demofonte, que, junto com outros sobreviventes, chega à ilha de Trácia. Lá, são recebidos por Filis, uma princesa radiante, cuja beleza ilumina o cenário sombrio pós-naufrágio.

Filis, em um gesto de hospitalidade, acolhe Demofonte e desenvolve sentimentos por ele. Demofonte, príncipe de Atenas e filho de Teseu, é descrito como valente e virtuoso, envolvido em façanhas heroicas. O amor entre Filis e Demofonte cresce, com a beleza e a nobreza de ambos sendo exaltadas.

É possível observar que, este poema épico narra eventos que envolvem personagens mitológicos e entrelaça natureza e amor. A trama gira em torno de figuras nobres e guerreiras, envolvidas em caçadas, batalhas e jogos de poder. A narrativa mescla figuras mitológicas e alegóricas com temas de amor, honra, beleza e sofrimento.

Além disso, o texto explora o papel de outros personagens, como Miseno, que apresenta Filis a Demofonte, e de figuras mitológicas menores que interagem com os protagonistas. Já ao final do canto, aparece Ardenio, que é apaixonado por Filis e almeja a coroa, por isso observa a situação de Filis e Demofonte com ciúmes e sofrimento ao perceber o amor entre os dois.

Logo, o poema reflete sobre os perigos e as delícias do amor, as tensões entre desejo e razão, e a paixão cega, que conduz ao sofrimento. A atmosfera é de celebração da beleza física e moral, com muitas metáforas ligadas à natureza e à mitologia. Os sentimentos de amor e desejo são intensamente discutidos, destacando a luta interna dos personagens entre a razão e a paixão.



Canto Primeyro.
El Naufragio

1.

Yó que en la flor de Mis primeros años
Canté de Amor Las dulces tiranias,
Y en los e crizos de agradables daños
Menti las Eras, y engañe los dias;
Aora, que ennumerosos desengaños,
/Si llanto Son los consonancias mias,/
La Deyda que fué de Grecia espanto
lloro el amor, y la tragedia Canto.

2.

Musa q Culramento amanceiste
Candida en las Auroras demi Oriente,
Y alma tantas vezes me infundiste
Con divino furor, y affecto Ardiente;
Si dignos Son de tu Oriente triste
Anuncios tiernos de vna vex do Ciente
Mi ardor renueva; huráx que endulce Rima
Canto el dolor, la consonancia gima.

[2v]

3.

Y Voz joven ilustre, cuyas prendas
tanto yá lo entendido y generoso
Se compiten, que en victima y offrendas
postrado Appoloⁱⁱ ojré, Marteⁱⁱⁱ ambidiozo:
Mientras e Amor Las nó imitadas Vendas
al Ocio Cortezano, y decorozo
Os Convida, dexad, que en vuestro abrigo
Mecenas halle, el que os venera amigo.

4.

Presto le espero a Luzitana toda.

que digno assumpto de Mayor e Homero^{iv},
 mostreis que Sois de aquella Sangre Góda
 Mas envalor que enbienas heredero:

Y Si merito tanto Se a comoda

En las Caudales de la Suerte, espero
 ver de vuestra fortuna en los matices
 Discreto el bien, los meritos felizes.

5.

Enquanto pues el Roxo Mar nó laña

Esse Campo andaluz de horrores lleno,
 vuestra espada que es yá sino guadanã,
 Rayo de quien la fama Solo Estrueno:

Enquanto nó estremece la Camapaña,

Morbiendo ayrado el argentado freno
 Esse vivo Aquilon^v, que en bravo envayo
 Cometa anuncia, lo que hará aquel Rayo.

[3]

6.

Escuedad nó las armas, y furores

De Marte, Q ala Patria ateroyza intento
 Cantos, sinó los tragicos amores,
 Q expongo entierno llanto endulce acento;

Haré (si con espiritos mayores

me influis vuestro agrado, y vuestro aliento,
 Q trueque el fuego que mi pede inflama
 Mi Ruda Lyra, en trompa dela Fama.

7.

Escarchando Zaphir, Rizando Espumas
 del punte Egeo^{vi}, pizava las Corrientes
 Volantes Selvas, que en aladas brumas
 Sceptros al Ayre lava, al Mar tridentes;
 Y tremolando en ostentozas plumas
 alegre horror de Nauticas Serpientes
 poblava com Ayrozo Luzimiento
 de hojas al Mar, de Viboras el Viento.

8.

En esta Selva, ó poblarien errante,
 Del agoa, Demophonte^{vii} Restituída
 La Vida, al Patria, Reyno aquien triunfante,
 Consagrar sus laureles pretendia,
 Despues Q ya encenizas La arrogante
 Maquina del Hien Cahhido havia
 Siendo Su estrago con horror profundo
 Assombro al etzia y tripe exemplo al mundo

[3v]

9.

Rico pues de despojos, y de Honores,
 V fano el viento adula, el mar pasêa/
 qual el Suave Mex Rey de Las flores
 avn más vistoso en Su niñes Capeea
 Y el son con mas carecias que explendores,
 dorando los adornos de Amalthea^{viii}
 Del campo triste La estacion Marchita
 Las fuentes Suelva, y el Prado Reçuscita.

10.

Yâ de la Luz el General brilhante

de exercitos de Sombras investido,
 Se retirava palido el semblante.
 al muro de Cristales construido:
 y refrescando el liquido diamante
 de tanto Rayo el esquadron Luzido
 Asaltava, dexando el frio Imperio,
 La dormida quietud de Otro Emispherio.

11.

Quando Venus^{ix} mirando en sus Enojós
 Como las pompas del Troyano fausto
 Eran de Grecia tragicos despojos
 Ó de llamas mizerrimo Holocausto:
 Los blancos Liliós, Los Claveles Roxos,
 bordando tristes por el cazo infausto,
 de tierno aljofar Hizo en Su belleza,
 dichozo el Mal, Hermoza la tristeza.

[4]

12.

El Carro occupa con las plantas bellas,
 / que hazen al viento alada Escaramuza/
 Surcando nubes, vadiando Estrellas,
 Los Vientos corta, y las espheras Cruzas;
 Del Sol pizando las doradas huellas
 Tanvelox Las distancias desmenuza
 Q Sus rayos passando em un momento,
 dexa Corrido el Sol, parádo el Viento.

13.

Yase de un Monte en la Sobervia Cumbre
 q' de escarchas, y nubes Secorona
 Occulto vn Seno aquien del Sol Lalumbre

Siempre La Luz agonizada abona:
 De Sus greñas La vastas pezadumbre
 nichos tan assombrados es labona
 Q' en Su maleza, y Soledad' jnculta
 La noche alverga, el Dia sesepulta.

14.

En este Sitio de espessura lleno,
 que el Aura dulce jgnora del Verano,
 / yes del Diciembre vn nubloso Seno/
 Vive el Monarcha de los Vientos Cano:
 Yugo asuz fuerças, y a sus furias freno,
 Severo impone, y modefica anciano
 Y bien que cadaqual murmura, y gime
 Lo que sella Vnpeñasco, Un Monte oprime.

[4v]

15.

Aqui pues donde el Sol mas Se Retira
 Como de oscuro alverge de la noche,
 quando ala tarde el Ruyseñor suspira,
 llegó de chipre elverado coche:
 Y antes q' de la Luz, que suave inspira,
 Los rayos Suelte, el nacar dezabroche,
 al Explendor, y Magestad del Vulto
 La vista Extazy fué, La attencion Culto.

16.

Cortez Recibe, humilde Reverencia
 Eolo, Entonces, La Deydad q' jgnora,
 mas Loque el alma Endulas diferencia
 En los Respitos La jgnorancia adora:
 Ella de un mudo ahojo En la violencia,

Tan Retoricamente Gime, y llora,
 Q' en La Efficacia de tormento tanto
 Sirve el silencio de Eloquencia al llanto.

17.

Nunca Elsol de Las nubes tan hermozo
 Rompiendo Los Celajes amanece
 quando En Már de tenieblas procellozo,
 Baxel deluz Las Sombraz desvanece:
 Como del Luto Q' a Rastrava Ayrozo
 La chipria Dioza, En la Beldad Q' offrece,
 Corriendo el Velo, al Resplendor q' Humilla,
 hermosasale, y Luninoza brilla.

[5]

18.

Apenas pues En su Estacion Obscura
 Conoce Eolo La animada Estrella,
 quando postrado Ruega a Su Hermozura
 diga la cauza del Exaltarce En ella:
 Entonces ella q' obligar procura
 Su voluntad; afable como bella
 Asus braços un cielo azindo breve
 hizo Vna nieve, jncendio de otra nieve.

19.

Luego Lavox del Solloçar troncada
 Y la hermozura del llorar crescida,
 Troya lamenta En llamas sepultada
 Y Su Deydad En ellas offendida:
 La Estacion dela jnimiga Armada
 pide Se anexe, y quede submergida
 Yatanta accion promete endulce offrenda

Su amor Enpremio, y Su Beldad'enprenda.

20.

Los hallagos, Los Fuegos, Las Caricias
de sus llantos, sus voces, y sus penas,
fueram del Dios / que Escucha las noticias/
alguno, al alma, a la razon Cadenas;
Tu voluntad, oh Dieza, mis delicias
Son; /Le responde / haré Loque me ordenas,
pues deste sceptro toca entuprezencia
Ati, el Imperio, Ami, La obediencia.

[5v]

21.

Dixo: y feroz con el impulço horrendo
dela hasta fiera derribando un Monte,
Rompe la Carcel, donde Estan gimiendo
Las furias del Antartico Orizonte:
Tiembla La tierra al impeto tremendo
Y despeñando al Mar Piroes, y Extonte
dexaron con su impulço y subramido
Confuzo al Cielo; el Mar Estremecido.

22.

Sopla el Austro, hunde el Noto, El Boreas grita
Y atronando La Tierra, el Mar, y el Cielo
Hazen confuria Ronca, y Exquizita
Guerra almar, miedo al Ayre, y esp.^{to 17} al Suelo:
Y enfim tanto Seoffende turba, y irrita
Cada qual Sin prizian, freno, ó Ruelo,
Q' Su Rabia, Su Estruendo, y Su derrota
piza al Mar, hiere al cielo, al Mundo açora.

¹⁷ Espanto

23.

Luego con furia tal Su aliento obscura
 arebató los circolos Polares,
 que sevió dezatado al golpeduro,
 En Rayos el Abismo, el Cielo em Mares:
 En él vasto oceano, Haziendo jmpuro
 Naufragar Los Celestes Luninares,
 parece que apagar feroz pertende,
 quantas el Firmamento Hachas Eonciente?

[6]

24.

Dezaliñado Esse Pavon Celeste
 Q' Argos nocturno el orbe Registrava,
 Sin que el hurtado adorno mafieste,
 Ciego Si encubre En Su Estacion Octava:
 Y bien que el Sol a Su Luz Antorchas preste,
 La lux que en Suz auzencias se ficara
 Errando triste Engolfos de ténieblas
 Vacila En Sombras, y naufraga en nieblas.

25.

Los Nauticos Ministros Q miraron
 tremulo, y Ronco, el mōstruo cristalino
 Mas que el Tinon, Ligeros intentaron,
 Coger las alas del volante pino:
 Ellas del Notto, avn impeto bolaron,
 Surcando el Viento paxaros del Lino
 que cada qual que menos baxa, ó sube
 Es Sorbo de vn abismo, ó devna nube.

26.

Nó ansi de diestra mano Sacodido

breve globo hirió el Ayre, y Vagó el Viento
 y ala Rechassos de otra mano hído
 Mi dió Leve ayre, y Tierra en un mom^{to 18}:
 Como de tanto pielago impelido,
 Y aRebatado atanto horror violento,
 Sirve cada Baxel Q' el agoa açote
 deburla al már, al viento depelota.

[6v]

27.

Conjra ardiente, y furias incançables
 Muestrava el mundo que timió Sus quiebras,
 Rota La Exphera entruenos formidables
 deshecho el Ayre enfulgidas colebras;
 Denubes, de cometas, admirables
 el ronco son las encedidas hiebras
 gritan, y escriven Sus estragos¹⁹ luego
 Con Vox fatal en rubricas de Fuego.

28.

El Firmam.^{to 20} obscuro Sus fanalez.
 nó alumbra aSu naufragio las Esferas
 pues juntando cristales a cristales
 yâ cielo, yâ mar confunden sus Riberas:
 Nadando Enfin los Mostruos Celestiales,
 del Mar constelaciones Son Severas
 Y, quiere Salir el Pez menos famozo
 O fixa Estrella, ó signo Luminozo.

¹⁸ Momento

¹⁹ Corrigido como estragos

²⁰ Firmamento

29.

Jove viendo Lamaquina del Orbe
 temblar caduca En el primer desmayo
 contra el foror que Las Estrellas Sorbe
 dispára un Elemento Encado Rayo:
 Nó haviendo Esphera q' a Neptuno Estorbe
 de sus diluvios El horrendo En sayo
 Creyó Q' hazian Sus violencias Solas
 Olimpo el Már y Las Saladas Olas.

[7]

30.

Sobervio, y ronco el Már Medioterrano
 tan crescido las olas Entumesce
 Q' Encaudales Venciendo al Occeano
 El mayorasgo de Cristal parece:
 Y asaltando el Alcázar^x Soberano
 tanto En Vndoza Rabia Se jnfurece
 Q' quando menos bate Sus Almenas
 Entierra El Cielo, En Tumulos dearenas.

31.

El gran Baxel, Q' el Már Vfanamente
 tanpoco havia, Q' oprimió Osado
 de Montes de Agoa al impeto Vehemente
 Gruñe oprimido, Y gime Castigado.
 Roto el Timon, el Arbol, y el trinquete
 LaLuz perdida, el Animo Anegado,
 siente En cada tabla En cada Señã
 haze Una Onda Effectos de Unapeña.

32.

Diluvios Q llorava El cielo triste

de Suerte Le amenaçan Roto ó Corbo,
 Q' al menor Remollino que Leenbiste
 todo El már Le bebia EncadoSorbo;
 Inchace el Austro, y tanto el Notto insiste
 En sufuror, Q' Ozaron Sin Estorbo
 quando al auge nocturno, o' Delia^{xi}, Subis
 herir los Astros, y pizar Las nubes.

[7v]

33.

Leandro^{xii}, Q' en las Naves El Segundo
 Lugar occupa, En la borrasca Ciega,
 A vay vienes del Boreaz furibundo,
 al Már Rotos los Arboles Entrega,
 Leonido^{xiii} Huyendo alpie lago profundo,
 En las nubes, parece Q' se anega;
 Y en Vrnas de Cristal pertende Ozado,
 Uno, y ótro Vencer al proprio Hado.

34.

Ansi mediendo el Golfo Enbravecido
 Las Ondas Curssas cada Leño errante
 qual en Sombras funestas submergido
 Surca obscura region, rayo Espirante;
 Ya las Estrellas piza sacodido
 Ya los abismos beza Naufragante;
 Y Encada infante offrece su recelo
 Un Escamiento al Mar, un Voto alcielo.

35.

El. varon grande a dó no ay desmayo
 o tempestad que turbe Lo animozo
 qual el Sol que acuchila Rayo, a Rayo

El de la noche Horror caliginoso:
 En este dela Muerte ultimo ensayo
 desvaneciendo el miedo peligrozo
 Atodos prometiendo La bonança
 Mas gozo les jnfunde Q' Esperança.

[8]

36.

Jâ la Aurora enlos, parpadados que abria
 El Albor sonolienta prateava,
 Y del Sepulchro dela Noche, al dia
 Saliendo el Sol, Laluz Reçusistava:
 Quando ella con las perlas que vertia
 pidiendo al Már, y al viento, que bramava,
 que moderacem su Rigor Violento;
 al Már soborno fué, quietud al viento.

37.

El Bóreas enfreno Su torbolino
 y Neptuno en su lecho nó arrogante,
 el aljofar bebiendo matutino
 Suave Sedormió, Secalló Amante;
 Dezenlutando el Cielo el Cristalino
 Rostro, depuzo el horrido Semblante,
 Y tan bellas, Las Luzes Campearian,
 que delas Sombras funebres triunfarian.

38.

Yâ La cumbre del Rodope Eminente
 Dezatada en confuzos Orizontes,
 Y el Seno occulto de su parda frente
 Luzes brujuleâva alos mas Montes:
 Cuya dudoza vista alegremente

del mar atantoz miseros Phaetontes^{xiv},
 dezasombrando el animo confuzo
 poania enSalvo el Miedo, el Arte em Vzo.

[8v]

39.

Quandopues el mayor Planeta raya
 deve Ciudad de Thetis^{xv} las Almenas,
 y al Son conque Favonio^{xvi} se desmaya,
 dulces Se oyen gimir Las Filomenas^{xvii};
 Albreve anhelo d vna spacioza playa
 bezó el Baxêl las fulvidas arenas
 a cuyas peñas Sus pedaços rotos
 Aras Hizieron, consagraron votos.

40.

No tanto elprezo, que aguardó la Muerte,
 encuyo Horror ajnstantes agoniza,
 quando el temor en libertad Convierte,
 La dicha aplaude, el susto finaliza;
 Como escapando dela jnfausta Suorte
 conque el Mar Su fortuna a temORIZA,
 Cadaqual Libre, enfin del primer Susto
 passa del mayor Riesgo, al mayor Susto.

41.

Solo el Varon grande, aquienlos males,
 Ó los bienhez nó alteráron el Sociego,
 tres vezes aloz Diozes Celestiales,
 gracias postrado dió Renovo el Ruego
 Y en Sacrificios repitiendo jgoales
 Sacra Lizonja al soberano fuego,
 quando ansi Las Deydades alimenta

mucha Deydad, enbreve cielo osteta.

[9]

42.

No bien del Már en la Sanepha Hermoza
 devn arroyo la margen guarneceia,
 codicia enfin Sinó de plata Vndoza
 delas que Abril al sombras verdes cria:
 quando de alegre turba numeroza
 assaltado; com Rara galhardia
 Vió despeñado avenatoria Empreza
 Sol Cortezano, en Nube Montañeza.

43.

Filis^{xviii} és este Sol, que en la espessura
 de aquellos montes variamente Amena,
 las sombras tristes desnudas procura
 que viste por Licurgo, y Crustumena:
 Padres de quien Hereda Su Hermozura
 La Corona de Tracia; aonde llena,
 de Rayos, muestra o quanto le obedece
 que donde ella sepone, el amanece.

44.

Este assombro de Tracia, honor de Grecia
 en las selvaz las fieras fatigava
 nó porque ansi la corte menosprecia
 mas porque el Campo el Aranjues trocava:
 Y mientras Livre en sus montes precia
 Casto exercício, Hazjendo de su aljava,
 Contra el vendado Dios armas severas,
 huir los Hombres por Seguir las fieras.

[9v]

45.

Traz de vn bruto velox, que de aquel monte
 fue aborto felix, pizava el viento.
 En vn ginete, deste Sol Phaetonte,
 que hazia tardo el mismo pensamiento;
 Mas bien, e errando aquel, y este Orizonte
 Burló la fierra el raro movimiento,
 alfin asu diestra mano en Mejor calma
 Menos bruta la fiera, rinde el alma.

46.

Siquen=la sus monteros en caterva
 y llegando ala fiera temeroza,
 qual pasma su grandeza, qual observa,
 yalaba el tiro de la mano hermoza:
 Y occupando El tapete dela hierva
 que bordó varia, y matizó curiosa
 La Primavera, con festivo aliento
 Dan gloria al Campo, y regocijo al viento.

[10]

47.

Quando con modo ilustremente grave
 bien, que en mizeras señas desluzido
 fué el gran Miseno dela Rota Nave
 ala prezencia de Filis conduzida;
 Miseno, aquel que hemoza suave
 siendo su vos del Alma, y del sentido;
 Raze avn quando emudece las Rozones
 Vox el silencio, y lenguas las acciones.

47B.

Llegó postrose, y cortezmente atento,
 quize bezar las manos soberanas,
 que hurtando en piedozo encogimiento
 fueron divinas por hurtarce humanas:
 Magestad (dize) hermosa: y sin aliento
 Delíquo breve estremeció sus canas,
 Bien que eficaz pudiera em tal preludio
 Ser el desmáyo ala aelgancia estúdio.

48.

Bella Deydad, prosigue, encuyo hermozo
 prodigio, el alma sus milagros precia,
 y en quien Venera el mundo deCorozo,
 el Sol de Tracia, y La Deydad de Grecia:
 Por cuyo Imperio el tracio belicozo,
 Los dominios del orbe menosprecia,
 que és mas blazon, mirarce mas profundo,
 Subdito vuestro, que Señor del mundo.

49.

Avos encuyas prendas seconoce
 Fenix del gran Licurgo Renascido,
 pues porque em vuestros meritos segoce
 Mas que heredado está restituido;
 Encuyo sexo mas se Reconoce
 el ceptro mas vfano, y mas luzido,
 pues lo fragil depuesto enlux mas pura,
 Se vê el valor coyunto alahermozura.

[10v]

50.

Demofonte aquel Principe de Athenas

hijo del gran thezeo, celebre tanto
 porque em vn mundo ha cabido solo apennas,
 Como por se atrever al otro del Espanto:
 Demofonte digo; aquel que en las almenas
 de Troya fue ruina, Incendio al Xanto,
 acuyo merito enfin sin duda alguna,
 Se muestra jngrata o pobre La fortuna:

51.

Arrojado delmar, olas, y viento
 a vuestras playas confeliz Naufragio,
 pues encontrar tanto Elemento.
 lo que fué mal pudiera ser sulfragio:
 Buscando en vuestro amparo a cogimiento,
 Corresponde a tan felix pressagio,
 pide Lepermitais, que pueda en ellas
 dezêar daños, y no temer estrellas.

52.

Dixo: y qual, Suele vndia, alegre, y claro.
 Vibrando repentino, horrible trueno.
 al mundo, que nó hiziera antes reparo,
 dexa de asombras, y silencîos lleno:
 Tal el acento del Varon preclaro,
 siendo dela atencion asombro, y freno,
 amuchos hizo imoblemente broncos,
 parecer peñas, y immitar los troncos,

[11]

O manuscrito não possui a estrofe 53.

54.

Filis, viendo en sus playas Redemido.
 delas ó Las, el Naufrago Estrangero,

Y del Varon Mayor encarecido
 En cartexano estilo, el daño fiero;
 Tierna Hospitalidad, piedozo nido
 Le dá en el alma, y coraçon Sincero,
 Y ensiñando el dolor, que La enternece,
 Su fuego admite, y su favor le ofrece.

55.

Luegar d Recato, ó Magistrad La Neve
 devn Bosque a la espessura e le Retira
 donde La Selva encircolos de Nieve
 Y Sus plantas Leva, Y Sus adornos tira
 Ali manda a Demetrio^{xix} enplazo breve,
 que' el einforme de todo, enquanto gira
 el Sol su Curioso, Y fuece abreve espajse
 Razer el nido de Su esplendor

56.

Bolvió Demetrio ala Segunda Aurora
 Con relacion prudente y Verdadera,
 de Armas, Naves y gente, que nó ignora
 Calildad, poder, y fuerças, que pondera;
 Mas al grande Valor, a quien Mejora
 la evidencia, el concepto asi exagera,
 que aFilis dió condulces sobre Sobresaltos
 Antes la Forma, que La Vista assaltos.

[11v]

57.

Ella, que el alma en sustos, y alvoroços
 turba, y dezasociega; nó examina.
 Si es Amor, Si piedad lo que adestroços
 Y ajustes LaEstimûla, y La destina,

Elgran Heroe, que vê Su Armada entroços
 le Manda offrecer por Dios Benigno,
 e fiera le envia, Sin pereza
 Q Sus pas Registran Su cabeça.

58.

Manda tambien, vn Zephro^{xx} Castaño,
 que el Vivo a liento tan feroz realça
 que sacudiendo lo que piza Vfano
 bate las cinchas, Si las manos alça;
 Y vfano de mirad conbrio estraño
 que Ofir le arrêa, y Pocozi Le calça;
 Em bravo avnque galan dezasociego.
 Lo que em oro tascó, Respira em fuego.

59.

Para la gente Liberal envia
 muito de aquello, dequanto nó Avarienta
 produze, Ceres^{xxi}, Y Pomona^{xxii} Cria
 Bacco^{xxiii} cultiva, y Palas^{xxiv} pascenta;
 Y lá Playa enacciones de alegria
 Theatro alegre a los Nauticos seostenta,
 donde vagando por diversos modos
 todos le admiran, y se alegran todos.

[12]

60.

Demophon, que jgualarce Agradecido
 pertende a tan cortez Conocimiento
 el alma le dedica, y a offrecido
 a Divino holocausto, y amante aliento;
 Acompañado de Esquadron Lucido

La Silla ocupa, al animado Viento
y al impulso menor que el pié le ofrece
Exalacion quadrupede parece.

61.

Donde forma el Abril de vnaespefsura
pincel florido, Babilonia Verde
aquien quando en a Royo le murmura
Vibora de Cristal sus plantas Muerde;
Alli devn gran Palacio la Hermozura
la Corinthia forma en los atos pierde,
pues coronado de sus Luzes bellas
Es cuna, Silla, y tronco a las Estrellas.

62.

Neste que no esta tan presumido
de estar del sol, y estrellas coronado,
como de haver em ambares sabido
Q havia a Fillis el breve pie bezado;
[?] multitud fué conduzido
El Heroyco Varon, al destinado
lugar, dichozo, y alegre enque asistia,
la que era embidia al Sol, asombro al dia.

[12v]

63.

Menez quando del Sol las yâ marchitas
luzes, desdora obscura Sombra fiera,
brilla entre las celestes margaritas
el Nocturno diamante dela esphera;
Menez luze las Rozas, exquisitas
estrellas de La varia Primavera.
que Filis entre Sus Damas e Superiores

Luna entre Estrellas fué; Roza entre flores.

64.

El Azabache crepamente vindoço,
 de Rios negros Sus Arminhos cubre,
 y entre los Lylios de Su rostro hermoso,
 Amor dos bellos aspides descubre;
 Mina es deperlas Su Corâl gustoço
 sus manos albas donde el Sol Cencubre
 hasta donde el cothurno en seña, y muere
 dilicias dejasmin, dudas de Nieve.

65.

La Belleza jnterior conquere Regala
 los sentidos, al alma ansi suspende,
 que si ayroço alo sublime jguala,
 con la beldad, La discricion contiene;
 Santo com el juizio, y con Lagala,
 almas echiza, y coraçones prende,
 que enfim para Vencer quanto procura
 viver pudiera ocioza la Hermozura.

[13]

66.

Postrado el Joven ala Beldad Divina
 corteza la adora, y ella Cortezana
 tan ayroça el vivo cielo jnclina,
 que la humildad desvaneciô de vfama;
 El sus favores agradece; jndigna
 sejusga Filis deste obsequio, y gana
 tanto Amor en las almas que atropella,
 Si vnas por corteza, otras por Bella.

67.

Gallarda forma enporpocion Severa
 mostrava el Joben, que entre los estraños,
 Marte galan, valiente Adonis era
 Livre Rasta, entonces de Amoroños daños.

Rayava ya la hermoza Primavera
 desus Abriles los purpureos años,
 donde cogen jlustres atributos
 la edad enflores, laprudencia enfructos.

68.

Notanto Maripoza entre esplendores
 Sedienta deluzir llamas Vadêa
 quando elevevada, y ciega en sus Ardores,
 busca su mal, su muerte galantêa,
 Como el Joben, de rayos, y candores
 amante en los jncendios se recrêa
 pues ambiciozo de la Lux que admira
 nó solo que arder, mas amorir aspira.

[13v]

69.

Acompañavan al Varon Supremo
 uzados Doris^{xxv}, Aristides^{xxvi}, Thebrand
 Leonido y Macendo, que en extremo
 com Fabio tuvo el Hado, deLeandro
 Fabio, quien oye el Ida, y justa el Hemo^{xxvii}
 Lux de Labisto, emvidid de Menandro.
 pues es quando ayre, y fuego enfugas topa
 Sinó Arion^{xxviii} del Azia, Orphea^{xxix} de Európa.

70.

Las Damas, que astiendo Respestavan
 la beldad de Filis, parecian
 Aquilas de los Rayos, que animavan

Humanos Soles, en que abrazarce vian
 En Lesbia^{xxx}, Silvia^{xxxi}, y Lidia^{xxxii} Sepasmavan
 los que en Narciza, y Laura no advertian,
 Pero llegando a cloriz el sentido
 delos más se quedava el Sentido arependido.

71.

Bien que diversaentodas La Belleza
 era entodas tan Vna /ó Suerte Hermoza/
 que sin Horror La más cortez fineza
 Vna por ótra amara decoroza;
 Tan jguales mostró Naturaleza
 Sus Luzes a la Vista más Curiosa,
 que Olvidár loque vió por loque via
 era Razon, y aggravio parecia.

[14]

72.

El Dioz tirano, que es nieto de laespuma
 Lince Vendado, y Basilisco Ciego²¹
 alma nó dexa atanto Harpon en suma,
 que holocausto en sus Aras no zága Luego;
 Manda, que el fuego abraze, y nó consuma,
 que pueda arder la nieve, y elarse el fuego,
 y raze contierno ardor, y dulce Susto,
 Vida el jncendio los meritos martirios gusto.

73.

Yâ Fabio a Lesbia, y Lidia a Leonildo
 Lauro a Narciza tiernamente adora
 Aristides de Laura tan prendido,

²¹ Referência a Cupido.

que aun de si mismo um bien tan alto jgnora;
 Thebandro en Clori absorto, avn que advertido
 más que Zephiro gime, y la enamora
 y Dorindo que en Silvia el almaprende
 porque pertende amar morir pertende.

74.

Con Demetrio ldon por ótra parte
 de aquella accion pratica lo eminente
 Micenis, y Euthimeo, de Minerva y Marte
 las materias discurren variamente;
 Con serio estilo gravemente el Arte
 de reynar, cadaqual sabio, y prudente
 Especula provando su eloquencia
 es niña la Razon Sin la experiencia.

[14v]

75.

Yá las mezas Seadornan, y modestos
 Báco, y Ceres las pueblan, y fecundan,
 y en variedadde gustoza los compuestos
 dequanto Habita el Ayre las jnundan,
 La Tierra los jguala en los opuestos
 Servicios del Ofir; y las abundan
 Pomona, y Palas, que Seostentangraves
 endulce copia, en Nectares Suaves.

76.

Anumeros Sonoros Lesbia bella
 blandos acentos dulcem.^{te} fia
 Mientras sobroza sedilara aquella
 Real pompa, explendida porfia:
 Sin exercio no ay sentido em ella

pues, deleyta en sugusto, y su Armonia,
beldad, Muzica, olor, platos, vestidos
al tacto, gusto, olfato, ojos, y oydos

77.

Arde amante en la beldade Augusta
Demofonte que el pecho y vista muere;
Suave incendio por los ojos gusta
dulces echizos por los oydos bebe;
yá no es lavista atanto Iman Robusta
yá nó es el alma atanto ardor de Nieve
pues dejuizio, y Rostro al vello Fausto,
Vna es elevacion, otra Holocausto.

[15]

78.

Fillis tambien que en amoroza Idea
tan bello Rostro em Demofonte Mira,
de supersona enlo galan se emplêa,
de su discurço en lo gentil se admira;
La Magestad con el amor pelêa
ala verguença el gusto se retira,
y en La guerra jnterior el pensamiento
sonda la resistencia el rendimiento.

79.

Pero su ardor de un'ancia en los Retiros
y deun dezeo, enseña entre la calma
que side amor son lenguas los suspiros
los Ojos son interpetres del alma;
[Avido] que un gustó á los suaves tiros
postran la libertad, Rinden laspalma,
pues quando más sus llamas se desmienten,

sobra al que nó dicen lo que sienten.

80.

Sólo e Ardenio que aspira al a Corona,
 y adora aFilis com ardiente affecto,
 Viendo el Amor, que el alma se apasiona
 Mudo se afflige, y si consume inquieto;
 Los ZeloZos estimulos, que abona
 palido el rostro enfrena su respecto,
 Mas bien muestran alientos que sepierden
 que el alma ardientes Aspides la Muerden.

[15v]

81.

Oh zelosa passion, ciega Homicida
 dela Razon, que entu volcan se encalma;
 daño adorado, offença apetecida
 de Amor Veneno, y que elos ojos calma;
 Noche del Cielo, Infierno dela Vida,
 aspid del gusto, y vibora del alma,
 Mortal hydropezia, pues seadvierte
 que aliméntas tu Vida, Centu muerte.

3.3 CANTO 2: LAS RUINAS

O segundo canto, composto de 64 estrofes, faz referência a algumas obras da tradição clássica, como a *Eneida*, de Virgílio, e a *Ilíada*, de Homero, ao descrever detalhadamente a guerra e a destruição de Troia.

Ao narrar a queda trágica de Troia, descrevendo-a com detalhes intensos e poéticos, o poeta aponta a devastação que se aproxima, comparando a noite silenciosa e o fogo consumindo Troia a uma morte inevitável. Em seguida, relata o ataque dos gregos usando o famoso Cavalo de Troia, quando as muralhas foram

rompidas e os soldados inimigos tomaram a cidade de surpresa, levando caos, violência e morte.

A partir de versos carregados de imagens, esse canto mostra o incêndio que consome a cidade, as batalhas ferozes e o sofrimento dos habitantes. Até templos e locais sagrados são devastados pela guerra. Destaca-se que a maioria das metáforas presentes nesse canto se referem ao caos, à destruição, à morte, à traição, sangue e crueldade.

Dessa forma, a confusão e o terror se espalham entre os troianos, que, perdidos, lutam desesperadamente, mas são massacrados pelos gregos. As mães fogem com seus filhos, os guerreiros caem, e a cidade inteira é envolta em chamas e caos.

O poema também destaca a fúria implacável de Pirro, o filho de Aquiles, que lidera o massacre com crueldade extrema. No meio da destruição, até os deuses abandonam Troia, e os templos sagrados são profanados. No fim, a cidade outrora grandiosa é reduzida a cinzas, e o poema reflete sobre a efemeridade da glória humana, ressaltando que, no final, até os maiores impérios e conquistas são derrotados pelo tempo e pelo destino e que a grandeza e o poder são frágeis diante da destruição e da mortalidade.



Canto Segundo.

Las Ruynas.

1.

Ya declinava el Phenix^{xxxiii} Luminozo
 las plumas para el nido del occazo;
 Y en pira de cristal murriendo hermoso
 Lava segunda vida el primero passo;
 Zephiro con cariño bulliciozo
 gemia entre las olas tierno, y lapso.
 por ver, que erebo hazia en sus errores
 Callar las aves, y morir las flores.

[16]

2.

Quando rogando a Demofon, que cuente
 del Troya^{xxxiv} la tragedia Lamentable,
 Filis a su Imperio dulce obediente
 se ostenta tudo en sujecion afable;
 Reedificando a Troya en lo eloquente
 el daño haze en su vox tan agradable,
 que quando a Troya en voraz fuego inunda,
 Su eternidad sobre su ruyna funda.

3.

Aora tu Melpomene^{xxxv} Divina
 que hazes contierno son dedulce canto
 los dulces ayres, que tu vox termina
 cadencias tristes de um suave canto;
 Ami humildad tu jnspiracion jnclnina²²

²² Provavelmente inclina.

pues si tu aliento meconduze atanto
 qual Muzico de Tracia^{xxxvi} haré atus señas
 [Deparar] las aguas, y mover las peñas.

4.

Callavan todos, y con atento Oydo
 del varon grande cada qual pendiente,
 quando jnclinando a Filis el sentido
 despues que miró a todos gravemente;
 Mandasme, ó Reyna, /dize/ que advertido
 Cuente el estrago de la Teucra^{xxxvii} gente,
 y aun que dizia esta accion oprobio es mio,
 Solo tugusto es Ley de mi alvedrio.

[16v]

5.

En la noche, que por sombras mudas
 tremula Lux de Resplandor pequeño
 rayos reverberando en pardas ludas
 hizo el silencio de las vidas dueño;
 Callava el ayre, y el mar, en las sañudas
 selvas, mal rezonava el blando sueño,
 que era Troya en lethargo obscuro y fuerte
 Theatro a las figuras d la Muerte.

6.

Quando el cavallo conque piza y doma
 Grecia del Azia la arogancia altiva,
 feroz inviste, rapido se asoma
 com esquadron de poca gente argiva;
 Laplaça occupa las murallas, toma,
 las puertas abre, y de las defenças priva
 a Troya, que en vn punto /oh cazo extraño!/
 passó del mayor gusto, al mayor daño.

7.

Viboras que en el parto a Troya el Manto
 Rasgan furiozas del materno Seno,
 no sembran impías, nó inficionan tanto
 de peste el campo, el ayre de veneno;
 Como horror ala tierra, al ayre espanto
 dando el parto fatal de furias lleno,
 inficiné, y sembro con daños fuertes
 de fangre el campo, la ciudad de Muertes.

[17]

8.

La confuzion, las armas, las violencias
 que obscuro el cielo, y ronco el ayre ayuda,
 contriste asombro, y funebres cadencias,
 deixan suspensa el alma, el ancia muda;
 Sordo el sentido, absortas las potencias,
 La vista imobil, las razon enduda,
 quando el mal, les a vida, que se acuerden
 en Babilonias^{xxxviii} de dolor se pierden.

9.

Mueren las guardias, que entre Sueño, y Vino
 Sepultadas yazian, donde en suna,
 Vomita cada qual del golpe altino
 el alma en buelva en sangrienta espuma;
 Primeiro que el dolor, su muerte Vino,
 porque sinque la vista el fin prezuma,
 rindo cada vno al duto amago
 el postrero aliento al primer estrago.

10.

Yá la grega gente aun por la orilla

del ponto Egeo en ondas searoj ava,
 y el valiente esquadron, que a Troyahumilla
 a nuestras fuerças supoder jnstava;
 Ya escalando la excelça maravilla
 del Ilion^{xxxix} que sin defença estava,
 Vimos que escuta la muerte en odio y furia
 jgualó com su daño, nuestra jnjuria

[17v]

11.

Y entrando por Troya; enque se atêa
 de mortifera llama jncendio obscuro,
 no ay honor, Templo, ó Caza, que Sevêa
 de aggraavio, robo, o jmpiedad seguro;
 Más que el valor, la atrocidad pelêa
 avnmás que el jnterez, el odio e oduro,
 que en el [mal] que Victorias intristece,
 Solo el morir felicidad parece.

12.

Julgandoce en las sombras jnimigo
 quanto setopa compassion seañuda
 muere el amigo amamos de su amigo
 ciego el contrario asu contrario ayuda;
 Halla piedade el que temió castigo,
 Siente la espada el que emplearladuda,
 y hasta el valor, quando escapar prezume,
 matanto muere, y ardiendo seconsume.

13.

Delos caballos el tropel furiozo
 delas trompetas, el clamor terrible,
 hunden la tierra con terror medrozo

hieren el ayre com espanto horrible;
 Huye el estruendo, el pecho mas briozo
 muere al espanto el sexo más sensible,
 siendo armas ya contra el valor Troyano
 Vnconfuzo terror, vu miedo insano.

[18]

14.

Ahumo espesso en lobrega teniebla
 la noche obscura confunestasombra,
 del negras llamas todo el ayre puebla
 de espantos tristes todo el mundo asombra;
 Sirve alos ojos el horror de Niebla
 cáhos el pavor las densidades nombra,
 y en eclipse confuzo, y furor ciego,
 laluz setiñe enhumo, ensangre el fuego.

15.

Nó ansi del Ethna^{xl} y del Vezuvio^{xli} corre
 raudalardiente de susphura llama,
 quando en oscuras nieblas / si discorre
 horenda el Austro/ por las selvas brama.
 Como en jncondios de Aquilon socorre
 Cresce el furor, y la crueldad sejnflama;
 parece Troya a cáhos reduzido,
 abrazado Vezuvio, Ethna jncendido.

16.

Rompe del fuego la violencia dura
 los sepulchros, las Vrnas funerales,
 y en sus cenizas tragicas se apura,
 /que avn nó scapó lo muerto, alos mortales;/
 Buela el jncendio y dela dy ventura,

nó de offender; deconsumir señales;
miren los que humanos glorias quieran,
que avn las cenizas, y sepulchros mueren.

[18v]

17.

Qual Huyendo el ardor, que el Viento aviva,
la muerte en mil cadenas le circunda,
qual Huyendo la espada vengativa
en abrazado Oceano se jnunda;

Qual despeñando al que subio a riba
le supulta en laCueva más profunda,
y en las crueldades, que las sombras curven,
al vivo entierran, al muerto ledescubren.

18.

Nó ansi ganado sin Pastor errante
se esparce, y vaza por el verde suelo,
quando agolpes sevê delgran Tonante
caher enfuego el ayre, en lluvia el ciello;
Como el pueblo de Troya aCada instante
a tonito en su laño, y en su recelo,
vagga assonbrado, viento en sus desmayos
Caer las muertes, y llover los rayos.

19.

Con los pimpollos tiernamente aziádos
corren las Madres quanto erraran antes,
y al ayre los cabellos esparzidos
las siguen bellas virgenes errantes;
Mas viendo yâ de amantes, y Maridos
La muerte atrox, los vultos palpitantes,
a la lhama, al espada, /oh dura suerte!

O' dan la vida, ó piden yâ la Muerte?

[19]

20.

Escala Pirro^{xlii} de Ilion los muros
 y con ótros, que intrepidos le jgualan,
 más que en su dicha en su valor seguros
 puertas, y almenas duram.^{-e} abalan;
 Dela fortuna belica alos duros
 golpes, en su esfuerço se señalan,
 donde se exprimentó sin duda alguna
 que haze más el valor, que lafortuna.

21.

Pero fué la defença tan constante
 que riguroso brio enriesgo ilustre,
 hizo algun tiempo en la palestra erante
 la suerte, que el valor sus iras frustre;
 De plomo, y pies cayendo a cada instante,
 y de betum morifero, y pelustre
 raudales pestilentes encendidos
 guerra hizieon al alma, y alos sentidos.

22.

De Hachas ardientes, y deherrados troncos
 la lluvia atrox, la selva aroj adiça,
 con lux mortal, y com crescidos ronc
 raios condensa, y arboles graniza;
 Baxan alfinos los peñascos broncos
 deciendo el fuego engolpes deceniza,
 en cuya offença y daño halla al denuedo
 Ciega la jntrepidez, herido el miedo.

[19v]

23.

Hermozos jaspes, candidas colunas,
 que doró el Sol, y argentó la Aurora,
 sieran adornos en prosperas fortunas
 despojos son devna offença Aora;
 Precipitados yâ con infortunadas
 iras, contra el rigos, que las desdora
 caen; sin ver, que en suerte tan jndigna,
 huyen con su ruyna asu ruyna.

24.

Mas bien, que en la defença se enfurece
 ó lo dezesperado, ó vengativo,
 quando el peligro a nuestras armas cresce
 sirvre el valor, al riesgo de jncentivo;
 Muertes atrojo Mando asi parece,
 que se arebata, el traço executivo.
 como sifuera en tan neutral Victoria
 la rabia honor, la furia van a gloria.

25.

El Sobervio Palavio yaze impelido
 de robusto furosr, dejra impaciente,
 tiembla el excelso muro estremecido,
 y precipicio en cada golpe siente;
 Conduro estrago el Ilion cahido
 anega el ayre en mar d epalto ardiente,
 y enfin, roto y pizado endura Guerra
 pobló d ehorror, lo que a ruynó de tierra.

[20]

26.

Nunca al horror fatal devn terremoto
 monte rodó del ayre alos abismos,
 que en grutas, seños y peñascos reto
 tantos al Orbe dieses parocismos;
 Y sepultando el valle, el campo, el soto
 al fin sehunde en sus estragos mismos,
 Como Ilion parece atanto estruendo
 Monte cahido enterremoto horrendo.

27.

Endañotal su asolación resulta
 que quando más la grecia Sublimada
 sevió; ternió quedár com muerte occulta
 de Troya en las ruynas sepultada;
 Tantos la altiva maquina sepulta
 con su desdicha por nuestro mal vengada,
 que en los affectos de su furia imensa
 lo que fué estrago, pareció defença

28.

Lobos hambrientos, Tigres sanguinozos
 al ganado esparcido, al pastor Lapso,
 en rota choça nó hazon rabiosos
 tanta muerte, y destroço aCadapasso:
 Como los que restamos venturozos
 oh Troya! deste horrendo, y duro cazo;
 Siendo entu sangreporque más peligros
 hambrientos Lobos, sanguinozos Tigres.

[20v]

29.

En arroyos despurpura caliente

Los disformes cadaveres cahian,
 y en sangre, gritos, y armas tristem.^{te}
 nadar, ferir, y estremecer seavian:
 Regozijace el odio, el valor siente
 ver, que avn las cenizas y a nó ardian,
 Siendo al honor, y la Razon injuria
 Lavar la offença, y no extinguir lafuria.

30.

Peña, que delos montes se dezata,
 Trueno que las espheras en surgece,
 torrente que los montes arebata,
 tempestad que los Orbes estremece;
 Menos arranca, anega, atruena, y mata,
 quando cahe, suena, corre, y se embravece,
 que Pirro, pues excede en sus crueldades
 Peña, trueño, torrente, y tempestades.

31.

Matando, hiriendo, sin cessar se arojan
 el valor, y la yra alo más fuerte,
 y el de ferir, se ella dematar, se anojan,
 pues los objectos Lequita yâ La Muerte;
 Que como son las vidas que despójan
 tantos, y tanto sangre el furor vierte
 enpoco espacio detiempo, en breves puntos
 Layra, y el valor no tuvo assumptos.

[21]

32.

Topance sangre, y fuego, y quando quieren
 Vno vorax, y ótro curel tragance,
 beve el fuego la sangre a los que mueren,

y arde la sangre en fuego por vengarte;
 Con odio tal reciprocos se bieren
 que si el ahoga a Troya ella a ahogarse
 con sangre apaga el fuego; y desta suerte
 Lo que en vida nó pudo, otra en la muerte.

33.

Enfin Grecia de ayrada, y furibunda
 Con odio atroz, y con mortal vengança
 la infausta Troya entanto fuego inunda,
 que avn la Rabia la piedad alcança,
 Pue la Ruyna al Azia tan profunda,
 que de su gloria en la fatal mudança
 custó sin serimonia el triste espanto,
 Lastima al odio, ala vengança llanto.

34.

Demán los Diones como Gloria Vana
 Los templos, y huyen más en tanta guerra
 al sacrilego horror que las profana
 Q a la dura impiedad que los destierra;
 Mas se vna offensa evitan inhumana
 avn otra mayor sufuga encierra,
 pues se jusan en Leis el desnudo
 por mayor injuria, que el agravio, el miedo.

[21v]

35.

Gloriosa lagran Juno^{xliii} alegre Palas
 tanto de aquella injuria se contentan,
 que el horror de las etheas salas
 de nuestras armas el furor aumentan;
 Despertó el sueño las nocturnas galas

y con tal pompa su hermosura ostentan
 Q el minos Paris^{xliv} pienso si las Viera
 dudara qual entonces preferiera.

36.

Destrançadas al viento las madexas
 aque el sol rayos pide, el Alvo aSiñor
 dexo Venus suThalamo, y sus queexas
 per las dieran al Alva, al Sol cariños
 Menos el Sol pro nacaradas Rexas
 bello se asoma, que entra los ¶armiños
 Labeldad bruxulea, y la blancura
 que solo eclipse oh Filis tu hermosura.

37.

Delos bosques Idalios la espessura
 atronada con gritos y clamores,
 por cada hora que vn gemido apura
 Su daño exprime, y muestra sus dolores,
 Los verdes troncos, que la noche obscura
 Suspenços tiene en tremulos horrores,
 para el estrago fatal, y incendios graves
 nó cantan, exequias piden alas aves.

[22]

38.

El xanto turbado, que al jncendia Huya
 con ronca vox, y lugubres querellas,
 em lagrimas des Hecho parecia
 Vn Mar de llanto, engolfo de tenieblas;
 Ansi triste parava ansi corria,
 dezaliñando sus arenas bellas,
 que Hizo al afuria de sus tiernas magoas

Hollas las peñas, y gemir las fragoas.

39.

Vibora Vndoza, y Rapido Serpiente
 torciendoce entre Lilijs, y Retamas,
 Solocitó del Simóes^{xlv} la corriente
 beber el fuego, que asaltó las Ramas.
 Mas brevemente el Occean ardiente.
 Vorax diluvio Letragóo las llamas,
 cuyo furor condesperdicios tales
 Troncos arebartó sorvió Cristales.

40.

Qual Suele el Sol en estacion estiva
 chupar las fuentes, y agotar las flores,
 Sinque a Hallagos dela Beldad nativa,
 Q su ardor Lastime, ablande sus rigores
 Tal del fuego al a furia executiva
 secó el crystal, y adestos los verdores,
 espira, muerte, que iendo en sus enojos,
 tragedia al campo, y lastima allos ojos.

[22v]

41.

Ancias, gemidos, lastimas soluços
 de Dardania^{xlvi} dezierta ultimos laços
 eran yâ de la muerte Horrendos troços
 y de la vida mizeros pedaços;
 Quando rasgando el Alva los emboços
 de la noche funesta en breves passos
 mostró llozoza, y descubrió sentida
 Grecia vengada, y Troya destruyda.

42.

Violados ya sus privilegios, yaze
 de Solicena La Beldad defunta,
 Como lilio troncado quando nasce
 que pompa, estrago, vida, y muerte junta;
 Oh barbara vengança a quien aplace
 tu acción! si um hierro lo que hizisteapunta;
 y es solo quien ministra esos enojos
 rabia sin razon, jra sin ojos.

43.

Eneas^{xlvii} huye, Elhey de Azia muere
 Cassandra^{xlviii} llora, y si enfurece Hecuba^{xlix},
 Elena^l vuelve a Menelau^{li}, y el quiere
 segunda vez, que al Regio Trono suba;
 Flexa mortal al gran Achilles^{lii} Hiere,
 por que en las Señas de la Ronca tuba
 en funeral triunfo, em Pompa triste
 muestre los males en que vn bien conciste.

[23]

44.

Menos al Cielo Horror, lastima al Prado
 funesto jnflue, quexas solicita,
 sol, que en su oriente amaneció eclipsado,
 flor, que en su Aurora agonizó marchita;
 Que este Sol entre eclipses desmayado,
 que esta flor que sus hojas precepta,
 pues viste em mayor sombra em más terneza
 de luto el Cielo, el Prado de tristeza.

45.

Más que endes Lustros, em la edad de vnhora

Troya así yase, y muere en sus engaños;
 Oh! quanto y erra el que gracero ignora,
 que más de un Hora han menster los daños!
 Sien el creer, que la ignorancia adora
 La razón estudiara por los años
 Oh quanto más, que el fausto, y el luzimiento
 fuera felicidad el escarmiento.

46.

Troya mísera en humo desatada
 a Caos de sombras redunda Luego,
 en muertes, y incendios soñabrada
 Se anega en sangre, y se consume en fuego,
 Su altivez de los hados castigada
 de sus Penates no admitido el Ruego,
 quedó, glorias pagando antojadizas
 Río de Sangre, en margen de Cenizas.

[23v]

47.

Sobre tumulos tristes humilhados,
 y azen broncos cadaveres los muros,
 que de torres un tiempo coronados,
 seprezumieron de la edad seguros;
 Sus vestigios informes y asombrados
 mudo horror a los siglos dan futuros,
 pues ya desnudos hasta de vna yedra
 moran vna Ruyna encada piedra.

48.

El Ilion, que al globo de la Luna
 subió a coronar su altivez vfana,
 teatro es donde muestra la fortuna
 La vanidad de la grandeza humana:
 Sin quedar de sus piedras seña alguna

Ya tan humildes la soberbia a llana,
que apenas la memoria, y la tristeza
por su estrago conocen su grandeza.

49.

Los edificios Doricos^{liii}, que fueran
des vélo yâ de artifice perito
si a tantas muertes nó eran tumbas, eran
materia poca al marcial confflito;
Quando exaltar su Magestad quizieran
de su materia el valor inffinito,
a tempestad degritos ven entonces,
caher los cedros, y morir los bronzes.

[24]

50.

Las Estatuas, los vultos decorozos
a que se dava adoracion Divina,
bezando el Ciel cahen lastimozos
en su desprecio avn mas que en su Ruyna;
Que nó Haron pues los Hados rigorozos
de la humana fortuna que declina!
Si vemos que en aggravio tan jndigno
nó escapa de lofragil lo divino.

51.

Enfin Troya en cenizas dezarada
queda, mas de su mal tanprezumida,
que en su proprio estrago eternizada
Phenix vive en sus llamas Renascida;
El fuego, el Humo, la Ceniza el nada,
gloria fue asu exaltacion calida,
pues Hizo en su Ruyna aquella gloria,

Trompa asua Fama, y Templo asu memoria.

52.

Troya rendida enfin, Grecia triunfante
 erigindo tropheos asus despojos,
 de Elena el pecho, y la Beldad amante
 quitó el temor, des hizo los enojos,
 Y occupando la armada, que arogante
 era triumpho el amor, floria a los ojos,
 Confausto hermoso, y con sobervia frente
 Cortó la espuma del azul tridente.

[24v]

53.

El belico clarin, la ayrada trompa
 Suenan festivos com veloces vayas,
 que al alma encubren com alegre pompa
 quantos tu, ol Appolo, escollos rayas;
 No ay quien saudozo el golfo yâ nó rompa
 apartandoce de las hermosas playas,
 porque haziendoce Patria entantos años
 dexan ya saudad los mismos daños.

54.

Menos velox lagarça, que se zela
 bate los fugetivos martinetes,
 que por las ondas nuestra armadabuela
 flamulas tremolando, y galhardetes;
 El ciego viento delajinchada vêla
 brevemente arebata los trinquetes,
 y razon por ayre, y már leños, y galas
 las velas plumas, y los remos álas.

55.

Yó yá del már que en plata lizonjera
 bella se engasta, Tenedor semira
 ceca de Troya, donde asu ribera
 decontinente sehurta, ó se retira;
 En la florida, y dulce Primavera
 su eterno Abril, los dulces campos cósa,
 que avn quando el Sol, el tan celeste enviste
 calca cristales, y esmeraldas vistre.

[25]

56.

Aqui d Atreu^{liv} los Hijos soberanos
 dan fundo en las bovedas sombrías.
 del bosque, passan en deleytes vanos
 las dulces noches, los alegres dias;
 desu fortuna, y su victoria ufanos
 tantos Hazen aplauzos, y alegrías,
 que en regozigo parecio tan justo
 quazi mayor, que la fortuna, el gusto.

57.

Juntos pues los Principes de Grecia
 adisponer su vuelta, y sus intentos
 de las acciones, que el valor mas precia
 sé alternan alparabien contentos;
 Ordenan la partida, y tanto aprecia
 cadaqual ver la Patria, que alos vientos
 fiandoce ótra vez, dan su mudança
 al mar la Vida, al viento la Esperança.

58.

Cada Baxel sus Remoras tenaces

vndozo lleva, y prospero recoge
 y los troncos moviendo más capaces
 tremulo el pãno al Zephiro descoge;
 Parece el mar despuestas las vorazes
 jras, selvas de troncos, donde encoge
 Las crespas ondas, ala sobervia espuma
 porque de selva, y nó de mar prezuma.

[25v]

59.

Ya se apartava de arboles, y arenas
 el bosque errante, que las ondas nada,
 quando em nautico estilo en los entenas
 su despedida alterna cada armada;
 Mis baxeles aparto para A Thenas,
 y inclinando velox laproa errada,
 Hajo del Remo alos volantes giros
 Ricar crystales, y argentar Zaphiros.

60.

Mas como el Mar girox el viento insano
 de tanpoca altivez seoffenden mucho,
 confuerça tal me encuentran, que ya en vano
 fatigo el viento, y conlas ondas lucho;
 De suerte este furiozo, aquel tirano
 burlan del arte; que al Piloto escucho,
 que quanto adquiere el Remo, obra el aliento
 Le vzurpa el mar, y le arebata el viento.

61.

Las ondas con el viento enfurecidas
 con tal braveza jndomitos se oponen,
 Q del mar las estrellas ya servidas

temen que en su furor se desmoronen;
 Defunto el Sol, Las Sombras tan crescidas
 Funesto luto a todo el ayre ponen,
 que en las tenieblas d su horror confuzo,
 perdió La vista, y la razon el Vzo

[26]

62.

El leño errante, que sin Luz media
 La confuzion del Liquido dezierto,
 olas, y estrellas en vn punto vnía
 gemiendo fragil, naufragando incierto;
 Y sin creer el Splendor del día
 Sin ya esperar La inmunidade del puerto,
 Veya en mil [] teniar en su desvio
 La noche eterna, y todo el mar vacio.

63.

Mas y a el Luzero, que La noche arruga
 muestra /(Rasgando el tenebrozo velo
 que la espoza de Triton^{lv} madruga
 menos ferox el mar, mas claro el cielo;
 Desfaziendo el sol que al jo fares enjuga
 compañías de Zaphir, montes de yelo,
 dexo asu Luz, su Hallajo, y su alegria
 quedo el mar, manso el viento Hermozo el día.

64.

Apenas pues del el Boreas^{lvi} impelida
 La Nave, vió del Rodope Lacumbre,
 quando de olas, y arenas Resurgida
 Miente alegre La Antique pezadumbre;
 Ya vuestro affecto, y playas conduzida

de Aura dulce, y tierna mansedumbre
 En su Hospitalidad, en su bonança
 Halló mayor el bien, que la esperança.

Fim.

3.4 CANTO 3: LOS AFFECTOS

O canto terceiro - "Los Affectos", que possui 87 estrofes, explora as emoções profundas e intensas ligadas ao amor não correspondido, ao sofrimento da ausência e à luta entre razão e desejo. Filis e Demofonte, as personagens centrais, estão presas em um ciclo de angústia, saudade, incerteza e paixão. O amor, retratado como uma força cega e avassaladora, consome tanto a alma quanto o corpo, conduzindo os amantes ao tormento emocional. A mitologia e as metáforas reforçam a intensidade das emoções, conferindo ao poema uma atmosfera rica e dramática.

Antônio da Fonseca Soares cita, por várias vezes, a figura do Cupido (lo vendado, del ciego Dios, adorado engano etc.) para especificar que ele faz várias vítimas com suas flechadas, colocando-as para dialogar com Filis. Para isso, retoma várias personagens femininas da mitologia grega que foram vítimas do Deus vendado trazendo histórias trágicas de amor.

Ao descrever os efeitos do amor e suas nuances, o poeta coloca o amor como uma força prazerosa e ao mesmo tempo dolorosa, levando os amantes a experimentarem sentimentos contraditórios. Filis, Demofonte e outros personagens, como Ardenio e Cloris, enfrentam dilemas amorosos e discutem sobre a verdadeira natureza do amor e o que significa amar sem a esperança de reciprocidade.

Deste modo, os personagens se mostram divididos entre a alegria de amar e o medo da rejeição. Ao longo das estrofes, há reflexões filosóficas sobre a importância da esperança no amor e se é possível amar sem esperar nada em troca. As descrições líricas destacam a complexidade das emoções humanas diante do desejo e da beleza, trazendo à tona a dualidade do amor: fonte de felicidade, mas também fonte de dor.

Assim sendo, o cenário do poema se desloca para um encontro em um jardim luxuriante, onde a natureza exuberante reflete os sentimentos internos dos

personagens. Filis se destaca por sua beleza e graça, sendo descrita como o centro das atenções entre flores, árvores e aves. Ao mesmo tempo, Ardenio e Cloris lutam com suas emoções internas, especialmente o ciúme e os desejos não correspondidos. A descrição do ambiente é idílica, mas, por trás da beleza, há uma tensão emocional crescente.

Quando Demofonte chega ao jardim é recebido com aplausos e honrarias, no entanto, essa recepção esconde um tumulto emocional, especialmente para Ardenio, que, apesar das celebrações, não consegue disfarçar sua angústia (no canto primeiro, vemos que Ardenio é apaixonado por Filis). O amor é retratado como uma força contraditória — ora é fonte de alegria, ora é fonte de sofrimento.

Percebemos ao longo do canto, que desejo é incessante, nunca se apagando completamente, mesmo quando os amantes alcançam aquilo que desejam. Filis, em particular, luta com a intensidade de seus sentimentos, oscilando entre o prazer e a dor.

A seção final do poema traz uma reflexão filosófica sobre a natureza do amor e do desejo. O desejo humano é visto como algo eterno e inacabado, pois, mesmo quando o amor é correspondido, o desejo nunca se extingue por completo, criando um ciclo contínuo de querer e possuir, e ao mesmo tempo, destacando a insatisfação inerente à experiência amorosa. O amor puro, segundo o poema, transcende a esperança, mas o desejo, por sua natureza, sempre busca satisfação.

O trecho termina com uma reflexão melancólica sobre o amor, como uma força que, mesmo quando consumada, não oferece a completude que os amantes buscam. Exemplo disso, é o próprio Demofonte, que apesar de ter recebido a coroa da vitória – o amor de Filis - ele percebe que a conquista não traz a satisfação plena que o amor promete.



[26v]

Canto 3º

Los affectoss

1.

Las Colgaduras de la negra noche

Cinthia^{lvi} con lux rayava intercadente,
 haziendo agyros del brillante coche,
 que en su esplendor la obscuridad se argente:

Porque el Argos^{lviii} nocturno, al cielo abroche

Los Ojos con las nubes lentamente,
 riendo erebro las a las cuyo bucho;
 deixó absorta la tierra, y mudo al Cielo.

2.

Ya la atencion, la lastima, y el espanto
 callando el Varon grande convidavan,
 al escarmiento, a lapiedad, y al llanto,
 em estrago, y muertes que escuchavam;
 Discursivo suspenço, immobil tanto
 Ciego el sentido, y el pensamiento estava
 encadaqual, que el pasme, y el sentimiento
 Lo cuerdo a rebato! Vencio lo atento.

[27]

3.

No ansi vista horrenda de Meduza^{lix},
 cuya cabeça enviboras se enbuelve
 dexando el alma y la razon confuza
 Las que hombres admiro, marmoles buelve;
 Como al espanto elada, y circunfuza
 las suspencion que em pasmo se revuelve,
 haze alos circunstantes más prudentes
 yertas statuas, marmoles vivientes.

4.

Filis por mas que sus estragos siente
 quando ala historia elpensamiento aplica,
 si com la vista, el coraçon desmiente,
 con el recato el Coraçon publica;
 Vence el Amor lo que el cuidado miente,
 y tanto el alma en ancias comunica,
 que en la passion que dissimula, y calla
 solo és dezirta, hazer por recatarlla.

5.

Del Alma vn jnterior dezasociego
 del coraçon vn suspirar callado,
 quando respiran más occulto fuego
 mas encendido enseñan el cuidado;
 Su ardor la vista bruxulêa, y luego
 la Magestad el pecho ostenta elado
 qual Mongibel^{lx} que a todo el que leadula
 La nieve expone, el fuego dissimula.

[27v]

6.

Enfin dando la vida alas Saudades
 llamados al repoZo enbreve auzencia.
 pierden de tanto bien las suavidades,
 destinan elgusto ala prezencia;
 No hallan division las voluntades
 bien a los Ojos salve la asistencia,
 porque las almas de vn amor azidas
 entran com las distancia mas unidas.

7.

Filis avnquarto, que el Ofir adorna
 buelve, y junto al lecho, aque seacuesta,
 quien al huesped aplaude, lasoborna
 quien no abala susprendas, la molesta;
 Si vna exalta, a repetilas torna,
 Si otras escuelcha, el gusto manifesta
 tanto que en su alegria, y su enojos,
 sede decifra el alma por los ojos.

8.

Señora - dize Arminda - cuyos años

y prendas, son de Filis valimiento
 nó sé que tiene amor con los ermaños
 que loca yâ por Demophon, me Siento;
 Aquel dizir, y suavizar los daños?
 aquel hechizo de su blando aliento?
 nó sé que tiene, enfin, que hazen pudiera
 fuego la nieve, y las peñascos cera?

[28]

9.

Gusto de Oyr, que espudo el Niño ciego
 Fillis responde, - (con harpon tan vivo
 herir - y Arminda buelvê - amor es fuego,
 y espara las rezistencia mas detivo;
 Guien asus llamas puede hurtance luego
 Si intriduce Su ardor hasta en lo esquivo;
 Oh ciego Dios²³, que un mundo tiranizas,
 que haran las [asecas], si arden las cenizas.

10.

Laura alo fino, y Lesbia a lo galante
 hazenfiesta al donayre con la riza,
 mientras Lizida duerme, y Clori^{xi} amante
 de Ardenio, espina, d vnos zelos piza:
 Sylvia yamas y Cloris, el semblante
 alteran, y condesden Narciza
 burla sobervia, y rie desdeñoza,
 devnos por livre, de otros por hermoza.

11.

Arminda, que Las oye, y Las pondera
 Condonaire cortez las mira, y dize:

²³ Refere-se ao Deus cupido.

que Deydad, Hombre, ó peña, Arbol, o fiera
 del Ciego Dios las fuerças contradize;
 No ay clima, ó culto, ó superior, esphera
 que sus Aras no adore, ó solemnize,
 pues vn amago suyo, avnbreve antojo,
 ynos triumpho son, otros despojo.

[28v]

12.

Precioda deser nieve atanto fuego
 dize Narciza condiscreto aliño=
 Si Amor es ciego, que a desbrar un Ciego?
 Si amor es niño, que ha de obrar un niño?
 Abuen piloto, a buen gigante Luego
 La nao del alma, el duelo del carinho
 [Fiais] si pues lo errado nó os convence
 que obraís? Si un ciego os guía un Niño os vence.

13.

Parece Niño amor, Ciego parece
 responde Arminda - en su violencia muda,
 mas Si oval Lince vé quanto apetece,
 pizar Olimpos, qual Tiphon no duda;
 No ansi centella occulta incendios cresce
 Como el la vista en lo vendado ayuda
 ni en el Zenith^{lxii} tan breve el Sol semira
 Como en su Niñez, alto amor seadmira.

14.

Si es Niño, y Ciego amor, Laura prosigue
 Será, porque en las ancias, que suspira,
 Como Ciego que nó acierta, atodos sigue
 como Niño aptece quando mira;

No ay miedo, que un dezeo le mesigue,
 no ay riesgo que le asombre en los aspira,
 y hasta que en logros de su bien Sesienta,
 Ciego sepierde, y Niño se lamenta.

[29]

15.

Y Silvia - es el amor segun yo Creo -
 Rey tan supremo, y Dios tan poderozo,
 que vn Mundo es miñeria asu dezeo,
 que vn Cielo es centro breve asu repozo:
 No ciego mas vendado al vil Recreo
 la vista niega, y como decorozo
 en las almas se emplea, haziendo en calma
 las vendas de lasvista, ojos del alma.

16.

Si desnudo seostenta, es porque queire
 desnuda de ambicion las voluntades,
 que no es razon que mayor bien seespere,
 que adorar puramente las Deydades:
 No és possible que logre, y que venere
 el alma vna Beldad, y las Beldades
 perdiendo posseidas lo adoradas
 Astros cahidos son, flores pintadas.

17.

Si amor - Lesbia Responde - no aspirâra
 al logro del objecto que venera
 para que com tanto esplendor cegara?
 a que fin tanto caños batera?
 Velox no tanto su Imaginacion volâra
 no tan ardiente sin el dezeo fuera,

y con passo mas torpe, ardor callado
tropeçara Ciego, y se encogera elado.

[29v]

18.

Si siendo niño, amor, no demudara
la gala, que asu empleo estovo fuera,
fuera cierto, que aplumas nó fiara
dezeos, cuyas ancias nó sentiera;
Niera possible, que vn sogeto amara
gloria, que avn mismo tiempo nó quiziera
porque anhelando vn bien tan apacible
amarle, y nó quererle era impossible.

19.

A Fillis dixo, Arminda, estas questionnes
vuestro juizio es justo, que decida,
y ella - no bien los libres coraçones
pueden jugar devn ancia nó entendida;
Sea antes Demophon d essas razones
oraculo, y respuesta selepida,
vereis Si tiene amor, y sabreis luego
Si es ozádo, ó Cortex, ó Lince, ó ciego.

20.

Oh si la Magestad, y amor pudiera
Vnirse! / Arminda exclama, quando holgara
que vn laço aqui en el tiempo nó rompera
avuestra Beldad, y su amor sea tara;
Quien mas dichoza la imbidia viera?
guien mas galan señora os agradara!
si entanto acierto hizien la ventura
cuerdo el valor, felice la hermosura.

21.

Aun no aspido consejo – le responde
 Filis – que el sol nó pide alas estrelas
 Lux, ó resplendor, ni ay meritos donde
 emplee el desperdicio de mis huellas;
 Que mal amor, y envano el fin esconde.
 cuidado dissimula las centellas,
 pues hazy sidel pecho al rastro subes
 Los haze el Sol; quando lecercan Nubes.

22.

Lasolidade alivio no pequeño.
 delos tristes amantes, la retira
 desus Damas, y más del alma dueño
 queda el amor, y incendios mil respira;
 mas arde em vn volcan tan halagueño,
 y con tan dulces lagrimas suspira,
 que alfin lesirven con suave engaño
 de alanto el ancia, y de alivio el daño.

23.

Cuenta²⁴ el dezeo al alma sus historias.
 y avn, que el honor renueva sus peleas,
 solo quiere vivir con sus memorias,
 solo gusta dehablar com sus jdeas;
 Sintale amor mui liberal sus glorias,
 oh quanto, amor lastimas y recreas!
 y en las dulcuras de su inquieta Calma
 muere ambicioza de supena al alma.

²⁴ Início da narração.

24.

Luego al mar de sus lagrimas se entrega
 por el decoro jngrato, en que seoculta,
 escollo és al honor, quanto navega
 tabla és al amor, quanto consulta:
 el rostro endós oceanos seanega,
 el gusto en muchas cirtes sesepulta,
 y soçobrada en temporal incierto,
 nibusca elgolfo, ni se acoje alpuerto.

25.

La tarda Noche acuzas de prolixa
 pues le estorba entenieblas el deleyte,
 y el Sol dezea, que su Imperio Rija,
 porque en la vista el alma sedeleite:
 Dizele la Beldad que no se afflija
 que el espejo consulte, el rostro enfeite,
 y estudiando hermosuras al aseo
 vela el amor, fatigace el dezeo.

26.

Passou la noche de su auzencia triste
 jnquierto Demophon, y acadapasso
 a Fillis en luzes de su jdea asiste,
 que amor no tiene en la memoria occazo:
 Si traz el Ayre que afigura, y viste
 Su Imagen, corre: oh amorozo cazo!
 al ayre abraça, y condolor estraño
 lomas que siente es conocer su engaño.

27.²⁵

Tantas, Si al [Lalho] ocupa, armas letocan
 los objectos, que el alma le afigura
 que es campo enque abatallas leprovocan
 las fuerças devn amor, y vna hermosura;
 Ningun socorro en su devença jnvocan
 la Libertad, y La Razon más dura,
 que Hazen deAmor sus pensamientos págos
 Victoria el mal, triumphos, los estrágos.

28.

Perlas, lastimada yâ La Aurora^{lxiii}
 llorava, quando alegre se Reya^{lxiv}
 del sol, quepor las margenes, que dóra
 su vergonçozo Rozicler seguéia;
 De alada multitud, salva canora
 Lizongeava al Principe del dia,
 y elcielo contra horrores que affrentava
 de Tela, oró, y nacar, se adornava.

29.²⁶

Quando Vzurpandoce algusto, enque suspira
 entre hermosas pinturas se divierte
 donde hurtada del Arte ala mentira
 Naturezaleza sus milagros vierte;
 Tan vivo el hurto a quien le mira, admira,
 que vltrajada la vista en lo que advierte,
 piensa que tienen antan dulce calma
 voces las tintas, y las sombras alma.

[31v]

²⁵ Possibilidade de mudança de punho e pena.

²⁶ Essa estrofe traz princípio Horaciano.

30.

Desnuda de vna fuente alos Raudales
 la Deydad de los montes, parecia
 denso cristâl, que en liquidos cristales
 ablanda nieve jntenso dulce Vnia;
 Lascivo aljofar con caricias tales
 por las bellas colunas resurgia
 que altierno son, al bulliciozo susto
 tuvo oydos lavista ancias el gusto.

31.

Afligida entre aljofares, y espumas,
 del ciego Amor de vn satiro lascivo
 seringa al viento sus doradas plumas
 su elra, paxaro en vano fugetivo;
 Pero gritando alas Deydades Sumas
 de agonizada accion, concepto Vivo
 mostró que su belleza admirar pudo
 avn mas, que con lascivo, con lo mudo.

32.

Gemiendo Alfêo^{lxv} em margenes, y arenas
 abrazado en la mieve de Aretuza^{lxvi}
 tiernas le [echava] de cristal cadenas,
 que ella casta forceja, ayrada a acuza;
 El quiere englorias convertir sus pennas
 ella bien que unas cauza, otras rehuza,
 mas sin poder livrarla su desvio
 fuente murmura la ambiciosa del Rio.

[32]

33.

Traz Daphne^{lxvii} Appolo aljofarando flores,

la luz fatiga el Zephiro atropella,
 Sin pizar quando sigue sus rigores,
 del fugetivo pié laplanta bella;
 Mas bien que el alma vnida en sus ardores
 quanto ella huye más, mäs vâ con ella;
 muestra en sus lexos elfavor, que niega,
 que más se aparta quanto más se nega.

34.

Pero mediendo acazo conlos ojos
 en otros rasque lo que amor encanta,
 vê como el oro vence sin enojos
 a Danae^{lxviii} en lluvia, enpomos a Atlanta^{lxix};
 Si deste Iman Ilustre son despojos
 deze tanta Beldad, clauzura tanta!
 Midas^{lxx} será mi amor, mas donde buelo,
 Si espoço un mundo para dár avn Cielo.

35.

Buelve los ojos Luego al Hurto Hermozo
 de Paris, donde entranzito suave,
 parece el leño, enque la llevó dichozo
 Delfin del Viento, y de las ondas ave;
 En las playas de Creta^{lxxi} el animozo
 ladron deEuropa, que agradarle sabe
 templava en bella forma, endulce Ruego
 con delicias de nieve, ondas d fuego.

[32v]

36.

En Thalamo²⁷ de Bozas²⁸, y alellies

²⁷ Leito nupcial

²⁸ Lençóis

dormido el gusto, y desmayado el pecho
 chupa a Venus las Ojas carmezie
 Adonis, todo en nectares des Hecho:
 Ella encopa de perlas, y Rubies
 le bebe el alva, en nudo mas estrecho,
 suave aprieta, y congustosa calma,
 deixa vna Vida, quando lleva vn alma.

37.

Adura roza Andromeda^{lxxii} ligada
 expuesta al mar, desnuda alas arenas;
 dava en liquidas piernas de zata
 ya gusto, ya tormento a sus cadenas;
 Bella ansi la porpocion nevada
 animó sus hermosas asucenas,
 que con ancias del Amor nó pocas
 Arder las playas, y llorar las rocas.

38.

En las bellezas, que sin alma via,
 en las delicias, que sin gusto hallava,
 cada objecto un dezeo le ascendia,
 cada sombra vn objecto se apurava.
 En llamas pues de Amor las Idêa ardia
 la vista amantes de su amor se elava,
 y en lagrimas, y ardores, frio, y calma,
 eran los ojos mar, ceniza el alma.

[33]

39.

Mas corriendo un Cendal que Verde nube
 al sol de Fillis era copias breve

Si Aguila^{lxxiii} aver sus resplendores sube,
 sus llamas dulces, Salamandralxxiv leve;
 Como en otros objetos me entretuve
 dize - adorado engaño, a quien sedebe
 toda el alma en cuidados, callo, y ciego
 paró; bezole el pie, y proseguir luego.

40.

Divinacopia, cuyas luzes bellas,
 del mismo sol Eclipses sonbrillhantes,
 Hurto Hermozo a quien deven las estrellas
 avn mas suluz que a quien Lahurtavan antes;
 Luziente occazo de aquel sol, de aquellas
 luzes, que aun en lo mentido son radiantes,
 hermosuras de lajdêa nó jgualada
 mudaVerdad, mentira jdolatrada.

41.

Como sinó meveis, me estáis mirando?
 Como sin meescuchar, meestais Oyendo?
 veis me haste en lo ciego, y nó sé quando.
 Hablais me avn con lo mudo, y no osentiendo;
 Tengoos en mi dezos, y no os ablando
 Con vuestra nieve estoy, y nó me jnciendo,
 Como esposible pues, sino os obligo,
 que tan auzente esteis, si esteis comigo?

[33v]

42.

Para cegarme ay luzes en lo Ciego?
 para eclipsarme ay voces en lo mudo?
 para encenderme en essa nieve ay fuego?
 y armas ay para herirme en lo desnudo?

Solo el dolor, laquexa, el ancia, el Ruego.
 no halla favor, remedio, alivio, escudo?
 nó ay vista, noz, hallagos, y piedades
 y ay lux jncendio, eclipses, y crueldades?

43.

Mas ay como tendreis ójos, ni oydos
 que tiernos miren, y oygan mi lamento
 si ciega al llanto, y sorda a los gemidos,
 aspid osjusgo, y Bazilisco^{lxxv} os siento:
 Sin ver sois miente Hermoza alos sentidos;
 sin oyr burla grave ami tormento,
 para q, sienta aun mas, ver que al postrarme
 matais sin verme, huis sin escuicharme.

44.

Cielo os contempla, y bronze os afigura.
 el alma en la humozura, y ladureza,
 mas quando vn cielo admira, vn bronze apura.
 guies donde vnbien aspira, undaño empieça,
 Lo inexorable agravia la hermozura,
 quando lo atrox suviza labelleza,
 y al fin miraos laféé, temos el susto,
 Cielo ami admiracion, bronze ami gusto.

[34]

45.

Pero basta el dolor, cese el cuidado,
 que quando [Osmirostade] el mal seadexa,
 pues no sabe o desmiente lo atinado
 quien d sentir en tanto bien sequexa,
 No adorar mas fatigue lo adorado
 dexa el dolor quiendequerer nodexa,

que por cauza tan grande, ardor tan justo,
 amar es gloria, y padecer es gusto.

46.

Ansi del alma tierna las passiones
 expressava el affecto ansi engañava
 las horas, sin que endulce j luziones
 Sentiese el tiempo, que el amor lehurtava;
 Quando despues que el sol de los Balcones
 del Zenith blandamente seauzentava,
 fué llamado aljardin donde le espera
 entrage hum ano de sol, la primavera.

47.

El color de la gala que renueva
 el Abril en los campos viste, y fia
 ala esperança, que en cuidados praeba
 porque supo que Fillis lavestia;
 La guarnicion que de Diamante lleva,
 brillante el sol a Rayos dezafia,
 y haze moviento grave sus plumages
 invidias al Abril, al Sol Ultrages.

[34v]

48.

Llegó al jardin donde Favanio^{lxxvi}, yFlora^{lxxvii}
 tantas dilicias varias esparcieron,
 que en las huertas dechipre el Alva jgnora
 Flores que alli sus lagrimas bevieron;
 Quantas [Pancay asuda], e Arabia llora
 fragrancias sus aromas excedieron
 pues vestian sus copias superiores
 per las de olor; en pielago de flores

49.

Cruzando por Sus quadros Los azeyos.
 que alegres tocan las nevadas gygas
 Liras eran de plata encuyos ojos
 Eran los verdes arboles clavijas:
 Ramilletes depluma en los apoyos
 de aves fragrantas de la Aurora hijas
 davan condulce salva, y bello ornato,
 gusto al oydo, y Muzica al olfato.

50.

Donde pues al Abril suave Appeles
 delos Campos com tintas más subtiles,
 de esmeraldas fingió bellos doceles
 des rubies pintó varios pinceles.
 Sobre as sombras de Rozas, y claveles
 venciendo sales, y animando Abriles
 Filis estava hurtando en sus primores,
 Lux al Sol, gala al Campo, alma a las flores.

[35]

51.

Asistiendo asus plantas las bellezas
 que eram de su esplendor rayos brilhantes
 esperavan tanbien ver las finezas
 que cortezmente obravam los amantes;
 Ardenio solo enpalidas tristezas
 leyendole el dezêo en los semblantes,
 mal recatava el ancia, y los enojos,
 que el coração gritava por los ojos.

52.

Cloris, que entre sus zelos se abrazava,

tan muerta el alma, en su dolor sentia
 que el gusto, que con verle se avivava,
 parece que al mirar le desmentia;
 Sin duda amor, el oro, que apuntava
 en violencias deplomo transfundia,
 pues cada qual herido desta suerte
 donde buscó la vida, halló la muerte.

53.

Hegó pues Demofon, y todos luego
 con alvoroço tiernamente grave
 de recibieron, dando al niño ciego,
 triumpho Hermozo, y Victima Suave;
 En sus colares Filis sin sociego,
 vê la atencion con que adorar le sabe
 y en vn punto; en affectos que desmiente,
 siente morirse, y deleytarse siente.

[35v]

54.

Quantas del mar cortez atento acciones
 apuró lo galante y lo discreto
 ostenta la agudeza, en atenciones
 exercita en agrados el affecto:
 Hablan mudas al alma las razones
 hasta con la fineza del respecto,
 que a amor en su rethorica mas viva,
 con los decoros la elegancia aviva.

55.

Hablante las Damas, y galanes.
 y cortezanos Demofon, y Ardenio,
 mentian enprimores los affanes

que amor para mentir tiene a jngenio:
 Mas oh crueles del Amor Vulcanes
 aquien no encubre el mâr astuto genio,
 quien os pudo occultar sin hazer luego
 que al sol falte la lux, la llama el fuego.

56.

En olorozas Cathedras se asientam
 donde vnas y otrás imitar procuran
 Aves que cantan, flores que se ostentan,
 Hojas que rien, aguas que murmuram;
 Despues que ansi los ojos alimentan,
 Despues que ansi las almas transfiguran
 Com breve seña, y soberano modo,
 a peticion de Filis callo todo.

[36]

57.

A´Ardenio Luego, y Demofon propuzo
 Laquestion, que movieron denayrosas,
 Sus Damas y sin termino confuzo,
 grave expressó las dudas decorozas;
 Pergunta en las rozones que compuzo
 su descripcion en clauzuras hermosas;
 que es amor? si de affecto el nombre alcança
 y si es mas puro Amor sin esperança.

58.

Por premio d el que su agrado obligue
 expresando vn amor puro y perfecto,
 affrece vna grinalda, en que consigue
 muitas coronas el mäs altro affecto;

Yâ nô ay quien dulcem.^{te 29} no fatigue
 en discursos los fino, y lo discreto,
 y en hidalga ambicion por varios modos
 quieren ganarla, y merecer la todos.

59.

Amor, Ardenio dize, es vn affecto
 sin affecto, una idéa del recato,
 teme llamarse amor por su respecto
 duda sien voluntad, porque es contrato
 Arde oculta ablacion de su concepto
 nó lo felix lo altera, mi lo jngrato,
 del coraçon es dulce paracismo;
 gloria del alma, y cielo simismo.

[36v]

60.

Pago en amar, en merecer premiado,
 ni el favor canta, ni el desden conoce,
 pues nó aspirando amar que ahaver amado,
 no ay mal que sienta, o gusto que nó goze;
 Como tiene su dicha en su cuidado
 todos los otros bienes desconoce,
 pues si la fée nó offende, y el bien nó estraga,
 de amor sepremia y de servir sepaga.

61.

Villano el dizes, y nó sealmite
 por loca, ó por grosera la esperança,
 que es vil accion, que espere, ó solicite
 quien sola amando, el bien mayor alcança;

²⁹ dulcemente

Demas, que si ala féé nó sepermite
 Hazer dados, aggravios confiança,
 En que accion puede vnirse condisculpa,
 laféé el aggravrio; el merito, y la culpa.

62.

Si dezear con ancia vnas venturas
 muestra que falsea el bien que se dezea,
 que guia halla en amar vna hermosura
 quiendexa destro bien capas lajdêa;
 Mâs offender, que venerar procura
 el que en subien, mas que en su amor se emplea,
 pues todo el tiempo que con féé mentida
 Seacuerda de lograr, de amar se olvida.

[37]

63.

Tanto estima su amor quien amar sabe
 que si teve de mucho amor gusto
 cortez se hurte a lo fino, en lo suave,
 y aun lo fino suspendo escrupulozo;
 Pára el respecto en la atencion mas grave,
 tiembla el merito mismo, mas medrozo,
 y parece, que en más dudoza calma
 desi nó oza saber, que adora el alma.

64.

Si en las venturas la esperança muere
 si el logro es fin cevn appetite impuro,
 para que ha de esperar quien amar quiere,
 porque ha de tener fin vn amor puro?
 Sin fin, sin miedo el coraçon verere,
 y pues no puede en la razon que apuro
 Laparte dantes augmentar prudente,
 Laparte dedespues discreto augmente.

65.

Si offende a los dudosos lo ignorado,
 a aggravia a los jnciertos lo escondido,
 el decoro les diga lo atinado
 la razon les enseñe lo entendido;
 Bruxulce unsuspiro lo callado,
 sea un llanto eloquencia alo querido,
 y en seña, sin mostrar. que algo apetece,
 que offrenda muda a su Deydad se offrece.

[37v]

66.

Dixo: y condulce aplauzo encarecida,
 llegó atener discreta vana gloria,
 y el ayre aplectros dulcem.te. herido
 quazi yô le cantaba la victoria;
 Deley tavace Clori, en lo aplaudido,
 apesar de Thebandro, que en su gloria
 Halló su Infierno, y con mortal porfia,
 Si emudecido hablava, elado ardia.

67.

Filis bien que alabava las Razones,
 con agrado exterior, interiorm.^{te}
 Sentió de su aplauzo en las aeciones,
 el gusto tibio, y el amor ardiente;
 Pero suspenças ya las atenciones
 en Demofon, que amante, y Reverente
 Se le jnclinó, vió enfin que en sulux fixo,
 an si del alma, los affectos dixe.

68.

Es el amor vn ancia, es vn dezeo

com que vnir-se aja objecto intenta el alma
 Sin que impossibles del mas alto empleo,
 el ancia dexen al dezeo en Calma;
 No es culpa la esperança a loque crêo,
 antes pide a llos menitos lapalma,
 que anó atender alfin del bien que espera,
 solo galantaria el amor fuera.

[38]

69.

Dezes es el amor, pues sus affectos.
 son tan cortezes al objeto amado,
 que hasta el de lor del alma en sus conceptos,
 dabra en lo apetecido lo adorado,
 Tan cortezano adore los objectos,
 que son jncendio dulce asu Cuidado
 que en los extremos, que sediento cresce
 el dezeas veneracion parece.

70.

Mucho offende el dezeo, y mucho jgnora,
 dela razon, qui en quiere que seCrêa
 que decorozo, vna hermosura adora,
 si solo asus jdêas galantêa:
 Aggravio es entender, si nó arde, y llora
 que lo que es floxedad, merito sea,
 pues equivoca amando en loque piensa
 laféé enaggravio, el merito en offença.

71.

Poco el amor unCoraçon Inflama
 quando tan poco lo que adora estima,
 que dexa los Cariños d equien ama,

por tibieza que en su Idêa anima,
 Insensibilidad, no amor sellama,
 amar sin gusto, ó sin passion, que exprima,
 do que es querer, pues nó es de extremos sabios
 no amor favores, no sentir agravios.

[38v]

72.

Nó pertender, ni dezas favores,
 devosa hermozura es atrevida offença,
 pues sus glorias desprecia superiores,
 quien ni quererlas, ni lograrlas piensa;
 Aun las Deydades sabe hazer mayores
 quien Ruega, y pide lo que amor dispença
 que es fineza, nó agravio del disvelo,
 pedir a vna Deydade, rogar a vn Cielo.

73.

Es la Beldad confueça siempre augusta
 vn jman delicioso, un Cielo breve,
 donde el dezeo en suavidades gusta,
 quando la vista en sus pensiones bevê;
 Sipues por bien tan alto, el ancia es justa
 y ver sin dezear cuidado es leve,
 que disculpa tendrâ quien assegura
 que mira, y no dezêa vna hermozura.

74.

Essa Clície oloreza flor mentida
 sol del jardim, gigante delas flores,
 a Cuya pompa hermoza le combida,
 la roza imperios, el clavel colores;
 dando engiro amorozo, al Sol rendida

tantos suspiros, como espira olores,
 por lograr essa lux que amante beve,
 la roda altiva de sus ojos mueve.

[39]

75.

Essa verde ambicion, que de hojas cubre
 los braços, que a esse excelsso muro aroj a,
 se desmayâra si el Amor, que encubre,
 no hallâra vna esperança encadahoja;
 Yquando elfin a su vnion descubre,
 tanto el dezeo en supeza se enoja,
 que afloxandolos laços, y cadenas
 pasma en las torres, muere en las arenas.

76.

Esse a royo, que al mar desde vna fuente
 Maripozade nieve se a rebata
 y es mâs sediento en su mayor corriente,
 Aguila deCristal, jman deplata;
 Bien, que asuCentrohermozo Vnirse siente
 tan fino en ancias suCaldal dilata,
 que aqui corriendo amante, alli logrando,
 Siempre, está posseyendo, y dezeando.

77.

Vitima es el dezeo al belleza,
 y si es el esperar, de amar jndicio,
 cada esperança es mas vna firmeza
 pues haze encada affecto un sacrificio;
 Su esperança es baze alagrandeza,
 de amor, que en ella funda su edificio,
 pues prueba en lo que sufre, ama, ó deziste,

que el merecer en esperar consiste.

[39v]

78.

Nó se acaba el dezeo, antes pertende
 ser más quando pessue vna ventura,
 pues si antes por gozarla el alma jnciende,
 despues por nó perderla el ancia apura;
 Vê mejor loque adora, y como entiende,
 quanto es el bien, su adoracion procura,
 y emperpetua anhelar vive moriendo
 siempre logrando, y siempre apeteciendo.

79.

Calló, mas Filis, que agradarle espera
 en sufavor de suerte sedeclava;
 que el decoro mayor se esvaneciera,
 si la razon ser vanidad ozara;
 Mas tanhumilde Demofon venera
 tan alto bien, demonstracion tan rara,
 que de encogido en lo cortez su affecto,
 pareció floxedad, y era respecto.

80.

Recebió lagrinalda, y respectuozo,
 postrandoce en obzequios cortezanos,
 Vfano la llevó, la dió amorozo
 a sus labios primero que asus manos;
 Pero como al cogerla venturozo
 (oh delictos devn gusto soberano!)
 toco la nieve de sus manos bellas,
 hallo fuego encristal, nieve enCentellas.

81.

Mas quien oh Muza entan diversa suerte
 podrá en alentos devn humilde canto,
 deArdenio expressar el ancia fuerte,
 y elbien de Demofon, gloria, y espanto;
 No ay razon que llegue, ó vox que acierte,
 aexplicar devno el mal destro el [encanto]
 pues acada uno en sus passiones,
 faltan las voces, callan las razones.

82.

Hablar quizo, y no pudo ayradamente
 ardenio, que anegada en llanto el alma,
 pierde lavox ahojada en la torrente,
 devn furor ciego, y devna muda Calma;
 Abrazarce, y consumirce siente
 el coraçon que vn mongibelo encalma,
 mas quedó de turbado en solo vn punto
 Vivo al sentir, al parecer defunto.

83.

Nó el Africa entre arenas abrazada
 Serpientes cria, vibora sustenta,
 que rabia jnfundan tan dezesperada
 como el veneno que levio sedienta;
 La vista en jra ardiente soçobrada
 y el alma entre [fernetria] torm.ta
 padece en la pena com que Lidia
 Vuleanes de dolor, mares de jnvidia.

84.

Levantoce impaciente, y sin mostrarse
 cortezano al conclave, mas corrido
 entonces se fue, haziendo dezatarce
 los rayos, con que amor le tienen herido;
 Mas Fillis, y Demofon sin acordance
 desta accion le amante, y lo entendido
 doblavan con reciprocas ternezas,
 riendo el amor, horando las finezas.

85.

Con la accion felix del argumento
 todos su amor discreto declarâron,
 y en muitas pudo mas su entendimiento,
 que la afficion, y voluntad, que hallaron;
 Solo Clori, y Narciza el pensamiento
 en nueva pena, ó gusto nó ocuparon,
 que vna de amor izenta, otra offendida
 el incendio evitó, curó lavida.

86.

Silvia pues con razon tanto seprecia
 deque lodiscreton en lo amorozo apura,
 yâ de Dorindo el ancia nó desprecia
 porque ostentar su discription procura;
 Oh quantas vezes vimos, que el ser nescia
 guarda Casta, y honesta la hermosura,
 que como aplauzos su ambicion nó aspira
 grave se encoge, vfana se retira.

[41]

87.

Mas y a del ayre por las elva mudas,
 perdas cahian las confuzas sonbras,

y ela noche entenebrozas dudas,
 las nubes eran funebres al sombras;
 Quando las flores que tu Aurora ayudas,
 quando las plantas que tuerebro assombras
 sin los ojos de Filis que se fueron,
 tristes quedaron longuidos morieren.

3.5 CANTO 4: LAS SELVAS

O canto quarto, composto por 81 estrofes, traça delicadamente um paralelo entre o encontro amoroso de Filis e Demofonte e a chegada da primavera. A estação, com seu desabrochar promissor, é evocada como uma metáfora do amor, que, ao surgir, envolve, floresce e transforma os corações.

Com isso, o poeta sugere que aqueles que se entregam ao amor de Cupido renunciam à razão de Apolo, implicando que quem se rende à paixão abre mão da racionalidade. A descrição da chegada da primavera carrega o simbolismo dessa entrega, como a vinda de uma divindade que traz pensamentos doces e encantadores. O bosque, iluminado por essa presença divina, remete à própria Vênus, a deusa do amor e da beleza. Em diversos versos, o mês de Abril é personificado como a deusa da renovação, reforçando o poder transformador da primavera.

A partir desse cenário de natureza com flores e cores vibrantes, ocorre um encontro sublime entre Filis e seu amante, e o amor que compartilham resplandece com uma intensidade quase divina, tornando-se símbolo de devoção entre os dois corações.

Assim, o poeta remete a ideia de que Filis é celebrada como uma deusa do campo, rodeada pelo perfume e flores que parecem desabrochar em sua homenagem, já Demofonte, é destacado por sua timidez, mas que mesmo assim, abre-se ao sentimento que nutre por Filis, que, com suavidade, corresponde ao seu amor.

É possível perceber que ao passo que o canto quarto flui, o desejo entre os amantes cresce, e, na solidão da floresta, ambos compartilham um sentimento

profundo, onde a vida se revela como um ciclo de prazer e dor, com o amor sendo a fonte de todas as experiências humanas.

Da mesma forma, à medida que a natureza floresce em toda sua beleza, os amantes mergulham na serenidade da noite, enquanto o amanhecer traz novos começos. A natureza, em comunhão com a união de Filis e Demofonte, parece celebrar o amor imortal que vivem.

Contudo, na última estrofe, temos a impressão de que o eu lírico está avisando ao ouvinte ou leitor da obra o que vem depois da entrega de Filis ao seu amor Demofonte ou o que vem após a alegria intensa que os amantes estão sentindo, ou seja, leva a dedução que aqueles que não percebem o perigo do amor acabam enfrentando um destino trágico, simbolizado pelas Parcas (que cortam o fio da vida) e por criaturas venenosas como serpentes e áspides. É possível inferir, também, que Filis, ao entregar-se ao amor, sente o peso da culpa e do pecado, por isso terá o seu castigo, revelando, de maneira sutil, a influência dos valores cristãos que, à época, limitavam a liberdade feminina.



Las Selvas.

1.

La Aurora entre cendales nacarados,
 que oro bordavan, y perlas guarneían,
 coronava los montes, y a los prados,
 dava el Candor, que en rozicler bevian;
 Vario jardim, purpureos, y dorados;
 Horizontes, y Cielo seflingian,
 pareciendo en matizes, y colores,
 las Nubes plantas, y las luzes flores.

[41v]

2.

Aládos coros dulcemente errantes.
 del ayre, y selva metricos penciles,
 erantes Bosque Citharas sonantes
 y eran del Viento Muzicos Abriles;
 Volante alegres, gorgeando amantes
 con gusto vario, y numeros subtiles,
 davan avn tiempo condeleyte Vnido
 gloria ala vista, entantos al oydo.

3.

La Noche que alafuente en yelos ata
 mostrava yâ con impeto nó breve,
 vuelvo el Crystal, en Viboras deplata,
 Henas las flores de aspides de Nieve;
 Sivnas, llorando tremula dezata
 otras reyendo carizioza muere
 y ótras plantas mediendo ala espessura
 quazi avn tiempo las beza, y las murmura.

4.

Quando rasgando el ayre alegre trompa
 con vivo impulso, y con sonoro aliento,
 saió del Valle cortezana pompa
 Hiriendo el monte, y amenazando el viento;
 Fili aquella Deydad sin que interrumpa³⁰
 del alma vn siempre dulce pensamiento,
 sale del Huesped que ama acompañada
 menosdeFlexas, quedehermozura armada.

[42]

5.

Menos galharda el Bosque enamorára,
 Casta Deydad que Cinthio^{lxxviii} aun oy venera,
 quando contra las fieras, que infestara,
 vivo Cometa delos montes era,
 Nó tan hermosa Venus lajmitára³¹
 Si fatigar la Beldad quiziera
 pues viendo suhermozura, ysudesvelo
 lo ayrozo vnaCediera, ótra suCielo.

6.

Girasol del mas breve de sus Rayos
 galan el Joven vn ginete occupa,
 haziendo, que aun del freno alos desmayos,
 Vierta un Mar, sorva alayre, el viento ocupa^{escupa};
 Riçando Abriles, descogiendo Mayos
 las dulces auras enplumages chupa;
 y raziendo estremecer Olympo^{lxxix}, y [Flegra],
 el Viento adorna, y laCampaña alegra.

7.

³⁰ Esse verso se repete no romanceiro.

³¹ Referência ao *Asno de Ouro*

Muerde ele Bruto ferox tan impaciente
 desufuror la remora brillante
 que sevê Naufragar Baxel viviente,
 en el mâr de suColera espumante;
 Yen corba Ostentacion, con brio ardiente
 a si bate los campos a rogante,
 que quando corre, piza, o galopêa
 bebe el viento, hunde elCampo, el ayre arêa.

[42v]

8.

Luego al curso Searoja tan briozo
 en solo unpunto la distancia summa;
 que aun lo corrido desmentió lo ayrozo
 sin pizar deAbril la menor pluma;
 Pues tira por los ayres tan furiozo
 el vivo fuego que argentó su espuma,
 que sejusga la vista en mudaCalma,
 pensamiento conpié, rayo con alma.

9.

Solo Ardenio zelozo, y despreciado
 para su mal, con su color sealexa,
 pensando que en los lexos de aggraviado,
 mayores sombras con su aggravio dexa;
 Viendo que vâ su muerte en suCuidado,
 duda si vâ sududa, con su quexa,
 y quiere ansi consentimientos sabios,
 morir antes deauzencias que de aggravios.

10.

Con diligencia anticipada havian
 armado redes prevenido perros,

los caçadores que tambien tenian,
 poblado Valles, y ocupado cerros;
 Vnos paravan, y ótros se movian,
 ya forcejando los dorados hierros,
 y alfin mientras el orden esperavan,
 estaban prompts, y ensilencio estaban.

[43]

11.

No bien, del monte, en laCruêl maleza
 batió tropel hermoso la espessura,
 quando parió más fieras su aspereza,
 que Hircania cria en su arboleda escura;
 Late el can, este grita aquel empieça
 a cercar lo que huir seleprocura;
 y entre vna Nube de Armas que las hiere,
 esta cahe, essa jnsiste, aquella muere.

12.

Rompió portodos con furor terrible
 armado el como, el Seño furibundo,
 vn javali que fuera por horrible,
 al Erimantho assombro sin segundo;
 Todo elCampo espantó inacessible,
 con el cuchilo de su boca jmundo,
 y trinchando el Bosque dequienfuéborrasca,
 como a los perros, a los montes masca.

13.

Flexa nó tan velox penetra el viento
 exhalacion, nó elfuego abrevia tanto,
 quando rasgando uno, y ótro elemento,
 este puebla dehorrer, aquel de espanto,

Como del monstruo al horrido portento
 los dos amantes dela vista encanto,
 siguiendo le parecioeron juntamente,
 flexa animada, exhalacion viviente.

[43v]

14.

Filis sellega, y Demofonte luego
 tanbién el monstruo formidable sigue,
 vno ledeixa tanto, y otro ciego
 mientras bizarro al vno, ótro prosigue;
 Hierle Fili, y vomí tando fuego,
 el animal sinque el furor mitigue,
 ferox embiste, y apenas a remete,
 quando Centauro^{lxxx} pareceó el Ginete.

15.

El varon grande con galhardo brio
 Se aroj a al bruto, y con vngolpe fuerte
 de adusta sangre, uncaudalozo rio,
 sobre la Selva estremecida vierte;
 Tiembla el cadaver de su ardor vazio,
 el valle sehunde entanhorrenda muerte,
 y del mar, y selva leaplaudieron rancos
 com vox las alas, confuror los troncos.

16.

Llegó el dia asu estacion luziente
 y era del Sol la inventud brillante,
 quando la Sombra que su lux desmiente
 desvancia el lobrego semblante;
 Dulce se rie la sonora fuente
 el nido busca el rui señor amante,

favonio el bosque, el cazador el prado,
la Cueva el pez, los fresnos el ganado.

[44]

17.

Quando yâ del calor, y la fatiga
vencidos los que amor juntar espera,
avna Selva se acogen, donde amiga
lecho, y docêl les diô la prima Vara,
La Soledad que Su silencio abriga
no pastor profanó, ni alteró fiéra,
pues consagrado siempre a Nymphas^{lxxxix} bellas,
cielo de flores es, campo de estrellas.

18.

Calle, alvide la fama los gentiles,
milagros, que cantava Roma, y Grecia,
de Hiêla, y Babilonia a los pencils,
y aquellos campos que Thezalia^{lxxxix} precia;
Que esta estacion de Mayos, y Abriles
Sus pompas burla, y su beldade desprecia,
pues se ostenta en lo menos que recrea
corte de Flora, Imperio de Amalthea.

19.

Del Bosque alegre, en la espesura umbroza
nasce un aroyo de Caudal tan breve,
que empieça en Nido de assucena, y roza,
Ruy señor de Cristal, Cisne de Nieve;
Mas Sirena de plata armonioza
la vox tan dulce, en blandas fugas mueve,
que es de sus cononâcias el sonido;
Iman al alma; y remora al sentido.

[44v]

20.

Enlo Oriente pues de sus crystales,
 dehojas tandenso, yplatanos se intrinca,
 vn Bosque, que asus bobedas, y umbrales
 el Sol nó se jntroduce, ó comunica;
 Aqui donde Flora erige sus altares
 sobre la margen que el Cristal lambica,
 fria alcoba se esconde, encuyas sombras
 Halamos busca Abril, Favenio al fombras.

21.

A esta estacion pues, que Abril guarnece
 Filis descende embarazos de su amante,
 que mas que Alcides^{lxxxiii} ya sedesvance,
 pues de tal Cielo seconoce Arlante^{lxxxiv}
 Caza que el Sol, La Soledad parece
 pues fué La conjuncion mas relevante,
 /si detrimento ala estacion florida,/
 de um astro exhalacion, de outro cahida.

22.

Solos sefallavan porque endulces hierros
 Las Damas, y monteros que trahian,
 Corriendo montes, fatigando cerros
 Los campos, y las fieras perseguian;
 Los latidos apenas de los pérros
 En la florida gruta ecos tenian,
 A sistiendole solo aglorias tantas,
 Dulces las aguas, tremulas las plantas.

23.

Amor, si en alguntíempo teagradáron
 dulces Cadencias, métricos Cantares;
 y deholocaustos mios teobligáron
 Victimas conque humeyo tus altares!
 Para cantar acciones que te honrraron
 conceptos oy me inspira, nó vulgares,
 Vera el mundo aquexas devna Muza,
 Que quien tiene aCupido^{lxxxv}, a Apolo escuza.

24.

Entre los Sustos, con que Lucha, y Lidia
 Filis estava tan ayroza, y bella,
 que fuera el rosttro de lo Dioza Migdia,
 a tanto Sol, dezalumbrada estrella;
 Cada jasmim con desmayada embidia
 cada clavel com languid querella,
 le aclamavan apurpuras, y olores
 Reyna del Prado, y Diosa delas flores.

25.

Almirarla, alquererla, el joven que ama
 oza, y teme dezir lo que arde, y llora,
 pues si el dezeo alienta loque inflama
 El respecto suspende lo que adora;
 Arde en la nieve, esfriace en la llama.
 tiembla atrevido, e lado se enamora,
 y entre terror, y amor enque arde, y cresce,
 habla sin vox, rethorica emudece.

[45v]

26.

Alfin postrado alprié que anciozo beza
 Su amor disculpa, y secuidado explica,
 y ella del ancia, y del dolor suspença
 lilios confunde y rozas multiplica;
 Guanto la vox turbada no confieça
 con um suspiro, el alma comunica,
 donde mostró amor, que en sus preceptos
 tambien sehablan las almas por conceptas.

27.

Ansi rompió el dezeo las prisiones
 de vno, y ótro silencio tiernamente,
 y aygmentando Hymenêo^{lxxxvi} las uniones
 mas dulces lassos cada pecho siente;
 El joven los aprieta, y sus acciones
 Fili apezar del gusto no consiente,
 Hasta que ancioza enllantos, y desmayos
 postró las luzes, y negó los Rayos.

28.

Nó se atreve, el dezeo alas violencias,
 que amor todo es hallagos, y caricias,
 y el ruego em mal fingidas continencias
 ganar espera al gusto las albricias;
 El melindre empostrada deligencias;
 de mimozo seaggravia en las caricias,
 pero nó esconde en la passion que jncluye
 que es lo que quiere mas, lo que mas Huye.

[46]

29.

Ansi el ancia cresce, ansi la impide,
 y sin saber lo que quiere, ó lo que escuza,

niega al dezero lo que el alma pide,
 y dâ al desden lo que el amor Rehuza;
 Juntace ayrada, ancioza se devide,
 ziñe halagueña amagace confuza,
 y quando algén decada accion la asusta,
 lo que ama siente, y lo que gima gusta.

30.

La Soledade alegre los combida
 aque los braços forjen yacadenas
 y a cada lengua vna alma traduzida
 delicias halla en las que fueron penas;
 Si vna vida es jman de ótra vida
 Victimas son de amor sus asucenas;
 y en cada affecto que vn clavel occupa
 beve en ambrozias, lo que en nectar chupa.

31.

Nó tan amante, y menos ambicioza
 quando vna en ramos ótra en ojas medra,
 prende halagueña, y trepa caricioza
 la vida al olmo, alapared layedra;
 Como de Filis labeldade precioza,
 ó tronco sea, ó se rezista piedra,
 ya vid; yâ yedra al joven que la en laça
 amante añuda, y coricioza abraça.

[46v]

32.

Lo mas, que el bosque en suavidades tantas
 vió hazer al amor, y alahermozura,
 riñenlo las hojas, sientenlo las plantas
 gimelo el Viento, el agoa lo murmura;

Y jnvidiando sus delicias, quantas
 flores son oloroza bordadura
 de Abril, dió lo florido, ylofragante
 feudo alohermozo, y gloria alo amante.

33.

Por ótra parte condiversa suerte
 vagava amor, y errava la fortuna,
 donde aqui lo festivo, y alli lo fuerte
 los animos alegra, el Campo expugna;
 Vno hablando a su Dueño se divierte,
 ótro aroj arce al riesgo nó repugna,
 y alfin parece en vanidade que obliga
 fresta el estrago, y gusto la fatiga.

34.

Traz de vn espin cerdozo arebatada
 Sylvia eltimon extimulado excita,
 mas de vos fragozo cerro despeñada
 todo el campo en su auxilio precepita:
 Palido quedó el Sol, Titubeada
 la exphera, y todo el orbe, que la imita
 temió verso cenizas, y centellas
 viendo que assi cahian las estrellas.

[47]

35.

Dorindo se aroja anciozamente
 atomarla en sus braços sim consuelo,
 y em el mar de sus lagrimas doliente,
 puzo eclipsado vn sol, nocturno uncielo;
 Mas componiendo atento lo jndecente,
 del dezatiño, que abrazava el yelo,

tan cortez la obligó, que en tal ensayo
 alentó su esperança, aquel desmayo.

36.

Sus ojos Oceanos de su llanto
 quando el desmayo en la beldad adviertan,
 su albor hermozo se corrieron tanto,
 que en los dolores los remedios vierten;
 Alfin sabiendo del mortal quebranto
 donde las almas su dolor divierten,
 fué llevada apalacio, adonde luego
 lavió mas bella el mal, mas tierna el ruego.

37.

Narciza, que en vn Bosque se apartára
 siguiendo con intrepida ozadia
 vn ciervo, aqui en el Zephro calçara
 bien que de flexas implumado Huÿa
 Llegando ala margen de vna fluente clara
 tan fatigada del valor sevia,
 que sediente en sus aguas por cogerlas
 dió cristal, a cristal, perlas aperlas.

[47v]

38.

Fiadas en el silencio, y la espessura
 aquien ni el viento profanarce atreve,
 dás plantas desnudó, cuya blancura
 cegar pudiera el sol, turbar la nieve;
 De sus pies Representa La hermozura
 tanta beldad enpequeñes tanbreve
 que sin cauzas a los alientos quexas
 brincos pudieran ser de otras orejas.

39.

Acompetirlos, con su vndoza plata
 corrió el arroyo Vflano, y presumido,
 mas viendo el Sol, que en ellos se recata,
 corrida separó de haver corrido;
 Tanto el discurso en sus penciones áta
 tanto sedesconoce escunecido,
 que almar negando el cristalino censo
 turbado se paró, se heló suspenso.

40.

Paró mudo el arroyo fugetivo
 avn mas de enamorado que perplexo,
 y quizo ser al candido jncentivo,
 Sinó lamina pura, hermosa espejo;
 Y pr logrâr mäs copias, tan altivo
 Supo multiplicar cada reflexo,
 que en prespectivas de sus vidrios gratos
 tantos como ondas leformó retratros.

[48]

41.

El agua con bulliciozas travessuras
 se atrevia adeleytes superiores,
 mas luego desmayadas, en sus dulcuras
 sequebrava el cristal con los arbores;
 El ayre avnq³² dormido entre espessuras,
 tan despierto animava sus amores,
 que para verla, y dezir la sus conjogas,
 lenguas las aguas hiza ojas las hojas.

³² Ainda que - abreviatura

42.

Bañoce enfin Narciza, y Siendo Hermoza
 delicia delas flores que desmiente,
 dió /tanto que enxugó la nieve, y roza,/
 perlas al campo, y magoas alafuente;
 Yentre vnos frenos cuya pompa ayroza
 dava todo suave alacorriente,
 sobre vna alsomba del Amalthêa empeño,
 dió la belleza alprado, el alma al sueño.

43.

Lauro que siempre amante la seguiera
 bien que de su desden siempre quexozo,
 y recatado entre las ramas, viera,
 sin velo ó Nube, vn cielo tanhermozo;
 Qual quedaria en la accion primera,
 de tanto bien, de jncendio tan gustozo!
 No espossible lo diga mi tormento
 sin darle Amphion^{lxxxvii} Lavox, Phebo^{lxxxviii} el aliento.

[48v]

44.

Piedra herida no ansi fuego de rama
 no ansi centella ensecas hojasprende,
 menos esfuerça el Aquilon la llama,
 menos rayo, el tronco altivo cenciende;
 Q lehiere, provoca, jncita, inflama
 Lo que mira, dezea, adora, atiende
 pues algolpe, ala llama, al rayo, al viento,
 pedernal, y hoja fuê, tronco, y aliento.

45.

Pero viendo, dormido el Sol, que en Sombras

hizo occazo el oriente enqamanece,
 hurtandoce el aliento asusalsombras
 com passos mudos, tremulo se affrece;
 llegace, y pára; oh quanto amor asombras
 vn alma? El gusto tiembla, el ancia cresce;
 llegace mas y quanto mäs se llega
 crego la mira, imoble se alexa.

46.

Como Pastor; que hallando de repente
 vn gran thezoro occulto entre vna róca
 pasmado admira, jncredulo desmiente
 el gusto que halla, el mismo bien que toca:
 Asi en la gloria enque elevarse siente
 Lauro, bien que la vista le provoca,
 pasma Cortez, y en incerteza muda
 nó cre su estrella, y de sus ojos duda.

[49]

47.

Mas siguiendo su affecto los ardores
 aque objecto tan bello le jnclinava,
 bebió dedos claveles los Olores,
 que el Aura^{lxxxix} dulce en nectares sehurtava;
 Yalfin cogiendo las suaves flores
 que el alma ancioza en vano procurava,
 apezar fuê del sueño, y dela quexa
 del jardim de su olor furioza abeja.

48.

Con menos susto sedesmaya, ó clama
 viendo, ó pizando inculta pastorilla,
 cerulea sierpe, que en la verde grama

la Cauda enrosca, y la cabessa humilla:
 Como Narciza à furias que derrama
 un ciego amor, en la frondoza Orilla,
 mortal quedó, despues de haver sentido
 el Dios Vendado en aspid escondido.

49.

Mas bolviendo en su acuerdo, y viendo el daño
 desus mas puras, y estimadas prendas,
 pagar con perlas quizo aquel engano
 mas pediole el honor o'tras offrendas;
 Postrado el joven con amor tamanho
 culpó sus armas, desculpó sus vendas,
 que por castigo en mäs suaves laços
 Carcel supecho halló, grillos sus braços.

[49v]

50.

Oh quien Narciza un tiempo te dixera
 quando de amor tu libertad burlava;
 que essa enboscada tan astuta fuera,
 quando desnuda a tu sobervia armava:
 Mas quien estraña en su violencia fiera
 se trueque en huzo de Hercules^{xc} las lava!
 bellezas nó burleis, que en sus porfias,
 mäs que hombridades son las niñerías.

51.

Donde voz Ninpha bella, iba deziendo
 a Lesbia, que le huya, anciozo Fabio;
 huyr de un coracon por hir siguiendo
 Vna fiera es ser fiera, es mäs que aggravio:
 Si despojos procuras, buelve, y viendo

que te ofrece vna vida amor tan sabio,
 verâz que son mas nobles los despojos,
 que hurtas oy con tus manos a tus ojos.

52.

Si por Huyr mis braços percipitas
 tanta beldad, el breve pié nó muevas,
 pues sin me huyr distancia inffinitas
 en tu desden, y mi cuidado pruebas;
 Si huyes de un alma en vano solecitas
 huyr de aquesta que contigo llevas;
 y si suspenderme tu rigor procura,
 porque llevas mi amor tras tu hermosura?

[50]

53.

Mira esos campos, que testigos mudos
 son decazo funesto de Euridice^{xci};
 y puede amor entre aspides sañudos
 castigar lo cruel con lo jnfelice;
 No quiera por seguir tan dulces ñudos
 que un alma se consuma un dolor se eclipse,
 pues com mas dulce offrenda, y mejor palma
 Aras te dê un amor, Templos un alma.

54.

Ya Lesbia se inclinava caricioza
 al Iman de sus ancias halagueñas,
 y cayendo a fatigas de amoroza
 dava de Oyrle, y quererle señas;
 Quando del centro de la Selva Vmbroza,
 hiriendo Bosques, y atronendo peñas,
 gritos, y armas sonaran, y a sus eccos

los hondos Valles, los peñascos huecos.

55.

De inquietude tan alta el origen era
 Laura con quien Aristides topàra;
 y en cuyas manos venturozo viera
 lo que por mano a todos loganara;
 Mas como ala florida primavera
 sucede el triste jnverno, y la lux clara
 la sombra obscura, a si siguió en el susto
 el peligro al contento, el ancia al gusto.

[50v]

56.

Las manos blancas le bezava apenas
 el Joven tierno, al dueño jdolatrado,
 quando Licastro^{xci} con furiozas señas
 le asusta horrendo, y le acomete ayrado;
 Licastro que por Laura en las hadenas
 de amor, dos años suspiraras atado,
 lembrandole mas fuertes eslabones
 del el favor, que della las prisiones.

57.

Pero en braços, aòra hallando agenos
 la prenda de su amor mas adorada,
 llena el alma defurias, y venenos,
 la vengança, y el furor, fia a la espada,
 Rayo nó tan velox gritando a truenos
 la torre embiste contra el tiempo armada,
 menos granizo espessa nube aroja³³

³³ Rima tonante do o. Ver Rogerio Chociay.

que golpes tira ayrada su conjoga.

58.

Aristides confuzo, aun que sin miedo
a su furor se opone, y socorrido
dela vista de Laura halla el denuedo
com el favor de la Beldad crescido³⁴

Fabio que estava en admirarlos quedo
viendo llegar colerico a Leonido,
llegó tambien, y pertendió atinado,
parar lo atrox, y Componer lo ayrado.

[51]

59.

Pero Licastro, que furiozo, y ciego
solo avengarse jntrepido atendia;
sin oyr la razon sin darse al ruego
anadie cede a todos dezafia;
Tigre nó tanto con rabiozo fuego,
viendo robor los hijos que tenia
a las armas se aroj a, donde advierte
que mas siente el dolor, do que la muerte.

60.

Yâ se aggravan de una, y ótra parte
furiozos los rivales, y sañudos
siendo a tragedias del sobervio Marte
Theatro jnfausto aquellos montes rudos:
Todo enfin se perdiera, sin que arte
hallace estorvo alos effectos crudos,
si Ilien, y Demetrio nó llegaran,

³⁴ ver se tem um furo na página ou um S

y el incendio, jracundo nó apagarán.

61.

Todo el valor, y authoridad que havia
 en vno, y ótro el mal nececitara,
 pues tan deshecho el temporâl corria,
 que en mar de sangre el campo se anegava,
 Passó enfin laborrasça, y como el dia
 las jras con las sombras despertara,
 enprizion los rivales todos fueron
 y los demás ala razon cedieron.

[51v]

62.

Cloris, que auzente de su jngrato lueño
 fuera del alma lebuscava envano,
 y aun hondo Valle con saudozo empenho,
 pedia el nombre, duramente humano;
 Sentada en un escollo nó pequeño
 dos soles reclinó sobre vna mano,
 y un diluvio de aljofares prolixo
 asi hablando llano, llorando dixo.

63.³⁵

Mis suspiros que hazeis quando suspiro?
 que obraís lagrimas mias, quando lloro?
 si con estas ternezas que os jnspiro,
 de bronze el Idolo que adora;
 y a suspirando a su rigor espiro,
 Y enfin llorando, su piedad imploro,
 mas que importa este llanto, este Lamento

³⁵ Na transcrição houve uma inversão nos versos, que foi corrigida por próprio punho.

si es crescer agua al agua, y viento al viento!

64.

Pero salid del alma, huyd del pecho
 nó me ahoge, ó me anege incendio tanto,
 que si unos jusgo borras ca, ótros estrecho
 guste un ay la tormenta, un golfo el llanto;
 Huya en llanto el corazón deshecho
 y en ays salga el alma de su encanto
 teran para exprimir tan duro calma
 tintas el corazón, voces el alma.

[52]

65.

Mas cesse el llanto yâ, baste el lamento,
 pues nó hallando piedad, ni recompensa
 dirá, el amor, y jugará el tormento,
 que hazeis ostentacion de vuestra offensa,
 Cueste un llanto el escarmiento
 cueste un suspiro al alma su defensa
 pero nó compre a tan custoso precio
 un ay su agravio, y un llanto su desprecio.

66.

Pero gemid, corred, nadie es remueva
 de seguir de buscar quien nó se explica
 pues si en cada suspiro el alma os lleva,
 cada lagrima un anciano le dedica;
 Mas suspendeos, paraos, y haciendo prueba
 de... decir mas nó pudo que la implica
 un sollozo la voz, y aun sollozando
 el llanto enxuga, y proseguió llorando.

67.

Ojos, ver, y llorar es vuestro officio,
 y pues sentir, y arder fuê vuestra suerte,
 cegad, gemid, hareis um sacrificio
 a quien por ver, y amar, os dió la muerte;
 Mas se adorar sin merecer es vicio,
 y si ver, sin lograr daño es tan fuerte,
 yâ que por ver, y amar estais moriendo
 pagay llorando, quanto hizisteis viendo.

[52v]

68.

Coracon, si el olvidar tan alto empeño
 es el remedio a vuestro amor mas sabio,
 fingid menos hermozo a vuestro dueño,
 juesgas mas insofrible a vuestro aggravio,
 Demás, que si infamais con lo halagueño:
 Su jngratitud; nó ameis, se llece el labio,
 pues parece en su jnjuria, y mi tristeza,
 odio el amor, delicto la fineza.

69.

Mas si es fuerça ojos mios a negaros
 si coraçon es fuerça consumiros,
 llorad, arded, seràn al acabaros,
 jncendio el llanto, a hojos los suspiros;
 Pero que importa el pertender cegaros!
 De que vale em desmayos oprimiros!
 si os dan porque dureis en el tormento
 Vida el lloras, el suspirar aliento.

70.

Dixo: y sintiendo por el bosque jnculto

el rumor, que hizo un hombre entre las hojas,
 tiró el venablo al mar distinto vulto,
 que cahio con las vltimas congojas;
 El jnfelix Thebandro era, que occulto
 se escondia entre las ramas Flexas,
 y anciozo apenas delalua que amava,
 vnasombra seguia, vn Sol buscava.

[53]

71.

Cloris, que en un suspiro el daño advierte,
 y demas cerca el Joven examina,
 dedós estrellas³⁶, dós diluvios vierte,
 con que lavar el ferro determina;
 Mas como yâ en occazos dela muerte
 el esplendor vital Thebandro jnclina,
 cayó sentida, y puzo desmayada
 junto al mustio clavel la roza ajada.³⁷

72.

Beviendo el Joven con anciozo aliento
 el dulce aliento, y lagrimas que adora,
 respiró alegre, y se animó sediento,
 qual flor marchita al llanto dela Aurora;
 Guizo hablar, beber quizo en un momento
 el coral, y las per las que enamora,
 mas su affecto tronçado en solo ungiro,
 vox nació, bezo fué, murió suspiro.

73.

Dulcemente en la herida sede tuvo

³⁶ referência aos olhos, dois olhos azuis, dilúvio refere-se a choro incontrolável.

³⁷ Buscar tradução, pode se referir a Cloris - roza e Thebandro - clavel.

cortez el alma a la mortal violencia,
 y sin salirce detenida estuvo
 nó del dolor, del gusto fué obediencia;
 Mas tanto que en los labios se entretuvo,
 de Cloris morir quizo sin paciencia,
 por lograr de sus flores al cogerlas
 en pira de cristal vrna deperlas.

[53v]

74.

Hizo la muerte lo que amor nó hiziera
 porque si en sus affectos se repara,
 quizo ella vnir lo que amor nó vniera,
 por ver que quanto el junta, ella separa;
 Piedad fué de la muerte, y nó sevéra
 Ley de amor, pues ja más por que trocára
 sus armas cada qual hizo viotento
 que fuece vnion lo que era apartam.^{to}

75.

De vn ciego llanto, y da vn gemir confuzo,
 el triste horror, los mizeros solloços
 con que vno, y otro coração expuzo,
 los suspiros, y lagrimas, en troços;
 Del monte arastra exercitos difuzo,
 conduziendo gran parte alos destroços
 desta jnfelix tragedia, acuya vista
 No ay quien fuente nó llore, Iman nó asista.

76.

Del Joven tierno, y dela Ninpha bella
 en la muerte, y desmayo parecia,
 que el se alegra de morir por ella,

que ella de sentir menos sentia;
 Sin Lux alfin esta cahida estrella
 sin esplendor este difunto dia
 fueron del esquadron funesto, y Lapso
 puesta ella en su oriente, el en su occazo.

[54]

77.

Con pompas a la muerte, funerales
 parecia, que el Valle conduzido,
 piedozo hazia en eccos, y raudales
 llantos la vox, exequias el gemido;
 Mustias las flores, turbios los cristales
 el ayre ronco, el Bosque escurecido
 fingian enconfuzos horizontes
 Lutos las Selvas, tumulos los Montes.

78.

Yâ dela Tierra el Creador Segundo
 del occazo en el oceano cahia,
 y en mar de sombras anegando el mundo
 sus Luzes bellas arugava el dia;
 Quando dexando el Thalamo³⁸ juccundo,
 Filis, y su adorada compaña,
 con los despojos de vna, y ótra fiera
 a Palacio llevó la Primavera.

79.

Dies vezes³⁹ pues demacares Luzientes
 la Aurora se affectó, senestió el cielo,
 y òtras tantas el sol, libró lafuente,

³⁸ leito nupcial

³⁹ passagem do tempo

delas prisiones que le atara el yelo;
 Despues que al viento, y selvas florecientes
 venciendo el cursso, y fatigando el buelo,
 de aves, y fieras, fuera Demofonte
 Guerra del ayre, escandalo del monte.

[54v]

80.

Nó havia valle espezo, ó bosque umbrozo,
 opaca soledad, seño escondido,
 que al sueño dulce, algusto cariciozo,
 nó armace lecho, y nó hixiesse nido;
 Nó tronco alegre, nó cristal vndoza
 que de Los dos gravado, y discorrido,
 nó hablase en sus orillas, y cortezas
 caricias de vn amor, de ótro ternezas.

81.

Mas oh bien gloria, y dichas delaSuerte
 humo vil, ciego error, dulce mentira,
 daño al alma, hurto al tiempo, arma ala muerte
 dequien engañado os vê ama, y suspira;
 Quien nó ospiza, nó os huye, nó advierte,
 parcas^{xciii} vê, sierpes halla, aspides mira,
 pues sois envida, en pompa, en lux insana,
 breve flor, sueño a leve, y sombra vana.

3.6 CANTO 5: LOS ZELOS

No quinto canto "Los Zelos"⁴⁰, em suas 116 estrofes, é descrito um cenário sombrio e desolado, situado nas profundezas do Averno, ou seja, do inferno. Esse canto descreve cenas mitológicas e épicas de grandes tragédias amorosas e destruição.

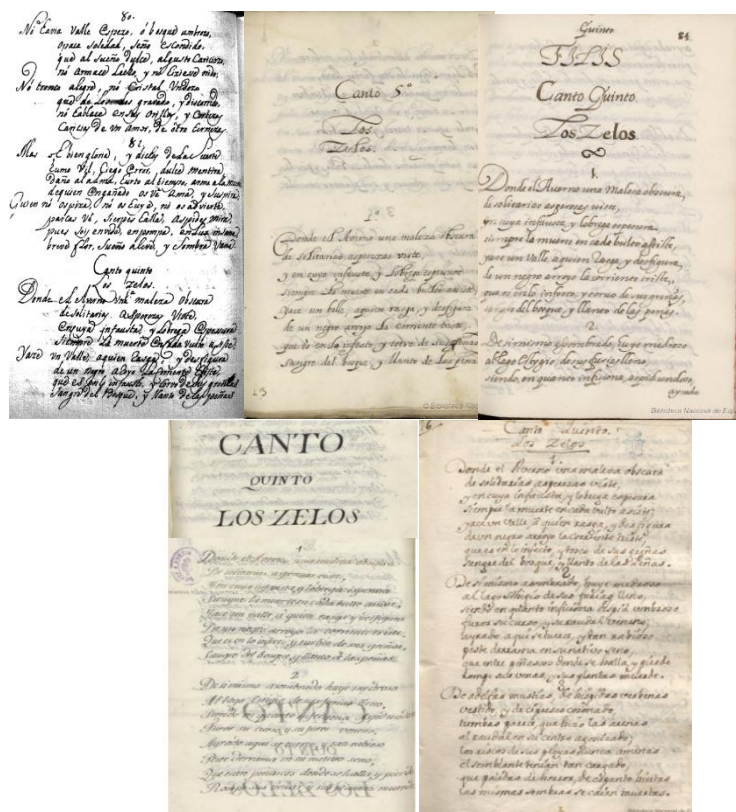
Devido ao estado de desordem causado pelo amor cego, provocado por cupido, a deusa Vênus desce aos domínios infernais para buscar vingança contra Demofonte, que desrespeitou seu templo e a honra do amor verdadeiro. Ela implora ao monstro dos ciúmes para vingar as ofensas, trazendo caos e destruição ao reino de Trácia.

Esse monstro, representando o ciúme, parte para trazer a destruição, o terror e a morte por onde passa, além de uma série de catástrofes naturais, como eclipses, tempestades e convulsões no mar, no céu e na terra. O jovem príncipe Ardenio, cai vítima do engano e das armadilhas do amor e do ciúme, se colocando a lutar contra Demofonte.

Deste modo, a narrativa continua com a batalha entre os dois guerreiros, Ardenio e Demofonte, que disputam o amor de Filis. Filis, por sua vez, tenta intervir, pedindo ao céu que acalme a violência e cesse o confronto, mas seu pedido é ignorado. Os guerreiros, movidos por profundo rancor, se envolvem em uma luta feroz, como se fossem dois vulcões em erupção.

O canto finaliza com o cessar da batalha, que parecia interminável, e com os desdobramentos dela comparado a um teatro épico de morte e heroísmo, entre deuses e humanos.

⁴⁰ Essa passagem remete a Virgílio, em Eneida. O Livro VI dessa obra, apresenta o herói **Eneias**, que desce ao inferno, ou mundo dos mortos. Ele faz essa jornada ao submundo para encontrar o espírito de seu pai, Anquises. Durante essa descida, Eneias testemunha as almas dos mortos e aprende sobre o futuro de Roma, reforçando sua missão de fundar a nova cidade, que se tornaria o Império Romano.



Canto quinto

Los Zelos.

1ª.⁴¹

Donde el Averno vna maleza obscura
 desolitarias asperezas viste,
 en Cuya jnfausta, y lobrega espessura
 siempre la muerte en Cada vulto asiste;
 Yaze Vn valle, a quien rasga, y desfigura
 de un negro aroyo Lacorrente triste,
 que es en lo infausto, y torvo de sus greñas
 Sangre del Bosque, y llanto delas peñas.

[55]

⁴¹ Referência ao canto 6 de Eneida. O personagem está no inferno.

2.

De si mismo asombrado huye medroso
 al Lago Estigio de sus furias lleno;
 siendo enquanto jnficiona aspid umbrozo
 furor su Curso, su raudal Veneno;
 Ayrado aqui se truece, y tan rabiozo,
 peste derrama en su nativo seno,
 que entre peñascos donde se halla, y pierde,
 rompe sus Venas, y sus carnes muerde.

3.

De Adelfas mustias, de asperas verbenas,
 vestido, y De cipresses coronado,
 tumbas parece que hizo las arenas,
 al raudal en su centro agonizado;
 Los riços de sus playas nunca amenos
 el semblante tenian tan cargado,
 que palidas de horror, de espanto hiertas,
 las mismas sombras secahian muertas.

4.

Nunca en sus campos vió la Primavera
 el vario honor de su florida copia,
 ni el Sol já mâs con su Luziente esphera,
 pudor romper tan funebre Ethiopia;^{xciv}
 En sus verdores macilentos era
 tanta del Sol, y de Abril la jnopia
 que apenas en su seño, en su artheficio
 vida tuvo vna flor, un rayo hospicio.

[55v]

5.

Tan denso, y [bravo] contra el Sol se enboça,

que hasta en el ayre el horror nó mudan,
 negros vapores, que el raudal soloça
 lagrimas tristes, que los troncos sudan,
 La tierra, que a expelirlos se alvoroça
 tragalos viendo, que exhalarce dudan,
 hasta, que estos ahajos, que reprime
 en fuente llora, y en terremotos gime.

6.

Tan funestros sus campos se provocan
 que sin que su veneno lientro alteren,
 mueren las fieras que sus passos tocan,
 y hasta las aves que los miran mueren;
 Contanto estrago esteriles destocan,
 quanto sus raudales turbios hieren,
 que hasta sus mismas hiervas, que no aplacen,
 ó repugnan nascer, ó muertas nascen.

7.

En estos Solios de su horror poblados
 los troncos huecos, los peñascos rudos,
 gigantes son de tosca greña armados,
 quando nõ son cadaveres desnudos;
 Todos en mausoleos sepultados
 siendo vestigios de la selva mudos,
 hazen al fin a tan defunctas luzes
 tumbas de pedernal, de hojas capuzes.

[56]

8.

De turbias fuentes, de nocturnas aves,
 el triste canto, el ronco movimiento,
 cresce entorno do lientre, en quexas graves,

lo lorrendo al Valle, y lo confuzo alviento;
 No lo recrean, Zephiros Suaves;
 antes Seafflige el Lobrego Lamento,
 a Cuyos eccos ven los Orizontes
 huir las fieras, y riçar los Montes.

9.

El tosco Seño de sus vastas nieblas,
 tan dura denso tece la espessura inculta,
 que en Cahos parece de horridas tenieblas,
 que alli la noche envida se sepulta;
 Y aun quando oh Phebo de tus rayos puéblas.
 el auge estivo, acuya Lux se oculta
 sin desnudar, sus cumbres eminentes,
 Selva denubeses, mar de torrentes.

10.

En ella vn edificio, se lleva
 donde se vê con barbaro arteficio,
 de lózas negras la robusta planta,
 dexar azul su torvo frontispicio;
 Es Sutristeza, y pezadumbre tanta,
 que tumulto parece, y no edificio;
 pues se ostenta en mortal melancolia
 tumba a la noche, y a talud al dia.

[56v]

11.

Infaman las paredes jnfelices
 con muertas sombras de pinciles vagos,
 defuntas copias, tragicos matizes
 de infaustas muertes, y horridos estragos;

Aqui de vn valle, en funebres tapizes
 la Verde edad, en sus purpureos lagos,
 perdia Adonis^{x^{cv}}, dando en sus dolores,
 vida con vna muerte a muchas flores.

12.

Filis, alli de vn cerro despenado
 vagando el ayre a fuerças de vn gemido,
 mostrava que en las lastimas d el prado,
 dexava el monte absorto el viento herido;
 Medêa^{x^{cv}i} con furor dezatinado
 por vengarce ella Sangre del Marido,
 anegava tambien con mayor guerra,
 en fuego el Mâr, en lagrimas la tierra.

13.

Dezaliñadas las madexas riças
 Pocris^{x^{cv}ii} alli conpalido semblante,
 las ancias de vna Aurora antojadiças
 pagava muerta amanos de su amante.
 Alli Troya en jncendios, y cenizas
 lo lascivo pagava, y lo a rogante,
 de quien por sobornarce, aun gusto imundo,
 fué despojo de vn Reyno, horror de vn Mundo.

[57]

14.

Alli Progne^{x^{cv}iii}, el coraçon ya lleno
 contra su espozó de mortalles señas,
 por darle el mas mortifero veneno
 pasto le hizo atrox de sus entrañas;
 Con la Camiza de Deonira^{x^cix} al seno
 el mayor exemplar de las hazañas,

muestra allí, que no ay en los mortales
coza mas invencible que los males.

15.

Enfim allí se vian a crueldades
de un Monstruo atrox, en ambos emispherios
perecer gentes, destruir ciudades
perder coronas, y acabar Imperios:
Viance entre fagozas tempestades
las almas entanduros Cautiverios,
que en ellas enseñava el Monstruo fuerte,
que aun puede mas el odio, que la muerte.

16.

Por siete puertas que por vna enpieçan
se entra en sus mas profundos penetrales,
donde las aras de Pluton^c los tieçan
torpes cauterios de humos infernales;
A cada passo en su furor tropieçan
innanes vultos de chymeras tales,
que al fin mostrando lo que el sitio jncluye,
la propria morte espavorida huye.

[57v]

17.

Aspid nó crió Egipto en sus deziertos
sierpe nó engendró Libia en sus Arenas,
de que nó esten sus porticos cubiertos
de que sus quadras nô se miren llenas;
Torvas fantasmas, montruos encobiertos
hazen tan duras, y asperas sus penas,
que en las Viziones de su horror fatales
el mismo Infierno és Sombra de sus males.

18.

Por Orla deste Alcaçar dilatado

Pluton tan ciego un Labirintho texe,
que es fuerça encada giro enmarañado
que Egito, y Creta^{ci} Sus memorias dexe.

Todas de su artificio a lo intrincado

a la fama hazen que el olvido a lexe,
pues desta Babilonia en la conquista
hallace el susto, y pierdece la Vista.

19.

Aqui en vn baño de sangrientas vidas

yâ dezatadas en raudales feos,
si sus llagas nó cura envejecidas
dâ refrigerio el monstruo a sus dezeos;

Registros sondel baño las heridas

de calientes cadaveres trôpheos,
de sus armas, que al monstruo formidable
sirven de aspecto cruel, pero agradable.

[58]

20.

En este calaboço del discurço

solâr de la des dicha, y de la muerte
paró de Venus da carroça el cursso
yâ mal hallada en confuzion tanfuerte;

El coraçon, y el alma sin recursso

le heria el ver de Demophon la suerte,
que sirve alfin a quien con zelos Lidia
de Espada el ancia, y depuñal la embidia.

21.

Via de Troya sin vengança alguna

la sangre y los estragos, via en Grecia
 los faustos con que honrrava la fortuna
 a vn hombre que sus aras menosprecia;
 Dexando pues los cercos de la luna
 despues que Trono de Cristâl desprecia,
 baxa al Abismo donde ciega, y triste
 vive esta muerte, y tanto Infierno asiste.

22.

Como apezar de buelos tan veloces
 morir, y arder, siendo immortal se siente,
 llegava apenas, quando puzo a voces
 en arma el Bosque, en guerra el ayre ambiente:
 Perturbada los animos feroces
 de aquel claustro confuzo, al grito ardiente,
 acudieron a verla, y con su aspecto
 lo que fue turbacion, se hizo respecto.

[58v]

23.

La puerta entonces de vn tosco Zaphiro,
 ó de vn bruto Topazio, apenas pudo
 abrirla ronco, y tremulo vn suspiro,
 quando vn silencio la cerrò sañudo;
 Conduziendola alfin por largo giro
 vna duda cortez, y vn pensar mudo
 llegó alaquadra mas sublime adonde
 en su silla el monstruo atrox se esconde.

24.

En esta quadra ó Carcel del Sentido
 vn bolcan que rebienta pavorozo
 cirucunscribe el piramide encendido
 de vn trono aunque atrazado tenebrozo:

Este entre varias llamas erigido
 se ostenta con horror magestuoso,
 siendo mientras le dan docêl las sombras
 sus luzes humo, y ascecas sus alfombras.

25.

En lo Supremo deste Solio ardente
 qual Salamandra yaze el monstruo horrendo,
 que con rabia frenetica, y punjente,
 siente abrazarce elando, elarce ardiendo:
 Aqui siempre cruel siempre impaciente,
 com dolor immortal, vive muriendo
 pues sin salir de su confuzo abismo
 es Verdugo, y tromento de si mismo.

[59]

26.

De vn aspero baston sobre la punta
 Reclina la cabeça, em cuya tosca
 peruca, el serio dela faz difuncta
 Vna Selva de Viboras⁴² enrosca;
 Tanfieras sus jimagenes despunta
 que el palido Cristal que dezenrosca
 es en su mismo Espejo quando menos
 la vista muerte, y la atencion venenos.

27.

De formas varias se compone y forma
 su siempre informe, y funeral figura
 llorando, en cocodrilo, se transforma
 ardiendo, en mongibel, se transfigura:
 Si habla es trueno, nube se se informa,

⁴² remete a Medusa.

mar si se altera, a royo si murmura
 rayo si offende, si se oppone risco
 si oye Escorpion, si miera Basilisco.

28.

Es su frente la afrenta; y los enojos
 son sus ojos; seños son sus cejas,
 su vista es la sospecha; y los antojos
 sus ojos son; su boca y Vox sus queexas;
 Sus manos las verguenças; sus despojos
 el tormento, y la rabia en que le dexas
 tirano amor! Su pecho los disgustos
 suspies temores; y sus passos sustos.

[59v]

29.

Cree loque duda, y miega loque trata
 aborrece lomismo que dezea,
 y Hydropico de vn ancia que le mata
 todo su gusto, en su martirio emplêa;
 Teme, y se, aroja grita y se recata,
 huye asu bien, y su aggravio galantêa
 y mientras en su amor fluctua, y Lidia
 lo que ama offende, y lo que acuzas inbidia.

30.

Este monstruo, esta fiera, a cuya Sombra
 se eclipsa el Sol, el mismo Mar se inflama,
 quando muerto se Siente, hinar se nombra
 quando Infierno se ve, Zelos se llama:
 Menos de aquella el dura golpe asombra
 menos del òtro la acerba, Ley le inflama,
 pues lehâ hecho vna offença presumida

muerte del alma, infierno dela vida.

31.

El rosicler hurtado ala mexilla
 sentió Vênus mirando aquel portento,
 mas Luego del furor la maravilla
 la llevó del espanto al ardimiento:
 Deydad (le dize) excelça a quien se humilla
 la tierra, el ayre, el Mar, y el firmam^{iento}
 pues son ya de tus altas potestades
 aras vn Mundo, y offrenda las Deydades.

[60]

32.

Nueva Troya arde en Tracia a persuaciones
 de vn grego que de un pecho al fragil muro,
 nuevos introduzió⁴³ Paladiones^{cii}
 con las chimeras de un amor perjuro
 Rendido a sus profanas invenciones
 el Ilion de la Beldad mas puro,
 del Templo mio al dulce simulacro
 violó lo honesto, y profanó lo sacro.

33.

Los Thezouros del Azia nunca exhaustos
 gastandoce en sobervios desvairros,
 son oblaciones, a gloriosos faustos,
 de los bultos de Filis siempre impios:
 Las victimas, offrendas, y holocaustos
 con que humeavan los altares mios
 por jnjurias que mis daños advieten
 en menos que humo aora se convierten.

⁴³ Vez ou outra aparece esse acento duvidoso entre agudo ou grave.

34.

Adora a Filis Demophonte, y tierno
 ansi la desvanece en sus amores,
 que ella elevada en este engaño externo
 desprecia las Deydades superiores:
 Perece el Reyno, y del amor paterno
 despojados los Principes Mayores,
 y haze Ardenio mortal, sin que en supecho
 lo que no pudo amor, haja el despecho.

[60v]

35.

Qual Nave sintimon, Potro, sin freno
 al arvitrio del viento, y del bullicio
 en giro, y en cursso de prudencia ageno
 curso el temporal, y el precipicio,
 Tal de injusticias, y de oprobrio lleno
 el Reyno entregue a la ambicion, yel vicio,
 sin saber reprimirse, ó refrenarce
 corre a perderce, y buela a despeñarce.

36.

Si la razon se quexa de su daño
 si el merito procura recompensa
 vno alcança por premio el dezengano
 otro recibe por merced la offensa;
 Honrrace el vicio, estimace el engaño
 el jnterez con la maldad dispença
 y indozidos de vn torpe beneficio
 llega a tener Hypocritas el vicio.

37.

Reyna la astuta ambicion entorno

de Zelo, y como el vulgo la agradece
sin ver el Ceptro, y respetar el trono,
la libertad, y la licencia cresce;
No haziendo asi calumnia sin abono
tiraniza el poder lo que apetece,
y privando vna Hydropica osadia
todo el Imperio, a la maldad sefia.

[61]

38.

Cupido esse hijo ingrato que blazona
contanta ceguedad de su inemigo
y oy contra los dos tan ferox se entona
rebelde al gusto que logró contigo;
Yá contantas injurias nos baldona
que si cabe entu offença su castigo,
festejaré, que en tus poderes sabios
nó falte vna venganca adós aggravios.

39.

Vê que este Dios vendado en vituperia
de tus armas con loca tirania,
quiere hazer las ruynas de tu Imperio
Bazes de su violenta monarchia;
Tupuês que hollaste aquel y este Emispherio
por honra tuya, ó conveniencia mia,
no permitas que vfano en tu sociego
de un Dios que es lince, asi triumphe vn Ciego.

40.

Despierte pues del Sueño que le inflama
el coraçon de Ardenio, y tanto beba
de tu spirito ardiente, que a su llama,

mâs que a su honor el reyno Tracio deva;
 Muera el Grego sacrilego, y la fama
 no mâs los Orbes con su aplauzo mueva,
 y solo de tu zelo a las acciones,
 Tracia consagre Estatuas, y blazones.

[61v]

41.

Dixo: y del monstruo vniendoce a las plantas
 tantos carinhos supo hazer discretos
 que el dolor le imprimió de heridas tantas
 aun mas que con lavox, com los affectos;
 Hermoza suspension que el mundo encantas
 (cortez responde el monstruo a sus conçeptos)
 dexo el agrado yâ detu prezencia
 solo porque te sirva my obediencia.

42.

Sin dezir mas lavox con torvo indicio,
 effecto fue de su furor profundo,
 caher el sol, hundirce el edeficio,
 turbarce el Mâr, y estremecerce el mundo;
 Luego corriendo el rigorozo officio
 se dexo despeñar almas profundo
 de vn Calaboço adonde fiero, y triste,
 de Sierpes se arma y de Aspides se viste.

43.

Sobre un Carro de llamas cuyas pias
 eran del Averno las tartareas furias,
 del Hemo elado, a las montañas frias
 corre avengar de Venus las injurias:
 No tanto el rayo a offença, y ozadias

baxa velox de las etereas curias;
 ni al mar el Tigrio rapido se mueve
 contanta sed de venenoza nieve:

[62]

44.

Inficionãdo su furor sañudo
 el viento, ~~no campo~~ y del eclipse comovido,
 quedó el Orbe de su quietud desnudo,
 y halloce el ayre de su horror vestido;
 De incultas fieras el arrullar crudo
 de Aves tristes el infelix granido
 a todo el emispherio en que se oyeron,
 fatal anuncio, y ruda exequia fueron.

45.

De miedo elarce vió la fuente vmbria
 retrocedió can el pavor sus huellas,
 el a royo templo, la tierra fria,
 y abirce el mar en bocas y querellas;
 Mustio el cielo se vió, marchito el día
 Ciega la luz, defuntas las estrellas,
 y en las que fueron de sus pies alfombras,
 sangre el fuego llovió, rayos las sombras.

46.

Ya dela noche en la estacion obscura
 el luctuozo Imperio exercitaba
 Morpheo, y de su copa menos pura
 dos mas cargados sueños derramava;
 Quando el mōstruo ferox en lafigura
 del muerto Oronthe^{ciii} al apozento entrava,
 de su hijo Ardenio, que entre mal tan fuerte

engañava la vida con la muerte.

[62v]

47.

Arrugada la faz, triste el semblante,
 la vista ayrada y nó del llanto enxuta
 la barba cana y sin aseo errante
 mas firme el cuerpo que vna nube enluta;
 Tan vivo persuadió la siempre amante
 fantazia deArdenio con su astuta
 forma, que en sus mismos ilusiones
 muertas le imprimió estas razones.

48.

Despierta ó loven que en infame olvido
 pierdes el tiempo, y lo que vives sueñas,
 pues te afrenta heredado, y no adquirido
 aquel honor que en tu omission despeñas;
 Menos que gloria obligacion ha sido,
 el valor en vn hombre de tu señas;
 pues dize mal encaza semejante
 chapitel tosco, y bazes de diamante:

49.

El raudal, que mas rapido parece
 que entre los ricos su furor quebranta,
 solo en las turbaciones se engrandece,
 solo en los percipios se adelanta;
 Si pues un arroyelo solo cresce
 quando se aroja, ó turba en furia tanta,
 tu que puedes ser mar pues rico naces
 triste lagumas, y torpe charco yazes!

50.

Dexas azar las flores que regaste
 del aspid que le ofende venenozo,
 y dexas de la planta que criaste,
 coger mano furtiva el fructo hermoso;
 Mâs que delas Hesperides^{civ} jugaste
 esplendido este pomo, y pereçozo
 a quien ni Alcides es, ni es bien te ofenda
 Dragon nó opones, que tu honor defienda.

51.

Si a la posteridad viven los hombres
 mas que a la vida que vn minuto es breve,
 como es razon que de vivir te nombres
 digno, si alo immortal nadie te mueve:
 Dexa el letargo pues la lux nõ asombres
 que mi esplendor a las estrellas deve,
 que es lastima apezar de tantas glorias
 que ansi manche tu olvido, a mis memorias.

52.

Yaze Tracia defuncta, y la nobleza
 a quien mi sangre alimentó la vida,
 cadaver se sepulta en tu pereza,
 adonde mas que muerta yaze offendida:
 El pueblo que esperó de tu grandeza
 restaurar la virtud que vê perdida
 viendo que ansi la infamas tibiamiente⁴⁴
 ya su ruina, en tus respozos siente.

⁴⁴ tibiamiente: normalmente, fracamente

53.

Al fin pierdes a Filis sin disculpa
 alguna, y quando un grego Te baldona,
 sufres ver que de Tracia eres columna,
 que yâ a instantes se quiebra, ó desmorona;
 No te estraño el desden de vna fortuna,
 siento verte incapax de vna corona,
 quando para el Imperio la ozadia
 hizo en muchos raxon la tirania.

54.

Si pues nó te averguença oprobrio tanto,
 ni te mueve el rigor de la ancia mia,
 calienten las centellas de mi llanto
 lo que ese yelo de mi sangre enfria;
 Sien raudales de fuego pudo el Xanto
 quitar la mancha de una offença impia,
 quite este mar de lagrimas ardiente
 tu fêa injuria, y mi dolor pungente.

55.

Nò pues de Oronthe sucessor te llames
 ni ser de Tracia Principe prezumas,
 si aliento dexas, que con ardor nó inflames,
 ó Grego aquien no abrazes, y consumas;
 Dexa las plumas de Morfeo^{CV} infames
 calça de Marte las sangrientas plumas
 restaurarâs matando a Demophonte,
 vida atu honor, y credits a Oronthe.

56.

Dixo: y llegando al coração confuzo
 de vn aspid sordo el venenozo aliento,
 de vn trueno atrox la quadra descompuzo,
 dezechá en sombra, y dezatada en viento;
 Al son terrible, al dezatino infuzo
 tremulo el pulço el rostro macilento,
 despertó el lovem siendo en lances fuertes
 sus passos furias; sus acciones muertes.

57.

Padre, Le iba a dezir, mas embargada
 del asombro interior, la vox defuncta,
 dexó la lengua en su pavor troncada,
 y el alma asus espantos toda junta;
 Corriendo pues frenetico a la espada,
 tan furiozo el esfuerço le barrunta.
 que en um punto dudó la fantazia,
 si antes fuera el temor, que la ozadia.

58.

Luego sobre un Cavallo que parece
 torre de fuego espirito de Eolo
 a La Campaña que el Cristal guarnece
 del Ebro vale despachado, y solo:
 Rio de lluvias manos se enfurece
 fiero contra las selvas el Pacholo;
 y menos paçando las precizas rayas,
 brama el mâr por las rocas, y las playas.

[64v]

59.

Si antes de Filis amando la belleza,

y postrando a su gusto vn alvidrio,
 eracadaloucura vna fineza,
 es yâ cada quexa vn desvario;
 No ay monte, soledad, ni aspereza,
 tierna flor, peña dura, ó dulce rio,
 que nó deva a dolor, ancia, y mal tanto,
 ronca vox, eco triste, amargo llanto:

60.

Nó tuvo el Valle tranzito escondido
 tronco nó tuvo el monte eternizado,
 que horror no fuece a su menor gemido,
 que perdon fuece, a su azero ayrado;
 Si aquel robusto y el ótro ensordecido
 eran del Notto^{cv} escandalo obstinado,
 aora a golpes de vn, y otro aliento
 de aquel eran dolor, deste escarmiento.

61.

Mal lunado animal, nó ansi pungente,
 quando zelozo el bruto afecto exprime,
 contralos troncos que investió valiente,
 las medias lunas de la frente esgrime:
 Y escarvando los montes impaciente
 mi entras ferox asu rival nó oprime,
 parece haziendo atodo el mundo Guerra,
 que donde abre un sepulcro, un Valle entierra.

[65]

62.

En funebres silencios de la Luna^{cvii},
 davan penozo objecto a su tristeza,
 y era horrendo presagio a su fortuna,

de obscuras nubes la infelix maleza;
 La espessa soledad mas importuna
 augmentava en su horror su aspereza,
 y ansi sentian juntos sus querellas,
 el Valle, el monte, elayre, y las estrellas;

63.

Ansi afligido y triste, ansi furiozo,
 de un bosque penetró la obscura via,
 cuya arboleda en Labirintho Vmbrozo,
 ni al sol deu calor, ni luz aldia;
 Apoco claro, aora tenebrozo
 hera sepulcro de la noche fria
 pues Tumulo, de hojas Siendo negro, y bruto,
 lo que antes gala fuê, entonces luto.

64.

Quando al clamor de vn funebre lamento
 herida noblemente el alma enduda
 pica el cavallo que pizando el viento
 rompiò el estorvo, de la selva ruda;
 Viendo al fin a la Lux de antorchas ciento,
 rasgado el Velo de la noche muda
 en la llañura halló de vna floresta,
 atrozes aras de Deydad funesta.

[65v]

65.

De un sobervio castillo que nó estava
 lexos, armado de Crueldad sabia,
 robusto yn Joven que ferox vibrava
 Vna hasta dura con que el viento Earia;

Ala Deydad que el Idolo ostentava,
 horrendo sacrificio conduzia
 de dos belleza que en aquel conflicto
 del llanto hizieron vox, del ancia grito.

66.

Llena de lutos turba numeroza
 con cerimonia barbara, y confuza,
 de Cada offrenda, y victima llozoza,
 ministrava, el efecto, y nó la escuza:
 Menos fuera de Ardenio el ancia ocioza:
 de piedra con la vista de Meduza,
 que en esta vista aquel favor que medra,
 para caher corisco fue de piedra.

67.

No pues sofriendo del braço la tardança
 embiste al fuerte Barbaro, y sospecho,
 que al duro bota de la horrenda lança
 primero el alma le partió que el pecho;
 Luego con brava y intrepida pujança
 al Sacerdote en frenezis deshecho,
 hizo trocando en su lugar la suerte,
 oblacion de las aras de la muerte.

[66]

68.

Despues haziendo huyr la horenda tropa
 que armas, y piedras sobre el llovieron,
 Idolo, y altar, y lafunestaCôpa
 del acto atroz despedaçar se vieron;
 Y de suerte atropella a quantos topa,
 que en las aras, y bultos que cahieron,

mostrava bien que en su valor sañudo
sacrificar la misma muerte pudo.

69.

Al golpe ansi del cegador robusto
nó las miesses cortó corba gadaña,
como del Joven el azero agosto,
gargantas ciega, en la fatal campaña:
Celebrina nó ansi del Polo adusto
los abrazados Globos dezentraña
como del braço ardiente sin desmayos,
entre diluvios de Ira llueven rayos.

70.

Nó mucho espacio de su estrella esquivia
se quexava vn suspiro a la ribera,
quando a sus ojos se offreció mal viva,
Laura escapada dela muerte fiera;
Laura que de sus Aras fugetiva
salvandoce en el bosque se perdiera,
y con mâs dicha que desconfiança
siempre en su riesgo halló su segurança.

[66v]

71.

Assombrado de verla, en sitio, y traje,
tan ageno a su estado, y a su fortuna,
le pregunta cortez que injusto vltraje,
del hado, su decoro excelço impugna;
Ella despues que de su honor, languague
hizo un eclipse honesto, nó repugna
el respondelle, y con modesto avizo,
ansi sus hados retratalla quizo.

72.

Principe soberano aqui en ya veo
 que devo con el credito la vida,
 y a quien sinò triumpho, es yâ trofeo
 la memoria de vn alma agradecida;
 Junto del Ebro^{cviii}, en esse del Hibleo^{cix}
 pencil mas noble jnvidia presumida,
 de chipre, ó de Thezalia aviá tres soles,
 que me expuzo mi estrella, en sus crisoles.

73.

Errava de vna Selva en la espessura
 que era de Clori tumulto viviente,
 Clori cuyes prodigios de hermozura,
 a tus Idolos son victima ardiente;
 Quando Licastro a quien su desventura
 ó mi desdicha despeñó indecente,
 a mis agravios, ó apurar los vino
 como si fuera emienda el dezatino.

[67]

74.

Acompañado de su primo Armendo^{cx},
 que con la misma estrella a Clori amava,
 quizo con robo a toda el alma horrendo
 ver si su dicha en su violencia estava:
 Ansi mâs arastrando que atrayendo
 el plomo atrox que mi desden flexava,
 en vn cavallo insignia de su injuria
 mâs que su amor me arebató su furia.

75.

No los hados tan presto asus enojos

esta victima tragica offrencieron,
 quando de Clori al duro harpon, despojos
 de Armendo, el alma, y la sangre fueron:
 Tiñió su sangre los claveles roxos
 que en verdes hojas palida escribieron,
 su muerte, adonde el alma advierte
 que adonde amó la vida, halló la muerte.

76.

Menos de ardiente vibora mordido
 rabiozo Tigre se enfurece, y brama,
 que viendo a Armendo en purpura teñido,
 de ira a Licastro el caraçon se inflama;
 Nó ansi amenaça el rayo enfurecido
 el tronco que se armó de tierna rama,
 como el loven ferox, la Ninfa bella
 que a tanto rayo se desmayava estrella.

[67v]

77.

Bien que tenga su fuerça la Hermozura
 para atar con lavista hombres, y fieras,
 milagro entonces fue de la ventura,
 escapar Clori amanos tan severas;
 Atada al fin a la fealdad obscura
 del Cadaver Sangriento; las riberas
 de su Castillo en poco alcança;
 tanto corre el dezêo, y la vengança.

78.

Alli despues que sus ardores Viles
 de mi honor no Cantaron LaVictoria
 quizo que de dós vidas los Abriles

fuecen offrenda triste a su memoria;
 Ardiendo al fim sus años juveniles
 em odio, y rabia, por postrera gloria,
 quizo ver, por mirar que se abrazava
 si en Mar de sangre, aquella sed templava.

79.

Yaze en vna montaña, vn Valle occulto
 donde unfêo raudal viboras vierte
 cuyo Alvergue funesto, y toldo inculto,
 es alcoba, Seño, ó tumba de la muerte:
 Nó ay tronco verde cuyo horrendo vulto
 nó asombre ó turbe, el coraçon mas fuerte,
 pues aun los rios que hasta el mar se enbreñan
 muestran que en el medrozos, se despeñan.

[68]⁴⁵

[68v]

80.

Aqui pues donde en ara luctuoza
 la muerte honrró sus idolos fatales,
 se lloraron en pira obsequioza,
 las cenizas de Armendo funerales:
 Luego quando con capa tenebroza,
 pia la noche abriga los mortales,
 nos conduzia ao duro sacrificio
 impio ministro del piedozo oficio.

81.

Aqui llegava Laura, quando al monte

⁴⁵ Fóllo rasurado.

bolviendo el rostro Ardenio, que sentiera
 el tropel de vn Cavallo, a Demophonte
 vió bien que armado, erguia la vizera,
 Con mayor gusto ~~que~~ ^{que} ~~nó~~ ^{nó} subió Faetonte^{cx}
 sobre el Carro del Sol, que a la primera
 vista, en un trueno el loven sin desmayo
 para baxar cometa, sobió rayo.

82.

El hijo de Thezeo^{cxii} persuadido
 que Ardenio fuera el Paris desta Elena,
 por ver a Laura, y por haver sabido
 del robo atrox, en la espessura amena.
 Viendo exceder el loven atrevido
 en quien el hurto, y el furor condemna,
 en la silla se affirma, el yelo en laça
 la lança enristra, y el escudo enbraça.

[69]

83.

Como Suelen romperce, y contrastarce
 dós Naves que en el campo crystalino
 callado el trimon van a encontrarce
 sinó torres de Abeto, Aves delino:
 Ansi los dos corriendo a maltratarce.
 chocan con tan violento dezatino
 que cada qual por darce cruda muerte
 es Ave en lo Velox, torre en lo fuerte.

84.

Las hastas por los vientos esparcidas
 en mas hastillas que Faeton centellas,
 ala region del ayre transferidas,

chispas fueram elarce a las estrellas;
 Sinduda para darle al sol heridas
 penetraron de un golpe, estas, y aquellas
 regiones; pues con nublos macilentos
 muertas luzes vestió, rayos sangrientos

85.

Cahieren muertos del terrible encuentro
 aun tiempo los cavallos furibundos,
 y temeron al golpe por de dentro
 submergirce dos mares y dós mundos:
 Dela gran Madre, recogerce al centro
 dezearon los Valles mas profundos,
 por no ver asus eccos menos roncós,
 temblar los peñas, y caher los troncos.

[69v]

86.

Mas tan velox de corva media luna
 nó se aroja ó despide atrox saeta,
 quando apesar del viento que la impugna,
 corriendo exhalacion muere cometa
 Como corrido de su igoal fortuna
 cada qual destinandoce alameta
 de aquel furor que el animo le enoja,
 suelto se libra, y rapido se aroja:

87.

Sacó el azero Demophonte, y luego
 hirió ferox al sucessor de Oronthe,
 que vacilante al golpe, al dolor ciego
 pensó cahersele sobre el yelmo yn monte:
 Lachimera entre viboras de fuego

nó tanto incedio aviva en su orizonte,
 pues hizo al fin rodando por las ramas,
 lo que era verde mäs bosque de llamas.

88.

Quazi nó fue menor el arojado
 impulço de otro golpe a cuyo tiro
 pudiera vn monte dediamiente armado
 cayer y vndirce en Valles de Zaphiro:
 Mas nó costando al Trace, exasperado
 mas que vna vox que apenas fue suspiro,
 se vió que era mas facil pensamiento
 poder prostrarce vn mundo que su aliento.

[70]

89.

Pero nó ansi torrente impetuozo,
 a quien dã fuerças con su lluvia Otubre
 arancando los arboles furiozo
 de Ondas y arenas, las montanhas cubre:
 Como offendido el loven Valerozo,
 que en su contrario aquel valor descubre,
 pensó arojado con violencia dura,
 darle en vn golpe muerte y sepultura.

90.

Expuzo Demofonte el fuerte escudo
 al cochiLO fatal, que hasta a los laços
 donde se embraça penetrando agudo,
 con furia atrox le fulminó pedaços;
 Y pertendiendo de vn reves sañado
 partir el pecho, y cercenar los braços

del Varon grego sin perder un punto
intentar, y offender fue lodo junto.

91.

Pizada sierpe con ferox descuello
nó tan ayrada quando el cuerpo junta
sobre la grama entumeciendo el cuello,
toscos arpones de la lengua apunta:
Como el Griego Varon que antes de aquello
nó tanta rezistencia le barrunta,
con esta pezadumbre mas furiozo
mas que culebra se jncendió rabiozo.

[70v]

92.

Con una punta jntrepido cayendo
de su inimigo sobre el pecho duro,
de parte a parte le rompió, creyendo
que ansi passara de diamante un muro;
Pero siendo a suslayo, y nó prendiendo
la espada mas que en poca piel, seguro
que dó Ardenio; mas palido de suerte
que fuê su vida jdêa de su muerte.

93.

Mas nó parando el impeto vehemente
conque offender a su contrario pudo
dela mano ferox con rabia ardente,
si el braço nó; le a rebató el escudo:
Nunca herido de estimulo punjente
sevió de Ardenio el coraçon sañudo,
como en esta conflicto en Cuyas lides
miedo de Marte fuera, horror de Alcides.

94.

Cerrando abraços con el loven Griego,
 en vano intenta su colera pagiça
 tornarle con ambitos de Fuego
 volcan el pecho, el coraçon ceniza:
 Mas tan estrechamente en nudo ciego
 ató dos almas, yedra arojadiça
 que al juntar los alientos que confunde
 por onde vna le aranca, otra leinfunde.

[71]

95.

Robusta encina, em la stassion elada
 quando Eolo^{cxiii} la imbiste enfurecido
 bienque la pompa in eline contrastada
 no tan firme sustenta el pie trocido;
 Como de Ardenio a la tormenta ayrada
 quando vacila el cuerpo combatido
 firme enlos pies parece Demofonte
 plante de pedernal, roca de monte.

96.

Hizoce vnion la enemista de suerte
 que atando con las armas las heridas,
 lo que era deligencia de vna muerte
 vtil remedio fuê para dós vidas;
 Mas óh perverssa accion de vn odio fuerte,
 que siendo affirmacion de estar vunidas
 versse enbraços das almas, y vna ydêa
 lo que es Señal de amor, de odio losêa.

97.

Ansi con ronco aprieto, y rabia muda

enfatiga cruel de acto violento,
 duró de suerte su vehemencia cruda
 que cedió mucho al animo el aliento:
 Y su misma defençã hallando ayuda
 en lacañada Lid de su ardiemiento,
 para apartarse con igoal destino,
 solo su dezaliento fue padrino.

[71v]

98.

Sobre el azero cada qual suspenço
 Al medirce, y mirarce parecia,
 que herida el alma de dolor intenso
 en abrazada sed desangre ardia;
 Con ceño ayrado a cada vista pienso
 que un coraçon con otro contendia
 pues disparando llamas sus enojos,
 fue batalha la vista, armas los ojos.

99.

Ansi enguera del alma, y del sentido
 los dõs sufuria alentando estaban,
 quando breve esquadron de armas ceñido
 les salteó la tregoa en que se hallanvan;
 Su haston era Filis que al ruido
 de los golpes que en el alma se ledavan,
 llegó al sitio fatal, Theatro adonde
 zelos descubren quanto amor esconde.

100.

Luego de Laura la cruel violencia
 supo conque del griego, el Traçe ayrado
 solicitó la muerte; y la experiencia

con que el valor ocasionó su enfado:
 Persuadiendoce pues que en suprezencia
 fuece lapax respecto, aunque nó agrado,
 por serenar tanto Uracan de enojos
 el imperio interpuzo de sus ojos.

[72]

101.

No supó rezistir de tanta estrella,
 el griego al siempre dulce hermoso influxo,
 antes prostrado a Magestad tan bella
 toda el alma a obediencias se reduxo;
 Nó el Trace ansi, que a la menor centellas
 de aquel fuego que el monstruo le introduxo,
 ardiendo en llamas, dixo desta suerte:
 esto solo se acaba con la muerte.

102.

Del hondo Valle en la cargada bruma
 tan bravo tan colerico nó choca
 rayos vibrando qual volcan de espuma
 sobervio el mar con la robusta roca:
 Como en las ondas de su rabia suma
 etnas de espuma, echando por laboca
 viendo que el griego escollo lo reziste
 para anegarlo mar, Volcan le imbiste.

103.

Parece en los ahajos que contiene
 vn mal que tantas muertes acomula,
 que quando el alma en Filis se detiene
 la vista de su ofença la estimula
 Demophonte tambien que el pecho tiene

llo deotro Volcan nó desimula
 la offença a Filis hecha, y en sus pujaņas
 yâ aun aggravio procura dos venganças.

[72v]

104.

Menos temblor de Thifeo en la guerra
 Olimpo, y Flexra a love dió confuzo,
 quando chocando el cielo con la tierra
 sangriento el mar, defuncto el sol sepuzo;
 Que al terremoto horrendo conque cierra
 cada qual con ardiemiento infuzo
 pareció sinque el mundo selo estorve
 chocar peña conpeña, orbe con orbe.

105.

A bocas de carmim pienso que expressa
 la sangre, le enseño iras nó pocas
 pues quando mas em sus corrientes preza
 suelta lo encareció por muchas bocas:
 En otras tantas mudo lo confieça
 el Valle porlas grutas, y las bocas,
 cuyas bocas abrió confiero encanto
 menos naturaleza, que el espanto.

106.

Las hojas donde Abril plumas nó pierde
 impresas yâ con rubricas de grana,
 quanto del Prado fuẽ lamina verde
 hizieron de un raudal sidonea plana;
 Sin duda proque Tracia nó se acuerde
 de otros Tropheos, por el campo Ufana
 puzo en Padron de platanos, y mimbres

Tirios follajes de sangrientos timbres.

[73]

107.

Yâ del Luziente spirito del dia
 macilento el impulço, passo apasso
 se desmayava, y funebre cahia
 en las cristalinas vrnas del Occazo:
 Quando en la fiera Marcial profia
 sin Señal de Victoria, el tiempo escazo
 mostrava ser para el Valor profundo
 de quien corto Theatro es todo el mundo.

108.

De un verticâl a Demofonte Ardenio
 llevó del y elmo el timbre coronado
 de un liston que las alas de Silenio
 imitó por los vientos dezatado:
 Prenda de Filis era, cujo ingenio
 havia el nudo ayrozo rematado
 con vn diamante en quien su amor escribe,
 quien nó muere infelix, de amante vive.

109.

Nó corre onça velox, Nebli nó buela
 tras leve Corça, o Garça fugetiva,
 que ansi vñas, y pies, pluma, y piguela,
 sacuda ayrado, y percipite esquiva
 Como Demophon que de Ardenio anhela
 la vingança, y Victoria mas altiva,
 Onça, y Nebli quixiera bravo, y fiero
 hazer manos los pies, garra el azero.

110.

Con ambas manos fuminado el rayo
 que Atropos^{CXIV} forjó, que templo Brontes^{CXV},
 quizo cortar con effectivo ensayo
 en vn tronco los arboles Oronthes;
 Pudiera el golpe a vndandoce a soslayo
 abrir las peñas, y partir los montes
 si hurtandoce Ardenio a tales sañas
 nó rasgara a la tierra las entrañas.

111.

Hecha pedaços por el braço augusto
 la espada en esta accion terrible engano
 yalando al Reyno de Pluton adulto
 las guarniciones le dexó en la mano:
 Y viendo el Trace ferox que yâ asu gusto,
 sin defença quedava el griego Vfano,
 le embiste tan ferox tan bravo, y fuerte
 que encada jntrepidex tira vna muerte.

112.

Nó tan espezo Antartico granizo
 de excelço Monte acuehiló la cumbre,
 despues que de vna nube el vapor hizo
 alarda de su torva pezadumbre;
 Como el Trace, en diluvio arojadiço
 de golpes, eclipsando al Sol lalumbre,
 sobre el Varon mâs fuerte em los desmayos,
 diluvio dejras fuê, lluvia de rayos.

113.

De Rosicleres palidos vestida
 la hermosura de Filis mas perfecta,
 de alentó la magestad rendida
 sobre un escolho que aquel campo afecta;
 Mas siendo en bello ardor contra vna vida,
 su misma palidez, roxo cometa,
 puzo en los auges del aliento argivo
 muertos dós soles, vn condor mal vivo.

114.

Mas su valor mayor que su fortuna
 así al riesgo se opone desnudado,
 que de la misma fuerça que le expugna,
 rezistencias estudia contra el hado;
 Podo entristes amagos se le aduna
 roto el escudo, el y elmo mal parado
 mas firme de su esfuerço, en el abismo
 todo reziste armado de si mismo.

115.

Embiste a su Contrario, y bien que herido
 de vna punta cruel el pecho siente
 la espada le desvia enfurecido
 y en los braços le coge ayradamiente;
 Menos entre los de Hercules se ha vido
 agonizado el pedernal viviente,
 desse Gigante de Africa sañado
 con quien más que la tierra el ayre pudo.

[74v]

116.

Mas no parando aqui sufuerça dura
 sacó fiero un puñal, con que a despecho

del Trace atrox por vna estocadura,
 tercera vez le enbaynó en el pecho;
 Indignada huyó a la region oscura
 de las sombras, el alma, encuyo estrecho
 cahos, al cadaver hizo Demophonte
 tumulto triste el barco de Acqueronte^{cxvi}.

Fim.

3.7 CANTO 6: LA SOLEDAD.

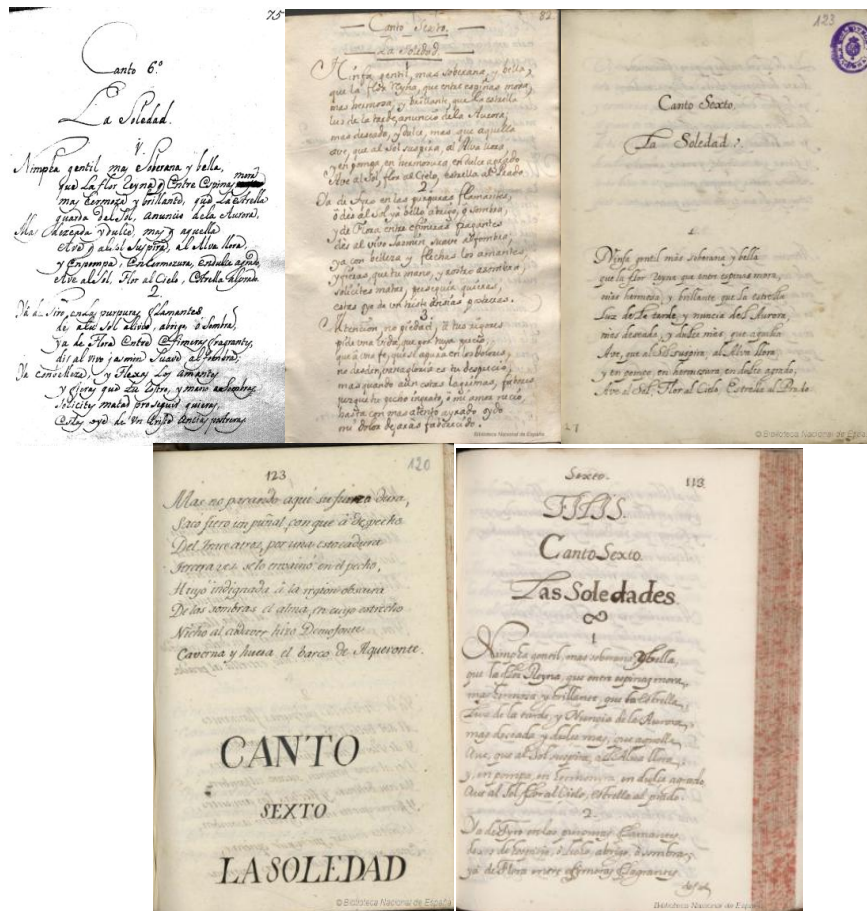
Neste canto, de 51 estrofes, o poeta faz referência à primavera, ao amor, à beleza de Filis e à solidão, usando, para isso, de várias metáforas e a referência à história de outro casal da mitologia como forma de antecipar o destino de Filis e Demofonte.

Assim, o poema "La Soledad" explora a tristeza e a dor causadas pela ausência de uma ninfa admirada por sua beleza e encantos. O poeta lamenta o sofrimento que sente por causa dessa ausência, comparando-a à escuridão e à desolação, e reflete sobre a natureza do amor, declarando que sua devoção é mais forte do que a dor que sente.

A narrativa apresenta Fileno, que, imerso em tristeza e amor não correspondido por Clori, enfrenta desprezo e indiferença. Apesar de adorar Clori, seu amor é rejeitado, e Clori, por sua vez, busca consolo na solidão e na natureza, refletindo sobre a crueldade da beleza que outrora adorava.

O canto sexto menciona ainda a cerimônia de casamento de Filis, que, embora grandiosa e esplêndida, é permeada por um sentimento de tristeza e decepção. A beleza de Filis é celebrada com pompa, em contraste com a dor e o ressentimento presentes nos corações daqueles que a rodeiam.

Por fim, o poeta medita sobre a perda e a desolação, concluindo que a beleza e a majestade não são suficientes para preencher o vazio deixado pela ausência da amada. A dor persistente de Fileno pode ser um lembrete constante do amor não correspondido e da solidão que ele enfrenta.



[75]

Canto 6º La Soledad.

1.

Nimpha gentil mas Soberana y bella,
 que la flor reyna que entre espinas ~~nace~~ mora
 mas hermosa y brillante, que la estrella
 guarda del Sol, anuncio dela Aurora:
 Mas dezeada y dulce, mas que aquella
 Ave que al sol suspira, al Alva llora,
 y en pompa, en hermozura, en dulce agrado,
 Ave al Sol, Flor al Cielo, Estrella al prado.

2.

Yâ de Tiro en las purpuras flamantes
 dés a tu Sol alivio, abrigo, ó Sombra,
 ya de Flora entre e fimeras fragrantas,
 dis al vivo jasmim suave alfombra;
 Ya con belleza, y Flexas los amantes
 y fieras que tu rostro, y mano asombras,
 solicites matar proseguir quieras,
 estas oye le vn triste ancias postreras.

[75v]

3.

Atencion, no piedad a sus rigores
 pide vna vida que por tuya precio
 que a vna féé que se apura en sus Dolores,
 no desden Vanagloria es tu desprecio;
 Mas quando aun estas lagrimas favores
 jusge tu pecho ingrato ó mi amor nescio,
 avn con oy me atenta amante pido
 nó dexes mi dolor favorecido:

4.

Vi tu hermosura, y suya culpa ha sido
 esta ambicion cortez de amarte, y verte,
 que se corriera amor de lo entendido
 si quien te vió pudiera no quererte:
 Detu Sol me auzente mâs que offendido,
 dezalumbrado, a buscar la muerte,
 mas bien tevenga mi tormento sabio,
 pues senti mas tu auzencia que mi agravio.

5.

Menos triste quedó sin las estrellas
 la escura tarde sin el sol el dia,
 sin el Abril las Flores, y sin ellas
 el Prado en la stacion ardiente ó fria;

Que lexos de tus luzes siempre bellas
 sintió, lloró tu auzencia el alma mia,
 abrando en mi loque en aquel desvio
 Nubes Sombras, Jnvierno, Octon, Estio.

[76]

6.

Consumirme el tromento pertendia
 y amor con los incendios atentava,
 a la penna era horror lo que vivia,
 y era offença al amor lo que acabava;
 La vida en los pezares se impedia
 lamuerte en las finezas se embargava,
 hasta que en nó matarme el sentimiento
 vi que era mas mi amor que mi tormento.

7.

Oh'navedad de vn coraçon que quiere
 provar la féé con que su mal recibe,
 pues quando amor con los aggravios muere,
 mas puro el myo en las offenças vive;
 Remedio no ay que mi cuidad espere,
 nó ay desden que deste amor me prive,
 porque una féé que amó tan alto dueño,
 crisol jusga el aggravio, jman el Señor.

8.

Si pues aun triste que ama se concede
 dezir la cauza proque llora, y gime
 menos sentirce que imbidiarce puede;
 quien deste alivio la oCcazion exprime;
 Por daño nó, por galardón me quede
 morir, y arder por cauza tan sublime,

y harta ventura serâ de lo que quiere,
ver tu rigor que por amarte muere.

[76v]

9.

Ansi en la margen de vn Cristal palustre,
dando incendios al rio, ancias al viento
suspirava um Pastor florido lustre,
de quanto al Pindo^{cxvii} es verde luzimiento;
Pastor, pero con alma tan jlustre
que en las estrellas puzo el pensamiento
por ver si en rados de region tan bella,
tenia vn entrendido alguna estrella.

10.

A Feniza otro tiempo maravilla
de aquel Campo estimara como prenda
de su amor cuya Victima Secilla,
fuera en sus armas deCoroza offrenda;
Mas luego que otra lux por esta, orilla
del Ebro, atanto amor rasgó lavenda,
siendo de otra Deydad Templo y despojos,
su amor olvido fue, sus vendãs ojos.

11.

Era Feniza hermosa avnque nó aplace
montaÑeza beldad a quien nó atiende
que toda es flor, que delas hiervas nasce
bien que del sol su calidad descende;
Verque entre espinas, y asperezas pasce
que mucho mas la acredita que la offende
y si ay mas pompa enflores contezanas
eso es ter mas hoja, ó ser mas vanas.

12.

Sentió Feniza sus agravios tanto
 vn dia enque fue su invid mas furioza,
 que ahogado el corazon, en triste llanto
 le hizo el alma rebentad zeloza,
 Mas siendo luego su decoro espanto
 de su furor, com rabia decoroza,
 por vengarse en si misma, horror tan fuerte,
 quizo encobrir su agravio con su muerte.

13.

Muera, dize, nó offenda loque vive
 quiendezir supo ansi loque la offende,
 huya a la vida que en viviendo escribe,
 con el llanto la pena que la enciende;
 Dixo: y porque otro affecto nó la prive
 de morir por su honor, velox descende
 al Ebro, en cuya funebre ribera
 percipicio acabó, lo que amor fuera.

14.

El raudal abrazado en su hermozura
 bien que sediento sus cristales beve
 en vezuvios de amor, que el pecho apura,
 rio de llamas fuê, Volcan de Nieve:
 Pero corriendo a darle sepultura
 en sus liquidos marmoles nó breve
 dió el mar en sus sepulcros luego
 a Cenizas de Nieve, Vrnas de fuego.

15.

Fileno que el sentido embaraçado
 tenia em otro ardor de su sentido.
 nó advirtio el dolor de su Cuidado,
 ni lograva el sociego de su olvido;
 A perpettuas passiones destinado
 a continuas tristezas perssuadido,
 sin saber de que vive ó de que muere,
 si que lo que huye, y falta a lo que quiere.

16.

Hora amava a Clori a Cuya estraña
 hermozura nublado era jndecente,
 el humilde solar de Vna cabaña,
 decen verde escolha Alcaçar floresciente;
 Clori que huyendo a la fatal gadaña
 si llevó del discurço de vna fuente,
 hasta donde metida en paños viles
 dava al Prado en dos Mezes Viente Abriles.

17.

Idolo suyo es Clori, y sus piedades
 gustan de oyrle aun quando le despeñan
 avn riesgo fatal que las Deydades
 nunca de jdolatradas se desdeñan;
 Sus aras son de aquellas soledades
 nó piedras duras, que a querer nó enseñan
 las almas si, que a su piedad rendidas,
 templos gustan de darle en muchas vidas.

18.

Alli por engañar melancolias
 que al pecho ahajos son, y al alma flechas,
 al callar de su amor las elegias
 escucha de las aves las endechas;
 Otra vez por las bobedas sombrías
 busca en las sombras cuerpo a las sospechas,
 por ver se en los cadaveres del susto
 halla objecto elfuror, vengança el gusto.

19.

Su espejo alli es vna fuente
 que corrida de ver su desventura,
 quando el eclipse de sus soles siente,
 de sus estrellas la impiedad murmura;
 Dizele en sus mudanças claramente
 quan socecivo engaño es lahermozura,
 pues hasta quando en sombras se retrata
 huye asi misma, su figura jngrata.

20.

Desi misma olvidada, y cuidadoza
 dolo de un mal que en su fineza Culpa
 confieça quando muere escrupulosa;
 que el mismo horror le sirve de disculpa;
 Absorta el alma, en su inquietud penoza
 haze que Ardenio el coraçon le esculpa
 donde adorando engaños que concibe
 muere de amor, y de memorias vive.

21.

La guarda del ganado no le agrada
 ni gusta deste genero de vida
 pues loque mäs sedâ por bien hallada
 señas vienen a ser demas perdida;
 Sola al fin de Fileno acompañada
 passava cortezmente entertenida,
 vn tiempo siendo en vn peñasco riço
 sul yra encanto, y su discursso echizo.

22.

Gustava de Fileno, y nó era en Vano
 pues le admirava con amor sincero
 rostro tan bello en sitio tan villano
 alma tan fina, en monte tan grocero;
 Grave su aspecto, su decoro Vrbano
 el gusto hidalgo, el modo nó severo
 muestran bien que aun el zagal mas triste,
 mui noble nasce, si estes paños viste.

23.

Discreto era Fileno, y confiado
 en su atencion cortez supo mil vezes
 bruxulear que cupo en su Cuidado,
 lo que ensolares nó tan montañezes;
 Oh discrecion peligro idolotrado
 de quantas te veneran candidezes!
 rayo sin trueno, estrago sin horrores,
 Flor entre espinas, Aspid entre flores.

[79]

24.

Clori bien entendia mas gustava

tanto de decorozas gentilezas
 que apezar de su honor no lepezava,
 de ver como sabia hazer finezas;
 De su tragico amor tambien jusgava,
 que estas figuras nó eran estrañezas
 pues amava a Fileno en su recato
 nó como Original, como retrato.

25.

Via que el Norte a una piedra dura,
 no le impugnava el amor ni se offendia
 el sol de que avna Flor humilde, y pura
 de su Deydad nascece, idolatria
 Ser girasol, y jman de su hermozura,
 Fileno, ó fuece amor, ó simpatia
 nó Le pazava al fin pues fino en ella
 Sol la seguia, y la buscava Estrella.

26.

No le pezava en tan gustoza calma
 ver a Fileno de sus plantas yedra,
 porque nó es menos que vna flor, vna alma
 y un coraçon mas vale, que vna piedra;
 Y sinó mancha al Sol, ni al Norte em Calma
 Lo que en halagos y atracciones medra
 el girasol, y el Iman, nó era Vileza
 Ter como vn Sol, y vn astro, vna belleza.

[79V]

27.

Viendose vn dia pues con prezunciones,
 de bien vistó, atrevioce, y llegó a tanto,
 que hasta el favor de Clori en sus passiones

hizo el tracto despecho el gusto espanto:
 Callo su mal Fileno en las razones
 mas dixolo el silencio con el llanto,
 cuyas ternezas *dulcemente* agudas
 fueron sino ascuas vivas Flechas mudas

28.

Para la corte al fin sus fantazias
 ledesterraron, porque deseavan.
 Saber si las del monte grasarias
 cortezanas auzencias emendavan:
 Mas tales de su amor las tiranias
 el estrago del pecho acrescentavan,
 que tuvo el alma por menor Violencia
 morir mäs de vn desden que devna auz.^a

29.

La lembrança que es siempre al desdichado
 herencia triste, y galardón postrero,
 haze que de Filena nó olvidado,
 Culpe ensi lo amorozo, y lo severo:
 Y qual el día ensombras enlutado
 si en su diafanidad, ó su luzero,
 faltó la lux; sobrado de pezares
 muere sin ver sus bellos luninares.

[80]

30.

El mayor Astro en la stacion primera
 de las doradas tochas, enxugava,
 las perlas de la Aurora lizongera,
 que tierno el día en su Niñez llorava;
 Quando restituido a su ribera

mal parado Fileno cononava,
 el pie de aquel escollo cuya frente,
 verde olimpo del Valle el sol desmiente.

31.

Donde pues mas el Ebro detenido
 fio se haze de plata al fuerte [---] escollo,
 que de dos primaveras guarnecido,
 de hastas verdes armó cada copollo:
 Suspira el Pastor enbevecido
 tanto en cada aromatico pimpollo
 que al fin el fuego que specho encierra,
 abrazar todo el vergel pudiera.

32.

Miró entre pardos de cristal bosquexos
 vna sombra de Clori, vna pintura,
 onde hallava su amor mayores lexis,
 quando via mas cerca esta ventura;
 Fugetiva del agoa en los reflexos
 burlava de sus ojos la hermosura
 tanto que se anegava en la conquista,
 tremulo el gosto, y atonita la vista.

[80v]

33.

Vislumbre hermoso del mayor Luzero,
 dixo: pues os anima vn cielo vivo,
 que serias con las luzes que venero
 si com las sombras sois tan fugetivo:
 Ni en las sombras de vn Sol siempre severo,
 me concedeis vn atomo iluzivo
 quien de mis ojos os transpone tanto

si occazos son al sol, mares de llanto.

34.

Eneada flor por ese alegre prado
 por ese Rio encada onda bella,
 encada nube por el viento ayrado
 os busco, y por el cielo en cada Estrella;
 Mas como contra mi correis nublado
 Campo, y Rio, ayre, y suelo me atropella;
 y Estrellas, nubes, ondas, y boninas,
 rayos y truenos son, yelos y espinas.

35.

Mas se esse Rio a vuestros rayos de oro
 cielo es de plata, efimera de nieve,
 quando nó espejo de Cristal sonoro
 de ondas doradas que Favonio Mueve;
 Como del fuego que dezatado en lloro,
 corre del alma inundacon mas breve,
 hui sin atender que es fiera calma,
 buscar un rio para huyr de vn alma.

[81]

36.

Seay, Le dize Clori, bien venido
 bien que a mi quien me dexa nó me agrada,
 como os fué por alla! que he presumido
 que el cayado trocastes por la espada;
 Pensando que a la cierra os haveis ido
 en ella anedexas desconfiadas
 siento al fin que a la corte os vais Serrano
 porque os quiero en los montes cortezano.

37.

Señora yo me auzente por verme jndigno
 (buelve Fileno) a vuestra sombra bella,
 mas bien castigó la auzencia el dezatino,
 pues avivó su ardor nueva centella;
 No me arastró la fuerça del destino
 arojome el jnfluxo de mi estrella,
 de Cuyo aspecto hermozo, a mis desmayos
 dan mas temor los nublos que los rayos.

38.

Temer es mucho ozar /Cloris responde/
 huyr nó es merecer, mas ello es mucho hechos
 nó se hable en esso; y dezidme adonde
 vivisteis hasta aora ami despecho:
 En mi muerte señora, y nó se esconde
 el llanto en estas viboras del pecho
 buelve el zagal, mas pues me hazeis coronista
 sea pluma la vox, papel la vista.

[81v]

39.

Llegué àlacorte Soleda dezierta
 para vna vista que sin vox se hallava,
 quando al sol de la noche a luzes muerta
 los mas feos Cadaveres pizava;
 De luzimientos la Ciudad Cubierta
 ó Campaña de Estrellas seostentava,
 ó mar de luzes cuyos areboles,
 fueron ondas de Abril, selvas de soles.

40.

Fiestas, y aplauzos eran del agosto

Hymeneo de Filis Cuyo extremo
 de Amor, rendiera a Demofonte el gusto
 y magestad de su esplendor supremo:
 Este es el día, destinado aljusto
 fin deste amor ardiente, aquien el Hemo
 y el Rodope^{cxviii} de puesto al seño ayrado,
 bosque de plumas fue, de estrellas prado.

41.

De sus escarchos los peñascos riços
 coronando del mar la hermosa frente,
 en a royos de nieve antojadiços
 eram de su esplendor timbre luziente;
 Lustrabale sus margenes pagiços
 la Magestad del humido tridente
 aqui en fueron las olas, y las brumas,
 carroças de cristal, nubes de espumas.

[82]

42.

Sembrado el campo azul de luminares
 en su alegre Espetaculo mil vezes
 se vieron para gloria de los mares
 luzir las rocas, y triumphar los peces;
 Henas de fausto y pompas nó vulgares,
 ondas y playas (cuyas candidezes
 mostravan sus affectos) parecia
 que pax latierra con Neptuno hazia.

43.

Garcota al viento nó es velox vltraje
 Ar nó es al prado natural delicia
 de que nó hiziece el Zephro plumage

afeite Abril, la Primavera albricia;
 Podo al fin cax alegre maridaje
 a Fili y Demofon siendo caricia
 en competencia pareció festiva
 que Ivan a darle el parabien, y el viva.

44.

Pluma de Cisne, ó de Aguila oportuna
 fuera pluma vulgar pincel leviano,
 para describir, y retratar alguna
 prenda menor del Joven Soberano;
 Con prudencia mayor que su fortuna,
 los mas del reyno atrahe cortezano,
 y sabe ansi con superior misterio,
 mandar aun mas las almas que al imperio.

[82v]

45.

Del real Himeneo vltimamente,
 las sacras telas los suaves nudos,
 repite el reyno com affecto ardiente,
 pero que hados de Aguero estan desnudos!
 Ave infamó nocturna el vago ambiente
 del Templo, cuyos techos mas sañudos
 cornega infausta coronad sevido
 siniestro el buelo, y lugubre el gruñido.

46.

Mas sin que observacion supresticioza,
 ozace interpetrad el hado injusto,
 la Sacra accion se proseguió ostentoza
 tanto, que le igualó la pompa al gusto;
 Nó del Tonante Dios en la famoza

solemnidade olimpica; en justo
triumpho, iguala el aplauzo egregio,
del reyno no Tracio, al regozijo regio.

47.

Lucida, y numeroza la nobleza
ansi aplaude las glorias presumida
de vn Principe que en credito, y grandeza
dexa la gama con razon corrida;
Lo que a la Magestad, y ala belleza
aspiravan con ancia mas crescida
hazen sin que dezero lo dispute,
que hasta la imbidia aplauzos le Comute.

[83]

48.

Pero como los hados nó reduzen
los animos rebeldes y agraviadas,
memorias que de Ardenio se introduzen,
en muchos se hazen odios declarados;
En sus torvos semblantes se transluzen
vnos disgustos intimos, dorados
con obsequio exterior, cuya cautela
menos se encubre, quando mas se zela;

49.

Pues que es hecho, de Ardenio! Le pregunta
clori; a manos murió de Demophonte,
buelve Fileno; porque nó barrunta,
esto eclipsara al sol, yelse horizonte;
Pero sin dezir mas luego difunta
se vió la primavera de aquel monte
donde las flores que su occazo vieron
Talamo a vn tiempo, y tumulo le dieron.

50.

Languida nó menos la asucena jnclina
 el blanco timbre de su pompa verde,
 si acazo aspid infausto la domina
 sierpe la boca, ó vibora la muerde;
 Que a la noticia de vna vox maligna
 Clori en solo vn punto el alma pierde,
 pues a quien matan de su amor venenos
 viboras, sierpes, y aspides son menos.

[83v]

51.

Oh duro amor que calidade tan fuerte
 te hizo cometa de las almas triste,
 si a quien honrra tus aras, dâs la muerte,
 que aguarde quien te offende, ó te reziste?
 Con apacibles tozigos la Suerte
 tus aras dora, y tus engaños viste
 para que van al coraçon deshechas
 vivas ponzoñas de mortales flechas.

Fim.

3.8 CANTO 7: LAS LAGRIMAS

O Canto sétimo, intitulado "Las Lágrimas", com suas 87 estrofes retrata o momento em que Demofonte comunica a Filis que precisa retornar à casa de seu pai, mas, ao mesmo tempo, promete que, embora parta, não se afastará dela, jurando voltar. Assim, o canto é marcado por antíteses, pela intensa descrição do sofrimento causado pelo amor.

Demofonte, príncipe da Trácia, é convocado a assumir o reino após seu casamento com Filis, no entanto, a dor e a saudade da amada o acompanham constantemente. A perda de Filis, assim como a mágoa resultante dessa separação,

tornam-se temas centrais, os quais ressaltam tanto a efemeridade dos bons momentos, quanto a persistência do sofrimento devido a separação, de forma a evidenciar a tristeza de ter que partir e a paixão que Demofonte sente por Filis.

Tanto Demofonte quanto Filis enfrentam a dor de estarem distantes, e a intensidade de seus sentimentos é expressa por meio de metáforas que envolvem a natureza e figuras míticas. O poema, além de abordar temas como sacrifício e ambição, também explora o conflito entre o desejo e a realidade. O sofrimento dos protagonistas é descrito como algo que transcende a razão e a paciência, refletindo, portanto, a profundidade de sua ligação e a dificuldade de lidar com a ausência do ser amado.

Por fim, o poema faz alusão a mitos e figuras históricas, contrastando o amor e as separações de Demofonte e Filis com as histórias de outros amantes com finais trágicos. Dessa maneira, evidencia-se a universalidade do amor e a persistência da dor ao longo do tempo.



**CANTO 7º.
LAS LAGRIMAS.**

1º.

Delas Estrellas la vis reina havia
 dies vezes argentado el fimamento
 y el Sol luziente efimera del dia,
 dorava su Zenith tres vezes ciento
 Despues que Demophonte posseya
 felix vn reyno, vna beldad contento
 tributando a su afecto, y a su Cordura
 glorias Amor, Imperio la hermosura.

2.

Logra entre los respectos los agrados
 de Filis y adorando su belleza,
 quanto obrava el dezeo en los cuidados
 excede entre los gustos la fineza;
 El logro en que ótros mueren entibiados
 motivo es yâ conque su amor impieça
 porque algosas vn gusto sin delicto,
 nó es amor el acaba, es apetito.

3.

Dueño pues de destinos tan supremos,
 muestra en fineza, que tu amor caprichas,
 que espaço vnir al gusto los extremos
 quien juntar pudeo al merito las dichas;
 Los Olimpos, los Rodopes, los Hemos
 perdiendo de memoria las desdichas,
 son, quando no Thropeo repedido
 ecco a su fama, a lo damâs olvido.

4.

Olvido alegre de vn dia es otro dia
 y el gusto en todos tan perpetuo dura
 como si es apostára su alegria
 a provocar del tiempo la ventura;
 Delas noches la obscura monarchia
 Lustros tan luminosos le afegura
 que abrazada entre luzes y centellas
 Phenix pertende ser de las estrellas.

5.

Menos para su fausto Roma^{cxix}, y Grecia
 Vió sus Amphiteatros eregidos,
 quando en los espetaculos que precia
 al vulgo asombro fue de los sentidos;
 Nó ansi descoje la arojancia nescia
 del Pavon sus plumas es repetidos
 como Tracia ostentava en sus contornos
 grandezas, espetaculos, y adornos.

[85]

6.

De suerte en sus costubres, y sus trajes
 Demofon se transforma, y se guarnece
 que haziendo alnatural affecto Ultrajes
 solo estrangero al Patrio amor parece;
 Talves los enemigos homenajes
 en la Campaña intrepido estremece,
 talvez loque a su *augmento* nó es empreza
 en prudente equilibrio contrapeza.

7.

Sin sembra la discordia que fomenta
 la grande coronada en los vezinos

con la pax que en sus terminos sustenta
 a vulta su grandeza y sus destinos;
 Su valido es el merito, nó afrenta
 La justicia ni el premio en los indignos,
 y siendo aTracia su valor columna
 impura la razon, nó la fortuna.

8.

Mas como son los gustos que amor dora
 letras con que la arena, queda escripta
 Flores pompas del Prado, y de la Aurora,
 que el mar las borra, el sol las percipita;
 Aun rayo breve, a una onda gemidora
 ciega la arena està, la flor marchita,
 y el bien se muda a manos de vna pena
 qual flor al Sol, y como al mar la arena.

[85v]

9.

La Fama pues que con cien alas buela
 y por cien boas contra lo que mira,
 a toda Europa su valor revela
 por todo el mundo en sus aplauzos gira;
 Llega de AThenas a la docta ercuela
 donde Solo el rumor que el Pueblo inspira
 [varin.^{te}] esparecido en novedades
 occupó Villas, y turbó ciudades.

10.

Yâ la afligida Athenas respirava
 de la opression de Marte, y de Belona^{CXX},
 y del tirano horror que la infestava,
 se redemia el Ceptro, y la Corona;

Porque Menesteo^{cxxi} atrox que la insultava
 baxava al reyno en que Pluton blazona,
 de Alecto^{cxxii} azida, y de Aqueron suelta,
 la vida en sangre, el alma en furia embuelta.

11.

No bien de Averno, y del Estigio Lago
 sombras pizó su espirito rabiozo
 quando cessando el mizarable estrago
 bolvió el Imperio asuComun reposo;
 Ansi seremo el dia el ayre vaggo
 pasado el Vracon tempestuozo,
 y el sol ansi del cielo en las alfombras
 puebla de lux, lo que ocuparon sombras.

[86]

12.

Viendo Thezeo al fin que nó tendria
 baze contra Vay vien delhado tan fiero
 para vn reyno aque vn riesgo estremecia
 como ponerle Vn Principe heredero;
 A Demophonte embaxador embia
 que igoalmiente elegante y verdadero
 pida por lo que un Padre le dezea
 su ceptro empuñe, y su Deydade posea.

13.

Via que en grandes mares nó sociegan
 luego despues de grandes tempestades
 las ondas que alternadoce nó llegan
 por mucho espacio a sus serenidades,
 Y bien que el yugo ala 'obediencia entregan,
 ya reduzidos pueblos, y ciudades

temie de su inquietud, y movimiento
que brame el Mar aunque se calle el viento;

14.

Parte de Athenas pues con pompa ilustre
Aristipo a la grande deligencia,
Aristipo que junta al clan Lustre,
Pelo sangre el valor, y la eloquencia
ATracia llega o y sin que en ella fruste
por su esplendor el fausto, y la eloquencia
postrace a Fili, y Demophonte a quienes
joyas consagra, y rinde parabienes.

[86v]

15.

Despues de hablarle en publico, y en secreto
A Demophon del Padre, y reyno explica,
el amor, el dezêo, y el gran concepto
que del Latama al Orbe comunica;
Dela Patria el eclipse en su defecto
La gloria de su nombre si se aplica
a exaltar tanto imperio, y las razones
de nó ponel vn sceptro en opiniones.

16.

Del Tracio Mar las Siertes le encarece
Reyno estrangero al fin por quien nó es justo
perder la magestad que estabalece
mucho mas en la sangre que en el gusto;
Pero que si posible le parece
hazer ya de vno, y de otro Sceptro Augusto
felix vi sagra a ciento es de los Reis
si se consigne sin violar Las Leis.

17.

Pide que alegre la Vejez del Padre
 y al torvo occazo de su Imperio sea
 sol Oriental a quien es bien le quadre
 que todo el orbe en su Zenith le vêa;
 Yantes que al solio tremulo saladre
 rebelde furia ó Venenoza jdêa
 con su vista, y sus rayos quiera al menos
 romper nublados, y extinguir venenos.

[87]

18.

La Retorica pompa, el Soberano
 estilo de Aristipo competieran
 del famozo Demostenes^{cxxiii} nó en vano
 las elegancias, que mayores fueran;
 No las cadenas con que el gran Thebano
 almas prendia tan suaves eran;
 ni tanto el Son que un Argos puzo en sueño,
 podiera ser de los sentidos duerño.

19.

Oye el Principe excelço, y lo que escucha
 tanto a auzentarce el coraçon le fuerça
 que quando amor con la esperaça lucha,
 quazi se inclina a que sus gustos tuerça;
 Breve Centella ansi con fuerça mucha
 En corto espacio aquire grande fuerca;
 reziste el alma, duda el pensamiento,
 ya es Victoria, ya es rendimiento.

20.

La voluntad del gusto aprizionada

romper los laços de su amor nó puede
 la razon con su extremo eslabonada
 siente que amor con sus trimphos quede;
 Vna se oppone a ótra, y soçobrada
 cada qual del contrario que la excede,
 en golfos de ancias fluctuando muda,
 quiere el bien; vive en pena, y muere en duda.

[87v]

21.

Nó el tronco herido del rigor insano
 se inclina ansi con movimiento alterno,
 a um golpe, y otro golpe que al verano,
 fué toldo alegre, y tumulto al jnverno;
 Como de vno, y otro mal nó invano
 herida el alma, el pecho entonces tierno,
 sin saber con que pena se aruine
 duda a que parte el coraçon incline.

22.

Vence al fin la razon que siempre fueron
 Amor, y Magestad incompatibles,
 y coraçones grandes que nó hizieron,
 por los timbres del trono apetesibles?
 Fuerça al fin de noble ardor rompieron
 tantas de Amor cadenas apacibles,
 que ojos reales bien que ocio llegan,
 mal en la punta de vn baston sociegan.

23.

Ansi de ancia Suprema persuadido
 ó fuece estrella, ó gusto, ó conveniencia,
 dorando la razon que lechâ vencido,

pide a su esponza Demophon licencia;
 Pero tan eficaz tan entendido
 de amor viste el engaño la eloquencia
 que en lo que afirman lagrimas parece
 que pide el alma lo mismo que aborrece.

[88]

24.

Filis que entre las flores del carinho,
 siente el Aspid que teme de la auzencia
 sin alma al susto, al llanto sin aliño,
 rinde el amor, y estraga la paciencia;
 Mas Demophonte ansi del Ciego Niño,
 sabe hazer caricioza la violencia
 que haze a Filis creer en sus dolores
 que aspides cruan, lo que hieren flores.

25.

Porlas agoas estigias dulce, y grave
 que a la red bolverá de su Cabello,
 le jura, antes que un curso entero acabe,
 el delas sombras luminar mas bello;
 Y tan sentido, y halagueño sabe
 dezir su mal, colgarce de su cuello,
 que apezar del rezelo, y la mudança,
 sinó el gusto, La Licencia alcança;

26.

Junta encortes el reyno, y le propone
 serio las importancias de partirce
 la rozon de que Athenas le corone,
 y a Tracia mar velox ristituirce;
 Encomiendala a Filis y dispone
 la forma del gobierno en que han de unirce,

y aliviando tributos que no jntenta
mercedes destribue, honrras *augmenta*.

[88v]

27.

Yâ las nadantes ares que dormian
en la cerulea alcandora del puerto
bien que las crespas alas nó tendian
havian sus plumajes descobierto;
Lo que sidoneos faustos se vestian
vagavan ya sin pompa, y sin concierto,
pues eclipsavan la mayor belleza
Nubes de llanto, y Noches de tristeza.

28.

Cresciendo sombras, y amagando enojos
negro capuz el Orbe se vestia
y obscureciendo los celajes roxos
moria el Sol, y agoniva el dia;
Llorava el Cielo con funestos ojos
el ayre horrendos vultos descogia
cuyos Silencios tristes aggraviava
La Luz que huÿa, el mar que suspirava.

29.

Quando occupando el Thalamo infelice
Vna y otra paloma a rulladora;
Vna las cauzas de su *amante* dize
otra el hojo de sus ancias llora:
Sin que el llante en sus ojos agonize
o la quexa en sus lagrimas, la Aurora
los halló tristes, los gemiò suaves
juntos los picos, y las plumas graves.

30.

No ansi Barquilla mizera agitada
 del mar que brama, y viento que la hiere
 duda en cielos, y abismos Coçabrada,
 si el mar la sorve, y sien las nubes muere:
 Como en la duda mal determinada
 cada qual que hirce, ni quedarce quiere,
 con tempestad de confusiones ciega
 fluctua anciozo, y mizero navega.

31.

Cada qual teme hablar porque parece
 que a despedirce empieça y la ternura
 mâs que el dolor, que sus ahojos cresce
 teme vn alivio que su muerte apura:
 Hablan pero los ojos donde offerece
 amor, en dezatada contextura,
 de dolientes rethoricas sin mengoas
 Vn mar que es vox, dós fuentes que son Lengoas.

32.

Mi bien – empieca Demophon, y entroços
 dellanto, el ancia lo que dize anega -
 hes precizo (prosigue, y los solloços
 dexan la vox troncada, el alma Ciega;
 Precizo es ya) repite y los destroços
 de vn suspiro abrazado a que se entrega,
 hizieron siendo Pasmе a los sentidos
 eloquencias del alma los gemidos.

33.

Parto (buelve a dezir mal alentado)

porque Vniendo a mi affecto tu belleza
desmienta las distancias mi Cuidado,
y cresça en las mudanças mi firmeza;

Lo que me hurtó a Caricias de tu agrado,
pago en lo que acreditó Vna fineza,
y siendo el Cambio tal, nó es trato injusto
por crescer un extremo azar un gusto.

34.

Fineza es auzentarme, ó dueño hermoso,
pues sinó ay gusto que este bien ~~mereça~~ meresca
contantas Sircunstancias de dichozo,
que extremo haverâ que merito paresca?

Quien Logra, puede amar de Venturozo,
y nó pertendo amar porque agradezca,
que algo el Valor des Lustra alo adquirido
amor que maes primor que affecto hâ sido.

35.

Amar es merecer, y en la terneza
de Vn bien yâ mas el merito se apura,
pues aquello se Vzurpa a la fineza
que sin ancia se logra en la Ventura;
Nó serâ pues razon serâ fibreza
que a un coraçon le prenda vna dulçura
pues muestra Amor que en la pasion más recia
nó de lograr, de merecer se precia.

[90]

36.

Parto, pues sinó es digno de adorarte

quien solo te ama por logarte, y verte,
 quiero, huyendo a las dichas de lograte,
 hazer por ser capaz de mercerte;
 Verâz si fuê razon verte, y dexarte,
 bien que sea crueldad hirme, y prederte;
 y hallarâs en lo fino de mi llanto
 que solo tanto amó, quien dexó tanto.

37.

No por dexarte voy, voy porque intento
 Viendo lo que te devo a ti contigo,
 con mas vn reyno hazer merecimiento,
 para poder pagarte en ti comigo:
 Y bien que todo el mundo es corto augm.^{to}
 para igualarte, mi amor mitigo
 y endo a servirte, que es agravio injusto
 mandarlo amor, y nó quererlo el gusto.

38.

Bien se, bien veo, bien conosco y pruebo,
 que en lo mas que procuro intento, y doro,
 si un bien dexo, un mal busco, vn ancia llevo,
 triste peno ardo am.^{te} anciozo lloro;
 Mas si en llamas que exprimo, apuro, y bevo,
 realço lo que te amo, estimo, y adoro,
 fuera error, mal, y agravijo aq.^{to} escucho
 sentir nada, obrar poco, y querer mucho.

[90v]

35.9

Partome, nó me aparto, aunque tan lexos
 estan de mis caricias tus sospechas,
 pues si Amor pinta al vivo, en sus bosquexos

tus Sombras tintas son, pincel tus flechas;
 Y si de tanto sol vivos reflexos
 arden dentro en el alma; satisfechas
 mis jdêas de gloria intelectual
 seran de tu beldad Lamina Viva:

36.40.

Dexote, y nó te dexo, aun que me vede
 el alma el gozo de vivir contigo,
 que siendo fuerça que ella en ti se quede,
 solo porque en ti quedo, Voy comigo;
 Nó para mi haver auzencias puede,
 aun quando auzente las distancias sigo;
 pues tanto yn alma lo que adora estima,
 que por lo que ama dexe lo que anima.

41.

Nó parece possible, aun que lo impidan
 la tierra y mar que sus entrañas chupa,
 que las distancias del lugar deidan,
 avn alma firme, que lugar nó ocupa;
 Si A vnirce las que se aman se Convidan,
 aun de Acheronte en la Mortal chalupa,
 que hâ de hazer esta mia en que estâs viendo,
 que en mi vive animando, en ti queriendo.

[91]

42.

Que importa que del mar saudoza fuente,
 en los diestierros de Vn remoto clima,
 con tierna vox, com Lúgubre corriente,
 saudades llore, y divisiones gima;
 Si por ~~lospues~~ los poros de la tierra siente,
 que alientos de nieve el mar la anima

y en braços Venas de sus braços y caudales,
dulces se comunicam sus cristales.

43.

Pues Si faltar avn alma es impossible,
loque sobra avna fuente, y como siento
enlo entendido, mas que enlo ensensible,
vive el amor que es todoentendimiento;
Como prezumes que será possible,
que obre mâs que vn Cuidado, un *elemento*
si estâ para hazer todo habelitado
menos um Elemento, que vn Cuidado?

44.

Suspende pues Señora el triste llanto
que si gustas de Oyrme, y verme agora,
pierdes y offendes esse gusto enquanto,
tu sentimiento, mis venturas llora;
No hajas deperlas desperdicio tanto
porque hes al Sol antepones la Aurora;
sinó esquerer al fin es tus ternezas,
seen tus deperdicios mis riquezas.

[91v]

45.

Pense (Filis responde), y tiernam.^{te}
en desmayos de un ay cobrando aliento,
pense e (buelve adezir) que en tan ardiente
amor nó era posible hallarce augmento:
Mas si tan tibia tu afiction se siente,
que au le falta esse debil moviemento,
para que es mendigarlo en tus auzencias
si hallas mayor distancia en mis prezencias.

46.

Menos me estimas, que ese mal que llora
 tanto engano cortez, pues avariento,
 dexas penando, Vna alma que teadora,
 por hir a jolatrar tu sentimiento:

Quando de aborrecerme como aora
 señas pudieras del darle ami *tormiento*
 si aspid sordo a mis lagrimas, y quexas,
 por buscar vn martirio, vn gusto dexas.

47.

Cierto que quando tal me esfuerço a oyrte
 llevo a pensar que quieres que enlouquesca,
 sabes que es fuerça que me mate el irte
 y quieres que el matarme te agradezca;

Como podrá ser merito al partirte
 hazer que vn alma que te amó padesca?
 y si dé Amor la auzencia es jnimiga
 quien com aggravios pensarâ que obliga?

[92]

48.

Nò pues màs el veneno de tus labios
 modere de mi quexa los auspicios
 porque hazerte los meritos de aggravios
 es llamar las offenças sacrificios;

Tanpoco aora tus calores sabios
 transluzam de mi muerte los jndicios,
 pues con alma tan noble, es vil defecto,
 que te sirva a lo ingrato, lo discreto.

49.

No te quiero mayor que mi dezeo

si bastar para mi; y al fin te digo,
 que si en ti no es engaño, es devaneo,
 querer mas para mi que estar conmigo;
 Ya no cabe en el alma ótro tropheo,
 que esse merito tuyo, y si contigo,
 hallo mas, con que bien me lizonjeas
 si en mi nó cabe otro bien que tu no seas?

50.

Pues esso de partirte, y de quedarte,
 vulgaridad es floxa a los enojos,
 de quien porque convierte supo amarte
 toda el alma guardó para sus ojos;
 Oh dura Ley de Amor! que aprenda el Arte
 a cegar el juicio! y por despojos
 delas victorias de mi amor me quede
 dorar los hierros de mi engaño adrede.

[92v]

51.

Pero mucho te deven mis ternezas
 mucho las tuyas mi discurço excedem,
 pues quando nó te obligan mis finezas
 piensan tus culpas y obliarme pueden;
 Mas bien hazes mi bien, no las tristezas
 no las desgracias otra vida hereden
 que a tu affecto cortez, hurto era esquivo,
 nó ser a extremos de mi amor motivo.

52.

Vete, vete mi bien, nó te retardes
 vete que se hes tu gusto yrte, y perderme,
 todo el espacio que en partirte tardes,

menos vna fineza has de de verme;
 No pues de tu elegancia hajas alardes,
 que auzencias donde vas ãloquecerme
 para habladas seran de quien se ãnflama,
 pero nó para dichas de quien ama.

53.

Dixo: y echó de Amor condulces tiros
 del coraçon en lagrimas pedaços
 dezatando el silencio, en los suspiros,
 quizo ator los affectos con los braços:
 Pero suspença el alma en los retiros,
 de vn desmayo cruel sueltos los laços
 en su corriente halló siempre bien quista
 el llanto libertad, prizion la vista.

[93]

54.

Menos yedra tenaz, que al pie de un tronco
 trepava pro prenderle, en verdes ñudos,
 y de seguir Villana al golpe branco
 si vió romper los eslabones mudos;
 Como aun gemir suavemente ronco
 cortada el alma en sus ahojos mudos,
 sentió cayer con tristes turbaciones
 los de su amor vivientes eslabones.

55.

Los cardenos Jasmines, los clareles
 des coloridos Demophonte beza,
 y el ancia dulce, en lastimas crueles,
 dexa la vista en ciego eclipse opressa;
 Rasgace el pecho en lagrimas fieles,

gime la vida en tiernos laços preza
 tanto que halló su halago, y su lamento
 defunta el alma, y vivo el dezaiento.

56.

Qual fuentecella que al rigor de Enero
 halló la Aurora en carceles de plata,
 saliendo Hermozo el Luminar primero,
 sus grillos quiebra, y su Cristal dezata;
 Pal del desmayo que embargó severo
 el alma triste a la beldad nó jngrata,
 viva a caricias de su sol la nieve
 tierna se libra, y tremula se mueve.

[93v]

57.

Mibien ya nó me aparto, ni repugna
 mi amor (ledize el Joven) agradarte,
 pues que ambicion de glorias importuna,
 puede igualar la gloria demirarte?
 Nó pudiera el dezeo, en dicha alguna,
 querer tanto como logro ya en amarte,
 pues si el Trono ês lo menor que poseo
 que bien mio no es mas que mi dezeo.

58.

No grocera ambicion de otras venturas
 de otros meritos, y de Amor crisoles,
 haran que este eclipse de hermozuras,
 axa pueda outra ves tus arreboles;
 Nó de mis ojos las distancias duras
 desterrar me podran de tus dós soles,
 sinó se hiziece en la menor auzencia
 tu agrado Ley, tu Voluntad Licencia.

59.

Cierto dueño del alma idolatrado
 (responde Filis) que es notable asumpto,
 matarme tu rigor por apartado,
 pudiendo hazerlo tu piedad por junto;
 Razon fuera tu auzencia a ser mi agrado,
 pero se en mi no vivo, estando vn punto,
 sinti, quien contra mi me harâ tan fuerte,
 que dé yo la sentencia de mi muerte.

[94]

60.

Preciso es que me asombre vn maltafiero
 que excediento los mas que amor suspira,
 sobre matar con lo que aparta austero,
 combate com la misma que retira;
 Que mate vn tosigo, vn rayo, y vn azero,
 con lo que embiste aun pecho nó me admira,
 mas con lo que huye al alma en sus desmayos,
 peor es que tozigo azero, y rayo.

61.

Por esto, imaginar que el sofrimiento
 se componga algun hora con tu auzencia,
 es vn loco impossible al pensamiento,
 que excede a la razon, y la paciencia;
 Suavizará tu halágo mi tormento,
 perssuadirá mis ancias, tu eloquencia,
 mas en viendo los ojos que me dexas,
 las mismas permissiones, se hazen quexas.

62.

Ansi tanto hasta el bien llega a a lustarme

que aun quando en mis traços llevo averte,
 pienso que es despedirte, el abracarme,
 y el mismo gusto en ancia se convierte;
 Huyo, y viene el dezero a Castigarme,
 vuelvo, y temo outra vez mi bien perderte.
 que horan mis males pues que quando los sienta
 si veo que aun mi gusto me atormenta.

[94v]

63.

Temo, ay Dios, pienso, ay triste el desvario,
 perdona que ame, y tema entanto extremo;
 que lo que al fin de tus finezas fio,
 de mi fortuna desdichada temo:
 Temo que otra hermosura, ay dueño mio,
 jman sea al amor, remora al remo,
 y sea esta passion que ansi me encalma,
 Parca ala vida, y dura muerte al alma.

64.

Siempre señor que auzente te jmagino
 a contemplar me pongo estas paredes,
 donde um pincel me enseña peregrino
 que con Ariadna^{cxxiv} a semejar me puedes;
 Temo que jngrato avn Pdre nó benigno
 como el valor, la jngratitud Eiredes,
 y quando nó tu sangre, que mi estrella,
 te offresca en odio mio, otra mas bella.

65.

Perssuademe el ancia que es possible,
 quando apuro el rigor que me atrom.^{ta}
 pues jugar, que en violencia si terrible

perder tu vista al alma le contenta:
 Y sinó es esto al fin que es impossible,
 como podré dudar quanto se afrenta
 tu amor, si viendo ay triste, agonizarme
 has hallado razon para dexarme.

[95]

66.

Pero si ês fuerça que en tu auzencia dura,
 de mi amor por el merito la vida,
 lusga en mis sacrificios tu ventura,
 no secorra en mis lagrimas perdida;
 Sabrâ mi adverssa estrella, si procura
 jimperio sobre vn alma tan rendida,
 que te estiman de suerte aun mis querellas,
 que te pongo avn mas que en las estrellas.

67.

Idolo de mis ojos Venerado
 responde el Joven triste, y enternecido,
 mal te puede dexar por separado
 quien mas se quiere unir por devido,
 Parto es mejor vna alma que un sentido,
 pues eslabones son de amor mui floxos
 vniones que concisteñ em los ojos.

68.

Con los dezeos quedara la vida
 jran con las saudades las memorias,
 ella por verce a tanto cielo vnida
 y ella por dar a tanto amor Victorias:
 Acá viviRá el alma embevecida,
 allâ tromento me seran las glorias,

y vez que en vn punto, en que ardo, y quiero,
vivo de amarte, y de nó verte muero.

[95v]

69.

Mostrarâm mis memorias quando en calma,
Me pongan las auzencias, y retiros,
si es la imaginacion papel del alma,
que son propios del alma los suspiros;
Plumas se harâ el dezero a quien la palma,
mejorarâ los buelos, si a los tiros
de tus manos divinas, siempre humanos
mis cuidados truxeren a tus manos.

70.

Bien que Thetis sus Ninphas por las olas,
bien que Venus sus gracias por los prados,
engolfe amante por hablarme asolas,
junte halagueña por hazerme agrados:
Aun mas que sus arenas, y amapolas
sus desprecios Veran, em mis cuidados,
siendo als Diozas marinera y Nigdia
mi amor desden, y tu hermosura jnvidia.

71.

Veras tambien que un coraçon augusto,
cielo, ó Naturaleza nó lo jgnoro
puede herirlo a despecho de migusto,
mas nó el hado apezar de tu de Coro:
Verâs que de mi estrella seño injusto
no offende esta razon conque te adoro,
que en la esfera devina alma que astros huella,
primero estan sus timbres que su estrella.

72.

Piedra impelida de robusta mano,
 a royo en breve carcel detenido,
 acabado el Violento impulso Vano
 roto el reparo en que sehalló perdido;
 No tan velox se restitue al llano,
 no tan ligero buelve al Hondo nido,
 como ó me aroje, ó me refrene el arte
 centro hè de verte, y nido he de buscarte.

73.

Podrà retroceder rio no breve
 contra su cursso natural perjuro,
 serâ sombra la lux, fuego la nieve,
 tierra el mar, cahos la tierra, el sol obscuro;
 Mas nó podrâ mudarce entracto aleve
 tanta féé tal agrado, amor tan puro,
 pues serâ por lo firme am.^{te} y tierno
 esta firme, ese immensso, aquel eterno.

74.

Señor (Filis responde) aun que me asusto
 si como dizes tu passion la sientes,
 sabe que desse extremo tanto gusto
 que por saberlo estimo que te auzentes;
 Mateme pues tu auzencia, ó mi disgusto,
 que si esse amor ingrato nó desmientes
 harto premio serâ de mi destino
 dar lo felix, por apurar lo fino.

75.

Aqui sin mi, sin ti, nochy y Auroras
 passare triste en lagrimas, y engaños,
 contando los instantes, y las horas
 de amor por mezes, de pezar por años:
 Mas bien que se hagan nuncas, los aóras
 bien que los nuncas sean en mis daños,
 quando espire en ternezas, y dolores,
 nó morire de auzencias, mas de amores.

76.

Mas porque amor nó aCabe con la vida
 haré de tus memorias alimento,
 y ensoledad prenoza aun que entendida
 solo hallará comigo el pensamiento:
 Seran del alma en confuzion sentida
 sueño el disvelo, alivia el sentimiento,
 y alfin solo seran de mis passiones,
 los ais voces, las lagrimas razones.

77.

Ansi Filis del pecho en los destroços
 La féé solicitava hazer bienquista,
 quando deshecha en llantos, y solloços
 vnos le atan la vox, ótros la vista:
 Sale en éccos la quexa, el ancia en troços
 y sin que al alma el coraçon rezista,
 en los desmayos de vn suspiro mudo,
 dixo el llorar, quanto el gemir no pudo.

[97]

78.

No ansi blando milindre de las flores,

que tierno Armiño del jardin parece,
 quando el Alva despierta sus amores,
 rociado de su aljofar amanece;
 Como de Filis en perlas, y condores
 si el rostro se desmaya, ó entristece,
 haze en el de sus lagrimas deleyte,
 el desmayo hermozura, el llanto affeite.

79.

El Joven en sus braços la Suspende
 y el nacar bello que el dolor destiñe,
 vivificar con lagrimas pertende
 quando asi mismo la occazion se riñe,
 Alli infundirle el alma tierno emprehende
 aqui sus exphera en blanda zona ciñe,
 hasta que en tan dulce sentimiento
 vnas le dieron vida, otras aliento.

80.

Nó sabe como intenta separarce
 viendo de quien saudozo hà de partirce,
 del alma tierna, el nudo dezatarce
 del tronco bello, el gusto dezazirce;
 Si se despide intenta nó auzentarce,
 si vâ a abraçar a la vida el despedirce
 pues quando amor se eleva en tanta gloria
 quedoce el gusto, y vace la memoria.

[97v]

81.

El alma en dulces remoras atada
 suelta en penozas lagrimas la vida,
 ni logra vna delicia jdolatrada,

ni executa vna auzencia presumida;
 De su mismo dezeo embaraçada,
 De sus mismas razones dissuadida,
 ya vâ, ya buelve, y de su bien sedienta.
 menos se aparta quando mas se auzenta.

82.

Dudoza el alma ansi, mudo el aliento
 De sus ojos mostrava en cada giro,
 si en vn ay, cabe mas que en voces ciento
 que aun excede vna lagrima, vn suspiro;
 Mas creciendo del triste apartamiento
 señas de bronze, en Campos de Zaphiro,
 Vna nube de llanto, vn Mar de enojos
 Se puzo entre vnos ojos, y outros ojos.

83.

Alfin como anegados en el llanto,
 ciegos los ojos tanta lux nó vieron,
 auzentarce pudieron, mas nó tanto
 que fuece sin bolver donde partieron:
 Nunca en nocturno eclipse, y triste espanto
 tanto la luz de Diana^{cxxv} obscurecieron
 las luzes del sol, como en aquellas
 se eclipsaron de Filis las estrellas.

[98]

84.

Dexó Lauro aNarciza, a Lesbia Fabio, ###
 Dorindo^{cxxvi} aSilvia, a Lizida^{cxxvii} a Leonido,
 pero no a Laura Aristides, que sabio
 nunca el alma sacó de susentido:

Y Leandro que a Dion^{cxxviii} con mucho agravio
 robara el alma em Doralice^{cxxix}; olvido
 de su honor, tambien Hizo, oh vil fortuna!
 Lecho a Cupido, lo que a Venus Cuna.

85.

Era pues Doralice en la hermozura
 con que alos ojos pregonava guerra,
 La Nimpha mas gentil, La flor mas pura
 que en el jardin nasció de aquella tierra:
 Podo el caudal de lux que el Sol apura
 y todo el Rozicler que el alma encierra,
 fueron siempre con dulces areboles
 hurto a su Lux, Vzura de sus Soles.

86.

Contanta Lux de La romana curia
 sus antigos Monarchas nó partieron,
 ni por Los golfos de Acria^{cxxx}, y de Luguria^{cxxxi}
 del mar tantos baxeles selva Hizieron:
 Como siendo a su pompa ilustre injuria,
 de Tracia con su principe salieron,
 El reyno engente, en Nase Las espessuras,
 el sol en oro, el cielo en hermozuras.

[98v]

87.

Ya Las [Luzes] alas de Lino haze que mueva,
 el ayre acada Leño que desnuda,
 quando llorando, y suspirando prueba
 Filis, poner el mar, y el viento en duda;
 Mas cresce el llanto, el agoa que los lleva
 y cada suspiro el viento les ayuda;

pero que mucho que le aparten tanto
si es menos vento y mar, que ays y llanto.

Fim

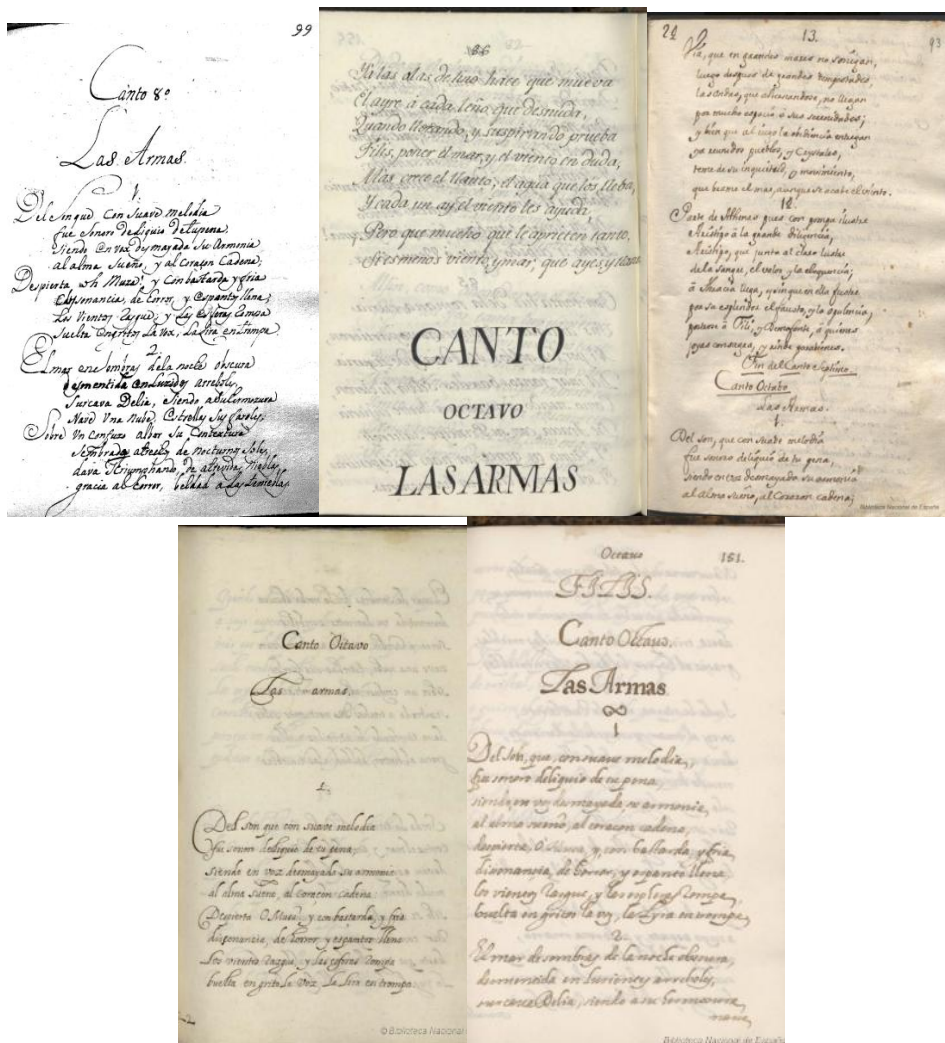
3.9 CANTO 8: LAS ARMAS

O canto oitavo apresenta apenas quatro estrofes, não somente no Ms-49-III-84, da Biblioteca da Ajuda, mas também nas demais edições que temos em PDF. Essas estrofes fazem referência ao mar e ao poder celestial. Provavelmente, este canto retrataria a partida de Demofonte para sua terra natal, conforme as últimas estrofes do canto sétimo e da narrativa construída ao longo de todo poema “Filis y Demofonte”.

Além disso, o canto descreve o eu lírico no mar, durante a noite, iluminado por luzes vermelhas e navegando sob a aparência de uma nuvem estrelada. Essa imagem remete a Delia, uma personificação da beleza noturna, que é representada navegando entre névoas, criando um ambiente de mistério e graça em meio à escuridão.

O cenário, por sua vez, é descrito como silencioso e em repouso, com o céu brilhando e o vento calmo, até que a presença de grilhões de esmeralda e sombras é sentida. Em seguida, a cena culmina com a reunião dos poderes do Império Cerúleo, onde se discutem os destinos do mar e da terra, ponderando se será necessário estabelecer paz ou guerra.

Assim, o canto evoca imagens de poder e grandiosidade, misturando elementos naturais e mitológicos para transmitir tanto a magnitude do cenário quanto o impacto das decisões que estão sendo debatidas.



[99]

Canto 8º. Las Armas.

1.

Del Son que con suave melodia
 que sonoro deliquio de tu pena,
 siendo en vox desmayada su armonia
 al alma sueño, y al coraçon cadena;
 Despierta oh Muza! y con bastarda y fria
 Edjsonancia, de Horror, y espantos llena,
 los vientos rasgue, y las esferas rompa
 suelta en gritos la vox, la lira en trompa.

2.

Elmar en Sombras de la noche obscura
 desmedida en luzidos arreboles,
 surcava Delia, siendo a su hermozura
 Nave vna nube, estrellas sus faroles;
 Sobre vn confuzo albor su contextura
 sembrada a trechos de nocturnos soles,
 dava Triumphando, de atrevidas nieblas
 gracia ao Horror, beldad a las tenieblas.

[99v]

3.

Sorda la tierra, el cielo rutilante,
 cortez el mar, y comedido el viento,
 davan a su espetaculo brillante
 mudo decoro, sinó oydo atento:
 Solo se oya algun aroyo errante
 reir con descompuesto movimiento
 hasta que en grillos de esperalda vmbria
 la Vagabunda Nieve Abril prendia.

4.

Quando el Monarcha del Ceruleo Imperio
 a cuyo aspecto, y poderoza Mano,
 mas que del austro, al ronco Vituperio
 su ele temblar el humido oceano:
 Los negocios del Nautico emispherio
 consultava en congresso soberano,
 para que en dulce pax, ó cruda guerra,
 pudiece dêr el mar, Leis a la tierra.

5.

[100]

3.10 CANTO 9: LOS EXTREMOS

O canto nono - Los Extremos, composto por 90 estrofes, descreve as intensas emoções de Filis, que sofre profundamente com a ausência de seu amado, Demofonte. Nesse contexto, o canto explora a angústia e o desespero que a distância provoca em Filis, levando-a a um estado emocional extremo, onde o sofrimento parece pior do que a própria morte. Filis busca consolo na natureza, porém até mesmo as árvores, rochas e ventos refletem sua dor. Dessa forma, a ausência de Demofonte, aumenta seu tormento, transformando sua vida em um deserto de solidão e melancolia.

Ao longo do canto, há um contraste marcante entre a vida social da corte e a solidão das montanhas, para onde Filis tenta escapar, mas a tristeza a acompanha.

Além disso, o canto se intensifica quando Filis chega ao bosque, sendo recebida por Delfia, uma figura sábia e mística. A partir desse momento, Delfia oferece a Filis uma visão mágica e profética do mundo e do destino, permitindo-lhe, por meio de um espelho mágico, buscar respostas sobre o destino de Demofonte. Assim, o poema revela a busca incessante de Filis por alívio para sua dor, em uma profunda meditação sobre o sofrimento causado pela ausência do amado, a esperança e a luta interna entre a razão e as emoções.

No decorrer do poema, Filis luta contra suas emoções, questionando a ingratidão e o abandono de Demofonte, que parece tê-la traído. Como resultado, seu amor se transforma em um tormento, um sacrifício que consome sua vida. O poema utiliza elementos naturais, como o sol, as flores e o mar, para intensificar o sentimento de solidão e desolação, evidenciando que até a beleza da juventude se torna um fardo para Filis.

Nos versos finais, o poema atinge seu clímax trágico, quando Filis, tomada pelo desespero, considera a morte como uma possível saída para seu sofrimento. Por fim, a paisagem e as divindades lamentam a perda da beleza e da vida de Filis, decidindo, então, transformar o corpo, já sem vida, de Filis em uma bela árvore.



Canto 9º. Los extremos

1.

Es la auzencia, vn tormento ó vna ventura
de quien [I]a amar, ya no querer se expone,
crisol donde la féé de Vno se apura,
meta donde el amor de otro se pone;
Parca a los laços amorozos dura,
tabla del que escaparce presupone;
deste, a la Libertad, refugio, y palma,
de aquel, muerte a la vida, jnfierno al alma.

2.

En su horror, en su fuego acrisolada
Fili abrazarcce, y consumirce siente,

mas llegando a rezelos de olvidada,
 es su daño menor morir de auzente;
 La pena atrox la offença imaginada
 la affligen tan mortal, tan duram.^{te}
 que mas la offende, en impacientecias tales
 el temor de sus males, que sus males.

[101v]

3.

Pero quando este incendio la atromenta
 siente que quando ma en sus crueldades,
 de ojos, y gusto Demophon, se auzenta
 se aserca mas apennas, y a saudades:
 Yâ la corte aborrece, y solo intenta
 de los montes poblar las soledades,
 por ver si puede ser en su aspereza
 de Vna tristeza alivio, otra tristeza.

4.

Buelve del Campo a la quietud dichosa
 dexa el bullicio cortezano, y llega
 al florido Aranjues embidia hermoza.
 De quanto Amphrizo^{cxxxii}, en la Thezalia rega;
 Aqui en los troncos que gravó saudoza
 poe doz soles que en su llanto anega,
 donde parece, en lo suspenço y triste,
 que Vn tronco humano a vn tronco rudo asiste.

5.

Aqui ve que las fuentes, y las hojas,
 nó de piedad, si de razon desnudas,
 viendo su mal, con ancia, y congojas,
 la oyen tristes, y la responden mudas;

Las peñas busca que en prisiones roxas
 Rubies bordan, y esperaldas rudas,
 infundiendo su vox, entre sus Huecos,
 alma en la quexa, espirito en los eccos.

[102]

6.

Mas Sin que pueble un gusto a sus memorias
 ya de descanço y de remédio agena,
 haze que el alma en sus difuntas glorias,
 muchos deziertos halle encada pena:
 Panto^{cxxxiii} se ve del ancia en las victorias
 de alivios sola, y de pezares llena,
 que a la imaginacion entrestecida
 yermo es el alma, y soledad La vida.

7.

El venablo que vn tiempo era del monte
 ayrozo rayo mas que horror ardiente,
 sinó pende Tropheo a Demophonte,
 yaze en la floxa mano ocioz*amiente*
 No se despeña ya bruto Faetonte
 De las Selvas, al valle quando Siente
 el jnciendio fatal, porque el le enseña
 que de haver sido rayo, oy solo es Seña.

8.

Sueltas las riendas al ginete errante
 Vagga del campo al spaciozo cursso,
 tan agena de si que ardiendo amante
 no halla su sentimiento en su discursso;
 El alma triste y absorta a cada instante
 yaze estatua del cuerpo, y sin recurço

el bruto que la lleva vfanamente,
corre, para, comina, y no le siente.

[102v]

9.

Si ocupa el lecho de quietud anciozo
mas se fatiga en esperar sociego,
se finge el ancia a su pasion repozo,
Sarças y espinas su memoria es luego:
Si la arebata el frenezi zelozo
rasgace el alma en viboras de fuego
y al fin si el sueño prende en dolor tanto
lo que el llanto adormeci6, despierta el llanto.

10.

Si los aroyos fugetivos mira
sus gustos la retractan Superiores,
si las flores variamente admira,
subien contempla en las caducas flores:
Quando el mar por las arenas gira
sus numeros excede en sus dolores,
y al fin iguala en tan cruel tristeza
su llanto el mar, las rocas su firmeza.

11.

Consumence las horas, muere el dia,
y contandole, a todos los instantes
ninguno a su memoria se desvia,
por que al fin n6 la pierden los amantes;
Solo vna siempre atrox melancolia
n6 halla cuenta en sus numeros, mas antes,
jugando infierno aquel dolor de auzente
en cada punto eternidades siente.

[103]

12.

Como en los Bosques suele hazer el Ave,
 a quien la auzencia del consorte oprime,
 que en tornos tristes dulcemente grave,
 llora a la noche lo que al alva gime;
 Ansi hiriendo con dolor suave
 el blando viento quando el alma exprime,
 haze al saudozo fin son de tu lamento
 mover las selvas, y dezairarce el viento.

13.

Quatro vezes las sombras el torrente
 dela nocturna lux vieron crescido
 y otras tantas menguada la creciente,
 enlutaraon su imperio entristecido;
 Despues que fluctuando en giro ardiente
 el alma triste agonizar se vido
 sin que fuece vn papel en tal tardança
 farol yâ que nó puerto a su esperança.

14.

Hora nó vale Siente nó aprovecha,
 escribe nó importa, adora y no se estima,
 y el alma aggravios, y martirios hecha
 del mismo horror, que acuzar se lastima;
 Afecta el dizahojo a la sospecha,
 y este affecto la ahoja, y dezanima,
 pues vê que es fuerça para nó perderce
 desmentirce, engañarce, y nó creerse.

[103v]

15.

Llega al mar, piza el monte, el ayre mira
 y en sus agoas, sus plantas, y su esfera,
 si jras vierte, ays llora, y etnas suspira,
 este nubla, aquel muerve, el otro altera;
 Si aqui corre, alli baxa, a cullão gira
 Tierno el pie, triste el alma, el ancia fiera,
 y en su fuego, su llanto, y su lamento,
 cresce el mar, arde el monte, y brama el viento.

16.

Pirano delas playas eminente
 escollo que en las nubes se deviza,
 se oppone almar que beza humildem.^{te}
 el pié sobervio que sus ondas piza:
 Oh quantas vezes de su horror pendiente,
 Filis la muerte imaginó preciza!
 y de algun pino suspendió engañada
 La atrox piedad, la muerte imaginada.

17.

Si sol nublado, en la teniebla obscura,
 cerca del mar, y de su alivio lezas,
 las ondas mira cuya nieve pura,
 finge a los astros tremulos espejos:
 Oh que alegre el dezeo e afigura,
 tantos fanales como vê reflexos?
 hasta que al alma a quien engaños fueron
 rayos son yâ los que reflexos eron.

[104]

18.

Triste nó tanto el Alcion doliente
 por las arenas solitario gyra,
 quando buscando el dulce espozo auz.^{te}

tierno se quexa, y languido suspira:
 Como de Fili el alma tierna siente,
 pues si sus ancias por las olas mira,
 ó busque alivios, ó saudades sienta
 playas fatiga, y rocas a tromenta.

19.

Vence al fin el *tromiento* al paciencia
 y puesto el zelo, y la esperança en calma,
 dexa el daño mortal de tanta auzencia
 frenetico el amor, furioza el alma:
 Yâ no ay a los pezares rezistencia
 ya lleva el ancia, a la razon la palma,
 pues quando menor su dolor la hiere
 por siglos llora, y por instantes muere.

20.

Baxa del Hemo a vna espessura tosca
 de vidrio vndoza parda vna culebra
 que por mas que en los arboles se enrosca,
 en precipicios asperos se quiebra;
 Donde pues el veneno se le embosca
 entre vna, y otra de sus troncos hebra,
 profundo sale vn seño del abismo,
 cuervo, tumba, y cadaver de si mismo.

[104v]

21.

Exercitos de hurtada fantazia
 son sus maleza, de la luz congojas,
 pues contra el sol con palidex vmbria
 cuerpos los troncos son, armas las hojas:
 Las mismas sombras en su angosta via
 cahen, y mueren, tremulas, y floxas,

pues cerrandoce el paço entre sus greñas
fio se haze el raudal, fuertes las peñas.

22.

Habita el centro de su alvergue obscuro,
hurtada a los celestes horizontes,
la sabia Delfia, a cuyo atrox conjuro,
remoras calça el Sol, alas los montes;
Velox la sigue el pereçozo Areturo^{cxxxiv}
y al jmpulço de igniferos Faetontes,
quando en sus caracteres se le encierra,
yela el fuego, arde el mar, corre la tierra.

23.

De globos, de triangulos, de esferas
lleno su melancolico retiro,
a fatigas de su estudio austeras
mas de un mundo le asiste en breve giro:
Aves nó tiene el ayre, el monte fieras
perlas nó ilustra el Sol, la luz Zaphiro
cuya oculta virtud en claro efecto,
nó de alos ojos, como al arte objeto.

[105]

24.

Desta pues copia Viva de Lamuerte
al hospicio funesto conduzida
de Arminda, llegó Filis, que en su Suerte,
menos temió La muerte que la vida;
Quando La Aurora pues Lagrimas vierte
por mirace al nascer amortecida,
en este bosque; en su morada jnculta,
muerta se aroja, y viva se sepulta.

25.

Nó Lexos de sus vmbral caliginozo
 Delfia^{CXXXV}, en los ramos de sus troncos secos
 Salió a recibir al Sol hœrmañozo,
 a quien llamavan de su fin los eccos:
 Y entrando al Gabinete vmbrozo,
 de sus retiros, y des vanes huecos,
 la puzo en vna alcoba que se ostenta
 de verdes Luzes pira macilenta.

26.

De Arminda y mucho mas de las estrellas,
 sabia Delfia el ancia, y Laternura,
 con que Filis muriendo en sus querellas,
 com mil penas llorava vna ventura:
 Nó ignora que ardia en las centellas
 de vna Sospecha a sus extremos dura
 y que al fin pertendian sus cuidados
 Ver el rostro biforme de los hados.

[105v]

27.

Para este fin corriendo la cortina
 al cristal, a cuyo ambito rotundo
 es vn espejo meta cristalina,
 asombro, y Lux de aquel desvan profundo;
 Consola aquella accion de espantos digna
 fue sumiller fatal de todo el mundo,
 pues sin que lux ó sombra se lo estorve
 en su Cristal se via todo el orbe.

28.

No ansi en la jmaginacion fantazioza

de todo el mundo se imagina dueño
 vn coraçon que duerme, y no reposa
 del sueño en el Theatro no pequeño:
 Y al transLuzierte su iluzion gustoza
 vê que ello hâ sido fabrica del Sueño
 como, Filis pensando que dormia
 sus ojos cré que han sido fantazia.

29.

Mas despertando deste alegre engaño
 a Delfia dize: incognito prodigio,
 destas Selvas, milagre, y dezengaño
 del Oraculo Delfhio^{cxxxvi}, comeo, y frigio:
 Cuya sciencia se extiende en modo extraño
 del trono Ethereo, al Mauzoleo Estigio,
 y transcendiendo a superior escuelo
 por espacio imaginario cielo.

[106]

30.

Si a los ojos de vna alma auzente, y triste
 poneis vn mundo que por ver anhelo,
 mostrarme donde Demophonte asiste,
 si la tierra le ocupa, ó roba el Cielo:
 Vadee el coraçon, corra, y conquiste,
 esse imperio de lux, essa de yelo
 nublada monarchia, en Cuyas brumas
 remoras Son de Amor, Las que eran plumas.

31.

Esse que entanto circolo rodante
 empieço Delfia: Olympo es Eminente
 que incluye en nueve esferas de Diamante,

tanta estrellada maquina luziente:
 Corte ès de Juno, y solio de Tonante,
 a quien como en alcassar transparente
 guarnecido de rayos, Limpio, y puro
 torres Los astros son, los orbes muro.

32.

Al primer mobil que del tiempo ha sido
 origen cada esfera arebatada,
 te mueve el firmam.^{to} detenido,
 por su grandeza y pompa dilatada,
 Saturno^{cxxxvii} grave, y Jupiter^{cxxxviii} Luzido
 Marte atrox, claro el Sol, Venus nó ayrada,
 Mercurio cavilozo, y Cinthia pura
 retratos de la dicha, y La hermosura.

[106v]

33.

Del globo Sublunar, si bien se exprime
 Los Elementos Son Coro no breve,
 tiple es el fuego, que a lo mas sublime
 sube subtil, y contra el ayre beve;
 Tener el agoa, que en las rocas gime
 mas grave, a cuyos numeros de Nieve
 fundamento es la tierra, en Cuya Via,
 La batalla nó es guerra, es Armonia.

34.

Este pues denso cuerpo es la gran Madre
 a quien La ambicion de Cahos adusto,
 puzo con forma espherica el grande Padre,
 por Centro, y pezo deste globo augusto:
 En quatro partes porque mas vos quadre

su Continente individuo robusto
 a quien el Cielo que deluzestiñe
 Det antos climas como zonas ciñe.

35.

El Azia es La primera, y La mas rara
 isla del mar que Sus distancias mide,
 en cuyo Orizonte y cuna mas preclara,
 el Sol de ótro Emispherio se despide;
 De Africa por el Nilo se separa;
 de Europa por el Tanais se divide?
 y de America enfim occulta en Vano,
 por el Boreal Antartico, y occeano.

[107]

36.

Africa es La segunda a quien su ardiente
 fragor, mucho mäs que astro domina,
 a quien el mar de Atlante al oCcidente,
 y el Norte al golfo Libica termina:
 El Egito La abrasa al Oriente,
 y el Occeano Austral le perdomina
 al Sul, por donde esteriles sus Venas
 bosques de sierpes son, globos de arenas.

37.

La tercera es Europa, a quien dió Fama
 y nombre ilustre la Deydad Fenicia
 que robo fue del Signo que derrama,
 La Copia bella, que es de Abril delicia;
 Theatro excelsso donde Marte inflama
 de sus ardores La mejor milicia,
 porque sean sus propios mauzoleos

carros de triumphos, Templos de Tropheos.

38.

La quarta Largos Siglos ignorada

America se nombra, cuya ingente

Vastitud de Oro, y plumas coronada

Vn mundo es de riqueza, vn mar de gente;

Sus abrazados climas dilatada

La incumbren por el Lobrego Occidente,

donde nó Le valdrá en siglos futuros

Vn mar que es foço, y peñas que son muros.

[107v]

39.

Nome sociega el alma, aDefia dize

Filis, mientras nó vêo aDemofonte:

Vamos aAthenas, madie os agonize,

Lebulve Delfia, que nó ay nube, ó monte

Que Lo estorve; y bolviendo el jnfelice

aspecto, prosigue: el Orizonte

de gracia Athenas es de algo a esta parte,

Tumba de Apolo, y cathedra de Marte.

40.

El ostracismo es La ilustre injuria

de Athenas, siendo oCcazo en vn monte

de todo el luminar que dió a su Curia

de Su dorado siglo el fundamento:

Mas de que nueva estrella es esta furia!

Si Siempre del mayor merecimiento,

por ley de La fortuna en breve giro

Corte el destierro fué, solio el retiro.

41.

Era Athenas enfin cuya campaña
 solio siendo del palido e frigio,
 sinó es yâ de Cadaveres montaña
 de Sangre es mar de lagrimas es rio:
 Vestido el roziecler de adulto saña
 llena la amenidad, de horror sombrío,
 hazen que en Phebo, quando al alge sube
 Sea eclipse vn pavor, venda vna nube.

[108]

42.

Que cauza de su estrago memorable,
 Florisbe, aquel prodigio de hermosura,
 que a nó haver vuestra lux inComparable
 fuera estrella del mar, del Sol vzura:
 Oh beldad, siempre incendio lamentable
 de toda essa del Orbe Architettura!
 Verdad del Vicio, de prazer mentira,
 Troya luziente, que el mundo te suspira.

43.

Que estraña fuerça en vna vista a vultas
 con que armas das de tu imperio señas,
 que hasta vnasombra delaluz que ocultas,
 las ondas haze arder, gemir las peñas:
 Que Calidad Divina en tu sepultas?
 con que traicion arastras, y despeñas?
 que por sir tu oblacion quien mas suaviza
 montes rasga, ondas cruza, estrellas piza.

44.

Florisbe al fin de su adorado espozó

ilustre empleo, deste estrago havido,
 el motivo fatal, motivo hermoso,
 menos digno a su fama, que a su olvido:

Viola Leandro, altivo y generoso:

ramo del tronco vn tiempo florecido,
 de Menesteo a quien Cortez la suerte
 quando quitó las dichas dio la muerte.

[108v]

45.

Cresciendo pues de su pasion Vehemente
 en mar de Fuego vn Mongibel de enojos,
 lamina occulta deus amor ardiente,
 rebendo por el alma, y por los ojos:

El odio de la sangre nó consiente,
 ni su estrella infelix que los depojos
 de Marte, infausto en soberano indicio,
 sean de amor ofrenda y sacrificio.

46.

Por comunas fortunas, imposible
 ve de subien laposecion dichoza
 cuya imaginacion siempre terrible,
 duro estimulo fué del alma ancioza:

Desconfiado pues del hado yâ invencible
 y puesta su esperança riguroza
 en el mismo peligro que le afrenta,
 ser desta Europa Jupiter intenta.

47.

Quando pues vna noche infausto y triste,
 nocturno el Sol por indestinto espacio,
 desmayava en vislumbres de Amathiste,

la hurtada lux del celestial Topazio:
 Con numeroza turba ardiente embiste
 al descuidado, y mizero palacio,
 de Athenas, donde entragico compendio
 llevó Las Luzes, y dexó el incendio.

[109]

48.

Lleva a Florisbe, - meta idolatrada
 de los fogozos Rayos en que ardía.
 por ponerse en las ondas onde ayrada,
 su estrella a sus tenieblas oponia;
 Para su ceguedad dezalumbrada,
 de Vna Nave el farol llamas vertia
 a cuyo Norte que en Las oLas medra,
 jman se hazia el Coraçon de Piedra.

49.

Y ya de La Marina Coranava
 Las arenas nó amigas, quando al puerto
 mejor de Athenas Demophon llegava
 con los nocturnos palios encubierto:
 Y observando al estruendo que atorrava,
 del mar Los Senos concavos, despierto.
 preveniendo Lapaz como La guerra
 ganó la mar, y dominó la tierra.

50.

A La lengoa del mar tomando Luego
 lengoa en La tierra, y viendo ensolo vn punto,
 que muchas ótras le offrecia el fuego,
 con que Athenas de Troya era transsumpto:
 Por el espanto de las sombras ciego,

el esquadron de sus contrarios junto
entre vnas peñas rapido aComete
como el Nilo haze al mar por bocas siete.

[109v]

51.

Nunca de informe cahos fiero abuzo
en batalla fatal, y atroz conflicto,
dexó al orbe atonito, y confuzo,
tan horrible el espacio circumsizo;
Como neste de Marte incendio infuzo
Sobervia ostentacion, animo invicto,
de hombres y armas pareció sangrientos
horror de Guerra, en cahos de Elementos.

52.

Sahió La Aurora, y lo que dantes fuera
playa tranquila ó campo deliciozo,
de Cuerpos muertos, y en pedaços, era
theatro infausto, y túmulto horrorozo:
En raudales purpureos La ribera
Occeano de Sangre era espantozo;
donde era el rostro de Leandro fuerte
copia del cahos, bosquejo de la muerte.

53.

Sembrada de cadaveres Se vido
La pLaya, mar de Sangre en cuyo Lago,
como el Sol en su eclipse amortecido,
quedó Florisbe en el comun estrago:
De dós saetas mortalmiente herido
el pecho hermozo, de la vista halago,
Demophonte La halló media defunta

quando el mar con su luz Feba perpunta.

[110]

54.

Lo que pudo La Lastima, ó La vista
 deste extremo fatal de la hermosura,
 bien que se calle; no ay quien se rezista
 aun raudal que a los ojos se apressura:
 La palidex de la Beldad, malquista,
 de suerte aora lo que Offende apura,
 que en muerte Lux del tenebrozo dia
 lo que era eclipse, occazo parecia.

55.

Murió Florisbe? preguntó asustada
 Filis a Delfia: y ella Le responde,
 nó nurió pero aun vive agonizada
 con el dolor que en su Beldad ~~o~~feesconde:
 Que es tan bella, prosigue atromentada
 Filis, no ay duda que su rastro es donde
 amor tiene sus atas, Delfia dize;
 pero que importa un Idolo jnfelice?

56.

Permitid, ruega Filis, que adelante
 nó pasemos sin ver esses prodigios
 de beldad; vea el alma aquel semblante
 que en ella renovó Los campos frigios:
 Mirad, Le buelve Delfia, essa fragante
 estacion de Abril, Cuyos Vestigios
 muestran ya que en sus margenes amenos
 Lido Lo que nó sois voz, es mucho menos.

[110v]

57.

Dixo: y Sin advertir como La Suerte
 entonces a Florisbe entretenia,
 con el dedo apuntando, oh Lance fuerte!
 le mostró de vn jardin la estancia Vmbria:
 En ella yâ sin sombras dela muerte
 sobre vna alfombra de jasmin yazia,
 Florisbe, a Cuyas plantas Demophonte,
 de su Sol sinó occazo, era Orizonte.

58.

Oh Vizion jnfelix muerte del alma
 mas viva en sus mortales Sentimientos.
 que Estigia furia con rabioza calma
 en ti vertió sus aspides Violentos?
 Para postrar de vn tierno amor la palma,
 bastavan yâ sus propios pensamientos
 sin que fucen de vn ancia, en los desmayos,
 las vistas fleclas, y las Sombras Rayos.

59.

Apenas Filis vió su aggravio hermozo
 quando por verce con la muerte abraços,
 al golpe duro de vn baston ñudozo,
 hizo el espejo en funebres pedaços:
 Al estallido horrendo, y temerozo,
 rotos del orbe Los robustos Laços
 sobervios montes, cerros prezumidos
 cahieron por la tierra espavoridos.

[111]

60.

En truenos roncós el Alverge horrible,
 y en negras llamas todo el Valle embuelto,
 en polvo, y rayos se bolo terrible,
 y en humo, y sombras se quedo rezuelto:
 El Sol con palidex dezapacible
 eclipsado se huyó, porque rebuelto
 Pluton con todo el ayre en negros coches
 Guera de Sombras fué, lluvia de noches.

61.

En los braços de Arminda amedrontada
 del feo espanto de aquel cazo horrendo
 se halló Filis, bien muerta, y mal librada
 de arder llorando, y de vivir moriendo:
 En la estacion se halló más abrazada
 de sus memorias donde discurriendo,
 por sus fortunas, vió en sus historias,
 Troyas de Amor; en Campos de memorias.

62.

Era La edad deCrepita del día
 quando Febo de Arlante despeñado,
 Sepultando su Carro en tumba fria,
 dora el mar, ciega el mundo, eclipsa el prado:
 Ya sus coros La Selva emudecia
 y el Ebro, en grillos de Cristal atado
 no oye en blandos numeros suaves
 reyr las fuentes, y cantar las aves.

[111v]

63.

Sola en la Soledad de su disvelo,

porque su muerte, en sus tristezas halle,
 si hallava Filis, donde un aroyelo
 Loco de piedras se despeña al valle:
 De aqui mirando al mar, gritando al cielo,
 no ay mal que incuebra, ó sin razon que calle,
 porque el silencio del sombra muda,
 ancias Le *augmenta* lastimas le ayuda.

64.

Ay Demophonte, dize, quien pensava
 que ingrato ansi tupecho me offendiera?
 quiçá menos amante te obligara
 porque tan fementido, no te hiziera?
 Pero sin con saber lo temirara
 como possible el nó adorarte fuera?
 si nascio por destino, ó fin secreto,
 mi amor independiente de tu affecto.

65.

A mis playas errante, y peregrino
 llegaste desnudado hasta del viento,
 y dióte, ay triste! en mi favor benigno,
 sus hospicio el pecho, el alma su apozento;
 Si este que el mundo aCuza dezatino,
 parece culpa, y es merecimiento,
 que seram mis extremos, mis ternezas
 si vez que hasta mis culpas son finezas.

[112]

66.

Al puerto pues de mi piedad llegaste,
 y aunque pirata de mis ojos fuiste,
 de vn alma los imperios dominaste,

de vn coraçon las Jndias poseiste:
 Aque region de olvido te auzentaste?
 aque Lethes del gusto te partiste?
 para que desterrada destas glorias,
 viva tan estrangera en tus memorias.

67.

QueSirenas tu encanto han pertendido
 que Caribdes hallaste en mis halágos,
 para sinó amante, agradecido,
 buevas a ver de vna alma los estragos?
 Panto Naufragio en ella has padecido,
 que de su horror tan Lexos Los amagos
 te asombran? como pues te olvidas tanto
 que hures Su Vox, por nó escuchar su llanto.

68.

A un oy seran testigos estas flores
 que al verme estan de lastimas marchitas,
 de quantos, ay demi! te escuché amores
 y de quan mal, ay Dios! Lo acreditas;
 Piro Si tus caricias, y favores
 eran flor, las mas fragiles imitas,
 que extraño! que palavras como ciento
 plumas al ayre son, flores al viento.

[112v]

69.

En los Abriles de mi edad Florida
 y en La estacion de amor mas delicioza
 Lograste aquellas flores dela vida,
 de quien fragil mi honor fué guarda oCioza:
 Mas Si a la Deydad de Chipre fementida

mi vanidad fue victima gustoza,
que mucho es ya que aun mizero reflexo,
sea inutil cristal, quebrado espejo.

70.

No sierpes produziendo estas arenas
nó viboras pizando estes cristales.
con odio aprezuraron, tus antenas
con la sombra offendieron tus fanales;
De mil delicias estas playas llenas,
lentos degustos mil estos raudales,
le enseñaron por margenes, y flores
menos arenas, y cristal, que amores.

71.

Si vna Beldad, si vn reyno apetecias
vn reyno te entregué, y vna hermosura,
si esperavas de vna alma idolatrias
mi pecho en adorate aun oy se apura:
Y si un tirano castigar querias
como a ti te perdonas! si es mas duras
tirania dexar em tanta Calma
vn reyno, vna hermosura, vn pecho, vna alma.

[113]

72.

Desde que el Sol al amador de Europa
doró la piel, y coronó la frente,
hasta que lanto en la Cerulea copa,
del frio aquario desdorar se siente;
Ni en este mar tu dezeada popa
ni en este monte tu Cavallo ardiente,
vieron mis ojos con igoal contento

pizar las olas, y enfrenar el viento.

73.

No Siento nó lasoledad del lecho,
 no que La vista llegue a consumirce,
 siento saber que tu juizio ha hecho,
 vna accion de que deve a repentirse;
 Oh siya por dexarte satisfecho
 de si podiera el alma dezasirce?
 quanto estimara el conocerme agena,
 por nó verte vn error, darte vna pena.

74.

Si alguna vez presumo en mi tristeza,
 que por nó agradarte mi hermosura,
 La dexas deste monte en la apereza,
 esse espejo de plata lo murmura;
 Oh si el mar que copea tu firmeza,
 a tus ojos llevara esta figura!
 quen duda aun que tu pecho marmol fuera
 que sinó hermoza triste temo viera.

[113v]

75.

Las Velas diste, y la palavra al viento
 y apezar detu gusto, y mi decoro,
 no ver Labuelta de tus Velas Siento,
 faltar La féé de tu palavra lloro:
 Buelve por disculparce vn Elemento
 tu quedas por no veir lo que te adoro,
 como pues sufrir ver en tanta Calma,
 Vn Elemento mas cortez que vn alma.

76.

Si en La aspereza destas pardas rocas
 rompo a sus grutas las frondosas greñas
 por lengoas rudes, por funestas bocas,
 me dan los éccos de tu nombre señas:
 Conosco ansi que en mis prassiones locas,
 menos debo atus ojos, que a sus peñas,
 pues dexandote lo aspero que incluyen,
 tu troncada mitar me restituyen.

77.

Yâ quiziera que el tiempo al paso lento
 delas molestas, con mayor tardança
 coxeâra, y no viera el movimiento,
 de las alas que hâ dado a tu mudança:
 Fuera un nunca aCabar de Sofrimiento
 aquel siempre empeçar de la esperança;
 y nó fuera en tromento repetido,
 mi amor aggravio, y tu memoria olvido.

[114]

78.

Mas si Florisbe, es Remora a tus passos
 quien duda que en encanto misteriozo,
 para Lograr Su oriente, enmis occazos,
 otro Sol, te amanece mas hermozo:
 Oh mortal fantazia, oh siempre escassos
 hados mios crueles! que furiozo
 delirio es este sueño del olvido,
 que aun dudado, es mayor padecido.

79.

Si pues el tiempo buela, y con los días

cresce tu ingratitud, tu féé se afea,
 muera ya porque en tales tiranias
 te escuze ingrato, tirano no te vêa:
 Y Sabras que del hado en las profias
 tanto mi amor tus creditos dezea,
 que dió quando Su aggravio proprio olvida,
 por verte el alma, por no te ver la vida.

80.⁴⁶

Muera a violencias esta flor axada
 cayga esta piedra a golpes dezazida,
 muera esta antorcha a soplos apagada,
 vea es sombra este Sol, su Lux teñida;
 Que si fue vista hermosa, am.^{te} y amada,
 La flor, La Antorcha, el Sol, lapiedra herida,
 oy siento en tu desden, yra y auzencias
 mas sombras, soplos, golpes, y violencias.

[114v]

81.

Y vos aroyo, y arboles fuistes
 espejos, y testigos de mis daños,
 Theatro sea las tragedias tristes,
 que oy representam, mis fatales daños:
 Nó lloreis, nó sintais que aun que me vistes,
 gemir auzencias, padecer engaños,
 en vzurpar su officio a mi tromento,
 hurto hareis, Sinó aggravio, a lo que siento.

82.

Dixo: y queriendo con rigor tirano

⁴⁶ Houve uma inversão de versos marcada por numeração marginal: 12346785. Na transcrição, a estrofe já foi organizada.

abrir el Centro del amor que offende,
 falta al alma el valor, tiembla la mano,
 y la muerte, en el susto se suspende;
 Pero corrido el coraçon insano
 de ver que de si mismo se difiende,
 hizo turbando atrox sus areboles,
 verter sangre vn Cristal, sombras dós Sóles.

83.

Tiembla el Sol en eclipse desmayado;
 teñido el valle en nacarada vena,
 cayó qual al rigor del cierço elado,
 purpurea roxa ó candida asucena;
 Pero en supecho amor anticipado,
 hizo puñal del coraçon La peña,
 y mostró Lastimado avn que severo,
 que adonde penas ay sobra el azero.

[115]

84.

Flor que del Alva, fue pompa ó caricia,
 de estio, sol, ofrio viento axâda,
 no desmayó la purpura Fenicia,
 nó marchitó la candidez nevada:
 Como esta vn tiempo del Abril delicia,
 del valle en las alfombras desmayada,
 occazo siendo a quantas flores hiere,
 Languida yaze y lastimoza muere.

85.

Quedó la muerte tan hermosa e nella
 bien que quedó sin alma la pintura,
 que en sombra ya de lamina mas bela,

la muerte vida fué de la hermozura;
 Y qual yaze de noche opaca estrella,
 la sombra lux, la palidez blancura,
 tal de um muerto calor, beldad nó breve,
 fue sinó sol de planta, Astro de Nieve.

86.

Lloró el valle, y con ahajos mudos,
 hirió el dolor las hierbas, y las lores,
 porque en Los Campos, y arboles desnudos,
 fuecen de Abriel, cadaveres, y horrores;
 Las duras peñas, lo escolhos rudos
 deshechos en ternezas, y dolores,
 mostraron, con sentido movimiento,
 que ay tambien en las piedras sentimiento.

[115v]

87.

Vistieron de Sombras Las esferas,
 el Sol de nubes, y de noche el dia,
 de tenieblas los astros, las riberas
 de un turbio asombro que a si mismo huya:
 Gemir las aves, y bramar las fieras
 con dissonancia triste el Valle oya,
 ayudando a su funebre lamento,
 bramando el mar, y suspirando el viento.

88.

Vn luto era del cielo cada emboço
 vna muerte del sol cada retiro,
 de la selva vn dolor cada destroço,
 de las aves vn ancia cada giro;

Cada estruendo del mar era vn solloço
 cada soplo del viento era vn suspiro,
 y de los montes con saudozo buelo,
 vna Lagrima fue cada aroyelo.

89.

Las Deydades del Bosques enternecidas
 viendo que el valle el rozicler nó enxuja,
 truecan las asucenas convertidas,
 en aquel Arbol, donde Abril madruga;
 Yâ las hojas de nieve amortecidas
 dura conteza tristemente arruga
 y la beldad que hermozeó la muerte,
 la blanca tez en pardo horror convierte.

[116]

90.

Ya las delicias de la animada nieve,
 en rude cuerpo muestran sus eclipses,
 y el episielo, de dos soles breve
 grocero tronco encubre sus matizes:
 El cabello aque amor sin laços deve
 ramos descoje al Zephhiro, infelices
 donde vestido el cuerpo en trage estraño
 parece vanidad, y es dezengañó.

Fim

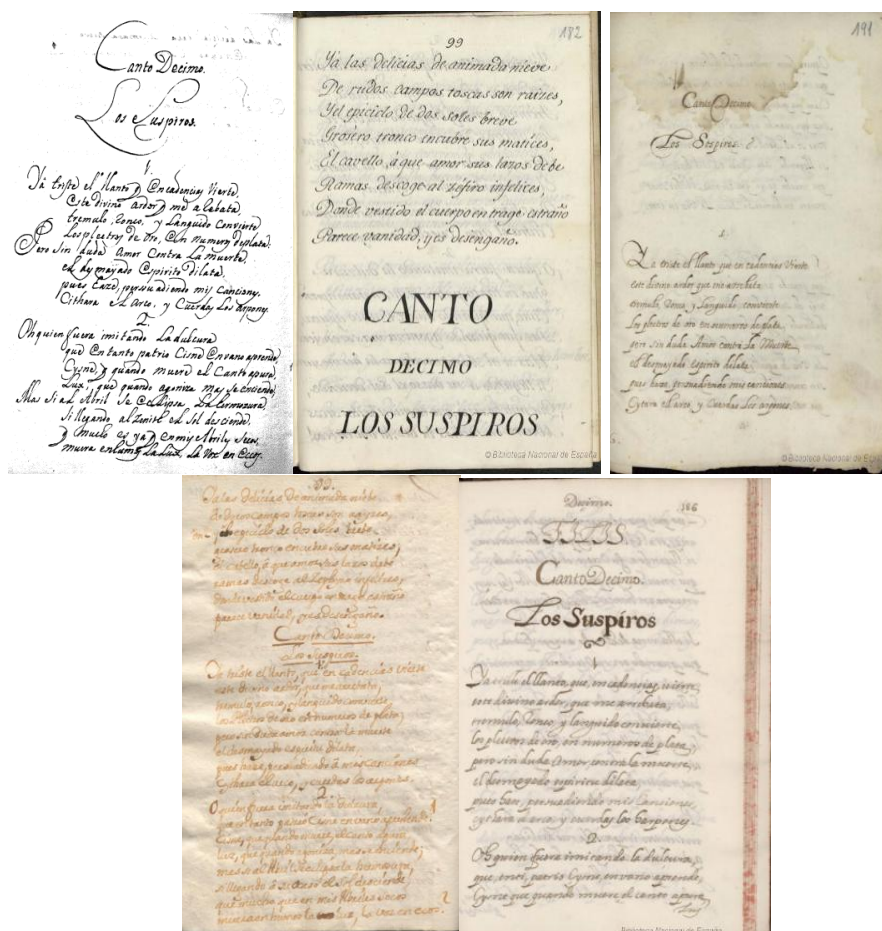
3.11 CANTO 10: LOS SUSPIROS

O Canto Décimo – Los Suspiros, com suas 15 estrofes, narra o retorno de Demofonte a Trácia para reencontrar com Filis. No entanto, ao chegar, ele se depara com a ausência e com a morte de sua amada. Diante de uma árvore solitária na beira da praia, Demofonte, padecendo de tristeza, sente o impulso de abraçá-la como se estivesse abraçando a própria Filis.

Quando Demofonte abraça essa árvore, ele revela a tristeza e a transformação que acompanham o fim da beleza e da esperança, sentindo seu próprio tormento refletido na frieza do tronco. As lágrimas e o choro de Demofonte são comparados a um rio de águas correntes, grandioso e cristalino. Esse rio é o próprio lamento de Demofonte que busca expressar sua dor pela falta da amada.

No entanto, esse gesto faz a árvore florir, se tornar bela e cheia de flores brancas, de forma a acolher Demofonte em seus galhos. Ele se vê tomado por uma paixão ardente, chora e padece, unindo-se a tristeza do rio, do vento e do mar. Quando a árvore começa a florescer em resposta ao abraço de Demofonte, ela simboliza a integração, a esperança e a vida que brotam do amor.

Essa árvore se trata da própria Filis, que fora transformada pelas divindades do céu e da natureza. Assim, a metáfora da transformação de Filis em uma árvore que floresceu ao sentir o abraço do seu amado, Demofonte, traz implícita a questão do amor que vai além do tempo e da morte. A ternura do abraço que leva ao florescimento da árvore, pode inferir ao ato de amor e ápice do prazer, revelado pelas flores brancas que brotam da árvore, mesmo em tempos de inverno.



Canto Décimo. Los Suspiros.

1.

Ya triste el llanto que encadencias vierte,
este divino ardor que me arebata,
tremulo, ronco, y languido convierte
los plectros de oro, en numeros de plata:
Pero sin duda amor contra La muerte,
el desmayado espirito dilata,
pues haze, perssuadiendo mis conciones,
cithara el arco, y cuerda los arpones.

2.

Oh quien fuera imitando la dulcura
que en tanto patrio cisne en vano aprende,

Cysne, que quando muere el canto apura,
 Lux, que quando agoniza mas se enciende;
 Mas si al Abril se eclipsa la hermozura,
 Si llegando al Zenith el Sol descende,
 que mucho es ya que en mis Abriles secos,
 muera en humos La Lux, La Vox en eccos.

[117]

3.

Si esta vena del Pindo arroyo fuera,
 que quando a su Occidente se termina,
 ma de sus ondas el caudal cresciera,
 hallando su grandeza en su ruina:
 Quien duda que corriendo obedeciera
 La vox de aquella furia cristalina,
 sin baldonarla en sus terminos quien viere?
 que nasciendo oceano aroyo muere.

4.

Mas si a coronar su altiva cumbre
 misteriozo impossible me desliza
 ecco se buelve La vox, sombra La Lumbre,
 y vna espire en solloço, otra en Ceniza;
 Hare pues sin que el sol mas medes Lumbre,
 plumas de aquella cera antojadica,
 que hizo del Tajo en las doradas venas,
 fuego el cristal, cenizas, las arenas.

5.

Acaben pues en flor Las primaveras
 mas de Deziembres, que de Abriles dignas,
 pues han de hazir tan presto en sus riberas,
 las tiernas flores, asperas espianas;
 Nó siempre vista el alma de chimeras

vna razon tan vana en sus ruynas,
y leyendo per Troyas, y cartagos,
edifique su avizo, en sus estragos.

6.

Al hilo, pues postrero donde acaban,
fabricas de tan ciego Labirinto,
den La mano essas Nimfas que se acaban,
deser Soles de Delo^{cxxxix}, Astros de Cintho:
De essas que atantas silabas se laban,
De harmonioza nieve el pié susinto,
beba el pectro, y Dafne, entre sus ramas,
golfos de llanto trueque en Mar de llamas.

7.

Ya del Ebro al cristal, restituia
los ojos, y las velas tiernamente,
aquel rayo de Athenas que bolvia,
a ser del sol de Tracia, offrenda ardiente:
Alegre ya su armada descogia
vistoza pompa al cristalino ambiente,
y las arenas abraçando amigas,
da van y al fondo maves, y fatigas.

8.

Pero sabiendo el mizero, y funesto,
cazo, nunca a los tristes pereçozo,
ciego el discursso, el animo dispuesto,
tierno enloquece, y llora lastimozo:
Rayo a la encina nó abrazó tan presto,
el alma verde quando al espantozo,
trueno sonó la nube a quien embiste,
como el mal de la nueva, al alma triste.

9.

Nó tanto aroyo la parlera plata,
 del yelo frio en las cadenas prende,
 como en el alma que sus potencias atá,
 confuzo pasma, imobil se suspende;
 Por sus huessos, ya y Venas se dezata,
 vn sudor frio, y tan mortal offende,
 el cadolor a la vida, que en sus penas
 ya de Cadaver se destingue apenas.

10.

Pero nó bien del alma restituye,
 el sentimiento, al mismo sentimiento,
 quando en nubes dellanto se destruye,
 quando en mares se anega de tromento;
 De sus delirios la prudencia huye,
 de sus ancias se asombra el sufrimiento,
 y enfin parece, en lagrimas, y enojos,
 vna nube la vista, vn mar los ojos.

11.

Por el Arbol pregunta, y destinado,
 al solitario alvergue que le espera,
 de vnfrenezi furiozo arebatado,
 la que dexo Deydad, tronco venera;
 A su triste estacion, llega, y turbado
 viendo corteza tosca, lo que fuera
 delicia al orbe, asumpto a su esperança,
 llora su estrago, y siente su mudança.

12.

El duro tronco abraça tiernam.^{te}

y tanto se vne, y lo aprieta amante,
 que inspirandole vn alma, en ancia ardiente
 vê que el arbol se mueve a Cada istante;
 Bezalo, y dulce en su Corteza siente;
 tan tierno amor y affecto tan gigante,
 que pudo entre sus mizeros estragos,
 fingir caricias, y estimar halagos.

13.

Panto entre sus braços hermozêa,
 el alma alegre de la planta triste,
 que si viste las copas de Amalthea,
 de Abril lagal, en verdes pompas viste;
 Ya con dilicias de ambar se recrea,
 ya con su hermoza amenidad le asiste,
 pues al punto en que su dueño la abraça
 flores produze, y hojas dezenlaça.

14.

Las flores viste, cuyo afeito hermozo
 es el primer anuncio del Verano,
 aun que Verdugo el Cierço rigurozo,
 deshoja presto su verdor loçano;
 Docêl florido, y Thalamo olorozo,
 texe su pompa, al Joven soberano,
 cuyo aliento haze en sus congojas,
 reyr las ramas, y baylar las hojas.

[119]

15.

Entronco, hojas, y ramas el Sentido,
 Joven, suspensso, absorto, a rebatado
 tierno gime arde am.^{te} y muere azido,

llama ardiente, Etna vivo, ecco animado;
llorando, amando, y padeciendo vnido,
y haziendo al fin en rio, viento, y prado,
mar el llanto, ancia el gusto, y llama el fuego,
pasmó triste, habló mudo, y quedó ciego.

Fim.

CAPÍTULO 4: A HERANÇA CLÁSSICA EM “FILIS Y DEMOFONTE”

As poéticas dos séculos XVI, XVII e XVIII, conhecidas como "clássicas" por incorporarem elementos da Antiguidade greco-latina, baseiam-se amplamente na noção de *mímesis* na formulação de seus princípios e normas.

Originalmente, a *mímesis* estava inserida em um contexto mítico e religioso, não visando reproduzir uma imagem do real, mas sim expressar uma realidade oculta ligada diretamente aos deuses. Mimetizar significava, na época, ser possuído por uma divindade e, de certa forma, imitá-la ou materializá-la através de um estado de êxtase. (SALTARELLI, 2009, p. 251)

A noção de *mímesis* percorre o período medieval até que, a partir da Renascença, é retomada com novo vigor pelas poéticas dos séculos XVI, XVII e XVIII, em geral ditas “clássicas” justamente por resgatarem diversos elementos da Antiguidade greco-romana de modo explícito e voluntário. Entretanto, não se pode dizer que essa noção se manteve inalterada desde os gregos, tendo o conceito de *mimesis* passado por uma série de modificações. (SALTARELLI, 2009, p. 251-252)

O conceito de *mímesis* em Platão e Aristóteles é central para a compreensão da arte e da representação na filosofia antiga, já que cada um desses filósofos o aborda de maneiras distintas.

Para Platão, a *mímesis* está profundamente ligada à sua teoria das ideias. Platão via o mundo sensível como uma cópia imperfeita do mundo das ideias, que é a verdadeira realidade. Portanto, para o filósofo, a arte mimética, ou seja, a arte que imita o mundo sensível, (podemos incluir aqui a poesia) é uma cópia de uma cópia, afastando-se ainda mais da verdade. Logo, para Platão, a *mimesis* nada mais era do que a possibilidade de enganar e distorcer a verdade, já que o artista não criava nada de novo, mas apenas reproduzia uma realidade já inferior. (PLATÃO, 2001, p. 596-598)

Aristóteles (2011) em sua obra *Poética*, estabelece que a *mimesis* é um conceito estético de representação que pode levar à catarse e ao aprendizado. Para ele, a arte mimética é uma forma de imitar as ações humanas e suas consequências, proporcionando ao público uma experiência emocional e intelectual enriquecedora. Ele argumenta que a arte, incluindo as várias formas de poesia, é uma forma de conhecimento e que a imitação é uma maneira de explorar e entender a condição humana. Sendo assim, Aristóteles vê a *mímesis* como uma maneira de se aproximar

da verdade, oferecendo uma representação que pode revelar aspectos profundos da natureza humana e do mundo. (ARISTÓTELES, 2011, p. 37-39)

Imitar é natural ao homem desde a infância — e nisso difere dos outros animais, em ser o mais capaz de imitar e de adquirir os primeiros conhecimentos por meio da imitação — e todos têm prazer em imitar. (ARISTÓTELES, HORÁCIO , LONGINO, 2014, p.21-22)

Por serem naturais em nós a tendência para a imitação, a melodia e o ritmo — que os metros são parte dos ritmos é fato evidente — primitivamente, os mais bem dotados para eles, progredindo a pouco e pouco, fizeram nascer de suas improvisações a poesia. (ARISTÓTELES, HORÁCIO , LONGINO, 2014, p.23)

Ao discorrer sobre a perspectiva de Aristóteles sobre a mimesis, Saltarelli (2009) observa que a arte não imita diretamente os elementos da natureza, mas sim as suas leis, princípios e proporções. “O importante, então, é que essas leis estejam em acordo com a natureza e entre si, formando uma imitação não do verdadeiro, mas do semelhante ao verdadeiro.” O autor ainda afirma, que este é o conceito de verossimilhança elaborado por Aristóteles, que se tornou tão relevante que ainda é aplicado nos estudos literários contemporâneos. Uma obra verossímil implica a representação de uma lógica natural, em vez de uma reprodução exata da realidade. (SALTARELLI, 2009, p. 253).

Assim, desde que alguns escritores foram consagrados pela tradição como exemplos de excelência artística e agrupados num cânone, tornaram-se paradigma para as gerações futuras, as quais passaram a imitar tais modelos. Com isso, a mimesis ganhou também o estatuto de imitação de escritores canônicos, cujos gêneros, linguagem e estilo foram mimetizados por muitos artistas. Essa forma de mimesis estará largamente presente na produção poética a partir da Renascença. (SALTARELLI, 2009, p. 254).

Em a *Nova arte de conceitos*, Ferreira (1718-1721) compara a abelha, que não produz seu doce favo a partir do néctar de quaisquer flores, mas busca as mais perfumadas, da mesma forma, o bom imitador deve selecionar e observar atentamente os escritos de maior prestígio dentro do gênero em que trabalha, imitando o que há de mais singular, sutil e engenhoso. Sua imitação deve seguir regras tão precisas que pareça uma obra que, ao competir com o original, o iguale ou até o supere. (FERREIRA, 1718-1721, p.179)

Ainda sob a perspectiva de Saltarelli (2009), os filólogos alexandrinos foram os primeiros a estabelecer um cânone, selecionando modelos que serviriam de referência para serem imitados. O *Tratado da imitação*⁴⁷, de Dionísio de Halicarnasso, escrito no século I a.C., é uma importante fonte para o debate sobre a imitação de escritores-modelo, prática que é conhecida como emulação.

Outrossim, é notável que Fonseca Soares usou o método de aludir a outros textos para compor o esse poema, já que a obra fonsequiana “Filis y Demofonte” demonstra que o autor tinha grande conhecimento sobre a obras clássicas anteriores a ele, haja vista que aparecem diretamente citadas, relidas ou alegorizadas na narrativa, tais como: *Eneida*, de Virgílio, *Iliada*, de Homero, *Metamorfoses* e as *Heroídes*, de Ovidio, dentre outras.

4.1 ENEIDA, DE VIRGÍLIO EM “FILIS Y DEMOFONTE”

Como já salientamos anteriormente, no século XVII, era comum a um poeta se emular em outras obras consideradas da tradição clássica para escrever a sua obra.

Saltarelli (2009) explora essa questão, definindo imitação e emulação, sendo o primeiro, os processos que envolvem o esforço de igualar ou até superar o modelo original, e o segundo como a capacidade de se apropriar e aprimorar o modelo que está sendo imitado ou referenciado. Ademais, o mesmo autor, aborda esses conceitos no que diz respeito a poesia seiscentista:

O motor da poesia seiscentista, assim posto, não está centrado em conceitos atuais, como originalidade, autoria etc. Antes, ele faz andar o gênero tanto pela engenhosidade do poeta no arranjo e na seleção a partir do catálogo disponível, quanto pela capacidade de rearranjo de elementos desse catálogo em direção a efeitos inusitados e, portanto, engenhosos, no que diz respeito à capacidade de rearranjá-los, e artesanais ou artísticos, quando se leva em conta a tarefa da elaboração do poema em si. (SALTARELLI, 2009, p. 254).

Segundo Moreira (2018), nas práticas de emulação e imitação da poesia portuguesa dos séculos XVI e XVII, a atualização dos modelos através desses processos pode envolver diferentes áreas de conhecimento sobre o gênero poético.

⁴⁷ QUINTILIANO. *Institutiones oratoriae*, X, II, 9 e 28 apud DIONÍSIO DE HALICARNASSO. *Tratado da imitação*, p. 50.

Logo, a emulação e a imitação de mais de um modelo resultam em diversas nuances e inflexões no poema, refletindo a combinação de múltiplas influências.

António da Fonseca Soares, em “Filis y Demofonte”, traz referência da obra de Virgílio, embora o texto apresente ligações como outras obras da tradição clássica. Por isso, faremos algumas explanações acerca da relação de *Eneida*, de Virgílio com o poema fonsequiano em estudo.

Sobre *Eneida*, é fundamental destacar que tanto o poeta quanto seu poema são considerados "clássicos" no sentido de serem, primeiramente, escolhidos para leitura e audição, e, em seguida, como modelos a serem imitados. Mesmo antes da morte de Virgílio, trechos da *Eneida* eram lidos em círculos privados e recitados em bibliotecas para um público adulto. Após sua publicação, o poema passou a ser ensinado nas escolas, o que indica que a *Eneida* era uma obra preferida e "clássica" para todas as camadas do público da época.

Em outras palavras, devido aos valores que Eneias personifica e ao talento de Virgílio em unir mito e história de Roma, inserindo-os politicamente nos eventos dramáticos de seu tempo, a *Eneida* tornou-se uma referência ética para os romanos, semelhante ao que Homero representou para os gregos: além de entreter, como qualquer poeta, também desempenhava uma função educativa. (OLIVA NETO, 2016, p. 12)⁴⁸

A *Eneida*, portanto, que já fora eleita pelo público, é, em parte por causa disso mesmo, erigida a paradigma poético digno de imitação por outros poetas, que é o sentido mais importante de "clássico".

A *Eneida* é clássica porque a imitaram poetas da própria latinidade, é certo, mas também porque a imitaram poetas que se tornaram, eles mesmos, clássicos em alguns dos principais idiomas do Ocidente. (p. 13)

Oliva Neto (2016) afirma que é no poema de Virgílio que miram Dante Alighieri, na *Divina Comédia*; Ludovico Ariosto, no *Orlando furioso*; Torquato Tasso, na *Jerusalém libertada*; John Milton, no *Paraíso perdido* e no *Paraíso reconquistado*; Camões, n'Os *Lusíadas*. E, a partir dessa pesquisa e demais estudos sobre a obra fonsequiana, acrescentamos, ainda, António da Fonseca Soares, em “Filis y Demofonte”, como veremos a seguir.

⁴⁸ OLIVA NETO, J. A. Breve anatomia de um Clássico. In: VIRGÍLIO. **Eneida**. Edição bilingue; tradução de Carlos Alberto Nunes, organização, apresentação e notas João Angelo Oliva Neto – São Paulo: Editora 34, 2016 (2ª Edição)

O primeiro canto de “Filis y Demofonte” remete ao início do primeiro livro de *Eneida*, de Virgílio. Ambos avisam que irão cantar as armas, Grécia, Tróia, o amor e a tragédia. É uma forma de contextualizar e apresentar o tema a ser tratado. Tanto *Eneida*, quanto “Filis y Demofonte”⁴⁹ são narrativas dignas de Homero.

“FILIS Y DEMOFONTE, ANTONIO DA FONSECA SOARES	ENEIDA, VIRGÍLIO
1. Yó que en laflor de Mis primeros años Canté de Amor Las dulces tiranias, Yenlos e crizos de agradably daños Menti las Eras, yengañe los días; Aora, que ennumerosos desengaños, /Si Canto Son los consonancias mias,/ La Deyda que fué de Grecia espanto Como el amor, y la tragedia Canto.	LIVRO 1 As armas canto e o varão que, fugindo das plagas de Troia por injunções do Destino, instalou-se na Itália primeiro e de Lavínio nas praias. A impulso dos deuses por muito tempo nos mares e em terras vagou sob as iras de Juno, guerras sem fim sustentou para as bases lançar da cidade e ao Lácio os deuses trazer - o começo da gente latina, dos pais albanos primevos e os muros de Roma altanados. (Virgílio, 2016, p. 73)

Tabela 11: Canto 1, estrofe 1 – Filis y Demofonte, António da Fonseca Soares e livro 1 – Eneida, Virgílio.

Além disso, a estrutura narrativa de ambas as obras apresenta praticamente os mesmos episódios: a queda de Troia, o retorno da guerra, o guerreiro que passa por uma tempestade em auto mar e tem o navio naufragado, a princesa que se apaixona pelo guerreiro que atraca seu navio em uma terra desconhecida, o, a tragédia amorosa, a descida ao submundo do inferno, dentre outras.

No canto quinto, de “Filis y Demofonte”, por exemplo, temos a descida de Vênus ao Inferno, na busca por justiça e a tentativa de resolver os conflitos que afetam tanto o mundo dos deuses quanto os dos mortais. Este episódio representa o conflito mitológico entre as divindades e os mortais, enfatizando a ira divina diante das desilusões amorosas.

Em *Eneida*, Virgílio descreve, no livro VI, a descida de Eneias ao inferno para encontrar o espírito de seu pai, Anquises. Durante essa descida, Eneias testemunha as almas dos mortos e reforça a sua missão de fundar a nova cidade, que se tornaria o Império Romano. Ainda, também é possível observar essa referência quando o corpo de Demofonte é comparado ao barco de Aqueronte, em referência ao rio Aqueronte, citado em *Eneida* como parte da jornada de Enéias ao submundo - o

⁴⁹ No canto 1, na estrofe 4, verso 2: Presto le espero a Luzitana toda/que digno assumpto de Mayor e Homero.

herói desce ao submundo e atravessa o rio Aqueronte com a ajuda de Caronte, o barqueiro que transporta as almas dos mortos.

Aristóteles (2011), em sua Poética, discorre sobre a mimese que tal como em outras artes miméticas, é essencial que haja a imitação de um único evento, assim como o enredo imita uma ação, ou seja, uma ação única que forma um conjunto completo. Dessa forma, as partes que compõem os acontecimentos devem ser organizadas de tal maneira que a adição ou remoção de qualquer uma delas altere e transforme a estrutura do todo. Nota-se, em suma, que em “Filis y Demofonte” essa prática foi crucial em sua composição.

4.2 METAMORFOSES, DE OVÍDIO EM “FILIS Y DEMOFONTE”

Em *Metamorfoses*, de Ovídio consistem em uma longa sequência de episódios etiológicos sobre os elementos do mundo; e em cada um deles, a transformação atua como o clímax, o pequeno *gran finale* do episódio. (OLIVA NETO, 2017, p.15-16)

O autor ainda afirma que superar outros poetas após concorrer com eles são termos que remetem um antigo método de composição conhecido como emulação (em grego, zélosis; em latim, aemulatio). A emulação envolve a busca por uma vitória e a honra que ela traz. Como se observa em Ovídio, os poetas antigos, assim como os prosadores, não apenas imitavam outros autores ao escolherem um ou mais modelos para seguir, mas também almejavam superá-los, criando obras que pudessem eventualmente superar as que haviam imitado. (OLIVA NETO, 2017, p.17-18)

Ainda sob a perspectiva de Oliva Neto (2017), na introdução que faz para a obra *Metamorfoses*, quando um poeta imita o outro, é possível identificar o modelo do imitado:

Quando um poeta imita outro, deixa visível no poema a presença do imitado em passagens, versos, imagens em que é possível identificar o modelo. Assim, ao tempo em que o poeta imita modelos, ele também se alimenta deles, transferindo muito do vigor dos trabalhos alheios para seu próprio trabalho. O procedimento de aludir a outros textos é parte integrante da imitação e da emulação antigas, mas tem sido hoje estudado sob o nome

de "intertextualidade". (OLIVA NETO⁵⁰, 2017, p.20)

Por isso, destaca ainda, que os episódios da obra ovidiana, originários de outras épicas, de outros gêneros e até da tradição oral grega e latina, já estavam disponíveis para Ovídio, que não fez senão uni-los, cerzi-los, num grande tecido único, daí sua opção consciente pela tecelagem como técnica de composição do poema. (OLIVA NETO, 2017, p. 24)

São muitas as transformações que ocorrem em “Metamorfoses”, dentre as quais podemos citar: Dafne: Transformada em um loureiro para escapar das investidas de Apolo (Livro I, p. 77- 85)⁵¹; Io: Transformada em uma vaca por Júpiter para protegê-la de Juno (p. 85 - 93); Narciso: Transformado em uma flor após se apaixonar pela própria imagem refletida na água (Livro, III, p.187-197); Aracne: Transformada em uma aranha como punição por sua presunção em desafiar Minerva em um concurso de tecelagem (Livro VI, p. 317-327); Pigmalião: Sua estátua de marfim, esculpida por ele mesmo, ganha vida e se torna sua esposa, Galatéia (Livro X, p. 545-549); Cefalo e Procris: Procris é transformada em um corvo após ser enganada e assassinada por Cefalo (Livro VII, p. 403-415); Cadmo e Harmonia: Transformados em serpentes após sua vida de desventuras e pecados (Livro IV, p.253-255). Esses exemplos mostram a rica variedade de transformações que Ovídio explora em seu poema, refletindo temas de amor, punição, e metamorfose contínua. Ademais, o autor ressalta que “as Metamorfoses compõem-se também elas de transformações da própria Poesia”. (OLIVA NETO, 2017, p. 21)

Para criar *Metamorfoses*, um poema único, extraordinário e grandioso, Ovídio se baseou em episódios que haviam sido narrados anteriormente por diversos autores e em diferentes gêneros, razão pela qual é justo reconhecer que ele lhes deve muito. No entanto, considerando que *Metamorfoses* serviu como fonte para inúmeras obras de diversas formas de arte e por vários artistas ao longo do tempo, também é possível afirmar que Ovídio pagou amplamente essa dívida. (OLIVA

⁵⁰ OLIVA NETO, J. A. Mínima gramática das Metamorfoses de Ovídio. In: OVÍDIO, Metamorfoses. Edição bilingue; tradução, introdução e notas de Domingos Lucas Dais; apresentação de João Angelo Oliva Neto – São Paulo: Editora 34, 2017 (1ª edição).

⁵¹ O poeta deixa que claro que a paixão de Apolo/Febo por Dafne não foi obra do acaso, mas de Cupido. “O primeiro amor de Febo foi Dafne, filha de Peneu. Esta paixão não foi obra de um cego acaso, mas do violento rancor de Cupido. [...] De sua aljava cheia tira duas setas com funções distintas. Uma afugenta, a outra faz brotar o amor. A que faz nascer é dourada, com uma ponta aguda e brilhante. A que afugenta é romba e tem chumbo no coração da cana. Esta cravou-a o deus na ninfa, filha de Teneu. Com aquela feriu a medula de Apolo, varando-lhe os ossos.

NETO, 2017, p. 30)

Em Filis y Demofonte também temos, após um longo episódio, narrado por meio de cada canto, um *gran finale* ao final do último canto. No entanto, quando o leitor e/ou ouvinte é levado a pensar que o *gran finale* seria morte trágica de Filis, temos a transformação da personagem em uma árvore de amendoeira, que ainda irá florir ao ser acariciada e abraçada por Demofonte, quando o mesmo chega a Trácia.

Fonseca Soares repete a fórmula de Ovídio ao usar a obra desse autor como fonte para seu episódio, que trata da história de “Filis y Demofonte”, ocorrendo a metamorfose de Filis nos cantos finais do poema. No entanto, ao longo dele, o poeta remete a alguns desses mitos acima citados. Ora, se Ovídio referenciou grandes clássicos que o antecederam para criar “Metamorfoses”, Fonseca Soares faz o mesmo com essa obra, aqui estudada.

Acreditamos que o poema “Filis y Demofonte” ainda tem muitos pontos a serem explorados e pesquisados, tanto em relação ao seu conteúdo, estrutura poética e até a mesmo a edição, já que aqui nos propomos a fazer a edição diplomática do manuscrito, buscando trazer a forma genuína do texto, com a grafia, a pontuação e as abreviaturas tal qual a edição digital que temos em mãos.

Logo, notamos que a grande metamorfose de Filis y Demofonte é a personagem Filis transformada em uma árvore de amendoeira.

4.4 A METAMORFOSE DE FILIS

Como vimos até o momento, Filis é a protagonista, princesa e heroína da obra “Filis y Demofonte”, de António da Fonseca Soares.

Desde o canto primeiro, em que essa personagem é apresentada aos ouvintes e leitores, podemos observar como sendo uma princesa de beleza esplêndida, radiante e majestosa. Filis é comparada ao Sol, “Filis és este Sol, que en la espessura” (canto 1, estrofe 43, verso 1) com sua beleza sendo descrita como uma herança de uma linhagem nobre “Hereda su hermosura la corona de Tracia”, (canto 1, estrofe 43, verso 5). Sua presença é tão poderosa que parece fazer o amanhecer acontecer onde quer que ela esteja “donde ella se pone, el amanhece” (canto 1, estrofe 43, verso 8).

Filis é descrita, também, como uma figura de honra e virtude “honor de Grecia (canto 1, estrofe 44, verso 1), que embora não despreze a vida na corte, prefere as atividades do campo “nó porque ansi la corte menosprecia mas porque el Campo el Aranjues trocava” (canto 1, estrofe 44, versos 3-4), lugar onde pratica exercícios castos e virtuosos.

Ainda, a personagem remete a ideia de poder e domínio, uma vez que é referida como uma deusa ou entidade quase divina, que pode controlar e influenciar os campos e as feras “y llegando ala fiera temeroza, qual pasma su grandeza, qual observa” (canto 1, estrofe 46, versos 2-3), ao ponto de transformar o campo em um lugar festivo e agradável “Dan gloria al campo, y regocijo al viento” (canto 1, estrofe 46, verso 8).

Conforme o canto primeiro, Filis mantém uma aura divina e majestosa, mesmo em seus gestos humanos. “fueron divinas por hurtarse humanas” (canto 1, estrofe 47b, verso 4).

Ademais, a princesa é elevada ao status de salvadora de Demofonte, quando o mesmo chega a Trácia, fazendo com que o príncipe de Atenas sinta gratidão por se refugiar em sua terra “Demophon, que jgualarce/Agradecido/pertende a tan cortez Conocimiento/el alma le dedica, y a offrecido/a Divino holocausto, y amante aliento” (canto 1, estrofe 60, versos 1-6)

Diante do exposto, é possível afirmar que essas características apresentadas no canto primeiro reforçam a imagem de Filis como uma mulher idealizada, dotada de beleza, virtude e poder, representando a ideia de perfeição.

Logo adiante, na última estrofe do canto quarto, após o ato sexual e amoroso de Filis e Demofonte, temos a imagem de Filis, como uma mulher vulnerável ao amor e suas armadilhas, a culpa e ao peso de ter se entregado para o seu amado. Dessa forma, esta estrofe questiona a permanência e a veracidade da felicidade e do amor, descrevendo-os como “erro cego” e “doce mentira”. Isso sugere que, o amor, que antes parecia eterno, agora é visto como algo frágil, como uma “flor breve” ou “sombra vã”.

Logo, o eu lírico alerta para os perigos de confiar cegamente nessa felicidade, pois quem não percebe a transitoriedade da vida e do amor acaba sendo vítima das Parcas e das serpentes — símbolos de morte e traição.

Mas oh bien gloria, y dichas delaSuerte
humo vil, ciego error, dulce mentira,

daño al alma, hurto al tiempo, arma ala muerte
 de quien engañado os vê ama, y suspira;
 Quien nó ospiza, nó os huye, nó advierte,
 parcas vê, sierpes halla, aspides mira,
 pues sois envida, en pompa, en lux insana,
 breve flor, sueño aleve, y sombra vana.

(canto 4, estrofe 81, versos 1-8)

A partir de então, a imagem que vai sendo construída para Filis, apresenta certa dualidade, embora ela seja ligada à beleza, ao amor e à renovação (como a Primavera), a personagem está imersa em um ciclo de mudança e efemeridade, é deusa e ao mesmo tempo humana. Filis é vulnerável às forças da vida e da morte, ao tempo que passa, e às ilusões do amor e da sorte. A imagem final de Filis é a de alguém que, mesmo rodeada de glória, beleza e natureza, está destinada a enfrentar a transitoriedade e a fraqueza da vida humana, ao passo que passará por dores e desenganos por causa do amor.

Sendo assim, quando Filis, no canto nono, já sem esperanças e com muita saudade de Demofonte, decide tirar a própria vida, toda a natureza e divindades do céu, da terra e do mar se entristecem e a homenageiam transformando seu corpo, já sem vida, em uma árvore.

Em muitos textos que citam a história de Filis e Demonte temos transformação de Filis em uma árvore de amendoeira, quando ela se suicida por acreditar que Demofonte nunca voltaria a Trácia. Assim, a história de Filis e Demofonte e a transformação de Filis em amendoeira está presente em vários livros e dicionários de mitologia grega, como no Dicionário de Mitologia Grega e Romana, de Mário da Gama Kury:

Fílis (G. Phyllis). Filha de Fileu, ou de Cíaso, ou de Licurgo ou ainda de Telo (vv.), rei do território situado na foz do rio Estrímon, na Trácia. Acamas (ou Demofon), Ilho de Teseu (vv.), de volta da Guerra de Troia foi parar com suas naus na costa daquele território, cujo rei era o pai de Fílis. Ela se apaixonou pelo recém-chegado; Acamas prometeu casar-se com Fílis, mas alegou que antes teria de ir a Atenas para pôr sua vida em ordem. Fílis concordou com a viagem e deu ao noivo uma caixinha, que segundo ela continha objetos destinados ao culto de Rea (v.); a caixinha somente deveria ser aberta se ele perdesse a esperança de voltar para juntar-se a ela. Fílis desceu muitas vezes da cidade até o porto na esperança de ver Acamas (ou Demofon) chegar, mas ele não voltou, apesar de ter-se esgotado o prazo previsto para o regresso. Diante da perspectiva de nunca mais rever o seu amado, Fílis suicidou-se. No mesmo dia o noivo, que estava em Creta, onde se havia casado com outra mulher, abriu a caixinha; dela saiu um espectro que assustou o cavalo de Acamas (ou Demofon); o animal saiu galopando desabaladamente, e Acamas (ou Demofon) caiu do cavalo sobre sua espada e morreu. Em outra versão da lenda Fílis transformou-se numa amendoeira sem folhas. Seu noivo chegou à Trácia

após a morte da moça e abraçou a amendoeira, que se cobriu de folhas. Depois dessa mudança na árvore as folhas, até então chamadas de pétala, receberam o nome de phylla em homenagem a Fílis. (KURY, 1990, p. 129)

No entanto, nos versos de Fonseca Soares, não há uma menção explícita de que Filis foi transformada em uma amendoeira, já que a passagem narra a transformação das flores ("asucenas", ou lírios) em uma árvore. Porém, sabendo que na mitologia grega Filis se transforma em amendoeira, há algumas metáforas que podem relacionar essa árvore à transformação de Filis por meio de imagens poéticas que se referem à árvore em questão.

Nos versos do Canto 10, estrofe 11, podemos inferir que nessa estrofe, o "tronco" que o poeta observa, considerado uma "delicia al orbe" (delícia ao mundo), sugere uma metáfora para algo que era belo e valioso antes de sua transformação e perda, essa árvore já fora antes apreciada e admirada por sua beleza e importância, e o eu lírico demonstra sentir sua mudança, sua transformação, como está posto no último verso da estrofe, confirmando, assim, que essa árvore realmente se trata de Filis, princesa de Trácia, de beleza exuberante.

De vnfrenezi furiozo a rebatado,
la que dexo Deydad, tronco venera;
Asu triste estacion, llega, y turbado
viendo corteza tosca, loque fuera
delicia al orbe, asumpto asu esperança,
llora su estrago, y siente su mudança."

Da mesma maneira, na estrofe 12, os versos 1 e 2 "El duro tronco abraça tiernam.^{te}/y tanto se vne, y lo aprieta amante," o duro tronco que é abraçado ternamente pode ser visto como uma metáfora para a fusão do amor e da dor, onde o carinho e o sofrimento se misturam. O ato de Demofonte ao abraçar a árvore sugere um ato de união com sua amante e uma profunda conexão entre eles, como a que ele tinha com sua amada, Filis.

Nos versos 3 e 4 da mesma estrofe "que inspirandole vn alma, en ancia ardiente / vê que el arbol semueve aCada istante; / Bezalo, y dulce en suCorteza siente; / tan tierno amor y affecto tan gigante," temos um eu lírico, que anseia ardentemente beijar a árvore e sente por ela um afeto tão gigante e um amor tão terno é uma metáfora para uma profunda conexão emocional e espiritual. Além disso, temos também a ideia de uma árvore que se move ao receber carinho, sugerindo que a árvore tem vida e corresponde ao amor de Demofonte.

Outrossim, na estrofe 13:

"Panto entre sus braços hermozêa,
el alma alegre dela planta triste,
que si viste las copas de Amalthea,
de Abril lagal, en verdes pompas viste;
Ya condilicias de ambar se recrea,
ya consuhermoza amenidad le asiste,
pues al punto en que sudueño la abraça
flores produze, y hojas dezen laça."

Podemos considerar que a árvore outrora triste, possivelmente em um estado de dormência ou estagnação, citada nos versos 1 e 2, renasce e floresce quando recebe o abraço de Demofonte, haja vista que esse abraço lhe traz vida e beleza.

Na Mitologia Grega, as copas de Amalteia (verso 3) remetem à abundância e à nutrição, pois Amalteia, seja como cabra ou ninfa, alimentou Zeus, oferecendo vida e sustento. Desse modo, quando o autor menciona Amalteia, ele sugere que a árvore que floresce é igualmente abundante e generosa em sua renovação, assim como o "chifre da abundância" (Cornucópia) associado à cabra mítica.⁵²

Ainda se tratando da estrofe 13, o verso 4, menciona o mês de abril, que na Europa, é um símbolo da primavera e do renascimento, tornando a planta/árvore outrora triste (verso 2) em uma árvore vestida de "pompas verdes", indicando que ela está cheia de vida e vigor, algo comum à amendoeira, que floresce cedo na primavera, já que essa árvore é uma das primeiras a florescer após o inverno, marcando o início da primavera. Ela é conhecida por produzir flores antes mesmo de suas folhas aparecerem, muitas vezes em meio ao frio, como um sinal precoce da mudança de estação.

Em seguida, já nos versos 7 e 8, temos reforçada a ideia de que a árvore produz flores e folhas ao ser tocada ou cuidada. Isso reflete o ciclo natural da amendoeira, que, como mencionado anteriormente, floresce cedo, muitas vezes antes de suas folhas surgirem, simbolizando a renovação rápida e a prontidão para florescer. Além disso, infere uma metáfora para o ciclo de vida, morte e renovação, e, podendo ser comparado também ao amor de Filis e Demofonte, que mesmo diante dessa mudança da vida para morte, da morte para a vida, encontra uma maneira de continuar existindo e resistindo, se renovando e produzindo flores e folhas novas, mesmo em condições adversas.

⁵² CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. **Dicionário dos Símbolos**. Ed. Teorema, 199

Nos remetendo a outros contextos de uso da simbologia da amendoeira, como por exemplo, o bíblico, no versículo de Jeremias (1:11-12) temos:

Nestes termos foi-me dirigida a palavra do Senhor: Que vês, Jeremias? E eu respondi: Vejo um ramo de amendoeira. – Viste bem, disse-me o Senhor, porque velo sobre minha palavra para que se cumpra. (BÍBLIA SAGRADA, 2018)

No Dicionário Bíblico Universal⁵³ temos o seguinte para amêndoa ou amendoeira:

A vara de Arão produziu flores "e dava amêndoas" (Nm 17.8). No livro de Jeremias, a expressão "Vejo uma vara de amendoeira" (Jr 1.11) é simbólica de desvelo ou vigilância, porque a raiz da palavra hebraica traduzida por "amêndoa" significa "velar" ou "vigiar". Mostra-se ao profeta uma vara de amendoeira para significar que o Senhor velaria pelo cumprimento da sua palavra. Em Israel, a amendoeira exibe suas flores de coloração branco-rosada logo no início do ano, de modo que em janeiro encontra-se em plena florescência, e os frutos surgem no mês de março ou abril. (BUCKLAND, 2007, p.34)

De acordo com a passagem e o significado da palavra amendoeira, podemos inferir que o termo é utilizado para ilustrar o símbolo da vigilância e prontidão de Deus para cumprir Suas promessas. Nesse sentido, o jogo de palavras no hebraico entre "amendoeira" e "velar" reforça essa ideia, ligando a árvore ao cuidado atento e à ação rápida de Deus, que está vigilante e pronto para cumprir Suas promessas, sem demora, assim como a amendoeira se apressa a florescer no início da estação.

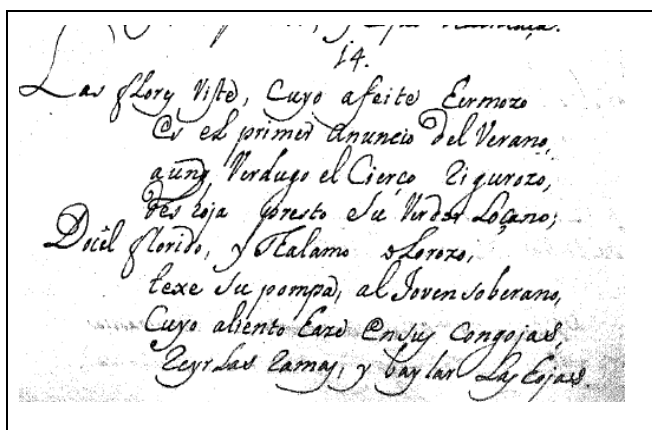
No Dicionário de Símbolos, de Jean Chevalier, a floração das amendoeiras acontece mais cedo que as demais árvores, o que representa sinal de renascimento da natureza e vigilância atenta aos primeiros sinais da primavera, pois as suas flores são as primeiras a abrir-se e são as mais sensíveis às últimas geadas.

Segundo o mesmo dicionário, a tradição judaica afirma que é por meio de uma amendoeira (associada à luz) que se tem acesso à cidade enigmática de Luz, considerada um local de imortalidade. Essa cidade é também identificada como o lugar próximo ao qual Jacó teve sua famosa visão e que ele renomeou Betel, ou Casa de Deus. A conexão entre a amendoeira e o conceito de imortalidade é explicada pelo simbolismo da amêndoa, também chamada Luz (Bena, Guem). Entre

⁵³ BUCKLAND A. R. **Dicionário Bíblico Universal** – Editora Vida, 2007 (624 p)

os gregos, a amêndoa triturada era associada à ejaculação fálica de Zeus, simbolizando seu poder criador.

Nesse contexto, a estrofe 14 do canto 10, comprova que essa ideia de imortalidade e poder criador que a amendoeira representa, já que o ato sexual é algo implícito nessa estrofe. Os seus quatro primeiros versos tratam da beleza e efemeridade das flores que brotam da árvore e podem ser derrubadas pelo rigoroso vento, dando continuidade a estrofe anterior⁵⁴, em que o eu lírico menciona que essa árvore começa a florir com o abraço de Demofonte. Em seguida, o quinto verso: Docêl florido, y Thalamo olorozo” remete a ideia de que a árvore seria para Demofonte um leito de amor, perfumado e coberto de flores e seus ramos e folhas bailam e sorriem ao se unir a Demofonte. Ou seja, se essa árvore representa a imortalidade de Filis, é com a união a Demofonte que ela se torna plena e completa. É com a união do casal, que a metamorfose de Filis chega ao seu auge e completude. A imortalidade de Filis é a imortalidade do próprio amor.

	14. Las flores viste, cuyo afeite hermoso es el primer anuncio del Verano, aun que Verdugo el Cierço riguroso, deshoja presto su verdor lozano; Docêl florido, y Thalamo olorozo, texe su pompa, al Joven soberano, cuyo aliento haze en sus congojas, reyr las ramas, y baylar las hojas.

A partir dessas analogias e metáforas, podemos compreender que a metamorfose de Filis em amendoeira, após sua morte, simboliza tanto a tragédia pessoal quanto a renovação contínua da vida e do amor. A representação da árvore, que floresce após o abraço de Demofonte, exprime sua essência, que permanece viva pela força de seu amor, perpetuando, assim, o ciclo de vida e morte, tal qual o florescer precoce da amendoeira, mesmo após os rigores do inverno.

Nesse contexto, o conceito de imortalidade, presente no poema, vincula-se diretamente tanto à tradição judaica, quando faz a alusão à cidade de Luz, quanto

⁵⁴ Página 246 desta tese.

na mitologia grega, em que Filis, ao ser transformada em árvore, perpetua sua existência de maneira simbólica.

A amendoeira, com sua floração precoce e sua associação com a vigilância, bem como na tradição cristã, torna-se uma metáfora adequada para representar a vulnerabilidade e a força de Filis diante do amor e da passagem do tempo. Sua transformação em uma árvore nos dá indícios da maneira como seu amor por Demofonte se mantém, além da morte, e como, mesmo em sua ausência física, ela continua a tocar o mundo ao seu redor.

Portanto, a metamorfose de Filis não é apenas um símbolo de tristeza e perda, mas, principalmente, um símbolo de renovação e resistência. Assim como a amendoeira floresce no início da primavera, trazendo beleza em meio ao frio, Filis renasce através da memória e da natureza, oferecendo um ciclo de continuidade, onde amor e dor coexistem e se transformam. Essa dualidade, que envolve tanto a sua divindade quanto sua humanidade, é o que confere à personagem sua profundidade trágica e eterna.

Desde modo, a metamorfose de Fílis, transforma também a alegoria da tragédia amorosa, em símbolo da eternidade do amor que resiste e se renova mesmo perante a morte e as adversidades da vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O fim desse trabalho não representa o fim de uma pesquisa, haja vista a grandiosidade desse poema e o quanto se pode, ainda, trazer à luz outras diversas questões e mesmo outras edições, já que este é o nosso primeiro ensaio para uma edição do poema “Filis y Demofonte”. Acreditamos que essa pesquisa pode servir de base teórica para muitos outros estudos que surgirem futuramente.

Enquanto pesquisadora, percebemos o quanto esta tese trouxe de conhecimentos, leituras, produção acadêmica⁵⁵, e principalmente disciplina de estudo, desde cumprimento das disciplinas, participação em eventos, leituras dos referenciais teóricos, produção textual e principalmente durante a transcrição do poema narrativo de 10 cantos, 676 estrofes, de 8 versos cada, compondo um poema com 5. 408 versos decassílabos.

No entanto, deve-se ainda responder a uma questão: Já que “Filis y Demofonte” é uma obra tão vasta e considerada uma das mais importantes na obra de António da Fonseca Soares, por que não foi publicada? Por que permaneceu manuscrita?

Ressalta-se que provavelmente a resposta mais plausível da qual temos pistas a partir das leituras realizadas, seria o fato de que apesar da disseminação do texto impresso, os manuscritos continuaram a circular por séculos, uma vez que as obras precisavam de licença do Santo Ofício e aprovação da Igreja para serem publicadas. Textos considerados seculares ou mundanos muitas vezes escapavam da censura e circulavam apenas em manuscritos, o que permitia maior liberdade de difusão. Segundo Chartier (2014), os manuscritos ofereciam uma circulação mais controlada e clandestina, enquanto Pimentel (1889) destaca a expressão “mandar um papel” como referência a textos literários manuscritos. Uma vez que a obra

⁵⁵ Durante esse período tivemos participação em dois livros:

MORAES Carlos Eduardo Mendes de. **A poesia sacra de António da Fonseca Soares** [livro eletrônico]: do manuscrito 49-III-74 da Biblioteca da Ajuda, Portugal / Organizador Carlos Eduardo Mendes de Moraes. – Rio de Janeiro, RJ: e-Publicar, 2022. Disponível em: <https://storage.googleapis.com/production-hostgator-brasil-v1-0-2/102/248102/ZJ2LQxqL/ebc31d6b03a343e186f4f082a96e7c2d?fileName=A%20POESIA%20SACRA%20DE%20ANTONIO%20DA%20FONSECA%20SOARES.pdf> Acesso 24 set. 2024.

MORAES, Carlos Eduardo Mendes de; BELOTO, Carla Caroline de Oliveira Santos; VAROLO, Flávia Renata da Silva (org.). **Obra poética de António da Fonseca Soares** - Romances do Manuscrito 49-III-81 da Biblioteca da Ajuda de Portugal / Organizadores: Carlos Eduardo Mendes de Moraes, Carla Caroline de Oliveira Santos Beloto e Flávia Renata da Silva Varolo; diversos autores. – 1. ed. – Aracaju, SE: Criação Editora; Lisboa: Theya, 2023.

mundana de António da Fonseca Soares faz parte desse contexto, não possuindo a licença do Santo Ofício e nem a aprovação da igreja para ser publicada, permaneceu apenas no formato de manuscrito, constituindo, assim, uma forma de resistência para que a obra continuasse sendo divulgada, lida e declamada.

Hodiernamente, pode-se concluir que, a transcrição, edição e análise desse manuscrito inédito de Fonseca Soares, contribui significativamente para a história da literatura do século XVII, possibilitando o acesso a estudiosos e à sociedade em geral.

NOTAS DE FIM

ⁱ **Parcas:** Divindades do destino em Roma, identificadas com as Moiras (v.) dos gregos e dotadas gradualmente de todos os seus atributos. Em sua origem as Parcas provavelmente eram demônios ligados ao nascimento, porém ganharam com o tempo as características mais abrangentes de seu modelo grego. Elas apareciam como fiandeiras, fixando a duração da vida humana. A exemplo das Moiras as Parcas eram três irmãs que determinavam o nascimento, o casamento e a morte das criaturas humanas. Seus nomes eram Nona, Décuma e Morta. (KURY, 2009, p. 261)

ⁱⁱ **Apolo** (G. Apôllon). Filho de Zeus e de Letó e irmão gêmeo de Ártemis (vv.). Amada por Zeus, que a fecundou, Letó, após a perseguição implacável da ciumenta Hera (vv.) por toda a terra, deu à luz Apolo e Ártemis na ilha até então flutuante chamada Ortígia (o único lugar que a acolheu), que logo após o nascimento de Apolo se fixou no fundo do mar e passou a ser chamada de Delos ("brilhante"). Os cisnes sagrados que Apolo recebera de Zeus juntamente com uma lira, levaram-no de Delos para o extremo norte do mundo – a terra dos Hiperbóreos (v.). Após uma estada de um ano naquela região bem-aventurada, Apolo voltou à Grécia e chegou a Delfos, onde foi recebido festivamente. Lá o deus matou com suas flechas infalíveis um dragão chamado Pítion, guardião de um antigo oráculo de Têmis (v.). Depois dessa façanha Apolo, querendo purificar-se da morte de Pítion, realizou jogos fúnebres que foram a origem dos Jogos Píticos. (KURY, 2009, p.31)

ⁱⁱⁱ **Marte** (L. Mars). Deus romano muito antigo, presente já na mitologia itálica, mas identificado depois com o Ares do panteão grego. A assimilação evidencia-se em episódios como os amores de Marte e Vênus, descritos por Lucrécio nos moldes da cena dos amores adúlteros de Ares e de Afrodite (vv.), em Homero, e na lenda em que Marte aparece como filho de Juno (v.), da mesma forma que Ares era filho de Hera (v.). Na Roma clássica Marte era o deus da guerra, a exemplo de Ares na Grécia. Os escudos sagrados (ancilia) eram carregados por seus sacerdotes – os Sális (v. Mamúrio) – em volta da cidade no mês de março, dedicado ao deus, e seu altar situava-se no Campus Martius. (KURY, 2009, p.216)

^{iv} **Homero:** o grande poeta épico grego, considerado na antiguidade o autor da "Iliada" e da "Odisséia" (vv.). [...] Quanto à época do nascimento de Homero, Eratostenes (v.) considerava o poeta quase contemporâneo aos acontecimentos constantes de seu relato (situados por Eratostenes no S. XII a. C.); Heródotos, confirmado até certo ponto por Tucídides, situa Homero no S. IX a.C.; alguns críticos modernos põem-no em uma data mais tardia - até no S. VII a. C. Autoridades recentes inclinam-se pelo S. IX. A propósito de sua terra natal, a linguagem do poeta documenta sua familiaridade com os dialetos iônio e eólio da costa da Ásia Menor (os poemas são escritos numa mistura de ambos), e ele demonstra ao longo dos poemas um conhecimento especial dessa região. (HARVEY, 1998, p. 279)

^v **Aquilon/Aquilão:** o vento do norte, o Norte. (CUNHA, 1997, p. 61)

^{vi} **Egeo:** Rei de Atenas, filho de Pandíon e pai de Teseu (Apollod. Bibl. 1, 9, 28; 3, 15, 5). Está presente, talvez, em micênico: Ai-ke-u(PY Ta 641.1). Poderia derivar de αἴγες, "ondas" (Roscher, em Roscher, Myth. Lex. I, col. 146; Carnoy, DEMGR); segundo Bosshardt (Die Nomina auf -ευσ, § 328), poderia ser esclarecido como epônimo da localidade de Αἰγά ou Αἰγάι, Egas; em tal caso, poderia explicar-se a partir do vocábulo αἴξ, "cabra". (DEMGOL, 2013, p. 107)

^{vii} **Demofon** (G. Demophon). (1) Filho de Teseu e de Fedra (ou de Ariadne (vv.), e irmão de Acamas (v., (1)). Participou da Guerra de Troia com seu irmão, para livrar do cativeiro sua avó, Aitra (v.), escrava de Helena (v.) naquela cidade. Enquanto Teseu esteve no inferno para trazer Perséfone (v.) e entregá-la a Pirítoo, Cástor e Pólux (os Diôscuros, v.) depuseram do trono de Atenas Acamas e Demofon, substituindo-os por Menesteu (v.). Acamas e Demofon foram para Ciro, onde Teseu, seu pai, foi encontrá-los. De lá os três viajaram para Troia em companhia de Elefênor. Há menções à sua participação na guerra, e eles são citados entre os heróis que entraram na cidade no bojo do cavalo de madeira. Finda a guerra, durante o retorno à Grécia Demofon envolveu-se num caso de amor com Fílis, filha de Sítion (rei de Anfípolis). Fílis casou-se com ele e seu pai deu-lhe como dote o trono da cidade. (KURY, 2009, p.89)

^{viii} **Amalthea** (G. Amáltheia). A mulher que amamentou Zeus (v.) recém-nascido no monte Ida, em Creta, e o criou ocultamente para livrá-lo da perseguição de Cronos, seu pai (v.), ansioso por devorá-

lo. Em algumas versões da lenda Amálteia era uma cabra que amamentava o deus-menino, e em outras era uma ninfa (a versão mais difundida). Amálteia teria posto Zeus numa árvore, para evitar que seu pai o descobrisse em suas buscas pelo céu, pela terra e pelo mar, e com o mesmo objetivo dispôs em volta do menino os Curetes (v.), cujos cantos e danças ruidosos abafavam-lhe o choro. (KURY, 2009, p.23)

ix **Vênus** (L.). Divindade latina antiqüíssima, cultuada num santuário perto de Árdea, construído antes da fundação de Roma. A partir do século II d.C. Vênus aparece totalmente assimilada à Afrodite (v.) dos gregos, quer em seus atributos, quer em suas lendas. A gens Júlia considerava-se descendente de Vênus por intermédio de Eneias (v.). (KURY, 2009, p.343)

x **Alcázar/Alcacer**: fortaleza, castelo, palácio fortificado, de origem moura, geralmente residência de governador, alcaide, casteleiro ou mesmo rei. (HOUAISS, p. 84)

xi **Delia**: Diana, nascida na ilha de Delos. – nome de mulher. (SARAIVA, 2006, p. 349).

xii **Lêandro**: Lêandro era um rapaz de Ábidos, e tornou-se amante de Hero, sacerdotisa de Afrodite (v.) em sua cidade natal, situada na margem do Helésponto oposta a Sesto. Lêandro atravessava o estreito todas as noites a nado, orientando-se por uma tocha que Hero acendia no topo de uma torre existente no local onde vivia. Certa noite a tocha apagou-se por causa de uma tempestade, e Lêandro, desorientado por causa da escuridão do mar, não conseguiu chegar à outra margem, onde estava Hero. Depois de uma espera angustiosa, às primeiras horas do dia seguinte Hero viu o cadáver de Lêandro jogado pelo mar ao pé da torre, e não resistindo ao desespero lançou-se do alto da mesma, perecendo ao lado do amante morto. (KURY, 2009, p.165)

xiii **Leônidas/Leonido**: (1) Rei de Esparta e comandante dos gregos nas Termópilas (v. Guerras Persas). (2) De Taras (Tarento), escritor grego de Epigramas (fl. Em 274 a. C.), um dos melhores poetas da Antologia Grefa (v.). Sua obra caracteriza-se pelo comedimento e pela simplicidade. (KURY, 2001, p. 303)

xiv **Faêton** (G. Phaëthon). Filho de Hélios (o Sol) e de Climene (vv.), uma Oceanide, ou segundo outra versão menos conhecida de sua lenda filho de Eós (a Aurora) e de Céfalos (vv.). Foi criado por sua mãe, sem saber quem era seu pai, e somente quando ele atingiu a adolescência Climene revelou-lhe que era filho do Sol. Querendo certificar-se de sua filiação o rapaz pediu permissão ao Sol para guiar o seu carro; embora hesitante o Sol concordou, e Faêton partiu seguindo o caminho percorrido invariavelmente por seu pai na abóbada celeste. Dentro de pouco tempo, percebendo que já estava a grande altura e vendo de perto os animais do Zodíaco, ele se intimidou e obrigou os cavalos a baixarem com o carro, abandonando a rota prefixada. O carro aproximou-se excessivamente da Terra, e percebendo que estava na iminência de incendiá-la Faêton fê-lo subir para muito mais alto; os astros foram queixar-se a Zeus, que para evitar uma catástrofe universal o fulminou com seus raios e o precipitou no rio Erídano (v.). As Heliades, suas irmãs, recolheram-lhe o corpo e o sepultaram condignamente, derramando tantas lágrimas que se metamorfosearam em álamos. (KURY, 2009, p.327)

xv **Têtis** (G. Thêtis). A mais famosa das Nereides, filha de Nereu e de Dóris, criada por Hera (vv.). Zeus e Poseidon (vv.) quiseram unir-se a ela, mas como um oráculo de Têmis predisse que se Têtis tivesse um filho este seria mais poderoso que seu pai, os dois deuses desistiram e resolveram casá-la com um mortal. O centauro Quíron (v.), informado da intenção dos deuses, exortou Peleu (v.) a casar-se com Têtis. Dotada como todas as divindades marinhas do poder de transformar-se no que quisesse, Têtis esquivou-se quanto pôde de seu pretendente, mas afinal Peleu conseguiu vencer sua resistência e casou-se com ela. Dessa união nasceu Aquiles (v.), e Têtis, que desejava ter casado com um deus, tentou por todos os meios possíveis tornar seu filho imortal, de tal maneira que sua insistência provocou o rompimento entre ela e o marido. (KURY, 2009, p.123)

xvi **Favônio**: O vento oeste, também conhecido como Zéfiros e correlacionado com a primavera. (KURY, 2001, p. 228)

xvii **Filomela** (G. Philomela). Uma das filhas de Pandíon (v.), rei de Atenas. Durante uma guerra contra Lábdaco (v.), rei de Tebas, Pandíon pediu auxílio ao trácio Tereu, filho de Ares (vv.); graças a Tereu

a vitória coube a Pandíon, que deu ao herói sua outra filha, chamada Procne (v.), em casamento. No devido tempo Procne teve um filho chamado Ítis (v.), e nesse ínterim Tereu apaixonou-se por Filomela. Não podendo conter o desejo por sua cunhada, Tereu violentou-a e para impedi-la de denunciá-lo cortou-lhe a língua. Filomela, entretanto, descobriu um meio de incriminá-lo, bordando o ato de violência num estofo que mostrou à irmã. Querendo vingar-se de Tereu, Procne matou seu filho Ítis, cortou-o em pedaços e os serviu ao marido sem ele saber o que estava comendo; em seguida as duas irmãs fugiram de Atenas, porém Tereu logo após a partida de ambas descobriu o crime hediondo e saiu em sua perseguição, alcançando-as em Daulis, na Focis. Sentindo-se perdidas as irmãs suplicaram aos deuses que as salvassem; suas preces foram ouvidas e elas se transformaram em pássaros – Filomela em andorinha e Procne em rouxinol. Ao mesmo tempo os deuses metamorfosearam Tereu em poupa. (KURY, 2009, p.130)

^{xviii} **Fílis:** Filha de Fileu, ou de Cíaso, ou de Licurgo ou ainda de Telo (vv.), rei do território situado na foz do rio Estrímon, na Trácia. Acamas (ou Demofon), olho de Teseu (vv.), de volta da Guerra de Troia foi parar com suas naus na costa daquele território, cujo rei era o pai de Fílis. Ela se apaixonou pelo recém-chegado; Acamas prometeu casar-se com Fílis, mas alegou que antes teria de ir a Atenas para pôr sua vida em ordem. Fílis concordou com a viagem e deu ao noivo uma caixinha, que segundo ela continha objetos destinados ao culto de Rea (v.); a caixinha somente deveria ser aberta se ele perdesse a esperança de voltar para juntar-se a ela. Fílis desceu muitas vezes da cidade até o porto na esperança de ver Acamas (ou Demofon) chegar, mas ele não voltou, apesar de ter-se esgotado o prazo previsto para o regresso. Diante da perspectiva de nunca mais rever o seu amado, Fílis suicidou-se. [...] Em outra versão da lenda Fílis transformou-se numa amendoeira sem folhas. Seu noivo chegou à Trácia após a morte da moça e abraçou a amendoeira, que se cobriu de folhas. Depois dessa mudança na árvore as folhas, até então chamadas de pétala, receberam o nome de phylla em homenagem a Fílis. (KURY, 2009, p. 129)

^{xix} **Demetrio:** orador, e estadista (em Athenas). (SARAIVA, 2006, p. 352).

^{xx} **Zephiro/ Zéfiro:** Um dos três principais ventos (cf. Hesiod. Theog. 378-380 e Schol. ad loc., = Acusil. Fr. 15 Fowler), aos quais se acrescenta Euro (vento do sudoeste; Hom. Il. 2, 145-147; 16, 765). Filho de Astreu e de Éos, irmão de Bóreas e de Noto (Hesiod. loc. cit.). Com a harpia Podarge engendra os dois cavalos divinos de Aquiles, Bálio e Xanto (Hom. Il. 19, 400). Já nos poemas homéricos (passim) é a personificação do vento do oeste, frequentemente violento. Não tem uma mitologia particular. (DEMGOL, 2017, p. 266)

^{xxi} **Ceres** (L.). Divindade romana antiquíssima equivalente à deusa grega Deméter (v.), com a qual veio a identificar-se. Etimologicamente Ceres é uma divindade da agricultura (seu nome significa “pão” no dialeto sabino), cultuada pelos latinos desde épocas remotas, mas assimilada de longa data a Deméter. A propósito dessa assimilação dizia-se que quando os etruscos sob o comando de Porsena lutavam contra a incipiente república romana, a fome punha Roma em perigo. (KURY, 2009, p. 65)

^{xxii} **Pomona:** Ninfa romana guardiã das frutas, cultuada num bosque sagrado situado na estrada de Roma a Óstia, chamado Pomonal. Pomona era casada com o rei lendário Pico (v.), que por amor a ela não cedeu às investidas amorosas de Circe (v.); despeitada, Circe transformou-o num pássaro – o pica-pau. (KURY, 2009, p. 286)

^{xxiii} **Diôniso** (G. Diônysos). Filho de Zeus e de Semele (filha de Cadmo e de Harmonia (vv.)). Quando Zeus (v.) uniu-se a Semele esta pediu-lhe para aparecer-lhe com todos os seus poderes. Querendo ser-lhe agradável, Zeus concordou, mas Semele, não suportando o fulgor dos raios empunhados pelo amante, morreu fulminada. Zeus tirou imediatamente o nascituro, ainda no sexto mês de gestação das entranhas de sua mãe e o enxertou em uma de suas próprias coxas, de onde ele saiu no devido tempo. O recém-nascido foi entregue a Hermes, que o levou a Atamas (vv.), rei de Orcômeno, e à sua mulher, Inó, para ser criado pelo casal. O deus recomendou que vestissem o menino com roupas femininas para preservá-lo da ciumenta Hera, ansiosa por eliminar o fruto dos amores extraconjugais de seu marido. Hera, entretanto, não se deixou enganar e enlouqueceu Inó e Atamas. Diante disso Zeus levou Diôniso para uma região distante, chamada Nisa (em algum lugar da Ásia ou na Etiópia), e o deixou aos cuidados das ninfas locais. Chegando à idade adulta Diôniso descobriu a videira e a utilidade de seus frutos, mas a persistente Hera fê-lo enlouquecer. Em sua demência o deus percorreu o Egito e a Síria, e subindo pela costa da Ásia Menor chegou à Frígia, onde Cibele (v.) o acolheu,

purificou-o e o iniciou em seu culto. Curado de sua demência, Diôniso rumou para a Trácia, cujo rei, Licurgo, maltratou-o e quis prendê-lo; Diôniso, entretanto, livrou-se e foi refugiar-se junto à nereide Têtis (v.), que o escondeu no mar. [...] Diôniso, também chamado Baco, era considerado o deus das videiras, do vinho e do delírio místico. O culto dionisíaco penetrou também na Itália e disseminou-se de tal modo que no século III a.C. o Senado romano, preocupado com sua licenciosidade, proibiu a celebração das Bacanais. Apesar dessa reação a influência dionisíaca sobreviveu até a época imperial, favorecida pela crescente dissolução moral (KURY, 2009, p. 93)

^{xxiv} **Palas** (G. Pallas). (1) Epíteto da deusa Atena (v.), mencionada frequentemente como Palas Atena. De acordo com uma lenda tardia, Palas teria sido uma deusa independente de Atena e era filha do deus Tritão (v.), gênio do lago Tritonis no norte da África. Atena teria sido criada juntamente com Palas e tê-la-ia matado num incidente entre as duas em que o próprio Zeus (v.) teve de intervir. Atena fez em sua honra uma estátua miraculosa chamada Paládio (KURY, 2009, p. 57)

^{xxv} **Dóris** (G.). Filha de Oceano e de Tetis, mulher de Nereu e mãe das Nereides (vv.) (KURY, 2009, p. 95); Da união de Oceano e Têtis nasceram as Oceânidas, ninfas dos mares; Nereu (o velho do mar) uniu-se a Dóris e nasceram as Nereidas, também ninfas marítimas; os Rios, unidos a elementos vários, geraram outras ninfas, como as Potâmidas, ninfas dos rios; Náíades, ninfas dos ribeiros e riachos; Crenéias e Pegéias, ninfas das fontes e nascentes; e as Limneidas, ninfas dos lagos e lagoas. (BRANDÃO, 1986, p. 213)

^{xxvi} **Aristides**: ateniense famoso por suas virtudes. (SARAIVA, 2006, p. 104)

^{xxvii} **Hemo**: (1) Filho de Bóreas e de Orítia, e irmão de Calaís e Zetes (vv.), os Boreadas. Casou-se com Rodope, filha do deus do rio Estrímon, e partilhou com ela o trono da Trácia. Hemo e Rodope, excessivamente orgulhosos com o exercício do poder, obrigaram seus súditos a cultuá-los como se fossem deuses, adotando os nomes de Zeus e de Hera (vv.), respectivamente. Como castigo por esse sacrilégio ambos foram transformados em montes que receberam seus nomes. Seu filho Hebro foi o epônimo do rio homônimo situado na Trácia. (Kury, 1990, p. 153)

^{xxviii} **Arion** (G.). Um músico de Lesbos, que viajou de Corinto para a Magna Grécia e para a Sicília a fim de ganhar dinheiro com suas canções. Depois de atingir o seu objetivo Aríon embarcou de volta a Corinto numa nau, cujos marinheiros tramaram a sua morte com a intenção de roubar-lhe o dinheiro. Apolo (v.) apareceu em sonho a Aríon como se fosse um citaredo e o alertou para o perigo que corria, prometendo-lhe ajuda. Dias depois, atacado pelos marinheiros Aríon lhes pediu para cantar pela última vez. O cantor obteve a permissão, e quando os golfinhos, animais favoritos de Apolo, ouviram-lhe a voz, subiram à superfície da água e puseram-se a fazer evoluções em volta da nau. Confiante na promessa de Apolo, Aríon lançou-se então ao mar, sendo imediatamente salvo por um golfinho, que o recebeu em seu dorso e o levou para o cabo Tênaro. Sentindo-se seguro em terra, Aríon dedicou uma oferenda a Apolo e continuou a viagem para Corinto. Chegando lá, contou a história a Períandro, tirano da cidade na época. Pouco tempo depois a nau dos criminosos chegou à cidade, e o tirano mandou perguntar aos tripulantes onde estava Aríon. Em face da resposta no sentido de que o cantor morrera durante a viagem, Aríon apareceu e os marinheiros foram condenados à morte. Para perpetuar a memória desses acontecimentos, Apolo transformou em constelação o golfinho salvador de Aríon e a lira do músico.

^{xxix} **Orpheo/Orfeu** (G. Orpheus). Filho de Ôiagro e de Calíope (uma das nove Musas) (vv.), ou de Poliímnia (outra Musa, ou ainda de Menipe, filha de Tâmiris (vv.)). Originário da Trácia, Orfeu nasceu nas vizinhanças do monte Olimpo, freqüentado pelas Musas, onde passeava cantando ao som de sua lira; ele era um excelente poeta, cantor e músico, sendo considerado o inventor da cítara. Atribuía-se também a Orfeu o aumento das cordas da lira de sete para nove. Seu canto era tão melodioso que os homens mais brutais se tornavam afáveis ao ouvi-lo, e as feras o seguiam mansamente, e as árvores e plantas curvavam-se à sua passagem. (KURY, 2009, p. 251-2)

^{xxx} **Lesbia**: [...] – Clódia –, irmã de Públio Clódio, inimigo de Cícero, e mulher de Q. Metelo Céler, cônsul em 60 a. C. (HARVEY, 1998, p. 106) (Amante de Catulo, poeta italiano, e musa inspiradora de vários de seus poemas – nota da autora).

^{xxxii} **Sílvia/Sylvia** (L. Rea Sylvia). Mãe de Rômulo e de Remo (vv.), também chamada Ilia (v.). Em algumas fontes Réa Sílvia aparecia como filha de Eneias (v.), e em outras era apenas descendente distante do herói, pois nestas últimas ela era filha de Numítor, rei de Alba (v.). Réa Sílvia uniu-se ocultamente a Marte (v.), ou a um amante ocasional, ou a Amúlio (v.), seu tio, que destronou Numítor. Quando a gravidez se tornou evidente Amúlio mandou prender Réa Sílvia, que foi salva da morte por sua prima Antó, filha de Amúlio. Logo após o parto ela teria sido morta por Amúlio, ou morreu em decorrência de castigos sofridos. Em outra versão da lenda Réa Sílvia foi libertada por seus filhos, que antes puniram Amúlio. Na primeira versão, em seguida ao assassinio Amúlio mandou lançá-la no rio Tibre, mas o deus do rio apareceu para ressuscitá-la e acolhê-la, e casou-se com ela (numa variante da lenda ela teria sido salva e se casou com o deus do rio Ânio, afluente do Tibre). (KURY, 2009, p. 298)

^{xxxiii} **Lídia:** [...] – Clódia –, irmã de Públio Clódio, inimigo de Cícero, e mulher de Q. Metelo Céler, cônsul em 60 a. C. (HARVEY, 1998, p. 106) (Amante de Catulo, poeta italiano, e musa inspiradora de vários de seus poemas – nota da autora).

^{xxxiiii} **Fênix:** (G. Phônix). (1) Filho de Agênor e de Teléfassa (ou Argiope) e irmão de Europa, de Cadmo, de Cílix e de Taso (vv.). Agênor mandou-o com seus irmãos em busca de Europa, raptada por Zeus (v.). Não a encontrando e cansado daquela vida errante, Fênix parou no local onde viria a existir a cidade de Sídón, no território ao qual deu o nome – a Fenícia. Em outras versões da lenda seu pai era Ôgigo (v.), ou ele seria pai, e não irmão de Europa, desempenhando assim o papel de Agênor na versão mais difundida. (2) Filho de Amíntor, rei de Elêon, na Beócia, e companheiro de Aquiles (v.) na Guerra de Troia. Sua mãe seria Hipodâmia, ou Cleobule, ou Alcimedea. A pedido de sua mãe, movida pelo ciúme, este Fênix seduziu a concubina de seu pai chamada Clítia ou Ftia. Tomando conhecimento desse fato, Amíntor furou os olhos do filho. Noutra versão da lenda Ftia, a concubina de Amíntor, quis seduzir Fênix; falhando em sua tentativa ela o acusou perante Amíntor, que cegou o filho. Fênix refugiou-se na corte de Peleu, onde Quíron (vv.), a pedido do primeiro, restituiu-lhe a visão. Peleu confiou-lhe seu filho Aquiles (v.) e lhe entregou o trono dos dôlopes. Fênix seguiu para a Guerra de Troia com Aquiles, servindo-lhe de conselheiro. Quando os emissários de Agamêmnon (v.) estiveram na tenda de Aquiles para tentar demovê-lo de sua decisão de abandonar a guerra, Fênix esforçou-se inutilmente por persuadir o herói. A partir de então ele também permaneceu na tenda com Aquiles até este receber a notícia da morte de Pátroclo (v.). Após a morte de Aquiles, Fênix acompanhou Ulisses (v.) na missão a Neoptólemo (v.). Finda a guerra, Fênix partiu de regresso à Grécia com Neoptólemo, porém morreu durante a longa viagem por terra. Neoptólemo proporcionou-lhe as honras fúnebres. (KURY, 2009, p. 127)

^{xxxv} **Troya:** A localização exata da famosa cidade é, até agora, objeto de controvérsia. Há alguns vestígios de túmulos na planície que mais de perto corresponde à descrição feita por Homero e pelos geógrafos antigos, mas não existe nenhuma outra prova da existência da grande cidade. (BULFINCH, 2002, p. 2800)

^{xxxvi} **Melpômene** Musa da tragédia, filha de Zeus e Mnemósine (Hesiod. Theog. 77-79). Dicionário Etimológico da Mitologia Grega - www.demgol.units.it 188 O nome deriva, com formação participial, do verbo μέλω, -ομαι, "cantar", e pode significar, portanto, "a que canta" (Room, Room's Classical Dictionary, p. 198), na voz média "a que se compraz cantando"; -poderia também ser considerada uma forma passiva, com o significado de "celebrada nos cantos", cf. Filomena etc. (DEMGOL, 2013, p.187-8)

^{xxxvii} **Trácia:** área limitada pelo mar Egeu a oeste, o mar Negro a leste, o mar de Marmara ao sul, e pelos Balcãs e montes Ródope; dividida entre as atuais Grécia, Turquia e Bulgária. (Higgin, 2022, p. 423)

^{xxxviii} **Teucro** (G. Teukros). (1) Um cretense do monte Ida que emigrou para Troas com seu pai, Escamandro. Antes da partida os dois consultaram o oráculo e ouviram dele a ordem para se instalarem no lugar em que fossem atacados pelos "filhos da terra". Certa noite, enquanto estavam acampados na Troas, o couro de seus escudos e as cordas de seus arcos foram roídos pelos ratos. Percebendo que o oráculo se consumava, Teucro e seu pai fundaram no local do acontecimento um templo dedicado a Apolo (v.) Esminteu ("Apolo dos Ratos") e lá ficaram. i (KURY, 2009, p.327-8)

^{xxxviii} **Babilônias:** No plano dos símbolos, Babilônia é a antítese da Jerusalém celeste e do Paraíso. Entretanto, de acordo com sua etimologia, Babilônia significa *porta do deus*. Mas o deus sobre o qual essa **porta*** se abre, se bem que em certa época tenha sido buscado nos céus, no sentido do espírito, perverteu-se em homem e naquilo que o homem existe de mais vil: o instinto de dominação e o instinto de luxúria, erigidos em absoluto. “Essa cidade é tão magnífica”, escrevia Heródoto, “que não há no mundo cidade alguma que se lhe possa comparar”. Seu cinturão de muralhas e seus jardins suspensos incluíam-se entre as sete maravilhas do mundo. Tudo foi destruído, pois era tudo fundado sobre valores unicamente temporais. O símbolo de Babilônia não é o de um esplendor condenado por sua beleza, mas o de um esplendor viciado, que a si próprio se condenou ao desviar o homem de sua vocação espiritual. Babilônia simboliza o triunfo passageiro de um mundo material e sensível, que exalta apenas uma parcela do homem e que, conseqüentemente, o desintegra. (CHEVALIER, GHEERBRANT, 2021, p. 160)

^{xxxix} **Ilion/Ilien/ Illio:** Ilo fundou uma cidade à qual deu o nome de Ílion (a futura Troia), situada na planície do rio Escamandro, nas vizinhanças de Dárdano, cidade fundada pelo rei homônimo no monte Ida (v. Dárdano). (KURY, 2009, p. 182)

^{xi} **Ethna:** Uma ninfa siciliana cujo nome foi dado ao vulcão situado nas proximidades da cidade de Catana (o atual Etna); Etna era filha de Urano ou de Aigáion, e de Gaia (vv.). Por ocasião da disputa entre Hefesto e Deméter (vv.) (ou seja, o fogo e a agricultura) pelo domínio da Sicília, Etna serviu de árbitro entre as duas divindades. Ela era também considerada a mãe dos Pálicos (v.), cujo pai seria Hefesto. (KURY, 2009, p. 115)

^{xli} **Vezuvio:** vulcão próximo a Napoles. (SARAIVA, 2006, p. 1271)

^{xlii} **Pirro:** (G. Pyrrhos). = “Ruivo”, apelido de Neoptólemo, filho de Aquiles (vv.), por causa de seus cabelos ou porque o nome falso de Aquiles disfarçado em mulher entre as filhas do rei Licomedes (v.) em Ciro era Pirra (v., (2)). Pirro era o epônimo da cidade de Pírrico, situada na Lacônia, e às vezes se lhe atribuía a criação da dança pírrica (v. Pírrico, acima). (KURY, 2009, p.277)

^{xliii} **Juno:** Deusa romana identificada com Hera (v.). Na tradição romana ela pertencia à tríade cultuada originariamente no Quirinal e mais tarde no Capitólio, composta de Júpiter, Juno e Minerva. Os romanos cultuavam-na também sob o epíteto de Moneta, “a deusa que alerta”, na cidadela (Arx), no Capitólio, atribuindo-lhe a salvação de Roma em 390 a.C., durante a invasão dos gauleses. (KURY, 2009, p. 191)

^{xliv} **Paris:** Herói troiano, dito também Alexandre, segundo filho de Príamo e de Hécuba, raptor de Helena. (DEMGOL, 2013, p. 261)

^{xlv} **Simões:** Era um afluente do Xanto, dois [...] rios celebres da Ilíada. Foi a margem de Símois que Vênus deu a luz a Enéias. Durante o cerco de Tróia, esse rio sagrado fez suas águas tranbordarem, a fim de se opor com o Escamandro às investidas dos gregos. (COMMELIN, 2011, P. 135-6)

^{xlvi} **Dardania:** Cidade que passou a ser chamada de Tróia após o reinado de Trós. (COMMELIN, 1987, p. 77)

^{xlvii} **Eneas:** Herói troiano filho de Anquises e de Afrodite (vv.). Eneas descendia de Dárdano e portanto do próprio Zeus (vv.), e passou a primeira infância no monte Ida. Aos cinco anos seu pai trouxe-o para Troia, confiando sua educação ao cunhado Alcatoo, marido de Hipodâmia (vv.), sua irmã. Ao atingir a idade adulta Eneas era o mais valente dos guerreiros troianos depois de Heitor (v.). Embora ele não pertencesse à dinastia reinante, Afrodite, depois de unir-se a Anquises, revelou sua identidade e profetizou que ele iria ter um filho que reinaria sobre os troianos, e deste nasceriam outros filhos, e assim eternamente. (KURY, 2009, p. 102-3)

^{xlviii} **Cassandra:** Cassandra (G.). Filha de Príamo e de Hécuba, e irmã de Heleno (vv.), com quem compartilhava o dom da profecia. Essedom, segundo uma das versões da lenda, teria sido comunicado a Cassandra e a Heleno por meio das serpentes de um templo de Apolo (v.) em Troia, que lhes lambeiram os ouvidos. De acordo com outra versão, Cassandra teria recebido o dom do

próprio Apolo, que, atraído por sua beleza, prometeu ensinar-lhe a prever o futuro se ela se entregasse a ele. Aceita a proposta, Apolo cumpriu a promessa, mas na hora de entregar-se ao deus Cassandra fugiu. Apolo não pôde tirar-lhe o dom da profecia, porém tornou-o inútil, porque ninguém acreditaria na profetisa. Quando Páris (v.) chegou a Troia pela primeira vez, Cassandra previu que o rapaz, cuja identidade até então era desconhecida, seria a perdição da cidade. No momento em que os troianos se preparavam para sacrificá-lo, Cassandra descobriu, graças aos seus dons divinatórios, que ele era filho de Príamo (e portanto seu irmão), salvando-lhe assim a vida (KURY, 2009, p. 59-60)

^{xlix} **Hecuba:** Nome da segunda mulher de Príamo (Hom. Il. passim), mãe de Heitor e de numerosos príncipes troianos. (DEMGOL, 2013, p. 160)

ⁱ **Elena/Helena:** Helena: Filha de Zeus e Leda e mulher de Menelau, é raptada por Páris, filho do rei Príamo de Troia, ato que deu início à Guerra de Troia. Mulher de uma beleza extraordinária, tinha a capacidade de seduzir o homem que quisesse. Outra vertente a faz filha de Nêmesis: esta, tentando fugir dos avanços de Zeus, se transforma em pássaro e Zeus se transforma em cisne. A deusa então põe um ovo que é entregue a Leda, donde nasce Helena. Um dos temas de discussão muito famosos da Grécia clássica é sobre a culpa que Helena tem de ter sido raptada. Sobre isso, o sofista Górgias escreve um tratado. Em XXIII 218 vemos Penélope defendendo a filha de Zeus. (HOMERO, 2015, 411)

^{li} **Menelau:** Filho de Atreu e irmão de Agamêmnon, rei de Esparta; casou-se com Helena e recobrou-a depois de ela ter fugido com Páris. (DEMGOL, 2013, p. 220)

^{lii} **Achiles/Aquiles:** Filho de Tétis e Peleu (por isso chamado de Pélide ou Peleio), o rei da Tessalia. Tétis é filha de Oceano e na tentativa de immortalizar os seus filhos ela sempre os matava. No sétimo filho, entretanto, ela resolve banhá-lo no rio Stix segurando-o pelos calcanhares, tornando, assim, Aquiles invulnerável em todo o corpo, menos nessa parte. É educado pelo centauro Chiron. É o herói mais importante da Guerra de Troia e talvez um dos maiores de toda a Grécia. O tema principal da Ilíada é a sua briga com Agamêmnone (HOMERO, 2015, 403)

^{lii} **Doricos:** Pertencente ou relativo aos Dórios. (CAVERO, 1975, p. 1316)

^{liv} **Atreu:** Filho de Pêlops e Hipodâmia, e irmão mais novo de Tiestes (vv.). Casou-se com Aeropé e teve com ela dois filhos – Agamêmnon e Menelau –, à vezes mencionados como sendo filhos de Plistenes (vv.), filho de Atreu. Plistenes morreu cedo, e os dois filhos teriam sido criados por Atreu como se fossem deste último. A lenda de Atreu gira em torno do ódio entre dois irmãos, de seus crimes e de suas vinganças recíprocas. A origem desse ódio seria a seguinte. Juntamente com Hipodâmia, sua mãe, Atreu e Tiestes mataram Crísipo (v.), seu irmão por parte de pai, que Pêlops tivera com a ninfa Axioqué. Para puni-los, Pêlops expulsou-os de seu reino e amaldiçoou-os. Ambos refugiaram-se em Micenas, em casa de Euristeu, sobrinho de Atreu, ou, segundo a versão mais difundida, em casa de Estênelo, pai de Euristeu (vv.). Após expulsar Anfítrion (v.) de seus próprios domínios na Argolis, Estênelo entregou a cidade de Mideia e seu território a Atreu e Tiestes. Algum tempo depois Euristeu foi morto pelos Heráclidas (v.); pelo fato de ele não ter deixado filhos, um oráculo mandou os habitantes de Micenas entregarem o trono a um filho de Pêlops. Os micênios chamaram Atreu e Tiestes, e cada um deles expôs suas pretensões ao trono. Contava-se que Atreu descobrira anteriormente um cordeiro com o Tosão de Ouro em seu rebanho; Atreu prometeu então imolar a Ártemis aquele cordeiro, e o pôs em lugar seguro até chegar o momento do sacrifício. Mas Aeropé, sua mulher e amante de Tiestes, deu em segredo a este último, o Tosão de Ouro. Durante a apresentação das credenciais aos micênios, Tiestes propôs que o trono fosse dado a quem mostrasse um tosão de ouro; Atreu, ignorando a traição de Aeropé, aceitou a proposta; Tiestes exibiu o tosão e foi escolhido. Entretanto Zeus (v.) instruiu Atreu por meio de Hermes (v.) no sentido de combinar com Tiestes que a escolha efetiva do rei seria feita da seguinte maneira: se o sol invertesse o seu curso normal, Atreu reinaria em Micenas; se mantivesse o curso normal, o rei seria Tiestes. Aceita a proposta, o sol se pôs no Oriente e Atreu passou a reinar definitivamente sobre a cidade, graças à preferência de Zeus. Teria sido esta a origem do ódio funesto entre os dois irmãos. (KURY, 2009, p. 43-4)

^{lv} **Triton/Triton - Tritão:** divindade marinha, peixe da cintura para baixo, filho de Anfítrite e Posêidon. (HIGGINS, 2022, p. 423)

^{lvi} **Boreas:** Deus do vento do Norte, filho de Éos e de Astreu, irmão de Zéfiro e Noto (Hes. Theog. 378). A hipótese de interpretação para o nome é ele signifique "vento da montanha"; a hipótese resulta do confronto com o sânscrito girí-, o avéstico gairi-, o eslavo antigo gora, "montanha" (Chantraine, DELG). (DEMGOL, 2013, p. 57)

^{lvii} **Cíntia:** Cíntia e Cíntio (G. Kýnthia e Kýnthios). Epítetos de Ártemis e de Apolo (vv.) respectivamente, derivados do monte Cinto, situado nas proximidades de Delos. (KURY, 2009, p.69)

^{lviii} **Argos:** cidade na Argólida, no Peloponeso; guardião de Io, de múltiplos olhos, morto por Hermes; o cão de caça de Odisseu. (Higgins, 2022, p. 411)

^{lix} **Meduza:** Nome de uma das Górgonas, filhas de Fórcis e Ceto, decapitada por Perseu; irmã de Esteno e Euríale; e também de uma filha de Príamo (Apollod. Bibl 3, 12, 5). (DEMGOL, 2017, p.182)

^{lx} **Mongibel:** outro nome dado ao Monte Etna;

^{lxi} **Clori/Cloris:** Uma ninfa filha de Anfíon, casada com Neleu (v.), rei de Pilos, de quem teve um filho e doze filhas, dos quais somente o filho – Nêstor – sobreviveu à fúria assassina de Heraclês. (vv.). Seus atributos confundem-se com os de Flora (v.), com a qual parece assimilar-se na mitologia romana. (KURY, 2009, p. 74)

^{lxii} **Zenith/Zênite:** Vem de uma palavra árabe que significa caminho reto: ponto onde a vertical, que se eleva do local do observador, perfura a esfera celeste acima do horizonte. (CHEVALIER, GHUEEBRANT, 2021, p. 1057)

^{lxiii} **Aurora - Eós** (G.) ou Héos. A Aurora, filha de Hiperíon e de Teia e irmã de Hélios (o Sol) e de Selene (a Lua), pertencendo portanto à primeira geração divina, a dos Titãs (vv.). Em outra versão da lenda Eós era filha do gigante Palas (v.). Unindo-se a Astreu, filho de Crio e de Euríbia, da mesma raça, Eós concebeu os ventos – Bóreas, Noto e Zéfiro – , além de Heósforo (a Estrela Matutina) (vv.) e os astros. Antes de casar-se com Astreu Eós unira-se a Ares (v.), despertando a cólera de Afrodite (v.), que a puniu tornando-a insaciável em matéria de amor. Entre os seus inúmeros amantes citam-se o gigante Oríon (filho de Poseidon), que ela levou para Delos, e Céfalos, filho de Dêion e de Diomedes (ou de Hermes e Herse) (vv.). Eós transportou Céfalos para a Síria, onde teve dele um filho chamado Faêton (v.), mencionado também como filho de Hélios (o Sol). Além desses dois ela amou Titono, filho de Ilo e de Placia (ou Leucipe), originário de Troia, e o levou para a Etiópia, considerada nas lendas mais antigas a morada do Sol. Com Titono Eós teve dois filhos – Emátion e Mêmnon (v.) – ; este último, que foi morto por Aquiles (v.) na Guerra de Troia, parece ter sido o seu filho dileto. Contava-se que Zeus (v.), a pedido de Eós, concedeu a imortalidade a Titono, mas ela esqueceu de pedir a juventude eterna para esse amante; conseqüentemente Titono não parava de envelhecer, levando uma vida horrível no palácio de Eós. Segundo outra versão da lenda ele perdeu completamente a aparência humana, transformando-se numa cigarra ressequida. (KURY, 2009, p.104-5)

^{lxiv} **Reya:** Deusa da natureza e rainha do universo; uma Titã e uma profetiza. Filha de Urano e Gaia; irmã e esposa de Cronos, mãe de Teméter, Héstia, Hades, Hera, Poseidon e Zeus. (COLEMAN, 2021, p.439.)

^{lxv} **Alfêo/Alfeu,** em grego, 'AlfeiÒ\$ (Alpheíós), que proviria de alphós, "branco, alvo, claro", em latim albus, com o mesmo significado, é o deus do rio do mesmo nome, que corre no Peloponeso, entre a Élida e a Arcádia. Diversos mitos relatam as tentativas do deus-rio para conquistar Ártemis e Aretusa, uma das ninfas que lhe fazia parte do cortejo. Como a deusa lhe resistisse às investidas amorosas, Alfeu decidiu conquistá-la à força. (BRANDÃO, 1986, p. 260)

^{lxvi} **Aretuza/Aretusa:** a deusa das fontes; uma das Nereidas. Ela era uma caçadora. Quando tomava banho em um rio depois de uma perseguição, o deus do rio, Alfeu, tentou seduzi-la e a perseguiu depois que ela fugiu. Para salvá-la, Ártemis a transformou em uma fonte, que corre sob o mar da Grécia até a Sicília. Alfeu a encontrou após uma longa busca e eles se reuniram. Suas águas fluem juntas para formar um riacho. (COLEMAN, 2021, p.43)

^{lxvi} **Daphne/Dafne:** Nome de uma ninfa célebre amada por Apolo; perseguida por este, quando estava prestes a ser alcançada, pediu que fosse transformada e tornou-se assim uma planta de louro (δάφνη) (Ovid. Met. 1, 452 sq.). (DEMGOL, 2017, p. 74)

^{lxvii} **Danae** (G.). Filha de Acrísio, rei de Argos, e de Eurídice (vv.). Um oráculo revelara a Acrísio que o filho de Danae o mataria, e por isso, quando esse filho (Perseu, (v.)) nasceu ela foi encerrada com ele numa arca lançada em seguida ao mar; graças à proteção de Zeus (v.), seu pai, os dois foram levados pelas correntes marinhas para a ilha de Sêrifo, onde Díctis, irmão do tirano Polidectes (vv.), recolheu-os sãos e salvos. Passado algum tempo o tirano apaixonou-se por Danae, e para livrar-se da presença incômoda de Perseu, contrário a esse amor, incumbiu-o de trazer-lhe a cabeça de Mêdusa (v. Gôrgonas). Aproveitando a ausência de Perseu, Polidectes tentou violentar Danae. De regresso, Perseu encontrou Danae e Díctis refugiados junto a um altar para se livrarem da perseguição do tirano, que Perseu petrificou mostrando-lhe a cabeça de Mêdusa. Em seguida o herói deu a Díctis o trono de Sêrifo e deixou a ilha juntamente com Danae, que de volta a Argos passou a viver com Eurídice, sua mãe, enquanto Perseu saía à procura de Acrísio. Em outra versão da lenda Díctis teria levado Danae a Polidectes, que se casou com ela e perfilhou Perseu. (KURY, 2009, p.85)

^{lxviii} **Atlanta/Atalanta:** abandona pelos pais Íaso e Clímene ao nascer, Atalanta foi criada por uma urso e cresceu como uma donzela muito rápida. Dizem que ela navegou com os Argonautas, a única mulher da tripulação. [...] Ela só se casaria com o homem que pudesse vencê-la em uma corrida, matando todos os que tentassem e falhassem. Hipomene finalmente a vence, deixando cair no caminho as maçãs de ouro, que Afrodite lhe dera, o que fez com que Atalanta se atrasasse por ter parado para pegá-las. (COLEMAN, 2021, p. 53)

^{lxx} **Midas:** Rei da Frígia. Diz-se que uma longa linha de formigas o alimentou com trigo quando ele estava em seu berço, um sinal de riqueza no futuro. Midas se mostrou bondoso para com Sileno, o velho tutor de Dioniso, e, em retribuição, o deus concedeu a ele o desejo de que tudo que tocasse se transformasse em ouro. (KURY, 2009, p. 229)

^{lxxi} **Creta/cretenses:** populações de origem controversa, por vezes incluídas entre os chamados povos do mar* que construíram brilhantes civilizações na ilha de Creta, considerada na Antiguidade o centro do mundo. Localizada no mar Mediterrâneo, a ilha ocupa uma superfície de mais de 8.000 quilômetros quadrados. (AZEVEDO, 1997, p. 121)

^{lxxii} **Andrômeda** (G. Andromede). Filha de Cefeu, rei da Etiópia, e de Cassiopeia (vv.). Sua mãe julgava-se a mais bela de todas as Nereidas (v.); estas, despeitadas, pediram a Poseidon (v.) que as vingasse, e Poseidon mandou à Etiópia um monstro destruidor. O oráculo de Amon, consultado por Cefeu, declarou que a destruição só terminaria se Andrômeda fosse oferecida como vítima para ser sacrificada. Diante da insistência dos etíopes Cefeu teve de concordar com o sacrifício da filha e mandou agrilhoá-la num rochedo. Regressando na ocasião de uma expedição contra as Gôrgonas (v.), Perseu (v.) viu Andrômeda presa ao rochedo e se apaixonou por ela, prometendo a Cefeu libertá-la se ele consentisse no casamento dos dois. Cefeu concordou e Perseu casou-se com Andrômeda após livrá-la dos grilhões. Mas Fineu (v.), irmão de Cefeu, a quem a sobrinha havia sido prometida em casamento, mandou matar Perseu; este, defendendo-se, mostrou aos homens incumbidos de assassiná-lo a cabeça de Mêdusa (v.), uma das Gôrgonas, que os petrificou. Em seguida Perseu partiu com Andrômeda, indo primeiro para Argos, e finalmente para Tirinto, onde os dois viveram durante muito tempo e tiveram numerosos filhos. (KURY, 2009, p.26)

^{lxxiii} **Aquila:** representa a percepção direta da luz inteligível; para os Hindus, encarna um estado transcendente de espiritualidade¹³¹. Opõe-se à coruja, recebe a luz do sol de olhos abertos, enquanto aquela de olhos semi-fechados; símbolo espiritual masculino, pertencente a Zeus e ao âmbito do ar; a presença da —águia de Zeus¹³² no mito de Eros e Psiqué se assemelha à presença da águia no rapto de Ganimedes. É que pares masculinos homoeróticos e homossexuais atuam como 'conflitantes', assumindo a luta para se libertarem da Grande Mãe — princípio masculino espiritual, âmbito do ar; Zeus; do latim Aquila;. (LEITE, 2001, p. 122-3)

^{lxxiv} **Salamandra:** Espécie de tritão que os antigos supunham ser capaz de viver no fogo, sem ser consumido. Foi identificado ao fogo, do qual era uma manifestação viva. Por outro lado, por ser fria, também lhe era atribuído o poder de apagar o fogo. (CHEVALIER, GHUEBRANT, 2021, p. 876).

^{lxxv} **Bazilisco:** Serpente de pequenas dimensões, não mais de doze dedos (em torno de um palmo). Dotado de uma mancha branca sobre a cabeça, distingue-se de seus semelhantes por caminhar ereto, não serpenteando. É forte sua identificação com a cobra. Lucano (Bell. Civ. 724-26), recordando seu mortífero sibilar, o inclui num exaustivo "catálogo" de serpentes, que Dante relembrará no fosso dos ladrões (Inf. 24, 85 ss.). Não só seu contato, por onde quer que passe, é destrutivo, mas também seu hálito (exurit herbas, rumpit saxa). Seu veneno pode atravessar um objeto, se é verdade que, certa vez, conta Plínio, um ginete e seu próprio cavalo foram aniquilados pela toxicidade que subiu ao longo da lança utilizada para matá-lo, cf. também Aelian. Nat. anim. 2, 5. É terrível o poder de seu olhar: aquele que o cruza morre. O único modo de evitá-lo é pelo reflexo de um espelho, como fez Perseu com a Medusa, de cujo sangue provêm todos os répteis da Líbia. (DEMGOL, 2017, p. 56-57)

^{lxxvii} **Flora:** Uma das divindades mais antigas da Itália central, que presidia a floração primaveril, desde a dos cereais até a das árvores frutíferas de todas as espécies e principalmente da videira, e o desabrochar das flores puramente ornamentais. Era uma das doze divindades para as quais o sabino Tito Tácio mandou erigir um altar e tinha um templo antiqüíssimo no Quirinal. Celebravam-se em sua honra os *Ludi Florales*, ou *Floralia*, além de uma festa das rosas que consistia numa corrida de rapazes e moças com flores nas mãos, para significar que o viço da juventude passa depressa. Ovídio identificou Flora com a deusa grega Clóris (KURY, 2009, p. 132)

^{lxxviii} **Cinthio:** Cíntia e Cíntio (G. Kýnthia e Kýnthios). Epítetos de Ártemis e de Apolo (vv.) respectivamente, derivados do monte Cinto, situado nas proximidades de Delos. (KURY, 2009, p.69)

^{lxxix} **Olympo/Olimpo:** monte de residência dos deuses, no sudoeste da atual Tessalônica. (HIGGINS, 2022, p.421)

^{lxxx} **Centauro:** Seres monstruosos, homens da cintura para cima e cavalos da cintura para baixo, com quatro pernas de cavalo. Comportavam-se geralmente como selvagens, alimentando-se de carne crua, e viviam nas florestas e nas montanhas. Os centauros foram o fruto dos amores de Íxion (v.) com a nuvem feita por Zeus com a aparência de Hera (vv.) para ver se Íxion ousaria consumir sua união sacrílega com a deusa. (KURY, 2009, p. 63)

^{lxxxi} **Nimphas:** A que está coberta com um véu, noiva, donde paraninfo, 'o que está ao lado de', o que conduz os nubentes. Essencialmente ligadas à terra à água, simbolizavam a própria extensão da energia telúrica decorrentes da grande mãe terra — Géia que unindo-se à água (ao úmido), presidindo, portanto, a reprodução e a fecundidade. Desse modo as ninfas são a própria Géia em suas múltiplas facetas. (LEITE, 2001, p. 134)

^{lxxxii} **Thezalia:** província do norte da Grécia. (SARAIVA, 2006, p. 1200)

^{lxxxiii} **Alcides/Hercules:** Epíteto de Heraclés (v.), significando "descendente de Alceu", porque Anfitrião (v.), seu padraсто, era filho de Alceu. (KURY, 2009, p. 19)

^{lxxxiv} **Arlante:** personagem suporta o mundo nas costas.

^{lxxxv} **Cupido:** O deus-menino do amor, filho de Vênus (v.), uma repetição romana de Eros (v.). Na *Eneida* Vênus manda-o disfarçar-se em Ascânio, o filho de Eneias, e inspirar em Dido (vv.) o amor pelo herói. (KURY, 2009, p. 83)

^{lxxxvi} **Hymeneo:** Deus que encabeça o cortejo nupcial. (DEMGOL, 2017, p. 173)

^{lxxxvii} **Amphion:** Filho de Zeus e de Antíope, e irmão gêmeo de Zeto. Exposto ao nascer, foi criado por um pastor; dedicou-se à música e, com o irmão, vingou sua mãe, maltratada pelo tio Lico e por sua esposa Dirce. Atribui-se a edificação das muralhas de Tebas aos dois gêmeos. (DEMGOL, 2017, p. 30)

^{lxxxviii} **Phebo:** Um dos epítetos de Apolo (v.), significando "Brilhante", usado às vezes como o próprio nome do deus (especialmente na mitologia romana e na poesia latina). (KURY, 2009, p. 126)

^{lxxxix} **Aura:** Filha de Peribeia, uma frígia, e do titã Lêlanto, era uma das companheiras de Ártemis em suas caçadas. (KURY, 2009, p. 44)

^{xc} **Hercules:** Forma alatinada do nome do herói grego Heraclês (v.), introduzido na Itália pelos colonos gregos instalados no sul do país antes da fundação de Roma. Entre os enxertos feitos pelos romanos na lenda grega está o episódio de Caco (v.), contado por Evandro (v.) na Eneida e inventado provavelmente para explicar a presença de um altar de Hércules no Forum Boarium em Roma. A exemplo dos gregos em relação a Heraclês, os romanos atribuíam “trabalhos” difíceis a Hércules – por exemplo a construção de um dique entre o mar e o lago Lucrino na Campânia. (KURY, 2009, p. 164)

^{xc} **Eurídice:** Uma dríade, mulher de Orfeu. Morre picada pela serpente no dia do casamento e Orfeu desce até o inferno para tentar reconquistá-lo. Canto de Orfeu/Barqueiro do inferno. (KURY, 2009, p. 118)

^{xcii} **Licastro:** Nome de várias personagens, entre as quais se encontra 1. um herói cretense, pai de um Minos e epônimo de uma cidade da Ilha, 2. e do filho de Ares e Filônimo. (DEMGOL, 2017, p. 204)

^{xciv} **Ethiopia:** Região da África debaixo da Zona tórrida, entre a Arabia, & o Egypto, além do rio Niger, de um a outro oceano. (BLUTEAU, p. 354)

^{xcv} **Adonis:** De acordo com a versão mais conhecida da lenda de Ádonis, Afrodite (v.), por vingança, suscitou em Esmirna, também chamada Mirra, uma paixão incontida por seu pai, o rei sírio Teias. Ajudada por Hipólita, sua ama, Esmirna conseguiu enganar Teias e se uniu a ele durante doze noites. Na última noite, entretanto, o pai percebeu que se tratava de sua filha e quis matá-la. Em face do perigo Esmirna invocou a proteção dos deuses, e estes a transformaram na árvore de onde sai a mirra. Decorridos dez meses a casca da árvore estufou até romper-se, e do tronco saiu um menino, a quem deram o nome de Ádonis. (KURY, 2009, p. 13)

^{xcvi} **Medêa/Medeia:** Filha de Eetes, rei da Cólquida (margem oriental do Mar Negro), e da ninfa marinha Ideia; descendente, portanto, de Hélio, e neta de Circe, Hesiod. *Theog.* 956-962. Maga experiente em filtros, enamora-se de Jasão e o ajuda a roubar o velocino de ouro, fugindo com ele para a Grécia. (DEMGOL, 2017, p. 215)

^{xcvii} **Pocris:** Prócris é uma das filhas do rei de Atenas, Erecteu (v. quadro 12, p. 144), embora uma das variantes da lenda a apresente como filha de Cérops. A tradição é muito complexa e engloba elementos sobrepostos. Prócris é a esposa de Céfalos, filho de Déjon. Trai o marido, apaixonando-se por Pteleonte, que conquista os seus favores oferecendo-lhe uma coroa de ouro. Céfalos apercebe-se de tudo e ela refugia-se junto de Minos. Este apaixona-se por Prócris e tenta seduzi-la. Acontece, porém, que sobre Minos pendia a maldição de Pasífae, sua esposa: sempre que o rei se unisse a uma mulher, do seu corpo nasciam serpentes e escorpiões que imediatamente matavam sua amante. Prócris, para o libertar de tal encantamento, deu-lhe uma erva que obtivera das mãos de Circe. Depois, exigiu em troca dos seus favores dois presentes: o cão que jamais deixava escapar a presa e a flecha que jamais falhava o alvo. Mais tarde, temendo o ciúme de Pasífae, ela voltou a Atenas e reconciliou-se com Céfalos. Contudo, não duraram muito os seus amores com o marido. De novo ele tentou conquistá-la, com presentes, mas ela não cedeu. Algum tempo depois, o ciúme atingiu-a, causando-lhe a morte (acerca desde episódio da sua lenda, v. Céfalos). (GRIMAL, 2005, p. 396).

^{xcviii} **Progne/Peocne:** Procne é uma das filhas de Pandíon, rei de Atenas, irmã de Filomela. Acerca da sua lenda e da história da metamorfose em rouxinol, v. Filomela e quadro 12, p.144. (GRIMAL, 2005, p. 396)

^c **Pluton:** as profundezas da terra, o solo onde se fertiliza repleto de obscuridades, não há a presença de Hélio, local onde os deuses olímpicos não podem ter acesso ou interferirem. (LEITE, 2001, p. 136)

^{ci} **Creta/cretenses:** populações de origem controvertida, por vezes incluídas entre os chamados povos do mar que construíram brilhantes civilização na ilha de Creta, considerada na Antiguidade o

centro do mundo. Localizada no mar Mediterrâneo, a ilha ocupa uma superfície de mais de 8.000 quilômetros quadrados. (AZEVEDO, 1997, p. 121)

cii **Paladiones/Paládio:** Estátua divina, dotada de propriedades mágicas, que se supunha representar a deusa Palas. (GRIMAL, 2005, p. 346)

ciii **Oranthe/Orontes:** O nome de Orontes é comum a duas personagens, que representam duas lendas distintas do rio Orontes, na Síria. 1. Uma dessas figuras é um herói hindu, filho de Dídnaso. Comandava um exército ao serviço do rei hindu Deríades, na altura da expedição de Dioniso contra os Indos. Era um gigante com vinte côvados de altura e um temível guerreiro. Ferido por Dioniso, suicidou-se. O seu corpo foi arrastado pelas águas do Orontes, assim chamado em virtude do nome do herói. 2. Orontes é também o nome do deus do referido rio, filho, como todos os deuses-rios, de Oceano e de Tétis. Apaixonou-se pela ninfa Melibeia, uma das Oceânides, e transbordou, inundando os campos, até ao momento em que foi dominado por Hércules. (GRIMAL, 2005, p. 342)

civ **Hesperides:** Ninfas do Poente, filhas de Nix (a Noite), ou de Atlas e de Hespéris, ou de Zeus e de Têmis, ou ainda de Forcis e de Cetó (vv.). As Hespérides geralmente são três – Aigle, Eriteia e Hesperarêta (respectivamente “Brilhante”, “Vermelha” e “Arêta do Poente”); às vezes, entretanto, o nome da última é desdobrado em Hespéria e Arêta, e elas passam a ser quatro. As Hespérides eram as guardiãs do jardim dos deuses, cenário de seus cantos em coro junto às fontes de onde jorrava a ambrosia; lá cresciam os pomos de ouro, presente de Gaia (a Terra) a Hera por ocasião de suas núpcias com Zeus (vv.); ajudava-as a zelar pelos pomos um dragão, filho de Forcis e de Cetó (portanto seu irmão numa das versões da lenda), ou de Tífon e de Êquidna (vv.). As Hespérides estão ligadas à lenda de Heracles (v.), pois um dos trabalhos impostos por Euristeu (v.) ao herói foi a busca desses frutos prodigiosos (v. o décimo segundo trabalho no verbete *Heracles*). (KURY, 2009, p. 166)

cv **Morfeo:** Um dos mil filhos de Hipnos (o Sono). Cabia-lhe aparecer sob a forma de seres humanos e apresentar-se às pessoas adormecidas durante os sonhos destas. (KURY, 2009, p. 235)

cvi **Notto/Noto:** Deus do vento do Sul, vento quente e carregado de humidade. (GRIMAL, 2005, p. 333)

cvi **Luna:** A deusa romana que simbolizava a Lua, cultuada num templo situado no Aventino, em Roma. (KURY, 2009, p. 211)

cvi **Ebro:** O rio Ebro (grego: Ἰβηρ, latim: Iberus, catalão: Ebre) é um dos maiores rios da Espanha e da Península Ibérica. Nasce em Fontibre, na Cordilheira Cantábrica. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org> Acesso em 15 jun. 2019.

cix **Hibleo:** Pertencente o relativo a Hibla, monte y ciudad de la Sicilia antigua, famosos por su miel. Disponível em: <https://dle.rae.es/hibleo>. Acesso em: 13 jun 2019.

cx **Faetonte:** Filho do Sol e da oceânide Clímene, irmão das Heliades, na célebre versão de Ovid. Met 2, 19-339; segundo outros, de Éos e de Céfalos (Hesiod. Theog. 986 ss.) ou de Éos e Titono (Apollod. Bibl 3, 14, 3); ou também de Hélio e de Éos, chamada também Rodo, Hellan. Fr. 137 Fowler. Quis conduzir o carro do pai, mas foi fulminado por Zeus e precipitado no Erídano (Ovid. loc. cit.), identificado por muitos com o Pó (Padus). (DEMGOL, 2017, p. 140)

cxii **Theseo/Teseu:** Filho de Egeu e de Etra, foi rei de Atenas. (DEMGOL, 2017, p. 316)

cxiii **Eolo:** Nome de diversas personagens, entre as quais: 1. o filho de Heleno e da ninfa Orseide, de que descendem os eólios (Apollod. Bibl. 1, 7, 3); 2. o filho de Arne e Posídon, irmão de Beoto (Diod. Sic. 4, 67, 3 ss.); 3. o filho de Hipótês; vivia na ilha que tem seu nome, Eólia, com seus doze filhos, seis varões e seis moças, casados entre si. Por vezes identificada com a anterior, esta personagem assume o papel de Senhor dos Ventos (Hom. Od. 10, 1-79). (DEMGOL, 2017, p. 116)

cxiv **Atropos:** Uma das três parcas (nome latino das Moiras). É a de menor estrutura, porém a mais terrível. Atropos, “a irremovível”, é “aquela cujo curso não pode ser alterado, aquela que não pode ser evitada”. (GRAVES, 2018, p. 83-4).

cxv **Brontes:** Nome de um dos Ciclopes, filho de Urano e Geia. (DEMGOL, 2017, p. 62)

cxvi **Acqueronte/Aqueronte:** Rio que as almas devem atravessar para chegar ao império dos mortos. Um barqueiro, Caronte, tem a missão de fazer as pessoas passarem duma margem para a outra. Este rio está quase estagnado; as suas margens estão embaraçadas de juncos e cheias de lodo. (GRIMAL, 2005, p. 35)

cxvii **Pindo:** Filho de Macêdon na genealogia em que este era filho de Licáon (vv.). Durante uma caçada Pindo encontrou uma serpente enorme, que não o atacou. Querendo demonstrar sua gratidão à serpente, Pindo vinha trazer-lhe com frequência parte do produto de suas caçadas, e ela se afeiçoou ao jovem. Mais tarde, quando Pindo foi assassinado por seus irmãos, despeitados com suas boas qualidades, a serpente matou os criminosos e permaneceu ao lado do cadáver até a chegada dos parentes para sepultá-lo. (Kury, 1990, p. 275)

cxviii **Rodope:** Filha do deus do rio Estrímon, casada com Hemo (v.) e sua parceira no trono da Trácia. (Kury, 1990, p. 299)

cxix **Roma:** É, nas narrativas de alguns mitógrafos, o nome de uma heroína que teria sido epônima da cidade de Roma. (GRIMAL, 2005, p. 408)

cxx **Belona:** Deusa romana da guerra, de atributos indefinidos, identificada mais tarde com a deusa grega Enió (v.). (KURY, 2009, p. 47)

cxxi **Menesteio/Menesteu:** Herói ático filho de Peteu, neto de Erecteu; permaneceu no trono de Atenas até o retorno de Teseu dos Infernos, e depois retirou-se a Ciro (Hom. Il. 2, 552 ss.; Plut. Vita Thes. 32). (DEMGOL, 2013, p. 220)

cxxii **Alecto:** Alecto, a terceira Fúria, não deixa aos criminosos nenhum descanso; atormenta-os sem trégua. Odiosa ao próprio Plutão, só respira vingança e não há forma que ela não assuma para atrair ou satisfazer sua raiva. É representada armada de víboras, tochas e chicotes, com os cabelos cheios de serpentes. (COMMELIN, 2011, p. 197)

cxxiii **Demostenes:** Demóstenes (384-322 a. C.) foi um brilhante orador ateniense, considerado o maior orador da Antiguidade. Demóstenes nasceu em Atenas, Grécia no ano 384 a. C. Filho de abastado fabricante de armas ficou órfão de pai aos sete anos de idade sendo espoliado da herança por seus tutores. (<https://www.ebiografia.com/demostenes/>)

cxxiv Ariadne e Teseu no labirinto.

cxxv **Diana:** Deusa romana assimilada a Ártemis (v.) por influência das colônias gregas do sul da Itália, a exemplo do que aconteceu com várias outras divindades locais. Aparentemente a Diana Nemorense (Diana Nemorensis) correspondia à Ártemis de Táuris, trazida para a Itália por Orestes (v.), circunstância que explica a brutalidade de seus ritos. (KURY, 2009, p. 90)

cxxvii **Dion:** Um rei da Lacônia, casado com Anfiteia, filha de Prônax, da qual teve três filhas – Cária, Licó e Orfé. Quando Apolo (v.) passou pela Lacônia, Anfiteia o acolheu fidalgamente; o deus retribuiu as gentilezas prometendo às suas filhas o dom da profecia se elas respeitassem os deuses e não fossem indiscretas em relação às coisas que não deviam saber. (KURY, 2009, p. 92-3)

cxxix **Amphrizo:** Rio da Tessalia. (SARAIVA, 2006, p. 71)

cxx **Panto:** Um dos velhos troianos, companheiro de Príamo nas portas Ceias, Hom. Il. 3, 146 ss, pai de Euforbo, Hiperenor e Polidamante; talvez seja o mesmo Panto (Panthus, -us), filho de Ôtris, sacerdote de Apolo em Delfos, que surge na Eneida, onde cai na última defesa da cidade de Troia. (DEMGOL, 2013, p. 260)

cxxxi **Oraculo de Delphos/Oráculo de Delfos:** Delfo é o herói que deu nome à cidade de Delfos, tornada célebre pelo santuário e oráculo de Apolo. Dizia-se que fora um rei da região que reinava no tempo em que Apolo a conquistou (v. Apolo). Ora se diz que é filho de Posídon e da filha de Deucalião,

Melanto, a quem o deus se uniu sob a forma de um delfim (daí derivando o nome do filho), ora que era filho do próprio Apolo e de Celeno (ou Melénis), ou de Tia, ou ainda de Melena, que são, respectivamente, as filhas de Híamo, de Castálio e do Cefiso (quadro 8, p. 116). É a um dos filhos de Delfo, o rei Pites, ou a uma das suas filhas, de nome Pítis, que Delfos devia o seu primitivo nome de Pito (v. também Píton). (GRIMAL, 2005, P. 114)

^{cxxxii} **Saturno:** Um antiqüíssimo deus itálico da agricultura, identificado mais tarde com o Cronos (v.) dos gregos. Saturno teria vindo da Grécia para a Itália em épocas remotas, quando Zeus (v.) o destronou e lançou-o do alto do Olimpo à terra. Ele instalou-se na colina do Capitólio, no local onde viria a existir Roma, fundando uma povoação fortificada chamada Satúrnica e introduzindo a agricultura na região. Saturno teria sido rei de Roma, e seu reinado foi tido como a Idade de Ouro (v.). Celebravam-se durante três dias em dezembro as *Saturnalia*, festas licenciosas durante as quais desapareciam as diferenças entre as classes sociais (para relembrar a Idade de Ouro), e os escravos mandavam em seus senhores. (KURY, 2009, p. 304)

^{cxxxii} **Júpiter:** Deus maior dos romanos, identificado com o Zeus (v.) dos gregos. Júpiter era a divindade da luz do dia, do céu, dos raios e trovões e de um modo geral dos fenômenos atmosféricos. Antes da preponderância romana o culto mais importante era prestado a *Jupiter Latialis*, em seu santuário situado no topo do atual monte Cavo, elevação dominante na região dos lagos Albano e Nemi. Depois o deus passou a reinar em Roma, no Capitólio, que era consagrado a Júpiter Capitolino. Dizia-se que havia no Capitólio em épocas remotas um santuário de Júpiter Ferétrio, cuja construção se atribuía a Rômulo (v.), onde eram consagrados os *spolia opima* (as armas dos chefes inimigos mortos em combate singular pelos chefes romanos). Ainda no Capitólio cultuava-se *Jupiter Optimus Maximus*, num templo que embora fosse mais recente sobrepujou os outros. Esse templo teria sido construído originariamente no Quirinal, mas foi transferido para o Capitólio, passando a ser o templo da tríade capitolina (Júpiter, Juno e Minerva). Atribuía-se a Rômulo a edificação de outro templo de Júpiter, invocado neste caso sob o epíteto de *Stator*. Contava-se a propósito que durante a batalha travada entre os romanos comandados por Rômulo e os sabinos, estes, que lutavam para recuperar suas mulheres raptadas, levaram inicialmente alguma vantagem, repelindo os romanos ao longo do Fórum. Nessa ocasião Rômulo, alçando nas mãos as armas em direção ao céu, fez a Júpiter a promessa de dedicar-lhe um templo no lugar em que estava se o deus contivesse os sabinos. Em seguida à promessa o inimigo se deteve e foi repellido. Rômulo construiu então o templo de Júpiter *Stator* (“que detém”) no sopé do monte Palatino (onde mais tarde seria construído o Arco de Tito). (KURY, 2009, p. 191)

^{cxxxiiicxxxiii} **Delo/Delos:** La menor de las islas Cícladas, celeberrima porque em ella nacieron Apolo y Ártemis. La leyenda afirma que la isla surgió de entre las aguas a causa de um golpe del tridente de Poseidón y que estuvo flotando em el mar hasta que Apolo la detuvo. Em Delos se alzada um magnífico templo consagrado al dios. Estaba prohibido enterrar a los muertos, los cuales eran trasladados a uma de las islas vecinas. (ESCOBEDO, 2011, p. 80)

REFERÊNCIAS

AGUIAR e SILVA, V. M. P. **Maneirismo e Barroco na poesia lírica portuguesa**. Coimbra: Centro de Estudos Românicos, 1971.

ARISTÓTELES. **Arte Retórica e Arte Poética**. São Paulo; Rio de Janeiro: Ediouro, 1979.

_____. **Poética**. Tradução, prefácio, introdução, comentário e apêndices de Eudoro de Sousa. 8. ed. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2008.

_____. **Retórica**. Tradução de Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel Nascimento Pena. São Paulo: Martins Fontes, 2012. (Obras Completas).

_____. **Retórica**. Tradução de Marcelo Silvano Madeira. São Paulo: Rideel, 2007. (Coleção Biblioteca Clássica).

ARISTÓTELES; HORÁCIO; LONGINO. **A poética clássica**. Tradução Jaime Bruna. 7. ed. São Paulo: Cultrix, 2014.

AUERBACH, E. **Introdução aos estudos literários**. Tradução José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1972.

_____. **Mimesis**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1998.

AZEVEDO, Carlos Moreira, dir. - **Dicionário de história religiosa de Portugal**. Lisboa : Círculo de Leitores, 2000.

BACELAR, António Barbosa. **Obras Poéticas**. Edição de Mafalda Ferin Cunha. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2007.

BELO HORIZONTE, Lúcia de. **Phyllis e Demofonte**: a força do amor. Disponível em: <http://eventosmitologiagrega.blogspot.com.br/2011/03/phyllis-e-demofonte-forca-doamor.html>. Acesso em 02 fev. 18.

BELCHIOR, Maria de Lourdes. **Os Homens e os Livros** (Séculos XVI e XVII). Lisboa: Verbo, 1971.

BELOTO, Carla Caroline Oliveira dos Santos. **“A huma Dama [...] [Enfor]cada por matar o seu f”**: o Romance Heroyco de António da Fonseca Soares (1631-1682). 2019. 151 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2022.

Bíblia. A.T. Jeremias. In: **Bíblia Pastoral** - Edição Especial. São Paulo: Paulus Editora, 2018.

BLUTEAU, Raphael. **Vocabulário Portuguez, & Latino** (1712-1728). 10v. Facsimile reprint. Hildesheim; Zürich; New York: Georg Olms Verlag, 2002.

BOLEN, J. S. **As deusas e a mulher**: nova psicologia das mulheres. Trad. Maria Lídia Remédio. São Paulo: Paulinas, 1990. (Amor e Psique)

BRAGA, T. **Manual da história da literatura portuguesa**; desde as suas origens até ao presente. Porto: Magalhães & Moniz, 1875.

_____. **História da literatura portuguesa**. [Lisboa]: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984 [1869-1872]. 4v.

_____. **História da literatura portuguesa. (Recapitulação)** [Lisboa]: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005.

BRANDÃO, J. S. **Mitologia Grega**. Petrópolis: Editora Vozes, 1986.

BUCKLAND A. R. **Dicionário Bíblico Universal** – Editora Vida, 2007 (624 p)

BULFINCH, T. **O livro de Ouro da Mitologia** (A Idade da Fábula): histórias de deuses e heróis. Rio de Janeiro, 2001.

CAMBRAIA, César Nardelli. **Introdução à crítica textual**. São Paulo: Martins Fontes, 2005

CARVALHO, Maria do Socorro F. de., **Poesia de agudeza**. São Paulo: Humanitas Editorial: Edusp: Fapesp, 2007.

CASTRO, Aníbal Pinto de. **Retórica e Teorização Literária em Portugal** - do Humanismo ao Neoclassicismo, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, Lisboa 2008 2ª ed.

CAVERO, D. O. **Dicionário Português-Espanhol**. Espanha: Editora Sopena, 1975.

CHAGAS, Frei António. **Cartas Espirituais**. Seleção, prefácio e notas pelo prof. M. Rodrigues Lapa. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1957.

_____. **Cartas Espirituais**. Ed. de Isabel Morujão. Lisboa: Campo das Letras, 2000. (Coleção: Clássicos Portugueses – 15). 6

CHARTIER, Roger. Do livro à leitura. In: **Práticas de leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

_____. **A mão do autor e a mente do editor** / Roger Chartier; tradução George Schlesinger. – 1. ed. – São Paulo: Edita Unesp, 2014.

CHOCIAY Rogerio. **Teoria Do Verso**. São Paulo, McGraw-Hill do Brasil, 1974.

_____. **Os metros do Boca:** teoria do verso em Gregório de Matos. São Paulo: Unesp, 1993.

COLEMMAN, J.A. **O dicionário de mitologia grega.** Um A-Z de temas, lendas e heróis. Brasil: Pé da Letra, 2021.

COMMELIN P. **Mitologia grega e romana.** São Paulo: Martins Fontes, 2000.

CUNHA, A. G. **Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa.** Editora Nova Fronteira, 1997.

CURTIUS, Ernst Robert. **Literatura européia e idade média latina.** Tradução Teodoro Cabral e Paulo Rónai. São Paulo: Hucitec; EDUSP, 2013.

D'ARCADIA, Luís Fernando Campos. **Ut pictura poesis:** a poesia vulgar “pintada” por Antônio da Fonseca Soares. 2012. 136 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, SP, 2011.

_____. **O DECORO VULGAR DO SOLDADO POETA:** a prática do romance por Antônio da Fonseca Soares. Tese de doutorado. Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Universidade Estadual Paulista, Assis, 2019.

_____. **A prática do romance de Antonio da Fonseca Soares:** o ms. 2998 BGUC, In: ESTUDOS LINGUÍSTICOS, São Paulo, 47 (2): p. 425-434, 2018.

DIONÍSIO DE HALICARNASSO. **Tratado da imitação.** Tradução, introdução e notas por Raul Miguel Rosado Fernandes. Lisboa: INIC/Centro de Estudos Clássicos da Universidade de Lisboa, 1986.

DEMGOL. **Dicionário Etimológico da Mitologia Grega** (multilíngue, online). Direção: Ezio Pellizer e Gennaro. Tedeschi. Trieste: Gruppo di Ricerca sul Mito e la Mitografia (GRIMM), Università di Trieste, 2013.

_____. **Dicionário Etimológico da Mitologia Grega** (multilíngue, online). Direção: Ezio Pellizer e Gennaro. Tedeschi. Trieste: Gruppo di Ricerca sul Mito e la Mitografia (GRIMM), Università di Trieste, 2017

DICIONÁRIO DOS SÍMBOLOS, (org.) Jean Chevalier e Alan Geerbrant, trad. C. Rodrigues e A. Guerra, Lisboa, Ed. Teorema, 1982

ENCICLOPEDIA VERBO LUSO-BRASILEIRA DE CULTURA. Edição século XXI. Editorial Verbo, 1998.

ESCOBEDO, J.C. **Enciclopedia de la mitología.** De Vecchi Ediciones, 2001.

FERREIRA, Francisco Leitão, 1667-1735. **Nova arte de conceitos.** Lisboa Occidental: na Officina de Antonio Pedrozo Galram: 1718-1721.

GRANJEIRO, Heloiza Brambatti. **A figura feminina na obra de Antônio da Fonseca Soares**. 128 f. : il. Dissertação de Mestrado – Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Universidade Estadual Paulista, Assis, 2012.

GRAVES, R. **Os Mitos Gregos**. Trad. Fernando Klabin. Vol. I e II. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2018.

GRIGERA, Luisa López. **Anotações de Quedo à Retorica de Aristoteles**, trad. portuguesa, Campinas, Editoria Unicamp, 2008.

HALICARNASSO. D. **Tratado da imitação**. Instituto Nacional de Investigação Científica. Centro de Estudos Clássicos das Universidades de Lisboa, 1986.

HANSEN, J. A. **A Sátira e o Engenho**. Gregório de Matos e a Bahia do Século XVII.I. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. v. 1. 511 p.

_____. **O nú e a luz**: Cartas Jesuíticas do Brasil. Nóbrega – 1549 – 1558. Rev. Inst. Est. Bras., SP, 38 87-119, 1995.

_____. **Alegoria**: construção e interpretação da metáfora. São Paulo: Editora Unicamp, 2006.

_____. Introdução. In: PÉCORA. Alcir. **Poesia seiscentista**: Fênix Renascida e Postilhão de Apolo. São Paulo: Hedra, 2012

_____. **As líras de Gonzaga**: entre retórica e valor de troca. In: Via Atlântica, n.1. USP/São Paulo, mar. 1997, p. 41-53. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/viewFile/48669/52740>. Acesso em: 20 ago. 2014.

HARVEY, P. **Dicionário Oxford de Literatura Clássica grega e latina**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

HIGGINS, Charlotte. **Mitos gregos**: Nas tramas das deusas. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2022.

HOMERO. **Box - Odisseia e Ilíada**. Nova Fronteira, 2021.

HORÁCIO. **Arte Poética**. Tradução R. M. Rosada Fernandes. Lisboa: Inquérito, 1984.

LACHAN, M. **A Lírica Amorosa Seiscentista: poesia que deleita e ensina**. Floema - Ano VIII, n. 10, p. 27-64, jan./jun. 2014.

LE FEBVRE, L.; MARTIN, H.-J. **O aparecimento do livro**. São Paulo: Editora Edusp, 2015.

_____. **O aparecimento do livro**. Tradução de Henrique Tavares e Castro. São Paulo: EDUSP, 2017.

LOP0ES, A. **Da agudeza às metáforas**: romances de Antônio da Fonseca Soares. Dissertação de Mestrado – Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Universidade Estadual Paulista, Assis, 2012.

MENDES, M. V., A oratória barroca de Vieira. Lisboa, Caminho, 1989.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. São Paulo: Cultrix, 2013.

MORAES, Carlos Eduardo Mendes (org.). **Erotismo e religiosidade**: romances de Antônio da Fonseca Soares sobre mulheres. São Paulo: Unesp, 2013.

_____. **Fonseca, Chagas ou Ribeiro da Costa?** Philologus, Rio de Janeiro, v. 39, p. 7, 2007.

_____. Antônio da Fonseca Soares, Por António Correia Viana. In: **Miscelânea**. Assis, v. 30, p. 197-214, jul.-dez. 2021.

_____. **A poesia sacra de António da Fonseca Soares** [livro eletrônico]: do manuscrito 49-III-74 da Biblioteca da Ajuda, Portugal / Organizador Carlos Eduardo Mendes de Moraes. – Rio de Janeiro, RJ: e-Publicar, 2022.

MORAES, Carlos Eduardo Mendes de; BELOTO, Carla Caroline de Oliveira Santos; VAROLO, Flávia Renata da Silva (org.). **Obra poética de António da Fonseca Soares** - Romances do Manuscrito 49-III-81 da Biblioteca da Ajuda de Portugal / Organizadores: Carlos Eduardo Mendes de Moraes, Carla Caroline de Oliveira Santos Beloto e Flávia Renata da Silva Varolo; diversos autores. – 1. ed. – Aracaju, SE: Criação Editora; Lisboa: Theya, 2023.

MOREIRA, Marcello. **Crítica Textualis in Caelum Revocata?: Uma Proposta de Edição e Estudo da Tradição de Gregório de Matos e Guerra/ Marcello Moreira**. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2011.

_____. Imitação e emulação nas letras luso-brasileiras. In: **Teresa - revista de Literatura Brasileira** [19] ; São Paulo, 2018.

MUHANA, Adma. **A epopéia em prosa seiscentista**: uma definição de gênero. São Paulo: Ed. UNESP, 1997. 344 p.

OLIVA NETO, J. A. Breve anatomia de um Clássico. In: VIRGÍLIO. **Eneida**. Edição bilingue; tradução de Carlos Alberto Nunes, organização, apresentação e notas João Angelo Oliva Neto – São Paulo: Editora 34, 2016 (2ª Edição)

_____. Mínima gramática das Metamorfoses de Ovídio. In: OVÍDIO, **Metamorfoses**. Edição bilingue; tradução, introdução e notas de Domingos Lucas Dais; apresentação de João Angelo Oliva Neto – São Paulo: Editora 34, 2017 (1ª edição).

OVÍDIO. **Metamorfoses**. Trad. Domingos Lucas Dias. São Paulo: Editora 34, 2017.

_____. **Cartas de Amor**. As Heróides. Editora Landy, 2003.

PECORA, Alcir. **Teatro do Sacramento**. Edusp – Ed. Universidade de Campinas, 1994. p. 86.

_____. **Máquina de gêneros**: novamente descoberta e aplicada a Castiglione, Della Casa, Nóbrega, Camões, Vieira, La Rochefoucauld, Gonzaga, Silva Alvarenga e Bocage. Edusp – 2001.

PLATÃO. **A República**. Introdução, tradução e notas de M. H. da Rocha Pereira. 9. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

PEREIRA, Carla Dione Arnaud. **O mito como terapia na obra de Albert Camus**: le premier homme. Porto: [Edição de Autor]: 2008. (dissertação de mestrado)

PEREIRA, Belmiro F. **Retórica e eloquência em Portugal na época do Renascimento**. Editora Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2012.

PIMENTEL, Alberto. **Vida mundana de um frade virtuoso**. Edição digital – Zero papel, out. de 2013, baseada na edição de 1889.

PONTES, M. de L. B. **Bibliografia de António da Fonseca Soares** (Frei António das Chagas). Lisboa: Centro de Estudos Filológicos, 1950.

_____. **Frei António das Chagas**: um homem e um estilo do séc. XVII. Lisboa: 1953.

_____. **Os homens e os livros**: séculos XVI e XVII. Lisboa: Editorial Verbo, 1971.

QUINTILIANO. **Institutiones oratoriae**, X, II, 9 e 28 apud DIONÍSIO DE

RAMALHO, Christina. **Poemas épicos**: estratégias de leitura. Rio de Janeiro: UAPÊ, 2016.

REBELO, L. S. **A tradição clássica na literatura portuguesa**. Lisboa: Livros Horizonte, 1982.

ROSENFELD, Anatol. **O teatro épico**. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2002.

SALTARELLI, T. C. V. L. (2009). Imitação, emulação, modelos e glosas: o paradigma da mimesis na literatura dos séculos XVI, XVII e XVIII. In: **Aletria: Revista De Estudos De Literatura**, 251–264.

SARAIVA, F.R. DOS S. **Novíssimo dicionário latino-portuguez**. Rio de Janeiro, Paris: Livraria Garnier, 2006.

SARAMAGO, José. **Viagem a Portugal**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SERRÃO, J. V. **Historiografia portuguesa**: doutrina e crítica. Lisboa: Verbo, 1974. v.3.

SILVA, Camila F. P., **Retórica e filosofia nas Epístolas de Horácio**. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/CODEX/article/view/10513> Acesso em 10/10/2017.

SILVA, M. B. N. **Dicionário da história da colonização Portuguesa no Brasil**. Lisboa: Verbo, 1994.

SILVA, V. M. P. A. **Maneirismo e barroco na poesia lírica portuguesa**. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1971.

SPAGIARI, B; PERUGI, M. **Fundamentos da Crítica Textual**. Rio de Janeiro, Editora Lucerna, 2004.

SPINA, Segismundo. **Introdução à Poética Clássica**. São Paulo: Editora FTD S.A, 1967.

SPINA, Segismundo. **Manual de versificação românica medieval**. Rio de Janeiro: Ateliê Editorial, 2003.

TEIXEIRA, Ivan Prado. “A poesia aguda do engenhoso fidalgo Manuel Botelho de Oliveira”. In: OLIVEIRA, Manuel Botelho de. **Música do parnaso**. Cotia (SP): Ateliê Editorial, 2005.

TELES, Gilberto Mendonça. **Camões e a poesia brasileira**. Rio de Janeiro: Fundação Cultural Casa Rui Barbosa/MEC-DAC, 1973.

TOPA, Francisco. **Edição crítica da obra poética de Gregório de Matos**. Tese de Doutorado em Literatura Brasileira apresentada a Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1999.

VAUCHEZ, André. **A espiritualidade na Idade Média Ocidental** (séculos VIII a XIII), trad. Lucy Magalhães – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1995.

VERNANT, Jean-Pierre; NAQUET, Pierre Vidal. **Mito e tragédia na Antiguidade**. Tradução de Anna Lia de Almeida Prado et al. São Paulo: Perspectiva, 2011.

VERNEY, Luís. Antônio. **Verdadeiro método de estudar**. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1950. v. 2. VERGILIUS, Maro, Publius V497a Eneida. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Brasília, DF: Editora UnB; São Paulo: A Montanha, 1983.

VIRGÍLIO. **Eneida**. Edição bilingue; tradução de Carlos Alberto Nunes, organização, apresentação e notas João Angelo Oliva Neto – São Paulo: Editora 34, 2016 (2ª Edição)

WOOLGER, J. B., WOOLGER, R. J. **A deusa interior: um guia sobre os eternos mitos femininos que moldam nossas vidas.** Trad. Carlos A. Malferrari. São Paulo: Cultrix, 1992.

REFERÊNCIAS MANUSCRITAS

CÓDICE F6485: **Desejos piedosos de huma alma saudosa do seu divino Esposo Jesu Christo:** divididos em varios Emblemas para antes da confissão, & antes, &depois da sagrada comunhão: com huas Advertencias.../ por Joseph Pereira Vellozo;

MS 49-III-84- **Filis y Demofonte.** Biblioteca da Ajuda, Lisboa, Portugal.

MS 384 – **Divinos Humanos versos de Fonseca.** Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra. 8 Documento

Ms. 49-III-74 – Biblioteca da Ajuda: **Poezias sacras**, e Moraes de António da Fonseca Soares que depois se chamou na Religião Frei António das Chagas cujas são das q.' meram.te vagam manuscriptas, deixando-se as mtas, que com o nome de =Anonimo= andam impressas nos 5 Tos da Fenix Renascida. 1º tomo.; Reunião de António Correya Vianna. Lisboa, 1776. 101 pp. Volume 1. António Correya Vianna. Manuscrito 1776.

ANEXO A: MANUSCRITO 49-III-84

Biblioteca da Ajuda

Filis e Demofonte

Cód. 49-III-84

Palácio Nacional da Ajuda
1349-021 LISBOA

TEL/FAX +351 21 363 85 92
E-mail: bibajuda@pnajuda.dgpc.pt

© PNA / Biblioteca da Ajuda

A publicação de qualquer imagem da documentação incluída
neste suporte só deve ser efectuada mediante consulta e autorização prévia.



Acrobat 4.0 é um suporte lógico de Adobe Systems Incorporated

15.

Aquí pues donde es el sol, que se levanta
Como de Occidente al Oriente,
cuando ala tarde el sol se levanta
Vale de Occidente al Oriente.
Vale de la luz, que se levanta
Los rayos de la luz, que se levanta
al Occidente, y al Oriente,
La Vista Extrema, que se levanta

Como la luz, que se levanta
Como la luz, que se levanta
mas lo que es la luz, que se levanta
Como la luz, que se levanta
Como la luz, que se levanta
Como la luz, que se levanta
Como la luz, que se levanta
Como la luz, que se levanta

Nunca el sol, que se levanta
Como la luz, que se levanta
Como la luz, que se levanta
Como la luz, que se levanta
Como la luz, que se levanta
Como la luz, que se levanta
Como la luz, que se levanta
Como la luz, que se levanta

Apoyados

18.

Aquí pues, en su Estación
Como la luz, que se levanta
Como la luz, que se levanta
Como la luz, que se levanta
Como la luz, que se levanta
Como la luz, que se levanta
Como la luz, que se levanta
Como la luz, que se levanta

Como la luz, que se levanta
Como la luz, que se levanta
Como la luz, que se levanta
Como la luz, que se levanta
Como la luz, que se levanta
Como la luz, que se levanta
Como la luz, que se levanta
Como la luz, que se levanta

Como la luz, que se levanta
Como la luz, que se levanta
Como la luz, que se levanta
Como la luz, que se levanta
Como la luz, que se levanta
Como la luz, que se levanta
Como la luz, que se levanta
Como la luz, que se levanta

Dico

21.

Como la luz, que se levanta
Como la luz, que se levanta
Como la luz, que se levanta
Como la luz, que se levanta
Como la luz, que se levanta
Como la luz, que se levanta
Como la luz, que se levanta
Como la luz, que se levanta

Como la luz, que se levanta
Como la luz, que se levanta
Como la luz, que se levanta
Como la luz, que se levanta
Como la luz, que se levanta
Como la luz, que se levanta
Como la luz, que se levanta
Como la luz, que se levanta

Como la luz, que se levanta
Como la luz, que se levanta
Como la luz, que se levanta
Como la luz, que se levanta
Como la luz, que se levanta
Como la luz, que se levanta
Como la luz, que se levanta
Como la luz, que se levanta

Dedicado

24

Como la luz, que se levanta
Como la luz, que se levanta
Como la luz, que se levanta
Como la luz, que se levanta
Como la luz, que se levanta
Como la luz, que se levanta
Como la luz, que se levanta
Como la luz, que se levanta

Como la luz, que se levanta
Como la luz, que se levanta
Como la luz, que se levanta
Como la luz, que se levanta
Como la luz, que se levanta
Como la luz, que se levanta
Como la luz, que se levanta
Como la luz, que se levanta

Como la luz, que se levanta
Como la luz, que se levanta
Como la luz, que se levanta
Como la luz, que se levanta
Como la luz, que se levanta
Como la luz, que se levanta
Como la luz, que se levanta
Como la luz, que se levanta

Conjura

33

Canes, ven la Navy el Seguros
Lugar seguro, en la barra de Caya,
Ay ven del Boreas furioso,
al mar, con las Anclas Entregas,
canes leyendo al pie delo vrasuno,
En las nubes, parue de la anega,
y en Vinas de Cristal, penden del Ocelo,
Vna y otro Venid a lo proprio el Celo.

34

Ensi muerda el Delfo Enbravido
Las Ondas Caruan Cada Lomo errante,
qual en sombra furiosa, Submuyido
Dunq obscura Agion, Cayo Espirante,
Ya las Estrelas puzas Chacudas
Y las abisma, boza a Vaufragante,
y Enada indiano offere de Cuelo
En Enamiente al Mar, Vn Vis al Cielo.

35

El Vano errado ali no ay desmayo
o Camoquido que turbe lo amirado
que el, en que acubilla Cayo, a Cayo
El de la noche Corri Caligando,
En la de la Muerte Vltimo en faja
desvaguando Ed mudo peligrado
Alas pometuendo La Vnidad
My yzo las pefuado Espirando

Vala Luna

36

La Lactura en los parados que abia
el Albor Seno benta porateado,
y ad Sepulchro de la vida, al dia
salendo en el, La Luz Recusitavado
Cuando ella con las puzas y Vortia
vendiendo al Mar, y al Viento poramado,
que moraban de Ligo y Viento,
ad Mar sobre fue, quicada al Viento.

37

El Boreas enfreno su Corolito
y Aperturo En su Lulo ni arrogante,
el adisfar bebido matubino
Suavo de la vida, de la vida,
Dizculando el Cielo el Cristolito
Corta, de la vida el Corolito de la vida,
y tan puzas de la vida de la vida,
que de la vida de la vida de la vida.

38

La Campora de la vida, Eminent
de la vida En la vida de la vida,
y el Viento de la vida de la vida,
Luzes de la vida de la vida,
Cuya de la vida de la vida,
del Mar atant y mudo, de la vida,
de la vida de la vida de la vida,
puzas de la vida de la vida de la vida.

Quando

39

Quandoques el mayor Planta Cayo
de la vida de la vida de la vida,
y el Viento de la vida de la vida,
dulas de la vida de la vida,
Albrud ancha, de la vida de la vida,
vici ed de la vida de la vida,
a Cuya de la vida de la vida,
Aras de la vida de la vida.

40

No tanto el prozo, y agudo La Muerte,
en Cuyo Corri de la vida de la vida,
quandy ed Cuyo de la vida de la vida,
La vida de la vida de la vida,
Cuyo de la vida de la vida de la vida,
Cuyo de la vida de la vida de la vida,
Cuyo de la vida de la vida de la vida,
Cuyo de la vida de la vida de la vida.

41

No es de Vano grande, aquienda males,
a la vida de la vida de la vida,
tres Vay a la vida de la vida,
gracia de la vida de la vida,
Non de la vida de la vida de la vida,
santa de la vida de la vida de la vida,
quandy de la vida de la vida de la vida,
Muda de la vida de la vida de la vida.

Moria

42

Vi jien del Mar, en la vida de la vida,
de la vida de la vida de la vida,
Cuya de la vida de la vida de la vida,
dulas de la vida de la vida de la vida,
quandy de la vida de la vida de la vida,
Cuya de la vida de la vida de la vida,
Vie de la vida de la vida de la vida,
Sal de la vida de la vida de la vida.

43

Alis es de la vida de la vida de la vida,
de la vida de la vida de la vida de la vida,
Cuya de la vida de la vida de la vida,
quandy de la vida de la vida de la vida,
Cuya de la vida de la vida de la vida,
Cuya de la vida de la vida de la vida,
Cuya de la vida de la vida de la vida,
Cuya de la vida de la vida de la vida.

44

La vida de la vida de la vida de la vida,
en la vida de la vida de la vida de la vida,
no puzas de la vida de la vida de la vida,
My puzas de la vida de la vida de la vida,
y mudo de la vida de la vida de la vida,
Cuya de la vida de la vida de la vida,
Cuya de la vida de la vida de la vida,
Cuya de la vida de la vida de la vida.

Quando

45
 Iste de mudo Velox, y he aquel Monte
 que abito fubia, pizca el viento.
 En la pinto, Dado del Placento,
 que Ena felle el mismo pensamiento;
 Mas bien, y errado aquel, y esta Orizente
 burle la fura en dar movimiento,
 al fin de la diestra mano En Miro Cadice
 Moni trata la fura, Zindé el Alona.

46
 Si en una sus montes En Caturca
 y llegas a la fura, Emoroca,
 que el pauma, su granada, que el Osoroca,
 y alid el En Vela maia Corroca.
 Ocupando en tapete de la Eirna
 que folla Yrida, y maia Curuca
 ma Prigoma, Enfollid a Liana
 Dompfora a fangos, y Zidici al viento.

47
 Cuando En Mado ilustremente, grave
 bien, Dgo. Miruca, folla de Luzido
 fue en gran Alipara de la Vaya Vaya
 a la pizca de la fura, Enfollid a Liana
 Mivara, que el pauma, que el Osoroca,
 folla de la Vaya de la fura, Enfollid a Liana
 folla de la Vaya de la fura, Enfollid a Liana
 folla de la Vaya de la fura, Enfollid a Liana

47
 Negi, positivo, y Cortezamento afento.
 que folla de la Vaya de la fura, Enfollid a Liana
 Negi, positivo, y Cortezamento afento.
 que folla de la Vaya de la fura, Enfollid a Liana
 Negi, positivo, y Cortezamento afento.
 que folla de la Vaya de la fura, Enfollid a Liana

48
 Bella Deydad, prouida, Encuyo Corroca
 prodigio, el alma su milagro, prouida
 y Enfollid a Liana, Enfollid a Liana
 Enfollid a Liana, Enfollid a Liana
 Enfollid a Liana, Enfollid a Liana
 Enfollid a Liana, Enfollid a Liana

49
 En Enfollid a Liana, Enfollid a Liana
 Enfollid a Liana, Enfollid a Liana
 Enfollid a Liana, Enfollid a Liana
 Enfollid a Liana, Enfollid a Liana
 Enfollid a Liana, Enfollid a Liana
 Enfollid a Liana, Enfollid a Liana

50
 Dompfora aquel Dompfora he Althemy
 Ego del gran fura, que el viento
 que En Mado ha Cabido de la Vaya Vaya
 Enfollid a Liana, Enfollid a Liana
 Dompfora aquel, Enfollid a Liana
 he folla de la Vaya de la fura, Enfollid a Liana
 que Enfollid a Liana, Enfollid a Liana
 Enfollid a Liana, Enfollid a Liana

51
 Arrojado del mar, olas, y Venti
 a Vaya de la fura, Enfollid a Liana
 que Enfollid a Liana, Enfollid a Liana
 Enfollid a Liana, Enfollid a Liana
 Enfollid a Liana, Enfollid a Liana
 Enfollid a Liana, Enfollid a Liana

52
 Dico, y qual folla de la Vaya de la fura, Enfollid a Liana
 que Enfollid a Liana, Enfollid a Liana
 Enfollid a Liana, Enfollid a Liana
 Enfollid a Liana, Enfollid a Liana
 Enfollid a Liana, Enfollid a Liana
 Enfollid a Liana, Enfollid a Liana

54
 Fillo, Enfollid a Liana, Enfollid a Liana
 que Enfollid a Liana, Enfollid a Liana
 Enfollid a Liana, Enfollid a Liana
 Enfollid a Liana, Enfollid a Liana
 Enfollid a Liana, Enfollid a Liana
 Enfollid a Liana, Enfollid a Liana

55
 Enfollid a Liana, Enfollid a Liana
 que Enfollid a Liana, Enfollid a Liana
 Enfollid a Liana, Enfollid a Liana
 Enfollid a Liana, Enfollid a Liana
 Enfollid a Liana, Enfollid a Liana
 Enfollid a Liana, Enfollid a Liana

56
 Enfollid a Liana, Enfollid a Liana
 que Enfollid a Liana, Enfollid a Liana
 Enfollid a Liana, Enfollid a Liana
 Enfollid a Liana, Enfollid a Liana
 Enfollid a Liana, Enfollid a Liana
 Enfollid a Liana, Enfollid a Liana

Enfollid a Liana

57.

Elle, que el alma Enciende, y almorces
tome, y quebrado, no Examina.
Si es Amor, Si virtud, Si deshonra
y agües la Escudela, y la destina.
El gran Rincón, que se le cernida Enciende
Manda que por Dios se rompa.
Y la vida Le da, en su vida
Y sus amos le quitan la vida.

58.

Mucha tanta, en los ojos Enciende.
que el fin a los ojos Enciende.
que Enciende lo que, por el fin
Hay las Enciende, y las manos Enciende.
Y la vida Enciende, y la vida
que se le da, y la vida
Enciende, y la vida Enciende.
Enciende en los ojos, Enciende en los ojos.

59.

Enciende en los ojos, Enciende en los ojos.
Enciende en los ojos, Enciende en los ojos.
Enciende en los ojos, Enciende en los ojos.
Enciende en los ojos, Enciende en los ojos.
Enciende en los ojos, Enciende en los ojos.
Enciende en los ojos, Enciende en los ojos.

Enciende.

60. 61.

12

Enciende, y Enciende Enciende
Enciende Enciende Enciende
Enciende Enciende Enciende
Enciende Enciende Enciende
Enciende Enciende Enciende
Enciende Enciende Enciende

61.

Enciende Enciende Enciende
Enciende Enciende Enciende
Enciende Enciende Enciende
Enciende Enciende Enciende
Enciende Enciende Enciende
Enciende Enciende Enciende

62.

Enciende Enciende Enciende
Enciende Enciende Enciende
Enciende Enciende Enciende
Enciende Enciende Enciende
Enciende Enciende Enciende
Enciende Enciende Enciende

Enciende.

63.

Enciende Enciende Enciende
Enciende Enciende Enciende
Enciende Enciende Enciende
Enciende Enciende Enciende
Enciende Enciende Enciende
Enciende Enciende Enciende

64.

Enciende Enciende Enciende
Enciende Enciende Enciende
Enciende Enciende Enciende
Enciende Enciende Enciende
Enciende Enciende Enciende
Enciende Enciende Enciende

65.

Enciende Enciende Enciende
Enciende Enciende Enciende
Enciende Enciende Enciende
Enciende Enciende Enciende
Enciende Enciende Enciende
Enciende Enciende Enciende

Enciende.

66. 67.

13

Enciende Enciende Enciende
Enciende Enciende Enciende
Enciende Enciende Enciende
Enciende Enciende Enciende
Enciende Enciende Enciende
Enciende Enciende Enciende

67.

Enciende Enciende Enciende
Enciende Enciende Enciende
Enciende Enciende Enciende
Enciende Enciende Enciende
Enciende Enciende Enciende
Enciende Enciende Enciende

68.

Enciende Enciende Enciende
Enciende Enciende Enciende
Enciende Enciende Enciende
Enciende Enciende Enciende
Enciende Enciende Enciende
Enciende Enciende Enciende

Enciende.

81

O' zeloso pastor, Cread Emisario
 del Cielo, y esta Hazañe encalme.
 don admira, ofensa, y desolado
 y de Amor, y de Amor, y de Amor.
 y de Amor, y de Amor, y de Amor.
 y de Amor, y de Amor, y de Amor.
 y de Amor, y de Amor, y de Amor.
 y de Amor, y de Amor, y de Amor.

Canto Segundo. Las Ruinas.

Vade a la ruina de Troya, y mira
 la ruina de Troya, y mira
 la ruina de Troya, y mira
 la ruina de Troya, y mira
 la ruina de Troya, y mira
 la ruina de Troya, y mira
 la ruina de Troya, y mira
 la ruina de Troya, y mira.

quando

2

16

Quando legando a Domo, que Cuento
 del Troya la tragedia Lamentable,
 y de la Troya la tragedia Lamentable,
 y de la Troya la tragedia Lamentable,
 y de la Troya la tragedia Lamentable,
 y de la Troya la tragedia Lamentable,
 y de la Troya la tragedia Lamentable,
 y de la Troya la tragedia Lamentable.

3

Ahora tu me lo mismo Dime
 que Troya Continuo son de Troya
 y de la Troya la tragedia Lamentable,
 y de la Troya la tragedia Lamentable,
 y de la Troya la tragedia Lamentable,
 y de la Troya la tragedia Lamentable,
 y de la Troya la tragedia Lamentable,
 y de la Troya la tragedia Lamentable.

4

Antes que Troya, y con Troya
 del Troya grande Cielo, y de Troya
 y de la Troya la tragedia Lamentable,
 y de la Troya la tragedia Lamentable,
 y de la Troya la tragedia Lamentable,
 y de la Troya la tragedia Lamentable,
 y de la Troya la tragedia Lamentable,
 y de la Troya la tragedia Lamentable.

Cala-

5

En la ruina, que por Troya muda
 y de la Troya la tragedia Lamentable,
 y de la Troya la tragedia Lamentable,
 y de la Troya la tragedia Lamentable,
 y de la Troya la tragedia Lamentable,
 y de la Troya la tragedia Lamentable,
 y de la Troya la tragedia Lamentable,
 y de la Troya la tragedia Lamentable.

Quando, el Cielo, y de Troya
 y de la Troya la tragedia Lamentable,
 y de la Troya la tragedia Lamentable,
 y de la Troya la tragedia Lamentable,
 y de la Troya la tragedia Lamentable,
 y de la Troya la tragedia Lamentable,
 y de la Troya la tragedia Lamentable,
 y de la Troya la tragedia Lamentable.

Y Troya, que con Troya a Troya
 y de la Troya la tragedia Lamentable,
 y de la Troya la tragedia Lamentable,
 y de la Troya la tragedia Lamentable,
 y de la Troya la tragedia Lamentable,
 y de la Troya la tragedia Lamentable,
 y de la Troya la tragedia Lamentable,
 y de la Troya la tragedia Lamentable.

Lamentable

8

17

La Confusion, Las Armas, Las Violencias
 que Troya es Troya, y de Troya
 y de la Troya la tragedia Lamentable,
 y de la Troya la tragedia Lamentable,
 y de la Troya la tragedia Lamentable,
 y de la Troya la tragedia Lamentable,
 y de la Troya la tragedia Lamentable,
 y de la Troya la tragedia Lamentable.

9

Muere la Troya, y de Troya
 y de la Troya la tragedia Lamentable,
 y de la Troya la tragedia Lamentable,
 y de la Troya la tragedia Lamentable,
 y de la Troya la tragedia Lamentable,
 y de la Troya la tragedia Lamentable,
 y de la Troya la tragedia Lamentable,
 y de la Troya la tragedia Lamentable.

10

Y la Troya, que con Troya
 y de la Troya la tragedia Lamentable,
 y de la Troya la tragedia Lamentable,
 y de la Troya la tragedia Lamentable,
 y de la Troya la tragedia Lamentable,
 y de la Troya la tragedia Lamentable,
 y de la Troya la tragedia Lamentable,
 y de la Troya la tragedia Lamentable.

Lamentable

Entrando por Troya; Enquid se atea
de mortifera flama incendio obsecra,
no ay Lari, Templo, o Casa, D. Letea
de ageriva, Zelo, o impiedad segura,
Ay Dios Valor, La atrozidad pelida
arroya del interior, el odio cruel,
que En el mal que Vespigio intrinseca,
solo el morio zelucha parca.

12.
 Juguémosle a los amigos íntimos
 guano, Kappa, En, pa, no, te, pa, no, te
 Muere el amor, 'amante de su amor
 Ciego el corazón, a los contrarios ayuda.
 Nalla malla el agua emitié, Ca, tip,
 Niente la (e) pilla el que empuja la bola,
 y Costa el Valor. guano, Kappa, En, pa, no, te, pa, no, te
 Macanudo muere, y destina el destino.

13.
Dley Capatzy ad troyel Garinos
dely troyelzy, ad troyel troyelzy,
Eandem troyelzy Con troyel troyelzy
Eandem troyelzy Con troyel troyelzy.
Koye ad troyelzy, ad troyel troyelzy
Muro ad troyelzy ad troyel troyelzy.
Siondo armad ya Contra ad troyel troyelzy
Vn troyelzy troyelzy, Vn troyelzy troyelzy.

14.
Alum, espre en la raga canella
L'arbitrio d'aurada Confusio palambra,
d'ingres Nany tota de ayro puelle
de Espanya trofos tota el mundu alimbra,
Sirod aly d'ay el Corro de Niche
Caly d'ayam Ly d'ay d'ay mubra,
Yen e colate d'ayra, Y d'ay Ciego,
La Luz d'ayra enlumina, en d'ayro el giego.

No andi nel Colm, nel Vexario. Corre
Caudal ardiente de Sulphore flame,
quando en otreway meste, y el discorre
Exorde al estuyo, por la vapor flame,
Corre en incendio de la quion flame
Croye el quoy y la cantidad de la flame,
por que, para el calor de la flame
Abrase el Vexario, Elm y el andi de

16.
 Prompte de la guerre La Volonté d'arrêter
 Le République Les Vieux Français
 J'en suis Certain sans le Jeune
 Quel air ne soit le Mieux plus possible
 Boute au incendie et aide la Volonté
 et de l'effort de l'union d'arrêter
 Mieux l'air de l'union d'arrêter
 J'en suis Certain J'en suis Certain

17.
 Quel Cagado La arros, Quel hieno a fiva,
 La muredo e muredo, Cagado La Circundado,
 Quel Cagado La espada Negativa,
 En abaxado, Q Cagado La muredo,
 Quel dependendo al que subo a Diba,
 Le Sepulchro en Lulum, muredo profunda,
 y el La Cruzada, que el muredo Cagado,
 al muredo antierran, a muredo La delubro.

18.
Ni aun ganado sin Sater Corrales
el campo, y hay un el Norte Sudo,
cuando apañan los del gran Fariaso
Caser del campo el Agre, en la parte del Cerro;
Como el pueblo del Fariaso, apañan los cerros
el cerro en la parte, y en la parte
Hay un cerro, y en la parte
Caser la parte, y en la parte

19.
Con los pimientos, hiernamente a las
Cortas, la Maleta, y hasta estar en el
y al otro lo de Chilly, Esparrido,
la Maleta y la Maleta, y Maleta;
y Maleta y Maleta, y Maleta;
La Maleta, a la Maleta, y Maleta;
a la Maleta, a la Maleta, y Maleta;
Maleta, Maleta, y Maleta;

2.
Escala Puro de Dios Los muros
y con otros. Dintrop de las guilas,
may den su dicha con los Valmigueros
dueros, y alomay dueros. jallan;
Dehesa (puro) belia a los dueros
y alomay, en su esfuerzo de Señalado,
de los se experimenta sin duda alguna
y con may al Valor. y La fortuna.

Pen fue la defensa tan constante
 que Egipto hio en Oyo ilustrado,
 Era algun tiempo en Lepidura creante
 Le suelto. Del Valor sus mrs. fructa;
 De plomo, y pieles Cayendo a cada instante,
 y de venum mortisen. y pestuetro
 Caudales pestilentes, y canchiboy
 guerra Exoracion almay, y Alaydentiboy.

De Eccles Antiquis, & Modernis
te Magna dicitur. Le Sicut a sapientia.
Contra mortal, & Con Cruxibus
Cura Confidens. Varias praeferat,
Bona alius, & omnes vultus
devotione et fide, conjugum dilectione,
En Cuius officio y dante. Calle et humido
Ciega La intermedia, Certo el modo.

23.
 Heronum javan. Canthys Calanus,
 quod test. ed. Sol., jaseren Teakumad.
 Sipan adonay. Polynonay fortunat
 dequon dno. Digna. fance. Aoni:
 e. recipiatis ya. Con. imitidunay
 imy. Canrad. ed. Zier. D. Cay de dona
 Calan. Sin Ver. Quod anstuerat luo. indigina.
 Cayon Canse Cayna. Adu Cayna.

Flebilen, Penla deflorada e se enforcau.
 e Lo drey pende, e Vengativo.
 quando el peli gora a bruyta q'ma Creva
 a bruyta ed Vapoz, ad Espozo de Inimico.
 Murty atomp manto ad p'cedo.
 que se a l'ebria, e o b'zo escutur.
 Como se fura, Entao neutral Victoria
 La Loba Comi, Deflorada Vana gloria

254
El mar Salado yaze impelió
ad Gyros furios yira inmoviente.
bienta al excelso muro Extremadura,
y precipita. En las espaldas Neros,
Contra el Sino el Mar Salado G...
amplio del ayre en Mar de los vientos,
Nenkin, Sino y pineda. Enhuya guerra
pudo delorin, Lique a Zerrin de tierra.

20.
 Añudo al Error fatal de un Correo
 mudo. Cui del ayro al yabizmo,
 que eneguya, sena, y papias de
 cany al bido bido, parricomo;
 De cany en el yado, en Campo, el bido
 al fin al bido. Eny el bido mudo,
 Como el bido parricomo al bido
 mudo. Cui del ayro al yabizmo.

En la mortal su abismo sonaba
 que quando más la grúa sublimaba
 Seis: tumba quedo con muerte vital
 De joya en la tumba sepulcral.
 La activa máquina sepulcra
 Con la pasiva por mano mal vendida
 que en la ofensa de la gloria humana
 Lo que tú desgras, porais defensa

28.
 Los Cambrioncy, Tiers Sangre
 adorado, el pastor Lazo,
 En esta casa ni Caxa! Caboz
 Santa Marta, y de nuevo alabados:
 Como lo que lastima Ventura
 Oh Traya! Desio Errando, y para Caxa
 Alendo Esta Sangre por no pedires
 Cambrioncy Lazo, Sangre y Alabados

29.

En amos, desampara Caliente
Los hijos de Cadaver y Calian, Lo
y en la vida, grita gamy, tristem.
nadas, Cent y expresamente se han?
Agozarse el odio, el Valor sierra
Ver, para la Cruz y a no ardian.
Siendo al Amor, y La Cason sinuria
Lared La Hacer, y no extinguir La furia.

30.

Pina, que hely Mary Schenck.
 Trueno que Ly Cyphary Anstada.
 Terrado que Ly Mary a Caban.
 Compadre que Ly Ihu Estremado.
 Mary arrada, anexo, Anstada, y mas.
 quando Caba, Anstada, Caba y Compadre.
 que Litta, puer Caba, Anstada y Compadre.
 Pina, Trueno, Terrado, y Compadre.

Matando, Eriendo, sin Cavas se acaban
el Valor, y La ya a la miya, fiero,
y el Valor, bella Dama, se acaban,
pues Los Obispos Leguinos ya La Muerte,
Que Como Son Los Obispos que Leguinan
tanto, y tanta Sangre de Justo Muerto
Copia España de Obispos, entre y tantas
Lays, y el Valor, in cura y feunpion

32.

P
Ispanes Sangre, y fuego. Y quando qui erant
Vna Verax, Solus Cruel torquens,
bevit el Fuego La sangre de su y mucron.
Y arde nublándose En fuego por Vengard.
En sus las laivoras Se Estorn
que El al agua adorna Ella a Egaros
En un feroz torrada en fuego. Adesta horro
Legio En vna trinidad, Vna en La Muerte.

Enfin l'air se agrandit. Il furibunda
 Ces fils atroces, y ces mortels fangeux
 La infamie, l'opprobre, l'outrage
 Que non la calomnie, la médisance, l'envie
 La ruse, ad excels, les faux poudres,
 Les dards de la gloire, ou la faux médecine
 C'est l'abus, l'orgueil, le triste Esprit,
 L'âme ad l'obé, à la Vierge, l'honneur.

[illegible]

35.

Gloriosa Lagran Juro, adagio Rey
 cano de aquella, invida e contentada.
 Y ad Corro de la e l'croy e l'aly
 de mayora arma e l'juro augumentan.
 Desperio e l'juro Las necturas e l'aly
 Y con tal vira e l'cordazura e l'entran.
 Y e l' mismo. Paro viente e l'aly Vira
 azaard e l'aly e l'juro pre f'etura.

36.

Desbrancada e l'juro Las m'edras
 ayo e l'aly e l'aly e l'aly e l'aly
 hexo, Vento e l'aly e l'aly e l'aly
 vira e l'aly e l'aly e l'aly e l'aly
 Meno e l'aly e l'aly e l'aly e l'aly
 bello e l'aly e l'aly e l'aly e l'aly
 Labedada e l'aly e l'aly e l'aly
 Y e l'aly e l'aly e l'aly e l'aly
 Y e l'aly e l'aly e l'aly e l'aly

37.

De la buque e l'aly La e l'aly
 ayo e l'aly e l'aly e l'aly e l'aly
 vira e l'aly e l'aly e l'aly e l'aly
 Su e l'aly e l'aly e l'aly e l'aly
 Y e l'aly e l'aly e l'aly e l'aly
 Su e l'aly e l'aly e l'aly e l'aly
 Y e l'aly e l'aly e l'aly e l'aly
 Y e l'aly e l'aly e l'aly e l'aly
 Y e l'aly e l'aly e l'aly e l'aly

38.

22

El xanto e l'aly e l'aly e l'aly
 Con e l'aly e l'aly e l'aly e l'aly
 Con e l'aly e l'aly e l'aly e l'aly
 Con e l'aly e l'aly e l'aly e l'aly
 Con e l'aly e l'aly e l'aly e l'aly
 Con e l'aly e l'aly e l'aly e l'aly
 Con e l'aly e l'aly e l'aly e l'aly
 Con e l'aly e l'aly e l'aly e l'aly

39.

Vira e l'aly e l'aly e l'aly e l'aly
 Con e l'aly e l'aly e l'aly e l'aly
 Con e l'aly e l'aly e l'aly e l'aly
 Con e l'aly e l'aly e l'aly e l'aly
 Con e l'aly e l'aly e l'aly e l'aly
 Con e l'aly e l'aly e l'aly e l'aly
 Con e l'aly e l'aly e l'aly e l'aly
 Con e l'aly e l'aly e l'aly e l'aly

40.

Qui e l'aly e l'aly e l'aly e l'aly
 Con e l'aly e l'aly e l'aly e l'aly
 Con e l'aly e l'aly e l'aly e l'aly
 Con e l'aly e l'aly e l'aly e l'aly
 Con e l'aly e l'aly e l'aly e l'aly
 Con e l'aly e l'aly e l'aly e l'aly
 Con e l'aly e l'aly e l'aly e l'aly
 Con e l'aly e l'aly e l'aly e l'aly

Anas.

41.

Anas, e l'aly e l'aly e l'aly e l'aly
 Con e l'aly e l'aly e l'aly e l'aly
 Con e l'aly e l'aly e l'aly e l'aly
 Con e l'aly e l'aly e l'aly e l'aly
 Con e l'aly e l'aly e l'aly e l'aly
 Con e l'aly e l'aly e l'aly e l'aly
 Con e l'aly e l'aly e l'aly e l'aly
 Con e l'aly e l'aly e l'aly e l'aly

42.

Qui e l'aly e l'aly e l'aly e l'aly
 Con e l'aly e l'aly e l'aly e l'aly
 Con e l'aly e l'aly e l'aly e l'aly
 Con e l'aly e l'aly e l'aly e l'aly
 Con e l'aly e l'aly e l'aly e l'aly
 Con e l'aly e l'aly e l'aly e l'aly
 Con e l'aly e l'aly e l'aly e l'aly
 Con e l'aly e l'aly e l'aly e l'aly

43.

Qui e l'aly e l'aly e l'aly e l'aly
 Con e l'aly e l'aly e l'aly e l'aly
 Con e l'aly e l'aly e l'aly e l'aly
 Con e l'aly e l'aly e l'aly e l'aly
 Con e l'aly e l'aly e l'aly e l'aly
 Con e l'aly e l'aly e l'aly e l'aly
 Con e l'aly e l'aly e l'aly e l'aly
 Con e l'aly e l'aly e l'aly e l'aly

Anas.

44.

23

Meno e l'aly e l'aly e l'aly e l'aly
 Con e l'aly e l'aly e l'aly e l'aly
 Con e l'aly e l'aly e l'aly e l'aly
 Con e l'aly e l'aly e l'aly e l'aly
 Con e l'aly e l'aly e l'aly e l'aly
 Con e l'aly e l'aly e l'aly e l'aly
 Con e l'aly e l'aly e l'aly e l'aly
 Con e l'aly e l'aly e l'aly e l'aly

45.

Mi e l'aly e l'aly e l'aly e l'aly
 Con e l'aly e l'aly e l'aly e l'aly
 Con e l'aly e l'aly e l'aly e l'aly
 Con e l'aly e l'aly e l'aly e l'aly
 Con e l'aly e l'aly e l'aly e l'aly
 Con e l'aly e l'aly e l'aly e l'aly
 Con e l'aly e l'aly e l'aly e l'aly
 Con e l'aly e l'aly e l'aly e l'aly

46.

Mi e l'aly e l'aly e l'aly e l'aly
 Con e l'aly e l'aly e l'aly e l'aly
 Con e l'aly e l'aly e l'aly e l'aly
 Con e l'aly e l'aly e l'aly e l'aly
 Con e l'aly e l'aly e l'aly e l'aly
 Con e l'aly e l'aly e l'aly e l'aly
 Con e l'aly e l'aly e l'aly e l'aly
 Con e l'aly e l'aly e l'aly e l'aly

Anas.

47.
 Otro tumulto trueno Camillados,
 yacen, vniuerso Calamitoso, y mudo,
 que de torrey un tiempos Comados,
 separamientos de La edad Segura;
 sus Vestigios intermis, y adumbados,
 mudo Corro a Los Siglos tan futuros,
 y pues ya de mudo, Cesta de vna yema;
 Moras vna, Cuyas Encara viera.

48.
 Et Non, que al globo de la Luna
 subio a Comad de su adivez vana,
 seatro es de su muestro La fortuna
 La Vanidad de Lagranzo Comand.
 Sin quedar de sus piedras, y sea alguna
 ya tan Camillado, La obvia a la
 que apenas la memoria, y La tritura
 por su estrago Conuen Lagranzo.

49.
 Los Edificios Divinos, que fueron
 de vna ya de Caridad porito
 Patanas mudo, ni estantumbas, Eren
 matura a la matura Confilio;
 Quando Exaltar su obvia a la
 de su matura, sea vna matura,
 a Compad de vna, y vna matura,
 Calor los Cados, y mudo los mudo.

La Cita

50.
 Las Estatuas, Las Vales de Comas,
 agud sedana aduacion Divina,
 de vna es Ciel Calen fastimay
 Coma de vna a vna, y vna de vna;
 Guini Coma, y vna de vna de vna,
 de La Comana fortuna que de vna;
 Si vna es agud, y vna de vna;
 ni Coma de vna de vna.

51.
 En fin, Coma de vna de vna,
 queda, mudo de vna matura matura,
 que en su matura Coma de vna;
 Coma de vna de vna de vna;
 Coma de vna de vna de vna;
 gloria de vna de vna de vna;
 Coma de vna de vna de vna;
 Coma de vna de vna de vna;

52.
 En fin, Coma de vna de vna,
 Coma de vna de vna de vna;
 de vna de vna de vna;
 Coma de vna de vna de vna;
 Coma de vna de vna de vna;
 Coma de vna de vna de vna;
 Coma de vna de vna de vna;
 Coma de vna de vna de vna;

El Cita

53.
 El vna, clarin, La aguda Coma
 suena, Coma de vna de vna;
 que al alma de vna de vna;
 Coma de vna de vna de vna;
 Coma de vna de vna de vna;
 Coma de vna de vna de vna;
 Coma de vna de vna de vna;
 Coma de vna de vna de vna;

54.

55.
 Menz vna de vna, y de vna
 de vna de vna de vna;
 que por de vna de vna;
 Coma de vna de vna de vna;
 Coma de vna de vna de vna;
 Coma de vna de vna de vna;
 Coma de vna de vna de vna;
 Coma de vna de vna de vna;

56.
 No yadel mudo de vna de vna;
 de vna de vna de vna;
 Coma de vna de vna de vna;
 Coma de vna de vna de vna;
 Coma de vna de vna de vna;
 Coma de vna de vna de vna;
 Coma de vna de vna de vna;
 Coma de vna de vna de vna;

Aguila

57.
 Aqui de vna de vna de vna;
 de vna de vna de vna;
 Coma de vna de vna de vna;
 Coma de vna de vna de vna;
 Coma de vna de vna de vna;
 Coma de vna de vna de vna;
 Coma de vna de vna de vna;
 Coma de vna de vna de vna;

58.

59.
 En fin, Coma de vna de vna;
 Coma de vna de vna de vna;
 Coma de vna de vna de vna;
 Coma de vna de vna de vna;
 Coma de vna de vna de vna;
 Coma de vna de vna de vna;
 Coma de vna de vna de vna;
 Coma de vna de vna de vna;

60.
 Cada vna de vna de vna;
 Coma de vna de vna de vna;
 Coma de vna de vna de vna;
 Coma de vna de vna de vna;
 Coma de vna de vna de vna;
 Coma de vna de vna de vna;
 Coma de vna de vna de vna;
 Coma de vna de vna de vna;

Donde

18
 O quando meo amor, ni pumada
 la gala, y a su Ombro estar pumada
 fiera Cien, y aplazma ni si am
 dize, Gayas lancia ni pumada
 Ni un pumada, que va liza amada
 gloria, y a su Ombro estar pumada
 por un Ombro estar pumada
 amado, y ni queriendo pumada

49
A Tilly d'ho. Arminda, e sty que m
fay to juizio e just, que deida.
e ella - m b m. Lof. Lofey Comand
viam juiços de m. Lofey m. e m. d'ho.
See m. Lofey Comand e sty. Lofey
Orasulo, e Lofey m. Lofey m.
Lofey m. Lofey m. Lofey m.
Lofey m. Lofey m. Lofey m.

O La Maguedad, y Amor púica
 Inimic! Arminta exclamé, quon Enig
 D un Lazo aqui en el tiempo ni Zupond
 Arroyo Beldad, y su Amor secaton
 Quon mi Viebro La invidia Viro?
 Quon mi galan señoa y agredat
 Si entanda señoa Enigra al Viro
 Cuerto el Viro. Galan La Enmenda

24. *Quoniam non oportet* *Comiti* - *Le Comte*
Episcopo - *Episcopo* *Episcopo* *Episcopo*
Lux. *Episcopo* *Episcopo* *Episcopo* *Episcopo*
Comite *Episcopo* *Episcopo* *Episcopo* *Episcopo*
Quod *maior* *Comiti* *Comiti* *Comiti* *Comiti*
Cuidate *disimulato* *Episcopo* *Episcopo*
quod *Episcopo* *Episcopo* *Episcopo* *Episcopo*
Episcopo *Episcopo* *Episcopo* *Episcopo* *Episcopo*
 22.

La Sñdad a Livio no pequeño.
 Yely brisy amanty, La Capin
 Pely Dany, y may Delaloma dueño
 queda el Amor, y incensiyonil Capin;
 May ario en un Vulcan tan Calor
 y con can Dely Capin y Snyon
 que alfin Delirion con Snyon
 De aloma el Amic, y Delirion dueño.

23.
Cuenta el dulce al alma su Escriba,
y apr. Del Amor conuena su pluma,
sile quise Viste con su memoria,
este gusta de labiar. Con su pluma,
Dime amor mi liberal. Su gloria,
ol quanto amor lastima y da gar,
y en su dulcura de su inuena alme
muere amoriza de su amor. Lullama

Luego al mar Jesús Lagrimas se entrega
 por el dulce mar. Dique de dulzura,
 donde es el amor, guano Navega
 libre es el amor, guano Con Navega.
 En este epico Oceanos se entregó,
 cuando en muelle Cortes se entregó,
 de Navega Con Navega de Navega,
 Navega de Navega, in Navega de Navega.

25.
La vida sola avara de meliza
que le coge enteramente el delirio,
y el del alma, y la Imperia Zia,
en el alma es alma de delirio.
Dize la Boland que me la affija
y el Espiritu Consta. el Alma de la
y estudiando Comunque al afe
Vela el amor, y Angustia el Vozco.

26
 Dama La noche de su auzencia triste
 inquieta Duerme en. y al despertar
 despierta en la noche de su fin a la
 Dama en la noche en la memoria suya
 si trae el cuerpo desfigurado, y vivo
 su Imagen en el Cor. y la memoria suya
 al arte abraza y consola en su
 Loma y Roca es como en su memoria

27.
Tanta, ¡oh patria! ocupa, arma Letocan
Lo objecto, y ad arma la angustia
que es. Carga en que abata el desmoron
Las furias de la amor, y una Comensura
Ningun Socorro Con la Defensa invoca
La Libertad, y la Luz mayaura,
que Excan Deatim Supremamiento y guerra
Victoria al mal, Triunfo, y la Castiga.

28.
Lerías, Lestimada, y La Churra
Araya, cuando abogó el leya
del vol. surco. La Magana, que dice
de Verónica. Cereales, que dice
de alada. Multitud, y alca. Magana.
Luzimand al. Brindado del día
y el Culo. Centro. Centro. y al. Centro
de. Culo. 2m. y. nacer. Culo. Centro.

29.
Quando Veneranda al gusto, eno Sappia
Entre Comozz pofora, se desvota
hinda curada, de todo ala Memria
Naturalca, e y milagros Vicia
San Jim e Curio aquila del mra, Dmida
que Vmida La Vira eno y aduica
pionca que biena acaudula calma
Neyu La tinea, y La temira adma

22

[illegible][illegible][illegible]

15
 Por baste el dolor, Cere el burlador
 que quierda. Comira al burlador
 Inoue no sea o documento de ultimo
 a un burlador En tanto que se queda
 No deora mas de la vida. Le quedo el
 burlador. quien se queda a un burlador
 Por causa de la vida, al burlador
 burlador. burlador. burlador.

Envi la del alma tierra. La padrona
Compara el agua con Engaña
La Cora, sin que nadie se acuerde
Sintiendo el cuerpo de la alma se acuerda,
Cuando se piden en el Te Lo Bales
del Templo Mandamento sellustara
que llamado a la fin donde se acuerda
Enviase a la fin de la. La primera

El color de la yagala que encausa
 de abril en La Campes. Verde y glia
 ada. Escurra. Y en abril y mayo
 porque el agua que sube de la tierra
 La quatesa. y ad de la Campes. Verde
 brillante es. Sol a Baya de la
 Y en Mayo. grande y yagala
 y ad de la tierra. ad de la tierra.

^{48.}
 Hejo al jardín donde Francisco y Torad
 Santa, alhaya, Yariat, Ciparoton,
 Zedra, Cauria, desbento alilva jama
 Loma y alhaya Lagrima, Salsora,
 Quanta, Samayaduna, C. Pradito, Hira
 Fragancia, Juy Arroy, C. Colaprimo
 Juy, Pradito, Juy Cipias y Sumi my
 ruelas de alm. En nichazo de Liras.

49
Cruzando por sus quadros los arroyos
van después por las montañas y
llegan a las de donde en una gran
granja se vende azúcar, caña
de caña, y otros frutos. De las montañas
se ven en el fondo de la granja
las montañas de la Sierra de la Cruz,
y de la Cruz de la Cruz de la Cruz.

[illegible]

31 35
 A. Jilichu. alus plantas las bellezas
 que eran de la Corazon de la brillante,
 Corazon de la brillante. Por la Simona
 que Corazon de la brillante. Por la Simona
 Ardecho de la Corazon de la brillante.
 Leyendo el libro de la brillante.
 mal. Cyatara de la brillante. Por la Corazon.
 que el Corazon brillante de la brillante.

[illegible]

Noji pua Demofen y Ely Laga
 Qui alvoro conmoviendo grand
 la Esclavitud, Vano es Viro Oyo
 Triunfo Esmora y Victoria Nave
 Ensay Celoso Fido Sin Lado
 De la atencion con ardiente sed
 y en un punto en el futo y harmonia
 Ninto moriva y Polytano Ninto

54
 Quanto del mag. Conque atque accensas
 de purpur. legantes. y de virtutes.
 ostenda La ag. uera. En accensas.
 Exercita Conagray. et affectu.
 Nallan mudo. ad. delenda. del. Zorro. uanito.
 hasta Con la finca. del. Elyse.
 Gra. Amor. Con. La. uera. may. Vira.
 Conly. Verna. La. Elegante. Adina.

55
 Hablana. Las. Damas. y. A. Hanes.
 y. Cortezany. Damas. y. A. Hanes.
 montian. Con. Hanes. y. A. Hanes.
 y. Damas. y. A. Hanes. y. A. Hanes.
 May. El. Cucha. Del. Amor. y. A. Hanes.
 aqui. no. en. Cucha. el. may. A. Hanes.
 puen. y. puen. y. A. Hanes.
 que. ad. el. A. Hanes. y. A. Hanes.

56
 En. el. Cucha. Del. Amor. y. A. Hanes.
 aqui. no. en. Cucha. el. may. A. Hanes.
 puen. y. puen. y. A. Hanes.
 que. ad. el. A. Hanes. y. A. Hanes.
 May. El. Cucha. Del. Amor. y. A. Hanes.
 aqui. no. en. Cucha. el. may. A. Hanes.
 puen. y. puen. y. A. Hanes.
 que. ad. el. A. Hanes. y. A. Hanes.

Adina.

57
 Adina. Lugo. y. Damas. y. A. Hanes.
 Lugo. y. Damas. y. A. Hanes.
 Lugo. y. Damas. y. A. Hanes.
 Lugo. y. Damas. y. A. Hanes.
 Lugo. y. Damas. y. A. Hanes.
 Lugo. y. Damas. y. A. Hanes.
 Lugo. y. Damas. y. A. Hanes.
 Lugo. y. Damas. y. A. Hanes.

58
 Los. promia. del. y. A. Hanes.
 Los. promia. del. y. A. Hanes.
 Los. promia. del. y. A. Hanes.
 Los. promia. del. y. A. Hanes.
 Los. promia. del. y. A. Hanes.
 Los. promia. del. y. A. Hanes.
 Los. promia. del. y. A. Hanes.
 Los. promia. del. y. A. Hanes.

59
 Amor. Adina. Lugo. y. Damas. y. A. Hanes.
 Amor. Adina. Lugo. y. Damas. y. A. Hanes.
 Amor. Adina. Lugo. y. Damas. y. A. Hanes.
 Amor. Adina. Lugo. y. Damas. y. A. Hanes.
 Amor. Adina. Lugo. y. Damas. y. A. Hanes.
 Amor. Adina. Lugo. y. Damas. y. A. Hanes.
 Amor. Adina. Lugo. y. Damas. y. A. Hanes.
 Amor. Adina. Lugo. y. Damas. y. A. Hanes.

Adina.

60
 Lugo. En. amar. En. amar. y. A. Hanes.
 Lugo. En. amar. En. amar. y. A. Hanes.
 Lugo. En. amar. En. amar. y. A. Hanes.
 Lugo. En. amar. En. amar. y. A. Hanes.
 Lugo. En. amar. En. amar. y. A. Hanes.
 Lugo. En. amar. En. amar. y. A. Hanes.
 Lugo. En. amar. En. amar. y. A. Hanes.
 Lugo. En. amar. En. amar. y. A. Hanes.

61
 Villano. En. amar. En. amar. y. A. Hanes.
 Villano. En. amar. En. amar. y. A. Hanes.
 Villano. En. amar. En. amar. y. A. Hanes.
 Villano. En. amar. En. amar. y. A. Hanes.
 Villano. En. amar. En. amar. y. A. Hanes.
 Villano. En. amar. En. amar. y. A. Hanes.
 Villano. En. amar. En. amar. y. A. Hanes.
 Villano. En. amar. En. amar. y. A. Hanes.

62
 Si. Lugo. En. amar. En. amar. y. A. Hanes.
 Si. Lugo. En. amar. En. amar. y. A. Hanes.
 Si. Lugo. En. amar. En. amar. y. A. Hanes.
 Si. Lugo. En. amar. En. amar. y. A. Hanes.
 Si. Lugo. En. amar. En. amar. y. A. Hanes.
 Si. Lugo. En. amar. En. amar. y. A. Hanes.
 Si. Lugo. En. amar. En. amar. y. A. Hanes.
 Si. Lugo. En. amar. En. amar. y. A. Hanes.

Adina.

63
 Tanto. En. amar. En. amar. y. A. Hanes.
 Tanto. En. amar. En. amar. y. A. Hanes.
 Tanto. En. amar. En. amar. y. A. Hanes.
 Tanto. En. amar. En. amar. y. A. Hanes.
 Tanto. En. amar. En. amar. y. A. Hanes.
 Tanto. En. amar. En. amar. y. A. Hanes.
 Tanto. En. amar. En. amar. y. A. Hanes.
 Tanto. En. amar. En. amar. y. A. Hanes.

64
 Tanto. En. amar. En. amar. y. A. Hanes.
 Tanto. En. amar. En. amar. y. A. Hanes.
 Tanto. En. amar. En. amar. y. A. Hanes.
 Tanto. En. amar. En. amar. y. A. Hanes.
 Tanto. En. amar. En. amar. y. A. Hanes.
 Tanto. En. amar. En. amar. y. A. Hanes.
 Tanto. En. amar. En. amar. y. A. Hanes.
 Tanto. En. amar. En. amar. y. A. Hanes.

65
 Tanto. En. amar. En. amar. y. A. Hanes.
 Tanto. En. amar. En. amar. y. A. Hanes.
 Tanto. En. amar. En. amar. y. A. Hanes.
 Tanto. En. amar. En. amar. y. A. Hanes.
 Tanto. En. amar. En. amar. y. A. Hanes.
 Tanto. En. amar. En. amar. y. A. Hanes.
 Tanto. En. amar. En. amar. y. A. Hanes.
 Tanto. En. amar. En. amar. y. A. Hanes.

Adina.

2
Alas que dulcemente errantes,
del ayro, y de la metrica pencil,
cras del Parque Citaru, ebrantes,
y cras del viento Muey, ebrantes,
Planto alegres, gorgeario amantes
Concupso Paru, y numero subitiles,
Ascan con tiempo Condeleyo Minu
gloria a la Viba, Concanu al oyo.

La Noche) alaquente En yelo aca
 Muestra ya En impeco mi bruto,
 Suabo es el Cristal, En Nera Pielada
 Nena La Lirio de Cipiles de Nido,
 Soma, Mirado Gumala Vozaca
 Otra Zeyen Carizosa Muere,
 Y otra planta mediana ala Cypressura
 quasi avienta la brava, y la muemura.

Quando Casagran e Agyo alio trime
con Min jomule, y con Min el Berto,
Jali del Valle Cortezana jompa
Enudo, ca Mulo, y amezando ca Mento,
Lili aquella Duxhad sinqua intermisa
del adipe on demora dulo penamisa,
Jalo del Caypo que pond al jompaide
monjre d'Flax, quela Comara Armada

5.
 Flems gallarda el Barque Enarriada,
 Cala Perlas que Cielos ago y Venen,
 quando Ombra las flores, y infestara,
 Vio Cometa de los montes En,
 No tan Corroza Venen La mitada
 Si fatigar La Ballas guztiva
 pues Vendo su hermosura, yudeselo
 Lo ayzo Mas fiero, otra Su pelo.

[illegible]

Pluende al Brusoglia con impazienza
 del signor. La Comita Sullardi
 que fero Nauticari Bazar Viceré.
 En el mór de Juliano Chommano.
 Ven el Ostentation, On fero Andrago
 a si fero de Camus a Eugenio
 que quando Camo, fero, e Juliano
 fero el viceré, Camo el viceré, e Mayro de Cía

8

Luego al Curo, Se alija papavirze
En solo un punto la distancia summa,
que aun lo Corrijo de mentis Lo ayuso
Sin pizar de la Corrit La menor pluma,
Que tira por La Ayres can furzosa
El Viro luego que Argento se desparte
que se yurga La Vista Con mudez ploma,
pendamente Conjoie, Cayo Conado

Pto Ardenis Telex. y he prevenido
 para su mal, Con su delirio
 pensando y en los leys de agravios
 Mayores sombras En su ofensa
 Dando que Vi se muriera En su ciudad
 Que si se sedula, Con su poder
 y quierd ans Concomentando claris
 Mord antes Reduzcanse y de Aggravar.

Con diligencia Antiquaria. Capitan.
Armado. Cede porvenir porras.
En Ciudad, que tambien tenian,
por las Villas, y afueras de ellas,
Donde paraban, y otros de median,
ya gozando de los frutos de ellas,
y otros muchos en otros Capitanes.
Estaban promulgados y en silencio estaban.

No bien, del mundo En la cruel Maleda
batí tu oel Cerrizo La Copenura,
quando poris mis flores en a peraza,
que Niscaria tra entre arboleda Cuna,
Cato del por, este grita aquel Empieza
a Cercar lo que Cuir jalemonia;
y Entre una Nube de Armas jale Curo,
Esta Curo, Que jayiste, aquella Muere.

12.
 Rampio portuhy Confusum lerville
 Armado e Com. el Sr. Conde,
 No. yaculo, faga por Corbille,
 sin Criminales a bordo, indigando,
 Todo el tiempo, Copando, inacefible
 Con el Cuervo, de rubia moza,
 y brimelando el Barque, faga la boma.
 Coma a la parral, a la mano, mada.

13.
 Fleixa ni tan Velox puertor a l'Vienta
 Calaleion, ni el fang, atreva tant,
 quando es gaudiu, i'ohi esmentat.
 Cito puella de l'ort, aquet de Espana
 Com del mistius al Corrio portat
 Lo de amant. De la Vicia Contat.
 Aquella de l'ort, i'ohi esmentat
 Fleixa atreva, Calaleion Vienta

14
 Filio, llega, y Demofante luego
 Cambia el ministro formidable sigue,
 Uno Lectora ludo, y otro Ogo
 Mientra bizarro al uno, otro prosigue,
 Riendo Fiti, y yomi tanto que,
 en animal lido el futor mitigue,
 ferna Embite, y apenas a Cameto,
 quando Centauro isbreu el dimeto.

15
 El varon grande Cypg alharbo brio
 La Leja albruto, y con vngelud fuerte
 de aduiza jangre, un audubio Eia,
 fobro La Selva Extradecida Viento,
 tiembla el Cadaver de la arbor Varis
 el Valle de ludo Centanloma Man,
 y del mar, y Selva Laaplacienon Enos
 Con Voz La Oly, Confusor La brenat.

16
 Llegi elha agra Estacion Luciente
 y Ora del Sol la inventa brillante,
 quando la hmbid que su luz dormiento
 levancia al lobro, camblando,
 Dulce de Eia la amora fando
 el nido hyia el Enisñor amando,
 fannu alharque, el Caidon el vado,
 Laquena elper, Logfanny elganu.

17
 Quando ya del Calor y Lagarigo
 Venidus Lasque Amor yonger Chpura,
 agra Selva, de Oger, donde Antiga
 Leta, y dancib La Selva Laonima Vasa,
 La Sileta quada lo Slenis, dirigio
 na gaudir profano ni a lara fura,
 jones Enagrio Slenis a lara lara bellas,
 Cielo de flos e, Campo de Enidias.

18
 Calle, Ovide Lagama Las gentiles
 milagros, y Cantora Oma y Grecia,
 de Cielo y Babilonia a Lyramila,
 y a quetia Camon, y Rozalla precia,
 que Esta Estacion de Mayas, y elpiles
 su jompa vuela y en vula de gracia,
 podes de vante en la Manu y fencia,
 Corte de Flora, Jomera de ornate.

19
 Del Bosque alegre, Esta Engeuna umbra
 nate un dora de fandi tan brio,
 que ampiea en ludo de lara, y lara,
 Euy, jangre de fital, Cielo de Vero,
 May Jona y pira, Amosira
 La Voz tan dulce, Cantora fura Mayu,
 que Es de la Enamancia en el nido,
 Amar al alma y Enma al fento.

20
 Enlo, Oriento pues de sus Crystales,
 de las tan dora, y platano la intrinca,
 Voz Bosque, y a ludo vula, y vmbrales
 el Sol ni se intrinca, a Comencia,
 Aqui donde Flora Criga, sus alteras
 sobre La margen de el fital Lambica,
 fira alora de ludo, Enayas fombas
 Clalamo vura Abril, fannu al fernal.

21
 Agra Estacion pues, que Abril quarnue
 Filis y viciado Enbray de la amando,
 que mas y pluido ya Selva vaneu,
 pues de tal Cielo, Selmau Alente,
 Casa de la Sol, La Sileta parece
 pues fue la conjugion mas de lora,
 Vj de lraimeto, lada Estacion florida,
 de vn astro Clalamo, de otro Calida.

22
 Solos e lalavan por el andley, fannu
 La Dama, y munda y lralian,
 Corrientes Montes, falgando Carris
 La Campa, y la Selva paraguian,
 Las laltos, fannu de la pira
 En la florida grata Cuy tenian,
 a lraimeto, Solo a lraimeto,
 dula Las Agua, Enmulo La plantu.

23
 Amor, Si en algun tiempo te agradaron
 kulces, Cidencia, metthupentares,
 y de lraimeto, miz te obligaron
 Victimay, Conqu Cumero fualitones,
 Dora Cantar accion, que te Enbraron
 Conceptus, y me inspire, ni vulares,
 Vera el Mundo aquepas de fura Mura,
 que quin tiend afucido, a lraimeto.

24
 Entre Los furos, Conqu Dulce, y lida
 Filis Estava tan arrosa, y bella,
 fura el ludo de la Dora Alidie,
 a lraimeto, fualitones, Cidencia,
 Cada jammir Conde mayda Embite
 Cada Clavel Con lraimeto quereha,
 Le a lraimeto apuduras, y furos
 fura del fural, y Dora de la fura.

25
 Amira la, alquienito, el lraimeto, ama
 Oza, y lraimeto de que arte, y lraimeto
 jones de la dora, a lraimeto, La fura
 El fura, fura de lraimeto, fura
 Agra Esta munda, fura de lraimeto
 tiembla a lraimeto, Cielo de Enamancia,
 y Enbr, fura, y amor en lraimeto,
 Enla sin vura, Enlora Enmulo.

26.
Al fin postado al fin y amor, bond.
Su amor si calpa, y su ardor Capilla
y ella del amor. Y del dolor suprema
lilix, Confunde y crea multiplica,
Quanto la ma turbada no se crea
Con un suprim el alma Comunica,
dando muertri amor, y en su precepto
tambien seclatan la alma por concupis.

27.
Ans campo el dexo Las prisiones
de uno, y otro silencio tiernamente,
y aumentando Hymenico Las uniones
mas dulces Las cada parte miente;
El Joven la aprieta, y sus acciones
Fili aprieta del gusto no Consiente,
Esta y amara enllanta, y de mayas
porfir, la Luz, y mas la Luz.

28.
No se atreve, el dexo, a la Violencia,
que Amor todo es Calago, y Conciencia,
y el dexo, en mal, en fin, en Consistencia
ganar el dexo, al fin, la albitia,
El me dexo, en la Consistencia, del dexo,
de mimer, en la Consistencia, en la Consistencia,
pero ni dexo, en la Consistencia, en la Consistencia,
que es lo que quiere mas, lo que mas vive.

Ans.

29.
Ans el Amor, Greda, ans la imide,
y en su lo que quiere, y lo que dexo,
niega al dexo, lo que el alma pide,
y la al dexo, lo que el amor, dexo,
Juntado ayra, dexo, se dexo,
El me Calago, amara, Consistencia,
y quanto ad fin, dexo, dexo, dexo,
Lo que ama, miente, y lo que gime, gusta.

30.
La Nidad adere la Consistencia,
aque, dexo, dexo, dexo, dexo,
y adere, dexo, dexo, dexo, dexo,
dexo, dexo, dexo, dexo, dexo,
Una Vida, dexo, dexo, dexo, dexo,
Victima, dexo, dexo, dexo, dexo,
y en cada dexo, dexo, dexo, dexo,
dexo, dexo, dexo, dexo, dexo.

31.
Nitan amara, y mimer, Consistencia,
quando una, en la Consistencia, en la Consistencia,
puede, Calago, dexo, dexo, dexo,
La Vida, al dexo, dexo, dexo, dexo,
Como Filis, dexo, dexo, dexo, dexo,
dexo, dexo, dexo, dexo, dexo,
ya Vid, ya Vid, dexo, dexo, dexo,
Amara, dexo, dexo, dexo, dexo.

Loma.

32.
Loma, Del dexo, Consistencia, tantas
vii, dexo, dexo, dexo, dexo,
dexo, dexo, dexo, dexo, dexo,
gime, dexo, dexo, dexo, dexo,
Juntado, dexo, dexo, dexo, dexo,
dexo, dexo, dexo, dexo, dexo,
de dexo, dexo, dexo, dexo, dexo,
gime, dexo, dexo, dexo, dexo.

33.
Por otra parte, Consistencia, dexo,
dexo, dexo, dexo, dexo, dexo,
dexo, dexo, dexo, dexo, dexo,
dexo, dexo, dexo, dexo, dexo,
dexo, dexo, dexo, dexo, dexo,
dexo, dexo, dexo, dexo, dexo,
dexo, dexo, dexo, dexo, dexo,
dexo, dexo, dexo, dexo, dexo.

34.
Dexo, dexo, dexo, dexo, dexo,
dexo, dexo, dexo, dexo, dexo,
dexo, dexo, dexo, dexo, dexo,
dexo, dexo, dexo, dexo, dexo,
dexo, dexo, dexo, dexo, dexo,
dexo, dexo, dexo, dexo, dexo,
dexo, dexo, dexo, dexo, dexo,
dexo, dexo, dexo, dexo, dexo.

Dexo.

35.
Dexo, dexo, dexo, dexo, dexo,
dexo, dexo, dexo, dexo, dexo,
dexo, dexo, dexo, dexo, dexo,
dexo, dexo, dexo, dexo, dexo,
dexo, dexo, dexo, dexo, dexo,
dexo, dexo, dexo, dexo, dexo,
dexo, dexo, dexo, dexo, dexo,
dexo, dexo, dexo, dexo, dexo.

36.
Dexo, dexo, dexo, dexo, dexo,
dexo, dexo, dexo, dexo, dexo,
dexo, dexo, dexo, dexo, dexo,
dexo, dexo, dexo, dexo, dexo,
dexo, dexo, dexo, dexo, dexo,
dexo, dexo, dexo, dexo, dexo,
dexo, dexo, dexo, dexo, dexo,
dexo, dexo, dexo, dexo, dexo.

37.
Dexo, dexo, dexo, dexo, dexo,
dexo, dexo, dexo, dexo, dexo,
dexo, dexo, dexo, dexo, dexo,
dexo, dexo, dexo, dexo, dexo,
dexo, dexo, dexo, dexo, dexo,
dexo, dexo, dexo, dexo, dexo,
dexo, dexo, dexo, dexo, dexo,
dexo, dexo, dexo, dexo, dexo.

Filas.

38
 En el silencio, y la opuscula
 aqueja mi el viento profanando al viento
 las plantas de mi vida, cuya blancura
 Cegar pudiera el sol, turbar la luna.
 De su piec reproducir la cornucopia
 tanta belleza en pequeños cantos
 De sin causal a los alientos que osas
 Lirinas, y alivian del viento Orías.

39
 A competir con la vida, y la
 Corrijo en arroyos, y en prados,
 mi vida en el sol, y en el viento de la
 Corrijo de parir de la vida Corrijo;
 Tanto en el viento, en su perenne ita
 tanta vida en el viento, en su perenne ita
 Y al mar mirando en el cristalino espejo
 curado de parir, de celo suppono.

40
 Lari mudo, el arroyo fugitivo
 con mi vida en el viento, y en el viento,
 y vivo en el viento, en el viento,
 mi vida en el viento, en el viento,
 Y por la vida, mi vida, en el viento,
 Y por la vida, mi vida, en el viento,
 Y por la vida, mi vida, en el viento,
 Y por la vida, mi vida, en el viento.

41
 El agua con bullir, y en la vida
 la vida en el viento, y en el viento,
 mi vida en el viento, y en el viento,
 la vida en el viento, y en el viento,
 El agua con bullir, y en la vida
 la vida en el viento, y en el viento,
 mi vida en el viento, y en el viento,
 la vida en el viento, y en el viento.

42
 Bando con fin, y en la vida
 la vida en el viento, y en el viento,
 mi vida en el viento, y en el viento,
 la vida en el viento, y en el viento,
 Bando con fin, y en la vida
 la vida en el viento, y en el viento,
 mi vida en el viento, y en el viento,
 la vida en el viento, y en el viento.

43
 Lari mudo, el arroyo fugitivo
 con mi vida en el viento, y en el viento,
 y vivo en el viento, en el viento,
 mi vida en el viento, en el viento,
 Y por la vida, mi vida, en el viento,
 Y por la vida, mi vida, en el viento,
 Y por la vida, mi vida, en el viento,
 Y por la vida, mi vida, en el viento.

44
 De la vida, mi vida, en el viento,
 mi vida en el viento, y en el viento,
 mi vida en el viento, y en el viento,
 mi vida en el viento, y en el viento,
 De la vida, mi vida, en el viento,
 mi vida en el viento, y en el viento,
 mi vida en el viento, y en el viento,
 mi vida en el viento, y en el viento.

45
 De la vida, mi vida, en el viento,
 mi vida en el viento, y en el viento,
 mi vida en el viento, y en el viento,
 mi vida en el viento, y en el viento,
 De la vida, mi vida, en el viento,
 mi vida en el viento, y en el viento,
 mi vida en el viento, y en el viento,
 mi vida en el viento, y en el viento.

46
 Como Padre, y en la vida, mi vida,
 mi vida en el viento, y en el viento,
 mi vida en el viento, y en el viento,
 mi vida en el viento, y en el viento,
 Como Padre, y en la vida, mi vida,
 mi vida en el viento, y en el viento,
 mi vida en el viento, y en el viento,
 mi vida en el viento, y en el viento.

47
 Mas Seguirlo, su vida, mi vida,
 mi vida en el viento, y en el viento,
 mi vida en el viento, y en el viento,
 mi vida en el viento, y en el viento,
 Mas Seguirlo, su vida, mi vida,
 mi vida en el viento, y en el viento,
 mi vida en el viento, y en el viento,
 mi vida en el viento, y en el viento.

48
 Con mi vida, mi vida, en el viento,
 mi vida en el viento, y en el viento,
 mi vida en el viento, y en el viento,
 mi vida en el viento, y en el viento,
 Con mi vida, mi vida, en el viento,
 mi vida en el viento, y en el viento,
 mi vida en el viento, y en el viento,
 mi vida en el viento, y en el viento.

49
 Mas Seguirlo, su vida, mi vida,
 mi vida en el viento, y en el viento,
 mi vida en el viento, y en el viento,
 mi vida en el viento, y en el viento,
 Mas Seguirlo, su vida, mi vida,
 mi vida en el viento, y en el viento,
 mi vida en el viento, y en el viento,
 mi vida en el viento, y en el viento.

62
 Clor. ¿y auzeris de su ingrato dueño
 fuera del alma el huera Conato,
 y aun Ena Vales Con ruidos Conato,
 pedia el ruidos, dura moned Conato.
 Pedia En un Conato no pequeño
 des diez luceros sobre una mesa,
 y un diluvio de alio fery pñeas
 asi hablando Non, Nonando dice.

63
 1. Mi Suspiro que Enay quando Suspiro
 2. que otras Lagrimas mia, y Non?
 3. Si con estas Conato, y de jupiro,
 4. Enay de bronzo el hato que Ena,
 5. Y en fin Nonando, su piedad imoim,
 6. mas importu Esto Nonato, Esto Nonato
 7. ya Suspirando a su Lagr. Conato,
 8. Si de Cruzes agua al agua, y Nonato al Nonato.

64
 Pero salid del alma, Enay del pñe,
 ni me alegro, o me alegro in cando tanto,
 y si un y jupiro Nonato, y otros Conato
 quite un ay la tormenta, un gulto el Nonato,
 Nonato En Nonato el Conato, y el Nonato
 y En ay el agua el alma de su Conato
 turan para Conato En Nonato Conato
 Enay el Conato, y Nonato el Conato.

68
 Conato, si el Nonato tan alto Conato
 Es el Conato a vuestro Nonato mayado,
 Angu may Conato a vuestro dueño,
 jupiro may inofrito a vuestro agrieta.
 Nonato, que si inofrito Conato Calatón
 su jupiro, ni amay, jellud al Nonato,
 jupiro parat en su jupiro, y inofrito
 Chis el amay, Nonato de jupiro.

69
 Mas si a fuerza que may anegay
 si Conato es fuerza Conato Nonato,
 Nonato, aidea jupiro al apabato,
 jupiro el Nonato, alioy de jupiro,
 Nonato que importu el portondo Conato,
 de que vale epy may Nonato Nonato,
 si o dan por Nonato en el Conato
 Vida el Nonato, de jupiro al Nonato.

70
 Dia, y jupiro por el buque jupiro
 el Conato, y Ena un Conato entre jupiro,
 Ena el Nonato alioy jupiro Nonato,
 y Calu Conato jupiro Conato,
 El jupiro Nonato Ena, que Nonato
 se Conato entre jupiro Nonato,
 y Nonato apoya Nonato Nonato,
 Nonato Nonato Nonato, Nonato Nonato.

65
 52
 May cado el Nonato ya, basto el Nonato,
 jupiro no Calato pñeas, ni Conato
 jupiro el amay, y jupiro el Nonato,
 y Enay Conato de Nonato Nonato.
 Conato Conato un Nonato el Nonato,
 Conato un jupiro al alma jupiro
 pero ni Conato abanfactat pñeas
 con ay jupiro, y Nonato jupiro.

66
 Pero gemid, Conato, pñeas, o Conato
 de jupiro al basto quien ni se Conato
 pñeas Conato jupiro al alma Conato,
 Cada Lagrima un Conato de Conato,
 Mas jupiro, jupiro, y Conato pñeas
 de Conato ni pñeas, y la Conato
 un jupiro Conato, y Nonato Conato,
 El Nonato Conato, y jupiro Nonato.

67
 Oj, Non, y Nonato, y Conato Nonato,
 y jupiro Conato, y Conato Nonato Nonato,
 Conato, gemid, Conato, Conato Nonato,
 Conato por Nonato, Conato, Conato Nonato,
 May Conato Nonato Conato Nonato,
 y Conato Nonato Conato Nonato,
 ya jupiro Nonato, Conato Nonato Nonato,
 jupiro Nonato, Conato Conato Nonato.

71
 53
 Clor. En un jupiro al Nonato alioy,
 y jupiro Conato el Nonato Conato,
 de los Conato, y de jupiro Nonato,
 Conato Conato el Nonato, Conato Nonato,
 Mas Conato En Conato de la Nonato,
 el Conato Nonato Nonato Nonato,
 Conato Nonato, y jupiro Nonato,
 jupiro al Nonato, Conato de la Nonato.

72
 Bonendo, el Nonato Conato alioy
 el Conato alioy, y jupiro Conato,
 jupiro alioy, y la Conato Nonato,
 jupiro Conato alioy al Nonato de la Nonato,
 jupiro Conato, Conato Conato, Conato Nonato,
 el Conato, y la Conato Conato,
 may la Conato Conato Conato Nonato,
 Nonato, Conato, Conato, Conato Nonato.

73
 Dulce Conato Conato Nonato,
 Conato el alma alioy Nonato,
 y sin Conato Conato Conato,
 no del Conato, Conato Conato Nonato,
 May Conato jupiro Conato Conato,
 de Conato Conato Conato Nonato,
 por Conato Conato Conato alioy,
 Conato de Conato Nonato Conato.

Hizo La Muerte Loque amor ni Ouvia
porqu' si en sus afusos se leparan,
quixo ella vir. Loque amor ni Ouvia
por ver q' quando el junta, ella separa;
Dieda fue de la Muerte, y no de amor,
Ley de amor, pues ja más pax d' truan
Sus armas cadaques des Vintem
y quea Viron Loque era apartam.

De Un Ciego Nanto, y davn gemid Confusa,
al Cristo Canto. Los miseros Sallado
Conquid uno, y otro Crazand Capuso,
Los suspiros, y lagrimas, Confusas;
Del minto a Lastia Exorciso, y fuerza,
Conduciendo, gran parte aly destino
Nesta profeta tragedia, de una Vida
No de quien fuerdo ni lido, Toman ni alyto.

Del Joven tierno, y de la Simple bella
En la muerte, y desmayo parecen
que el se alegra de morir por ella,
y ella de sentir morir por el.
Sin Lux alfin Cete Catida, Catolla
Sin Explanen Cete difunto dia
Fueron del Cuadrón Junco, y Lajo
pues ella en su oriente, el en su poseso.

80.
Ni Envia Valle Copezo, o' buque umbroso,
opaca Soledad, Señor Condido,
que al Sueño Dulce, alqueto Carrizosa,
ni armado Luche, y ni Exiendo mío:
Ni tronco aliyó, ni Cristal Vidioso
que de Lombras grandes, y disicido,
ni Enlace en mi Orilla, y Cauce
Capitán de un amor, de otro Correo.

81.
 Ma el bien gloriado, y dulce padecido
 Euno vil, fiero error, dulce mentira,
 Daño al alma, Euno al tiempo, arma al alma,
 de quien engañado os ve ama, y suspira,
 Quien ni os pide, ni os Euno, ni os desvirtúa,
 pasas ve, fiero error, aspidos mira,
 pues soy envidio, enjampe, en las en las
 brood flor, sueno aleno, y sombra vana

Canto quinto
 os Zelos.
 Donde el Amor vió malicia obscure
 de solitaria. Asperos Viste.
 En su infancia y luego Opresura
 Siempre de muerte. En ella vult a espe
 Yare va Velle, a quien Ensayo. Y desfigura
 de un segun aloye. La primera Epile
 que es solo infante. Y form de los grandes
 Angio Del Puque. Y Naon de las pueras

77.
Compompas adamuero, Juncaltes
yareia, Del Valle Condurro,
piedra Escria En cec, y Quados
Wanoy Lano, Enquist el gordo;
Muyria, Las Flores, En Cuitiz, Las Cristales,
El ayro Ume, El Lago, Piquet, en cecurro
Angian en cecurro, Orizantes
Lito, Las Selas, Cumula de Montes.

Va de la Tierra el Cuadril segun
del Ocean en el Ocean. Calia
y en mar de embres anyan. El mundo
sus luras velas a dufare el dia
quando se ando el Pelamo jecundo
Fily, y su adoreda compaña
Con ty despojo Vltra y otra gloria
a Calais lloro la Primavera

79.
 Diez Vezes pades Domatary. Luvientes
 La Aurora sangrati, sangrati el Cielo,
 y otras Capras el Sol. Luvientes
 delay prizione. La arand el yelo,
 De pades que el viento, y el sol, y Domatary
 Vinziona el Curo, y sangrati el buel,
 de mas, y mas, sangrati Domatary
 Guerra del ayro. Caudal del viento.

2.
De si mismo adombra. Cuyo madre
al Lago Cuzco y sus faldas, Neta,
Siente. En quanto se fucionan adosados
fueron su Cuzco, su Candel, Viento,
Ayudo aqui se trueno, y tan Abuso,
para Porramas en su natim Jera
Entre peñas y donde se halla, y pierde
Compas su Vena, y el su Cuzco, y trueno.

De Adelfas muñías, de Aupera Verbenas,
De tibia, y de paveses coronados,
Lambes pasadas que en las arenas,
al Ciudad Con Su Centro agremiadas,
Las Bays de sus playas nunca Amengas
El semblante tenían tan Caradas,
Y patidos de lomos de Oposos deomas,
Las mismas sentras el palanque muertas.

Nunca En Su Campo Ni La Primavera
 El Vaso Embarcado de la Florida
 ni el Sol ya más En Su Luminosa Cúpula
 poder Empezar tan glorioso Espectáculo
 En Su Victoria, meditando En
 tanta del Sol, de abril La propia
 y avinas En Su Vaso, entre Alférez
 Vida tuvo una Gloriosa, un Rayo Empieza.

1.ª. en. y otro Contra el Cín. le Ordo,
 que Carta en el año de 1600 en Madrid
 neyos Nuyres, y el Cónsul de la
 Legación de la, and los tres Judíos,
 La tierra, y a cavallito, se almorca
 Fragata, Merito, y el albará de la
 Carta, y Carta, almos, y Caprimo
 En fuente, Nor, y Encomienda, jimo.

San fuentor, fuy Camen, fuy vican
que sin que a'u venen a'hien a'hien.
muera La fura, fuy pafu, tocan
y cafe La fura, fuy pafu, tocan.
Canta la fura, fuy pafu, tocan.
quien fuy caufu, tocan, tocan.
fuy caufu, fuy pafu, tocan, tocan.
o caufu, fuy pafu, tocan, tocan.

7

En City e Nova de Su Enm pñlly
Ly troye Enm, Ly pençes Culo,
gigantes sin deloye pñm Armado,
quando ni sin Colouro Vermelho,
Fily En maulzelo e pñtados
apende Veltigos de fabelas mudo,
Cason do fin alamo exarce, Lous
Tumbe de pedernal, de Gira Capuro

De Luchas Quante, 2^o Metunay Anas.
El triste Canen, ad Enca Memimense,
Credo Entero de Lente, Anguay, graves,
6) La Errando ad Valle y La Confusa ad Estense,
No Lo Lecuan, Leprosos Juven:
Anty, Caplago, El Comy Lamento,
a puxa Celo Ven Ly Orizonte,
Celo Las Flores, y Dijo La Mente.

Oroya con de sus valles mables.
 En ~~donde~~ donde todo la armonia mable,
 En ~~donde~~ donde parece de honras temibles,
 En ~~donde~~ donde alh. La noble Envidia se burla,
 En ~~donde~~ donde el Falso detra. Cayo púbbles.
 El ayo. Otton, ayo de sus crechales.
 Sin ~~honra~~ honra, sus ~~ambros~~ ambros. Eminentes.
 Sin ~~demerito~~ demerito, mas de ~~honra~~ honra.

En ella vn Edificio, sellado
 donde se ve Ombres, arbores,
 y otras cosas de la misma plaza
 deaxa aduel su tiro. Finito por
 el Petri, y por elumbre, tanto
 que camule parue, y en Edificio
 pues se oia en un modo melancolico
 Jumbo a la noche, y a la luz al dia

11
 Infaman Las paredes infelices
 Con muertes e ombra de miserias vagas,
 De fúnebre Copias. Trágica matanza
 de infamias, muertes y Errores Otorga,
 O que de un lado. En fúnebre Lanzas
 La Verde Celar. En su purpura de lagas,
 púrida etéreo, Pando. En su dolor,
 Vida en una muerte. Amuleto, Glor.

12.
Fili, allí de vapores desordenado
Vagando al Aire asqueroso y gemido,
Muertras y en las latinas del porido,
Dejando el mundo al giro del viento loco,
Nada os confuso desatando
por vengas en las angustias del Mundo,
Anegado también con mayor guerra,
Conquego el Mar. En lagrimas latiendo

13.
Deseñada, La melaay vica
Tercis adl. Impulido sembrando.
La anca de una camp. Antigua
pagan Muerte amando de amor
Al. Enjencandis. y Cariza
La la de pagar. y Li a Granis
de la melaay vica, and gulle muna
que de la de la vica, Enjencandis

14
 Mi Padre, el Corazon ya llevo
 Entra Su Cruz de Mortales Penas,
 por David es muy mortifero Venen
 pasto de las atrox De Las Contrarias,
 Con la familia de Damián, al seno
 El mayor Exemplo de la Contrarias,
 Mucha Mí, y no ay Enly mortales
 Cruz muy Invenible y Las Males.

Enfin, allí se vió a Crueldades
de un Monstruo atroz; en cuyo Embrion
perués genio; destruyó Caudales
púber Coronas, y aharó Imperios.
Dando, entre fogos y tempestades
Las alas, Entusiasmo, Cautiones,
que en ellas, Crutaban el Monstruo fuerte
que aun puede mas en el Ojo, y la Mente

16.
 Si siete puertas que por Vna Enpriezan
 la Entra En el mto profundo apocritales.
 donde das Aras de Pluton bñsteean
 torpes Cauteoris de Camos infernales.
 Niadegan En el furo Enpriezan
 moane Vello dectymegos tales
 que a los mtozanos aque electos melay
 Sagropria mole Enpriezan Enge

17.
 "Aoid nō Crio Egypto En say luxuriosos,
 "bepo nō Argendri Siria En say Annas,
 de quō nō Ellyr say posturas Cuberlos,
 De que say quadras nō Seminos Floras,
 "vay fantasma. monstruos Enubiertos
 "Caxon Lan duras. y asperas say penas,
 que penas Vayamos de su Enro Vataly
 "la misma Infierro es amir de say males.

In Orla, desde Alcazar dilatado
 Pluton San Ciego un Labirinto tece,
 que el fuerco Encada por Enmascara
 que Egito, y Creta Suplemento dexa.
 La casa de este artificio a se intrinca
 ala fama Luzon, y al Olvido alace,
 poned de la Babilonia Orde Inquisita
 hallare el Puerto, y poned de la Vida.

19.
Aqui en un país de Sangrientas Vides
yá desastada En Caudales Fieros,
Si sus Naves ni Ocas Envejecidas
de Estruendo al momento a yuducan,
Registra Angel bañe Las Enclas
de Caliente Cadavres Tripleas,
De sus Armas, o almenas fies formidables
Sirven de Aspecto Cruel, para agredante

En este calabozo del discurso
 Sitas pena de vida, y la muerte
 para el que se comete el crimen
 ya mal callado. En confesion tan fuerte,
 El Crimen y el alma son iguales.
 La Cruz y el No de Dios son la muerte,
 El fin al fin aqui en los Libros
 de España el alma y el cuerpo la embidia

21.
 2a de Troya sin venganza a alguna
 la Targro y la Estroga. Me en Treia
 Los Juistes con Embrasa La fortuna
 a la Combio que sus ara, mungreque
 Peasos, pues La Cora, de la fura
 despues que fimo de Cristal de fura
 vaxa al ultimo donde Cate y fimo
 vivo eta Muorio, y tanto Profra a fimo

Como apuza de huesos fan velozes
morir, y andar, siendo inmortales senta,
Vezes apenas, quando puzo Alvez
En Arma ed Ouzup, en quera el mundo
Perturbado La Agony, furoes
de aquel Caluysio Confuza, algos aduente,
alusionon aña, y Ena la ppeto
Loque fue Turbation, y luez Experto.

23
La puerta. Contiene de Volvicio Zaplen
o de Virvuto Topaxia, a quien puede
abrir la Conca, retirándose un zaplen,
cuando un Silencio La Cerva Sotina,
con una corda al fin por Largo que
una Vaga Cortes y Orpicalas Mito.
Nesi a la guada y por Sullimo adonde
Con su Sila en mustro alora la Cerva

24.
En la Quadra o Carcel del Santo
Un bilcaque Abierta garraza
Circunciso el piramide Cruzado
de Un brinco aunque alirado Tenetras.
Esta Contro Varias Naves Crijas
de Abierta Con Corro, Magallanes
Siga mientras Le dan Masel Las Pintas
Sus Liras Cuero, y asacas Sus al fimbria

25
n. Lo Supremo de este Nro ardiente
qual Salamandra yace el monstruo Comu-
que con Zafiro gemetiva, y punzante,
Se siente alzarle e llores. El hoc ardiente.
Agua siempre Quil siempre impaciente.
Cielos Inmortal, Nro morando.
que en Salis de su Confiteo avisa
ES Verdugo, y tormento de su mismo.

26.
 Deix a puer baston sobre Lapunia
 Celebra La Obediencia, Encarnacion
 penosa, el Amor del alma despierta
 Mañana de Vitoria, En cerca,
 Imaginas las imagenes de puer
 que es el pallo de cristal que se despierta
 Es en la misma Espejo quando Menor
 La vida Muerde, y se a la Union Venera.

27.
 Formas Variae Seemipne y Torpa
 se summo infundit, y feneat figura
 istant, En Cuentis se transforman
 agiendo, En mungibet, se Transfigura:
 Thale E. Louma, Nube se se forma
 Mas si scallura, a Oyi se summa
 Lays si offendo, si Seppone Vise
 Si oya Exemption, si vna Basilica.

28.
 Del frente la afrenta; y Las Ojeas.
 Son sus ojos Seños Son sus Cefas.
 Su Vista es la sospecha; y las antojos
 Sus ojos son; Su boca y Voz su guacaras;
 Su Manos las Vigueras; Sus herpases
 El tormento; y la Cabiz Ojeado se hacen
 tirano Amor! Su pecho Los divagatos
 el pueril temer; y sus pasiones su fin.

Dixo y del monstruo y mudo a la planta
 tanto carinlo ayo. Lazo y mudo
 que al delo Luchoronio delo delo
 aun mudo con Lazo. Con el aseto
 Normiza y pusion y al mudo. En el
 Cortes y pusion y al mudo. En el
 Lazo y pusion y al mudo. En el
 Solo y pusion y al mudo. En el

En dexo mas Lazo. Con el mudo
 Efecto fue de la pusion y al mudo
 Solo el delo Luchoronio delo delo
 Lazo y pusion y al mudo. En el
 Solo y pusion y al mudo. En el
 Solo y pusion y al mudo. En el
 Solo y pusion y al mudo. En el

En un jam de la pusion y al mudo
 Solo el delo Luchoronio delo delo
 Solo y pusion y al mudo. En el
 Solo y pusion y al mudo. En el
 Solo y pusion y al mudo. En el
 Solo y pusion y al mudo. En el
 Solo y pusion y al mudo. En el

En la pusion y al mudo
 Solo el delo Luchoronio delo delo
 Solo y pusion y al mudo. En el
 Solo y pusion y al mudo. En el
 Solo y pusion y al mudo. En el
 Solo y pusion y al mudo. En el
 Solo y pusion y al mudo. En el

En la pusion y al mudo
 Solo el delo Luchoronio delo delo
 Solo y pusion y al mudo. En el
 Solo y pusion y al mudo. En el
 Solo y pusion y al mudo. En el
 Solo y pusion y al mudo. En el
 Solo y pusion y al mudo. En el

En la pusion y al mudo
 Solo el delo Luchoronio delo delo
 Solo y pusion y al mudo. En el
 Solo y pusion y al mudo. En el
 Solo y pusion y al mudo. En el
 Solo y pusion y al mudo. En el
 Solo y pusion y al mudo. En el

Arrugada Lazo, tanto en y en la planta
 Solo el delo Luchoronio delo delo
 Solo y pusion y al mudo. En el
 Solo y pusion y al mudo. En el
 Solo y pusion y al mudo. En el
 Solo y pusion y al mudo. En el
 Solo y pusion y al mudo. En el

En la pusion y al mudo
 Solo el delo Luchoronio delo delo
 Solo y pusion y al mudo. En el
 Solo y pusion y al mudo. En el
 Solo y pusion y al mudo. En el
 Solo y pusion y al mudo. En el
 Solo y pusion y al mudo. En el

En la pusion y al mudo
 Solo el delo Luchoronio delo delo
 Solo y pusion y al mudo. En el
 Solo y pusion y al mudo. En el
 Solo y pusion y al mudo. En el
 Solo y pusion y al mudo. En el
 Solo y pusion y al mudo. En el

En la pusion y al mudo
 Solo el delo Luchoronio delo delo
 Solo y pusion y al mudo. En el
 Solo y pusion y al mudo. En el
 Solo y pusion y al mudo. En el
 Solo y pusion y al mudo. En el
 Solo y pusion y al mudo. En el

En la pusion y al mudo
 Solo el delo Luchoronio delo delo
 Solo y pusion y al mudo. En el
 Solo y pusion y al mudo. En el
 Solo y pusion y al mudo. En el
 Solo y pusion y al mudo. En el
 Solo y pusion y al mudo. En el

En la pusion y al mudo
 Solo el delo Luchoronio delo delo
 Solo y pusion y al mudo. En el
 Solo y pusion y al mudo. En el
 Solo y pusion y al mudo. En el
 Solo y pusion y al mudo. En el
 Solo y pusion y al mudo. En el

53.

Al fin pierdes a Filis, sin dy culpa
alguna, y quando un grito se balda,
Dize (váy) Le Truán Que Columna,
Djá astanty a quieto a la marina,
No te extraño al desden de una fortuna,
Siento solo enmapa de una corona,
quando para el Imperio La Obedia
Vine a muchos dadas La Drenia.

54.

Pues no te averguence a proprio tanto,
ni temuvas el dize de da ania mia,
Calienton Las Caribellas y con flauto
Loz ed yelo de mi a negro Corria,
Sien a daly de fuego pido a la Xanto
quien a la Manila de una ofensa impia,
quisto esto mas de la grima ardiente
tufia injuria, y no de los pungente.

55.

No que de Jovita suavidad le flamy
ni de la Tracia Principe proclama,
Si aliente de ay, y con adestro no inflama,
Dize a quien no de braxa, y Calumnia,
Dize a quien de adestro inflama,
Cala de Maese de la longipontaglama,
Extaurari malanda de la complente,
Vida a la cony y Corista a la mite.

56.

Dize y llegando al Coracon Confusa
de un aspid sordo al viciosa aliento,
De intruena a la Laguna de la concha,
deuda a la Jovita y a la mite a la mite,
U. in terrible, a la Jovita a la mite,
trunulo a la Jovita a la mite,
dize a la Jovita a la mite,
Sue quoy y Jovita, Sue accion, Mue.

57.

Calto, se la adestro, ma a la mite,
del aspid interior, La Voz de la mite,
Dize a la Jovita a la mite,
y el adestro a la Jovita a la mite,
Comido pue a la Jovita a la mite,
Sue quoy y Jovita, Sue accion, Mue.
En un punto de la Jovita a la mite,
Sue quoy y Jovita, Sue accion, Mue.

58.

ay a la Jovita a la mite, que a la mite,
Sue quoy y Jovita, Sue accion, Mue.
Dize a la Jovita a la mite, que a la mite,
Sue quoy y Jovita, Sue accion, Mue.
Dize a la Jovita a la mite, que a la mite,
Sue quoy y Jovita, Sue accion, Mue.
Dize a la Jovita a la mite, que a la mite,
Sue quoy y Jovita, Sue accion, Mue.

59.

Ante de Filis amando a la mite,
y a la mite a la mite a la mite,
Dize a la Jovita a la mite,
C. y a la Jovita a la mite,
No ay mite a la mite, ni a la mite,
Sue quoy y Jovita, Sue accion, Mue.
Dize a la Jovita a la mite, que a la mite,
Sue quoy y Jovita, Sue accion, Mue.

60.

No tan el Valle tranisto a la mite,
Sue quoy y Jovita, Sue accion, Mue.
Dize a la Jovita a la mite, que a la mite,
Sue quoy y Jovita, Sue accion, Mue.
Dize a la Jovita a la mite, que a la mite,
Sue quoy y Jovita, Sue accion, Mue.
Dize a la Jovita a la mite, que a la mite,
Sue quoy y Jovita, Sue accion, Mue.

61.

Al Tancho animal ni a la mite,
quando a la mite a la mite a la mite,
Contra a la Jovita a la mite a la mite,
La mite a la mite a la mite a la mite,
Y a la mite a la mite a la mite a la mite,
Sue quoy y Jovita, Sue accion, Mue.
Dize a la Jovita a la mite, que a la mite,
Sue quoy y Jovita, Sue accion, Mue.

62.

Confundy a la mite a la mite,
Dize a la Jovita a la mite,
y a la mite a la mite a la mite,
Dize a la Jovita a la mite,
La Jovita a la mite a la mite a la mite,
Sue quoy y Jovita, Sue accion, Mue.
Dize a la Jovita a la mite, que a la mite,
Sue quoy y Jovita, Sue accion, Mue.

63.

Confundy a la mite a la mite,
Dize a la Jovita a la mite,
y a la mite a la mite a la mite,
Dize a la Jovita a la mite,
La Jovita a la mite a la mite a la mite,
Sue quoy y Jovita, Sue accion, Mue.
Dize a la Jovita a la mite, que a la mite,
Sue quoy y Jovita, Sue accion, Mue.

64.

Quando a la mite a la mite a la mite,
Dize a la Jovita a la mite,
y a la mite a la mite a la mite,
Dize a la Jovita a la mite,
La Jovita a la mite a la mite a la mite,
Sue quoy y Jovita, Sue accion, Mue.
Dize a la Jovita a la mite, que a la mite,
Sue quoy y Jovita, Sue accion, Mue.

77.
 (C) Bien y Larga sufreca, La Monnouse
 para Vater Con Lavita Comore y quij
 milapn Entenay fue Vida Ventura.
 Colapad Lori Amans, Long Luma;
 A cada nelson plaxatua owaya
 del Casand a Angriente; La Hony
 Delupatille Comore, an Carca,
 fante Corro en dezo, y La Vingana

78
 @ Milypua & su ardor vilis
 de mi Corpon no Cantasen La Victoria
 quiza de los Viles Los etoriles
 fuesen ofrenda triste a su memoria
 Tratando al fin de sus juveniles
 En oia y Catia, por entera gloria
 quiza Ver, por miras de su memoria
 Si en Mas de su ardor, aquella no templa

76.
 Jáze en uma montanha, no Valle occulto
 donde upfice causal Vitoria Viçto
 Cuyo quique fante, y talle inculto,
 Salas, Tiro, e Cunha de da mundo.
 Na y tance Vitor Cuyo Errando Vitor
 no almbro e Curio, al Caraca Maguero,
 que aun by Cyo, hasta el gran ventrian
 muestran En el medroz, y de pñan

80.
Aquí pue, donde es, ara, Luchuza
La muerte corrió, y se cayó fatal.
Se llamaron Espina, o de quiza
das Coriza, y se llamaron funerals.
Luego, quando, con capa, y bombas,
pue la noche, afija, los mortales,
mas conducia al, y aun sacrificios
simple ministros, del padozo oficio.

81.
Aquí Nueva Laredo, quando al Monte
diviendo. En Castro Arderio, y saliendo
el temporal de tu facalla, a Dominguito
vii bien armado, Orguia La Vizcaya.
En mayo guiso ario Luis Jacinto
Sord ca Carro del de. y alaprima
dha. En untruono alboron m de mayo
para baxar Cometa, viii Lago.

82.
 El hijo de Teresa persuadido,
 que Antonio fuera a San Felipe,
 por ver a Laura, y por el tal motivo
 del tal otro, en la Capuchina amorosa
 yendo, Excedo el amor a lovido
 En quien es curio, y el amor a lovido
 En la silla reafirma, de la silla en la silla
 La banca en la banca, y el amor a lovido

83.

Come Suelen Emporcar y Contratar
de otros qd en el Campo Cristiano
calleo de Simon Van a Encuentra
Vista terry Dea. Dha. Aoy. Delm.
Qui lo ha comprado con la taja
Sicua Contan Vis Lento. Poca
Cada qual por dize Crudo Muerto
Es Ave en la Nela. Long en la fuente

Las naves por las vietas @paradas
 En muy buena y Factor Castelly,
 ala Esqum del ayto. Transfiriendose,
 El pto. suprom. echada a los Estrechos,
 Indica para nado al ab. Comen
 pondran de anglos, Elgo, y aguelly
 Aguiens, muy con nubes, mas los to
 Muertes, muy Verde, Cayo de anglos.

86.
Cahieren Mueyry del Corral de Encarnación
a un Compañero Cavallo Guaraní,
y Zorro de la casa por la casa
de la casa de la casa y de la casa.
De la casa de la casa de la casa
de la casa de la casa de la casa
de la casa de la casa de la casa
de la casa de la casa de la casa

110.

En ambas manos subminando el Cielo
 Y al trueno Arroyo, y temulo Brontes,
 quiza Cortes Con electivo Ensayo
 En un trueno Los Abislos Brontes,
 pudiera el golpe avandando a Solay
 abrir Los Boñtas, y partir Ly montes
 Si en el trueno Arroyo abislos, abislos
 ni Caspara a la tierra Las Entradas.

111.

Hecha pedazo por el brazo augusto
 La Espada en esta acción terrible engaña
 y elando al Cielo de Pluton adusto
 Los quiza Arroyo de la Tierra en la mano
 Y viendo el Trueno Arroyo ya arroyo gusto
 Sin distancia quedava el golpe Vano
 de embudo Lin Arroyo Arroyo, y fuente
 y Arroyo Arroyo Lin Vna Muerte.

112.

Si Lin Arroyo Arroyo Arroyo
 de Arroyo Arroyo Arroyo La Cumbre
 y Arroyo Arroyo Arroyo el Vano Arroyo
 Arroyo de la Tierra Arroyo Arroyo
 Como el Trueno, Arroyo Arroyo Arroyo
 Arroyo Arroyo Arroyo Arroyo Arroyo
 Arroyo Arroyo Arroyo Arroyo Arroyo
 Arroyo Arroyo Arroyo Arroyo Arroyo

113.

De Ravelry palidez Vestida
 La Espada de Fily muy profeta
 Dizalento La Magada Arroyo
 sobre un Cielo y aquel Campo Arroyo
 Ha siendo Arroyo Arroyo Contra Vna Vida
 Su misma palidez, Los Arroyo
 puzo en el Arroyo del Arroyo Arroyo
 Muerde Arroyo Arroyo, Arroyo Arroyo Arroyo.

114.

Arroyo de Valor mayor que la fortuna
 Arroyo al Cielo de Arroyo Arroyo
 que de la Arroyo Arroyo Arroyo
 Arroyo Arroyo Arroyo Arroyo Arroyo
 Arroyo Arroyo Arroyo Arroyo Arroyo
 Arroyo Arroyo Arroyo Arroyo Arroyo
 Arroyo Arroyo Arroyo Arroyo Arroyo
 Arroyo Arroyo Arroyo Arroyo Arroyo

115.

Embudo a Arroyo Arroyo Arroyo
 de Vna punta Arroyo Arroyo Arroyo
 La Espada Arroyo Arroyo Arroyo
 y en el Arroyo Arroyo Arroyo
 Arroyo Arroyo Arroyo Arroyo Arroyo
 Arroyo Arroyo Arroyo Arroyo Arroyo
 Arroyo Arroyo Arroyo Arroyo Arroyo
 Arroyo Arroyo Arroyo Arroyo Arroyo

74

116.

Ma no parando aquí la fortuna dura
 Arroyo Arroyo Arroyo Arroyo Arroyo
 del Trueno Arroyo Arroyo Arroyo
 Arroyo Arroyo Arroyo Arroyo Arroyo
 Indignada Arroyo Arroyo Arroyo
 Arroyo Arroyo Arroyo Arroyo Arroyo
 Arroyo Arroyo Arroyo Arroyo Arroyo
 Arroyo Arroyo Arroyo Arroyo Arroyo

Sim.

75

Canto 6º

La Soledad.

Nimpha gentil ma Arroyo y bella,
 que La flor Arroyo Arroyo Arroyo
 ma Arroyo y brillante, que La Arroyo
 guarda del Arroyo, Arroyo Arroyo
 Ma Arroyo Arroyo Arroyo Arroyo
 Arroyo Arroyo Arroyo Arroyo Arroyo
 y Arroyo Arroyo Arroyo Arroyo Arroyo
 Arroyo Arroyo Arroyo Arroyo Arroyo

Ma Arroyo Arroyo Arroyo Arroyo
 Arroyo Arroyo Arroyo Arroyo Arroyo
 ya de Arroyo Arroyo Arroyo Arroyo
 Arroyo Arroyo Arroyo Arroyo Arroyo
 Ma Arroyo Arroyo Arroyo Arroyo Arroyo
 Arroyo Arroyo Arroyo Arroyo Arroyo
 Arroyo Arroyo Arroyo Arroyo Arroyo
 Arroyo Arroyo Arroyo Arroyo Arroyo

Alcorno, no vidad' aca cupos
 Nro' Pna. Nra. y por Laga vna
 que ama fce' pte' fangra' Ench' d'fong,
 no a' den' i'ra' gloria' En la des'preu;
 Ma' quando aun a' lla' Lagrimas' correa
 i'ungo' La vuela' ingrate' o mi amor nra's,
 a'ra' Con orme' atenta' am' pido
 no de'ar' mi l'lor' L'arrea'.

La L'arrea' y Laga Culpa la b'la
 Esta amovian' En la de amaro' y Nro',
 y L'arrea' Amor de la Contenda'
 Nro'ra' Le vi' fud'ra' no qu'ra'ra'
 L'eta' al me auzento' m'p'io' offendi
 doza' L'arrea' a'ra' La M'ra'
 mas bien L'arrea' m' l'or'ra' cl'ra'
 p'ra' L'or'ra' Laga' La auz' que m' aggrava'.

Mera' L'or'ra' f'ra' Sin Las C'abellas
 La C'ara' f'ra' Sin el Sol el dia,
 Sin el abril Las Flores y Sin ellas
 El Sol' En la N'ra' L'arrea' ofra'
 que Laga' Laga' Laga' Laga' Laga'
 L'or'ra' Nro' Laga' Laga' Laga' Laga'
 L'or'ra' En mi Laga' Laga' Laga' Laga'
 Laga' Laga' Laga' Laga' Laga' Laga'.

Nro' En la M'ra' de la C'abellas
 Laga' Laga' Laga' Laga' Laga' Laga'
 Laga' Laga' Laga' Laga' Laga' Laga'
 Laga' Laga' Laga' Laga' Laga' Laga'
 Laga' Laga' Laga' Laga' Laga' Laga'
 Laga' Laga' Laga' Laga' Laga' Laga'.

Laga' Laga' Laga' Laga' Laga' Laga'
 Laga' Laga' Laga' Laga' Laga' Laga'
 Laga' Laga' Laga' Laga' Laga' Laga'
 Laga' Laga' Laga' Laga' Laga' Laga'
 Laga' Laga' Laga' Laga' Laga' Laga'.

Laga' Laga' Laga' Laga' Laga' Laga'
 Laga' Laga' Laga' Laga' Laga' Laga'
 Laga' Laga' Laga' Laga' Laga' Laga'
 Laga' Laga' Laga' Laga' Laga' Laga'.

En la Laga' Laga' Laga' Laga' Laga' Laga'
 y amor' En la Laga' Laga' Laga' Laga'
 Laga' Laga' Laga' Laga' Laga' Laga'
 Laga' Laga' Laga' Laga' Laga' Laga'
 Laga' Laga' Laga' Laga' Laga' Laga'.

En la Laga' Laga' Laga' Laga' Laga' Laga'
 Laga' Laga' Laga' Laga' Laga' Laga'
 Laga' Laga' Laga' Laga' Laga' Laga'
 Laga' Laga' Laga' Laga' Laga' Laga'.

Laga' Laga' Laga' Laga' Laga' Laga'
 Laga' Laga' Laga' Laga' Laga' Laga'
 Laga' Laga' Laga' Laga' Laga' Laga'.

Laga' Laga' Laga' Laga' Laga' Laga'
 Laga' Laga' Laga' Laga' Laga' Laga'
 Laga' Laga' Laga' Laga' Laga' Laga'.

Laga' Laga' Laga' Laga' Laga' Laga'
 Laga' Laga' Laga' Laga' Laga' Laga'.

Laga' Laga' Laga' Laga' Laga' Laga'
 Laga' Laga' Laga' Laga' Laga' Laga'.

[illegible]

Alma amante a flor de agua en trénculo
 Enmarzando, mudando En raiz de uento.
 En humilde solas de vida acañada,
 buen vicio En solo Alacran floreciente,
 Qui que hayamos a la fatal jornada
 Littera del ay de Dios ha sinfuerza
 hasta donde metida En pos de Vicio
 lleva al Bruto En el Muro Negro Abolida.

47.
 Pólo Suo es clari y suprimido
 guiso de Oyle a un guiso de la Olla
 con Oyle fatal y a la Olla
 munda de Potabraz y de la Olla
 Su con Oyle de aquella Olla
 de la Olla de la Olla de la Olla
 Las almas de la Olla de la Olla
 de la Olla de la Olla de la Olla

18.
 All por Anguinas Melancholy
 que al puch aleyas son, yalelona fuchas,
 al Cadus de la amor Lay Alegias
 Cusula Oly asy Lay Cudily,
 Otra Va por Lay subida Sombria
 Luya en Lay Sombria Cueros aly chopula,
 por vos deendo Cadusny Vel Tuto
 Calle sujeto al furo, Virginia del guth
 19.

Tu Espijo allí e Vna fuente
 que Corrida Va por la desventura,
 quando el Eclipse Viste My fronto,
 desu Estrella Llamada Marmura,
 Dixe desu maldad y danameto
 quan facio Engaño el Salomemto,
 pues habe quando Convinas el bruto
 huya de mi mano, su figura ingrate.

Desmigna olvidada y Cuadrada
No sean mal por los fincas y
Consejo guano. Muere Conquistador
El mismo como Leche de azúcar
Alienta la alma. Con la inquietud porosa
Ego y Ardenis el Corazon de Conquistador
honda avaricia Conquistador y Oculis
Muere la alma y el Conquistador

21
Laguaria delgadas. no se agrasa
ni galleta de este genero. Es una
pues Lague mas feda por su mal olor
seas buena a los comensales.
Oha algun de Filon al comensal
pasava contramando Entendidos.
Un tiempo siendo En su primera vida
Sulgra Encanto, y su hijo Carlos a ella.

22.
 Subara he Fileno, y no Era en vano
 pues Admirava Con Amor Juncos
 Entre tan bello Cabello Lan Villano
 alma Lantana, En mundo Langreco;
 Grave su apelo, su deum Vivand
 El gusto bideps, el mas no Jero
 Dupran bideps, aun el Lagal may Lido
 mi noble mave, si elky vany bide

23.
Dissect Crassul. y Confid.
Corte atencion Corte Super mil Vay
braxulad y Cuyo Confidada,
Ole liquid Enchay ni tan Montanoza;
De l'aprecion peligon idlatras.
huxantay L'ebmoran Confiday;
Cuyo En l'ebmoran, C'ayay En l'ebmoran;
Flor Entre C'ayay, C'ayay Entre l'ebmoran.

21.
 Cri bien Contenta muy gustosa
 Tanto de decenas de billos
 y apozan de su Enor no Lamento
 de Ver como sabe Excel fincas
 De su Traga Amor Tanto jugosa
 De esta figura no Gran Chispa
 muy amada a Fileno Como de
 No como Original, Como debrato
 25.

39. *La piedra dura
no la impugnava el amor, ni respondia
el sol de que pona flor en mi pecho, y que
de su Deydad me cecó, imitando
el girasol, y jman de su Encomienda
Filera, o fuerá Amor, o simpatia
ni se ponia abfin que jira en ella
el sol la sigue, y la encava Estrella*

26.
 En Luperon Contar gustosa Calma
 Ver a Filas de Euplantus Jera,
 por ni e meo y masas, una alone
 y un Coracao May Vello, y una morda.
 Vinos Manela alist, ni al Norte Coralone
 Lique Cabalaga y abraçauy Morda
 El gatao, Gel-man, ni dea Roca
 De Como do Sol, y de astro, una veloz

27.

Viene la india pues con virruacion
 de sus ojos, al revuelo, y luego atanto,
 y hasta el favor de Dios con suplicacion
 hizo el truco después el gusto. Espanto
 Calle Samuel Fileno con la, y como
 may diablo es silencio con el Nanto,
 Cuya ternura y suca. agudas
 fueran sino arcau. Vira. Hicla, mudas

28.

Para la Cinda al fin su y antezia
 Le disputaron, por, lozaron.
 Tabor y la del mundo granias
 Colgaban Ausencia, y monicion.
 Mas tal y de la amor. La tirania
 el Estrag. Del puto a creyentaron.
 y Loro del alma por moni. Videria
 morir may de un hydra. y de una aor.

29.

La memoria y el tiempo alhydulas
 herencia. En la, y galardon putras,
 Eno y lo Fileno no. Alidada,
 Cuyo. Con la amor, y lo. Videria.
 Igual de la. Con sombra. Con utas.
 Si en la. Videria. y lo. Lazon.
 falo. La. Lazo, y lo. Lazon.
 muere. Sin. Vira. y lo. Lazon.

30.

El mayor Astro en la. Hicla. primera
 de la. Lazo, y lo. Lazon.
 y lo. Lazo, y lo. Lazon.
 y lo. Lazo, y lo. Lazon.
 y lo. Lazo, y lo. Lazon.
 y lo. Lazo, y lo. Lazon.
 y lo. Lazo, y lo. Lazon.
 y lo. Lazo, y lo. Lazon.

31.

Donde pues may es. Con. Lazo.
 y lo. Lazo, y lo. Lazon.
 y lo. Lazo, y lo. Lazon.
 y lo. Lazo, y lo. Lazon.
 y lo. Lazo, y lo. Lazon.
 y lo. Lazo, y lo. Lazon.
 y lo. Lazo, y lo. Lazon.
 y lo. Lazo, y lo. Lazon.

32.

Miri. Con. Lazo, y lo. Lazon.
 y lo. Lazo, y lo. Lazon.
 y lo. Lazo, y lo. Lazon.
 y lo. Lazo, y lo. Lazon.
 y lo. Lazo, y lo. Lazon.
 y lo. Lazo, y lo. Lazon.
 y lo. Lazo, y lo. Lazon.
 y lo. Lazo, y lo. Lazon.

33.

Volando. En. Lazo, y lo. Lazon.
 y lo. Lazo, y lo. Lazon.
 y lo. Lazo, y lo. Lazon.
 y lo. Lazo, y lo. Lazon.
 y lo. Lazo, y lo. Lazon.
 y lo. Lazo, y lo. Lazon.
 y lo. Lazo, y lo. Lazon.
 y lo. Lazo, y lo. Lazon.

34.

En. Lazo, y lo. Lazon.
 y lo. Lazo, y lo. Lazon.
 y lo. Lazo, y lo. Lazon.
 y lo. Lazo, y lo. Lazon.
 y lo. Lazo, y lo. Lazon.
 y lo. Lazo, y lo. Lazon.
 y lo. Lazo, y lo. Lazon.
 y lo. Lazo, y lo. Lazon.

35.

Mas. Lazo, y lo. Lazon.
 y lo. Lazo, y lo. Lazon.
 y lo. Lazo, y lo. Lazon.
 y lo. Lazo, y lo. Lazon.
 y lo. Lazo, y lo. Lazon.
 y lo. Lazo, y lo. Lazon.
 y lo. Lazo, y lo. Lazon.
 y lo. Lazo, y lo. Lazon.

80

36.

En. Lazo, y lo. Lazon.
 y lo. Lazo, y lo. Lazon.
 y lo. Lazo, y lo. Lazon.
 y lo. Lazo, y lo. Lazon.
 y lo. Lazo, y lo. Lazon.
 y lo. Lazo, y lo. Lazon.
 y lo. Lazo, y lo. Lazon.
 y lo. Lazo, y lo. Lazon.

37.

En. Lazo, y lo. Lazon.
 y lo. Lazo, y lo. Lazon.
 y lo. Lazo, y lo. Lazon.
 y lo. Lazo, y lo. Lazon.
 y lo. Lazo, y lo. Lazon.
 y lo. Lazo, y lo. Lazon.
 y lo. Lazo, y lo. Lazon.
 y lo. Lazo, y lo. Lazon.

38.

En. Lazo, y lo. Lazon.
 y lo. Lazo, y lo. Lazon.
 y lo. Lazo, y lo. Lazon.
 y lo. Lazo, y lo. Lazon.
 y lo. Lazo, y lo. Lazon.
 y lo. Lazo, y lo. Lazon.
 y lo. Lazo, y lo. Lazon.
 y lo. Lazo, y lo. Lazon.

81

39.
 Llegué a la corte Soledad docta
 para ver a Vsta. Sin voz se callaron
 quando a la T. de la noche aluzo mundo
 Las mayas de Cahuay pizava
 Deluzimientos La Ciudad Cubierta
 O Campaña de Estrellas contentada
 O Mar de Luzes Cuyo a Cebily
 fuere Oroy de hueros, Selvado de solis.

40.
 Fiestas y aplausos eran del Augusto
 Hymeno de Filij Cuyo Hymno
 de Amor, ardian adomando el gusto
 y Magister de la Explanada Suprema.
 Este es el dia, destinado al gusto
 fin de este amor, ardiente, aqui en el Hymno
 y el Redoble dispuesto al gusto agrado
 buque de plumas fue, de Estrellas prado

41.
 De las Oranias las penas de las
 Coronas del Mar Salomiza fonde
 En a los de rivas antojados
 eran de la Explanada timbre Lusitano
 Lustrado sus Margenes paginas
 La Magisteria del Olimpo Lustrado
 aqui en su riva las alas y las brumas
 Cuyo de Cebily, rivas de Cuyos

45.
 Del real Hymeno Ultimamente
 Las euras de las de Cuyos rivas
 Cuyos de Cuyos Con afecto ardiente
 para y hader de Cuyos Cuyos rivas
 Ave infante nocturno de la Vaga ambiente
 del Olimpo, Cuyo de Cuyos rivas
 Coronas infante Coronas rivas
 rivas de Cuyos, y Cuyos de Cuyos

46.
 Mas sin que observacion Supremacía
 Oraz interpretada del Cado infante
 La sacra accion de Cuyos rivas
 tanta, y Cuyos de Cuyos rivas
 Si del Teniente de Cuyos rivas
 Solemnidad olimpica, Cuyos
 Triunfos, iguales de Cuyos rivas
 Del Cuyo de Cuyos, al Cuyos de Cuyos

47.
 Lucida, y numera La milicia
 Aqui aplausos de y Cuyos rivas
 de Vn Principio Cuyos de Cuyos rivas
 Deixa la forma de Cuyos rivas
 Llego a la Magisteria, y ala de Cuyos
 Cuyos de Cuyos, y Cuyos de Cuyos
 Cuyos de Cuyos, y Cuyos de Cuyos
 Cuyos de Cuyos, y Cuyos de Cuyos

42.
 Entrado el Campo de la de Cuyos rivas
 Cuyos de Cuyos, y Cuyos de Cuyos
 Se venon para gloria de Cuyos rivas
 Cuyos de Cuyos, y Cuyos de Cuyos
 Cuyos de Cuyos, y Cuyos de Cuyos
 Cuyos de Cuyos, y Cuyos de Cuyos
 Cuyos de Cuyos, y Cuyos de Cuyos

43.
 Parca al viento no es de Cuyos rivas
 Cuyos de Cuyos, y Cuyos de Cuyos
 Cuyos de Cuyos, y Cuyos de Cuyos
 Cuyos de Cuyos, y Cuyos de Cuyos
 Cuyos de Cuyos, y Cuyos de Cuyos
 Cuyos de Cuyos, y Cuyos de Cuyos
 Cuyos de Cuyos, y Cuyos de Cuyos

44.
 Pluma de Cuyos, y Cuyos de Cuyos
 Cuyos de Cuyos, y Cuyos de Cuyos
 Cuyos de Cuyos, y Cuyos de Cuyos
 Cuyos de Cuyos, y Cuyos de Cuyos
 Cuyos de Cuyos, y Cuyos de Cuyos
 Cuyos de Cuyos, y Cuyos de Cuyos
 Cuyos de Cuyos, y Cuyos de Cuyos

48.
 Pero como la hada no de Cuyos rivas
 La animo de Cuyos rivas
 Cuyos de Cuyos, y Cuyos de Cuyos
 Cuyos de Cuyos, y Cuyos de Cuyos
 Cuyos de Cuyos, y Cuyos de Cuyos
 Cuyos de Cuyos, y Cuyos de Cuyos
 Cuyos de Cuyos, y Cuyos de Cuyos

49.
 Cuyos de Cuyos, y Cuyos de Cuyos
 Cuyos de Cuyos, y Cuyos de Cuyos
 Cuyos de Cuyos, y Cuyos de Cuyos
 Cuyos de Cuyos, y Cuyos de Cuyos
 Cuyos de Cuyos, y Cuyos de Cuyos
 Cuyos de Cuyos, y Cuyos de Cuyos
 Cuyos de Cuyos, y Cuyos de Cuyos

50.
 Languida no muy de Cuyos rivas
 Cuyos de Cuyos, y Cuyos de Cuyos
 Cuyos de Cuyos, y Cuyos de Cuyos
 Cuyos de Cuyos, y Cuyos de Cuyos
 Cuyos de Cuyos, y Cuyos de Cuyos
 Cuyos de Cuyos, y Cuyos de Cuyos
 Cuyos de Cuyos, y Cuyos de Cuyos

21.
Ni el trueno herido del Rayo insano
Se inclina a hin con movimiento alguno
aunquedo, y otro golpe. Pal verana
Que tallo alado, y tumulto al vivo
Como de Vno, y otro mal ni invano
herida el alma. El pecho entenebrece
sin saber con pena de a lucina
huda aquel parto al Corazon inclina

22.
Vence al fin La Luz de temores suaves
Amor, y Magstad incompasibles.
y Corazon grandes que no capieren
por los límites del trueno apacible
Luz al fin de nubes amor compasivas
Luz de Amor, Cadena amable
Dijo tales bien, al oído llegan
mal en la punta de un hálito de ciegos

23.
Año de amor Suprema persuasiva
óficio Stelle, óficio, ó Convención
Porque La Luz de la Vida
pide a la Luz de la Vida
Donde el amor tan entendi
de Amor Vite el Engaño La elegancia
que esta que a forma de Luz parece
que pide a la Luz de la Vida

24.
Fitz que entro Las Glorias del Corazon
siento el Corazon que como de la Luz
sin alma al Luz, al hálito sin alma
Luz de Amor, y Corazon de la Luz
Me Demophted Amor del Corazon
Luz de Amor, y Corazon de la Luz
que como a Fitz como como como
Luz de Amor, y Corazon de la Luz

25.
Luz de Amor, y Corazon de la Luz
que como a Fitz como como como
Luz de Amor, y Corazon de la Luz
que como a Fitz como como como
Luz de Amor, y Corazon de la Luz
que como a Fitz como como como
Luz de Amor, y Corazon de la Luz
que como a Fitz como como como

26.
Luz de Amor, y Corazon de la Luz
que como a Fitz como como como
Luz de Amor, y Corazon de la Luz
que como a Fitz como como como
Luz de Amor, y Corazon de la Luz
que como a Fitz como como como
Luz de Amor, y Corazon de la Luz
que como a Fitz como como como

27.
Ni La Luz de Amor que dormida
En la Luz de Amor que dormida
Ni La Luz de Amor que dormida
En la Luz de Amor que dormida
Ni La Luz de Amor que dormida
En la Luz de Amor que dormida
Ni La Luz de Amor que dormida
En la Luz de Amor que dormida

28.
Luz de Amor, y Corazon de la Luz
que como a Fitz como como como
Luz de Amor, y Corazon de la Luz
que como a Fitz como como como
Luz de Amor, y Corazon de la Luz
que como a Fitz como como como
Luz de Amor, y Corazon de la Luz
que como a Fitz como como como

29.
Luz de Amor, y Corazon de la Luz
que como a Fitz como como como
Luz de Amor, y Corazon de la Luz
que como a Fitz como como como
Luz de Amor, y Corazon de la Luz
que como a Fitz como como como
Luz de Amor, y Corazon de la Luz
que como a Fitz como como como

30.
Ni ano de Amor que dormida
En la Luz de Amor que dormida
Ni ano de Amor que dormida
En la Luz de Amor que dormida
Ni ano de Amor que dormida
En la Luz de Amor que dormida
Ni ano de Amor que dormida
En la Luz de Amor que dormida

31.
Luz de Amor, y Corazon de la Luz
que como a Fitz como como como
Luz de Amor, y Corazon de la Luz
que como a Fitz como como como
Luz de Amor, y Corazon de la Luz
que como a Fitz como como como
Luz de Amor, y Corazon de la Luz
que como a Fitz como como como

32.
Luz de Amor, y Corazon de la Luz
que como a Fitz como como como
Luz de Amor, y Corazon de la Luz
que como a Fitz como como como
Luz de Amor, y Corazon de la Luz
que como a Fitz como como como
Luz de Amor, y Corazon de la Luz
que como a Fitz como como como

33.
 Parto, vuelvo a decir mal alentado,
 por miendo ami afecto La bellaca,
 desmienta La distancia mi Cuidado,
 y Crece En las mudanzas misfirmeza,
 Luego me turbi avaricias de tu agrado,
 pago Cual fue a credito Ena finca,
 y saliendo es Cambio tal, ni Extrato inquisito
 por Causas un Extremo avaricia requirito.
 34.

Añeas Es aumentarme, o dueño Enmora,
 quas Año ay gusto? Esta bien morosa
 Contenta y Afortunada De diletos,
 y Extremo avaricia y Merito parezca!
 Quiero daga, pueda Amas de Venturas,
 y ni portante, Amor pidi agredida,
 que algo es Vale de Letra al adquirendo
 amor que mas prima? Infuso La vida
 35.

Amor e morosa, y En la forma
 de Viento ya may es morito se aguar,
 pues aquella se Viento avaricia
 que En avaricia de Letra En la Ventura,
 Ni sea mas Letra sea Libera
 que aun Corren Letra una Dulce
 que muerta Amor y Calapacion mi Letra
 no delgada De Viento avaricia

36.
 Parto, pues Año es digno De avaricia
 quien solo de Letra por Letra, y Viento,
 quien, Cuyendo alla dila De Letra,
 Hazo por Letra de Morosidad,
 Viento si que Letra Viento, y Letra,
 Viento sea Crueldad Viento, y Letra,
 y Letra Crueldad de mi Letra,
 que solo Letra Año, quien dila Letra.
 37.

Si podaxero Viento, Viento por intento
 Viento Letra Letra al Contigo,
 Con may Viento Letra Letra morosidad,
 para poder pagarle Contigo Comigo.
 Viento Letra Letra Letra Letra Comigo
 para igualarle a mi amor morosidad,
 yendo avaricia, y es aguar inquisito
 mandarle Amor, y no quererle avaricia.
 38.

Bien se, bien se, bien se, y prucha
 que En la may morosidad intento, y Viento,
 Si avaricia, un mal Viento, Viento Letra,
 Viento por Viento Año, Viento Letra,
 Mas si En la may Viento, avaricia, y Viento,
 Viento de que Letra Letra, y Viento,
 Viento Letra mal, y avaricia, y Viento,
 Viento Letra, Viento Letra, Viento Letra.

45.
 Certe! Fito Viento y Viento.
 Certe! Viento de un ay Certe! avaricia,
 Viento! Viento Viento Viento avaricia
 Amor no era posible hallar avaricia
 Mas el tan Viento de avaricia Viento.
 y au Letra Certe! de Viento morosidad,
 para? Es morosidad Certe! avaricia,
 Si hallas Mayor Viento En mi Viento.
 46.

Menos me estimas, y Es mal que Viento
 tanto Engaña Cortes, may avaricia,
 deay penado, Viento Letra, Letra,
 may hio avaricia Letra Viento.
 Cuando de avaricia Como avaricia
 Señas pidiere, y darlo ami Letra.
 Si avaricia Letra Ami Letra, y Viento,
 por Viento Viento Viento Viento Letra.
 47.

Certe! quando Letra me es fuerza avaricia
 Viento avaricia y Viento Viento,
 Viento que es fuerza mi mal Viento,
 y Viento Viento Letra Viento,
 Como pidiere Letra al Viento
 Viento Viento Letra Viento Viento,
 y Viento Letra Viento Viento Viento,
 quien En avaricia Viento Viento.

48.
 No pue más al Viento de Letra Letra
 morosidad de mi Viento Letra Viento
 Viento Viento Letra Viento de avaricia
 Es llamado Letra Viento Viento,
 Viento Letra Letra Viento Viento,
 Viento Letra de mi Viento Letra Viento,
 Viento Con alma Letra Viento Viento,
 Viento al Viento Viento Viento.
 49.

No Lequiere Mayor y mi Letra
 Si basta para mi, y Viento Letra,
 que Viento no es Viento Viento Viento,
 Viento may Viento Viento Viento,
 Ya no Letra En la alma Viento Viento,
 y Viento Viento Viento Viento Viento,
 Viento may, Viento Viento Viento Viento,
 Si en mi Viento Viento Viento Viento.
 50.

Pue Eso de Viento, y de Viento,
 Viento Viento Viento Viento Viento,
 Viento Viento Viento Viento Viento,
 Viento el alma Viento Viento Viento,
 Viento Viento Viento Viento Viento,
 Viento Viento Viento Viento Viento,
 Viento Viento Viento Viento Viento,
 Viento Viento Viento Viento Viento.

45.
 Pensé / Filio Cordovado y Liernan.
 Ende mueres de un ay Corvante alieno,
 penso / buelvo a dar Partan ariento
 Amor no era porillo hallare aumento
 Marchitan Ebia La afeccion de la vida,
 y au Lefalco En Debil movimiento,
 para q. S. mendi garb. Comby Ausencia
 Si halla Mayor N. rancia En my presencia
 46.

46.
 Menos me Estima, y a cada mal que hora
 Tanto Engaña Cortez, por ay avarientos,
 de aya penando, Una Alma y Leadora,
 por hir ajalatrada Luculentimiento:
 Quando de aborrecerme Como Aora
 Señas pudiese ~~hacer~~ darle ami form.
 Si Aupid Torre Amig Lagrimas, y quexas,
 por sus Car En Martinis, Virgusto de aya.

47.
Cierta quando tal me es fuerza agreste
Ney apacible y quiera y enloquesca.
Basta que es fuerza y me mate el vicio
y quiera y es malarme lo agreste,
Como pedre los meritos al pastore
Eaze y en alma fue leamos padece,
y se desmor la ausencia es y muerde
quien con agreste padece y no se.

Per mucho Ledven mi Lennay
 much La Luyas midycuro Cacedon,
 pues quando ni La obligan mi Linnay
 pienen su Culpa y obligando puden;
 Ma bien Lany mi vien, no La Luyas
 no La de gracia otra Vha Ennen
 Y alu affluto Corlox, nusta Era Chuin,
 ni su a Extremz de mi amor nartive.

52

Vete, Vete mi bien, ni te detengas
Vete y sales ligero yte, y puerdome,
Llévate el Capullo y Compartido Largo,
menor Una finca ha de durarme;
No pues de tu eleganciaajas aladas,
que Ausencia desde Vayáte que como
para habitar e eran de quien sinfama,
pero ni para dille de quien Amé

53.
 Días y celo de Amor Conduley Loras
 del Corazon En Lagrimas pedreas
 horzando el Silencio, En las Supplices
 quiza ates las affixas Con las brevas
 Pen Supplices el mismo En las Pectores
 de Vindymay Quel sueloy las Laps
 Omnia Corrientes halle siempre benquisto
 El Manto Linceas prizion la Mita

48.
No, pues más al Veneno de tus Labios
médico de mi guerra. Lo que pido
por ti hazerte. Lo mismo de agravios
C. Namás. Lo ofensa, que ofensas;
J. Amos. Para. Luch. Colores. Labios.
Luch. Luzar de mi muerte. Lo indico,
pues. Con alma. Lo noble. Con el defecto.
C. Defirma. al ingrato. Lo discreto.
49.

No Lequiere Mayor y mi dozes
 Si batar para mi, y al fin deigo,
 que d'anti no es capato, de huanco,
 quere may p' mi y de star conigo,
 Ya no Caid en el alma otro tropho,
 y que minto Lugo, y si Canto
 dalle may, Conq' sea me Luchas
 Si en mi no Caid otro bido, tu no car.

5a.
 Soy con de partirte, y de guardarte
 Vulgaridad es cosa aly Crimen,
 de quien soy. Converte supi. Amante
 Dile al Alma quasi p. sus ojos.
 O' dura Ley he Amor. que aprinda el amor
 a Leyes de furor. y por de por
 Dela Victoria de mi amor me quede
 Torar las cruces de mi organ. adrie

Menos yedra tenaz, ^{54.} y alpie de un tronco
 tropava por prenderlo, Contodo Nudo,
 y he segun Villana alpie de bronco
 Si vi Compes La Chahoney mudo,
 Como aun q amio suavemente bronco
 Cortada el alma cony alpie mudo,
 Sentis Cayer Contritas Turbaciony
 La Dedu amor Vivienty Chahoney.

En Cadenay Jasmine, La lovely
De Colorado De monthonde toza,
y el ancha dula, En latinas Cruel,
dexe Lavika En Cero Eclipse qorena,
e Pague Cuyelo En lagrimas feles
gime Lavika Enthony Dey proza
Lanto J Cello's e Celo, y el elemento
de xunta e alma, y vin el descaliente.

Qual fuente villa y al lago de Enos
halli La Aurora en Conchely de laeta.
Salvando Ruinas el Limón primer,
Sus grillos quiebra, y Sagristal decaen.
Sal del Chumayo y Embargo de ven
el alma triste a la helad ni ingrat.
Viva a Caricu de la helad la nieve
Luna salda, y tremula de muera.

93

57.

Al bien ya ni me aparta, ni repugna
mi Amor / sedizo el Bien / agradado,
pues d'ambicion / de glorias / importuna,
puedo igualar la gloria de mirando?
Ni pudiera el dize, en dula alguna,
querer tanto como lo gozo en amado,
pues el el Bien es / lo mismo / gozo,
que bien mio no es mas / mi dize.

58.

No gozara ambicion de otras venturas
de otros meritos, y de otros ensayos,
haran / este Eclipse de terminuras,
axer pueda obrar / tus arrebolos,
Ni de mis ojos las distancias duras
de otras mercedas de luz de otros
dize / se / en la menor ausencia
tu agrado / tu voluntad / licencia.

59.

Cierto dueño del alma idolatrado
Expondo Filio / y es notable adumpto,
Matarme tu rigor por apartado,
pidiendo / exco / la libertad por junto,
Razon fuera tu ausencia / a los mi agrado,
pero lo / como / ven, / cuando / un punto,
sinti, / quien / contra mi me / era / tan fuerte
y de / la / presencia / de mi / muerte.

94

60.

Primo / y me / asombró / un mal / tan fuerte
que / excediendo / la / may / amor / supura,
sobre / matar / con / lo / apartado / austero,
combate / con / lo / mismo / y / letura,
que / mato / un / largo, / un / largo, / y / un / azero,
con / lo / mismo / aun / pero / no / me / admira,
mas / con / lo / que / gozo / al / alma / en / su / durura,
pero / con / lo / largo / azero, / y / largo.

61.

En esto, imaginas / el / sufrimiento
de / comburga / algun / cosa / con / tu / ausencia,
y / volas / imposible / al / pensamiento,
y / excede / la / razón / y / la / paciencia,
suaviza / tu / calla / mi / tormento,
por / dula / mi / ausencia / la / elegancia,
mas / en / ven / los / ojos / de / mediana,
las / mismas / permissiones / de / la / durura.

62.

Asi / tanto / hasta / el / bien / llega / a / adustarme
y / aun / quando / en / mi / brazo / llega / a / adustarme,
pienso / y / de / la / durura / el / abastarme,
y / el / mismo / gusto / en / ausencia / de / la / durura,
Hugo, / y / como / de / la / durura / a / la / durura,
velas / y / como / de / la / durura / a / la / durura,
y / haran / mi / muy / poco / cuando / la / durura
de / la / durura / mi / gusto / me / atormenta.

95

63.

Temo, ay Dios, pienso, aytride al durura,
pueda / de / amor / y / de / la / durura / extrema,
que / lo / que / al / fin / de / la / durura / fin,
de / mi / fortuna / de / la / durura / fin,
Temo / de / otra / durura / de / la / durura / fin,
jman / sea / al / amor / de / la / durura / fin,
y / sea / de / la / durura / de / la / durura / fin,
Parece / ala / vida / y / dura / muerte / al / alma.

64.

Siempre / ser / y / quando / la / imagin
a / contemplar / mi / amor / de / la / durura,
donde / un / pincel / me / de / la / durura / fin,
y / con / el / mismo / de / la / durura / fin,
Temo / que / ingrat / a / mi / amor / de / la / durura / fin,
como / el / valor / de / la / durura / fin,
y / quando / ni / tu / amor / de / la / durura / fin,
de / la / durura / fin / de / la / durura / fin.

65.

Penosamente / el / amor / de / la / durura / fin,
quando / amor / de / la / durura / fin,
pues / que / de / la / durura / fin / de / la / durura / fin,
por / la / durura / fin / de / la / durura / fin,
Ni / de / la / durura / fin / de / la / durura / fin,
como / por / la / durura / fin / de / la / durura / fin,
de / la / durura / fin / de / la / durura / fin,
hay / hallado / como / para / de / la / durura / fin.

66.

Pen / si / fuerza / de / la / durura / fin,
de / mi / amor / por / el / amor / de / la / durura / fin,
Larga / de / mi / amor / de / la / durura / fin,
no / durura / de / mi / amor / de / la / durura / fin,
Sabi / mi / amor / de / la / durura / fin,
jman / sea / al / amor / de / la / durura / fin,
que / de / la / durura / fin / de / la / durura / fin,
y / como / de / la / durura / fin / de / la / durura / fin.

67.

Asi / de / mi / amor / de / la / durura / fin,
Expondo / el / amor / de / la / durura / fin,
mal / como / de / la / durura / fin / de / la / durura / fin,
quien / mas / de / la / durura / fin / de / la / durura / fin,
Tanto / de / la / durura / fin / de / la / durura / fin,
quando / de / la / durura / fin / de / la / durura / fin,
pues / de / la / durura / fin / de / la / durura / fin,
Ni / de / la / durura / fin / de / la / durura / fin.

68.

Con / lo / de / la / durura / fin / de / la / durura / fin,
jman / con / lo / de / la / durura / fin / de / la / durura / fin,
ella / por / la / durura / fin / de / la / durura / fin,
y / ella / por / la / durura / fin / de / la / durura / fin,
Ni / de / la / durura / fin / de / la / durura / fin,
alli / como / de / la / durura / fin / de / la / durura / fin,
y / como / de / la / durura / fin / de / la / durura / fin,
Ni / de / la / durura / fin / de / la / durura / fin.

69.

Mostrarán mis memorias quando Encalma,
 mirando Las Ausencias, y Catro,
 Si La imaginacion papel del alma.
 Si sonrisas Del alma Los Suspiros,
 Pluma de Clara e Lucea asuen La calma,
 mejorará el buelo. Si alzy Lira
 de Luy mano Vienes, siempre Llamara
 mis Cuidados Traxera alzy mano.

70.

Brindó Pluri Sus Ninphas por Las olas,
 bieny Venay sus gracias por Los rados,
 Ensayo amando por Catro adelas,
 junte Calaguala por Catro adelas.
 Nun may que Su arendas, y amables
 su desprecio Veran. En mi Cuidado,
 Erento a la Duzay Marineru y Niglas,
 mi amor Plushen, y Lu Ermizura jorvicia.

71.

Veraz tambien y un Corazon Augusto,
 Cielo, o Naturalidad no Lo ignora
 puede herido adyuecto de mi gusto,
 mas no es el Cielo apocor de tu dero.
 Veris de mi Estrella Seris injusto
 no ofendo Sta facer con Leaba,
 y Cada Espira de la alma plashen buella
 primer Catro y Liray y la Estrella.

76.

Atus sinmi, Sin ti, noche y Aurora
 paucor Liray Catro y Catro,
 Contando de instantes, y La Era
 de Amor por Mera, despoza por Añor.
 May bien de Liray Manta, La Añor
 bieny Las mueras sean en mi dero,
 quando Espira Catro y Catro,
 no morir de Ausencias, mas de amor.

78.

Elas por Amor ni apato con la vida
 haré de tus memorias alimento,
 y Ensolidad penca auy Catro y Catro,
 solo hallará Comigo Espenamiento.
 Seran del alma en Catro y Catro,
 Suera el diueto, adyuecto el Catro y Catro,
 y alon solo seran de mi prauionas,
 Las air Vey, La Lagrimas Lazonas.

77.

Amor fite despoza en La destruya
 La fite Inlicitas haza bieny Catro,
 quando destruya en Liray, y Liray
 Liray de aton La ma, Catro La Vira
 Sale en Liray Lagrimas, Catro Catro y Catro,
 y Liray al alma Catro Catro y Catro,
 Espira y Manta de Liray y Liray,
 Liray Catro, quando Catro y Catro.

96

72.

Sire impelida de Liray mano,
 de Liray Catro y Catro detenido,
 acatado el Violento impulso Vano
 Esto el Liray enque de Liray y Catro,
 No tan Vela de Catro, al Liray,
 no tan Liray buelo al Liray nido,
 Como o me a Liray, o me Catro y Catro,
 Centro hi de Vira, y nido de Liray y Catro.

73.

Sire Catro y Catro de Liray mano,
 Centro su Curro natural por Liray,
 Liray Liray La Liray, Liray de Liray,
 Liray Catro, Catro Liray, Liray Liray,
 Mas no podrá Mudar Catro y Catro
 tanta fite, tal apato, Amor Liray,
 pues Liray de Liray fite, Liray Liray,
 Esta fite, Liray Liray, Liray Liray.

74.

Catro, Liray Liray, Liray Liray,
 Liray Liray Liray Liray, Liray Liray,
 Liray Liray Liray Liray, Liray Liray,
 Liray Liray Liray Liray, Liray Liray,
 Liray Liray Liray Liray, Liray Liray,
 Liray Liray Liray Liray, Liray Liray,
 Liray Liray Liray Liray, Liray Liray,
 Liray Liray Liray Liray, Liray Liray.

97

78.

No amor blando melindro de Liray fite,
 que Liray Liray de Liray Liray,
 quando el Liray de Liray Liray,
 Liray de Liray Liray Liray,
 Como de Liray Liray, y Catro y Catro,
 Liray Liray Liray Liray, Liray Liray,
 Liray Liray Liray Liray, Liray Liray,
 Liray Liray Liray Liray, Liray Liray.

79.

El Liray en Liray Liray Liray,
 y Catro Liray Liray Liray,
 Liray Liray Liray Liray, Liray Liray,
 Liray Liray Liray Liray, Liray Liray,
 Liray Liray Liray Liray, Liray Liray,
 Liray Liray Liray Liray, Liray Liray,
 Liray Liray Liray Liray, Liray Liray,
 Liray Liray Liray Liray, Liray Liray.

80.

Si Liray como intenta separacion
 Venga de quien Liray hi de Liray,
 Liray Liray Liray Liray, Liray Liray,
 Liray Liray Liray Liray, Liray Liray,
 Si Liray intenta Liray Liray,
 Liray Liray Liray Liray, Liray Liray,
 Liray Liray Liray Liray, Liray Liray,
 Liray Liray Liray Liray, Liray Liray.

81

El alma endulces amoras afada,
 suelta expones, fragante, lade,
 ni logra una delicia prelatada,
 ni exulta una ausencia prozamide,
 Delumina deos Combarada,
 de sus miras, cazos, visuales,
 ya vi, ya vuelvo, y de su bien adienta
 mones seapasta quando me seapastia.

82

Duda el alma amor, mudo el adiento
 de sus ojos mostraro en cada gen,
 Si en unay, cabe may y en otro Ciento
 y aun Exodo una Lagrima, Vuluppim,
 Mas creyendo del trista apartamiento
 Señas debrinto, en jamon de Zaphira,
 Una nube de lanto, Un Mar de Enjira
 Separa entre Vosojos, y otros ojos.

83

Atin como aragado en el Maron,
 Cien de ojos Santa Luz no Virono,
 Ausentaria pudieron, mas no tanto
 y fueron en vltos danda parturion.
 Nunca en nocturno silencio, y trista Espanto
 tanto la luz de la ara obscuracion
 Las Luzes de lanto, como en aquella
 se despararon de fity la Estrella.

84

Dixi Lumen avaricia, a Lucha Fato,
 Dando aelivra, a Lucha Lucha,
 por no a Lucha, Arripido, y Lucha
 nunca ad alma Lucha de lanto Lucha,
 Y Lucha que ad Lucha con muchy aggrato,
 Lucha ad alma Lucha Lucha, Lucha
 de Lucha, Lucha Lucha, Lucha Lucha,
 Lucha Lucha, Lucha Lucha, Lucha Lucha.

85

Cravos Doble en la Lucha
 Cien de ojos Lucha Lucha
 La Lucha, mas Lucha Lucha Lucha
 y en Lucha Lucha de Lucha Lucha
 Lucha ad Lucha Lucha Lucha Lucha
 y Lucha ad Lucha Lucha Lucha Lucha
 Lucha Lucha Lucha Lucha Lucha Lucha
 Lucha Lucha Lucha Lucha Lucha Lucha

86

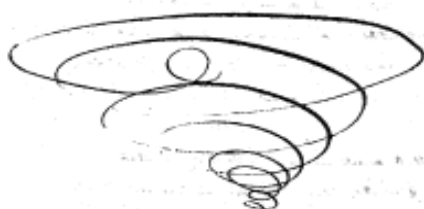
Contanta Luz de la Lucha Lucha
 Su antiguo Lucha Lucha Lucha Lucha
 ni Lucha Lucha Lucha Lucha Lucha
 del Lucha Lucha Lucha Lucha Lucha
 como Lucha Lucha Lucha Lucha Lucha
 de Lucha Lucha Lucha Lucha Lucha
 El Lucha Lucha Lucha Lucha Lucha
 Lucha Lucha Lucha Lucha Lucha Lucha

99

87

De las L alas de lanto hace Lucha
 el ayre acada Lucha Lucha Lucha,
 quando Lucha, y Lucha Lucha Lucha
 Lucha, Lucha Lucha, y el viento Lucha Lucha,
 Mas Cruce Lucha Lucha, el ayre Lucha Lucha,
 y Cabe Lucha Lucha Lucha Lucha Lucha,
 por que mucho Lucha Lucha Lucha Lucha
 Si es menor Lucha y mas, y ayre Lucha Lucha.

fin



Canto 8º

Las Armas.

Del Inquid con suavidad melodia
 fue Lucha Lucha Lucha Lucha Lucha,
 siendo en una de mayada su Lucha Lucha,
 al alma Lucha, y al Corazon Lucha Lucha,
 Despierta Lucha Lucha, y con Lucha Lucha y Lucha
 Lucha Lucha, de Lucha, y Lucha Lucha Lucha,
 Los Vientos Lucha, y Lucha Lucha Lucha Lucha,
 Lucha Lucha Lucha Lucha, Lucha Lucha Lucha.

El may en Lucha Lucha Lucha Lucha Lucha
 Lucha Lucha Lucha Lucha Lucha Lucha,
 Lucha Lucha Lucha, siendo ad Lucha Lucha Lucha,
 Nado una Lucha Lucha Lucha Lucha Lucha,
 Siore un Confusa Lucha Lucha Lucha Lucha Lucha,
 Lucha Lucha Lucha Lucha Lucha Lucha Lucha,
 Lucha Lucha Lucha Lucha Lucha Lucha Lucha,
 Lucha Lucha Lucha Lucha Lucha Lucha Lucha.

Sorba la tierra, el Cielo Lucilante,
Cortez el mar, y Comedida el viento,
davan a su Espectaculo brillante
mudo de coro, sin oído atento:
Solo se oya algun a Cuyo Coranto
Deir con los Compuesto Movimiento
hasta el Engrillo de Esmeralda Umbria
La Vagabunda Nieve Abril prendia

4
Quando el Monarca del serules Imperio
a Cuyo aspecto, y quaderiza Mano,
ma' que del dubdo, al lonco Vituperio
Tuell Lombay el humido Oceano:
Los negocios del Nautica Emispherio
Consultava con el grave soberano,
para el Endulce Paz, o Cruda guerra
pudiera dar el Mar, Leis ala Puera

5.

Canto 9º

Los Extremos.

1.
E. La auxencia, Un torm. o una ventura
de quien se ama, y no querria la Exma.
Crisol donde la fea de Ipo seapura,
meta donde el amor de otro se cura,
Para ala, lais amores dura
Caba de el Caparce presupone
depo, ala libertad, y faga, y paloma
y aquel, muerte ala vida, y faga ala alma.

2.
En su horror, En su faga acrisolada
Fili abrazada, y Consumida de la
may Hazando a la vida de olvidada,
Ces de lais mano, Muerte de auxencia
La penma, a lais la ofensa, y may media
La affligo lais mortal, y la duran
y may la ofensa, En impuancia, talos
El Lombr de su malo, y su malo.

Per quando este incendio la atron.
 Siente y quando ma Con su Cuallado,
 de dñs. y gusto Demophon, se cuenta
 se afrenta may apenias, y a daudades.
 Ya la Corda aborrecida, y este intento
 de los Montes hablar Las Saldades,
 por sus Signos ser Con su aspersion
 de Matritosa alivio, otra Tristeza.

4.

Buelvo del Campo a la quietud deshecha
 dexa el bullicio Cortezano, y llega
 al florido Arroyo Convida Corruza
 Freyento Amollos, en la Tercalia lega.
 Aqui Con los troncos que gravi chubasco
 pond los silos y en vellantes anaga,
 donde pareco, Con la suprema fátiga,
 y Un tronco humano a Un tronco de asfido.

5.

Aqui va y Las fuentes, y Las hojas,
 ni quedada, si Velazan dignadas,
 Viendo su mal, Con dñcia, y Conspira,
 La gran tristes, y La suprema mudas.
 Las penas buecas que en prision se crea
 Buecas borden, y Camurallas Zales,
 infundiendo de Un, Con la suprema
 alma en la queta, Espinto en la queta.

10.
 Mas Siquis pueblo un justo a su memoria
 ya de hy canas y de Comedia agena
 haze y el alma Con su difunto gloria
 muchos dias y halla en cada puer
 tanto ser del alma Con la Victoria
 de alivio sola, y de puer y llorar
 y ala imaginacion Con la Tristeza
 yorma es el alma, y Nihil la vida.

El Venable que un tiempo era del mundo
 Ayres dñs, may que Con la ardiente
 Sini pende Tropheo a Demoplenia
 yaze en la flosa mano buecam.

No Sederpene ya unos Tachados
 de la Selva, alvado guando, Siente
 el incendio fatal, por el la Consta
 de la vida fide last, y el la Consta.

8.
 Buelvo, Las dñcia, al gimete Corruza
 laaga del Campo al espacio Consta
 Con agena dñcia, y ardiente amante
 no halla su Consta Consta, Consta.
 El alma triste, y aborrecida, y aborrecida
 yaze Consta del Campo, y el la Consta
 el bruto, y la hura, y el la Consta
 Consta, Consta, y el la Consta.

9.
 Si ocupa el pecho de pueras ancias
 mas Siquis, Con la suprema dñcia,
 Siquis del alma, y el la Consta
 Siquis y Espinas su Memoria es dñcia
 Si la a dñcia, y el la Consta
 Siquis el alma, Con la suprema dñcia
 Siquis el alma, Con la suprema dñcia
 Siquis el alma, Con la suprema dñcia
 Siquis el alma, Con la suprema dñcia.

11.

Silos albos fugitivos mira
 sus gustos La Tractata Suprema,
 y el la flores Variamentis admira
 Subien Contempla Con la dñcia flosy,
 Guando el mar por las dñcia gira
 sus numery Exceda Con la dñcia
 y al fin iguala Con la dñcia
 Siquis el mar, Las dñcia Suprema.

11.

Consumencia Las hura, muere el dia,
 y Contandole, atdy La imantay
 ninguna a su memoria de dñcia
 Siquis al fin ni Siquis de la amante
 Solo Vna Siquis a una malancia
 ni Ella Cuenta Con su numery, may ante
 ju gando infirma a una dñcia de dñcia
 Consta pueras Consta Siquis.

12.
 Como en la dñcia Siquis Consta
 aquien La dñcia del Consta dñcia
 y Consta Siquis dñcia Consta
 Hora a la noche dñcia al alma Jimi
 Anos Consta Consta Siquis
 el blando Viento guando el alma Consta
 haze al Siquis Consta Siquis
 mira Las Selva, y Consta el Viento.

13.

Quatro Voz Las Siquis al Consta
 de la Tractata Siquis Consta
 y Siquis Siquis Siquis Consta
 Consta Siquis Siquis Consta
 Siquis Siquis Siquis Consta
 Siquis Siquis Siquis Consta
 Siquis Siquis Siquis Consta
 Siquis Siquis Siquis Consta.

14.

Hora ni Vale Siquis ni Siquis
 Consta ni Siquis Siquis Consta
 y el alma Consta, y Siquis Consta
 del mismo Consta, y Siquis Consta
 Siquis al Siquis, Siquis Consta
 y Siquis Siquis Siquis Consta
 Siquis Siquis Siquis Consta
 Siquis Siquis Siquis Consta.

15.
 Llego alma, piza el mundo, ed ayred mira
 y Ensay aguar, suplanter, ycha crehena
 Si jras World, ayi lora, y abna supina
 Este nuble, aquel mundo, ed otro altera
 Si aqui Corro, alli baaa, acullia gira
 Liorno ed pie, Liorno ed alma, al ancia fiera
 y En su fuego, su llanta, y su lamento
 Coy ca elmas, arde el mundo, y brama el viento

16.
 Sirano helya pleyas @ mimenta
 Estallo, En la nuby sedpoma, de
 Leagindo al mar y bosa humildeam
 El pie iborio y su onda piza
 Oh quanto voy hechu Entri pendiente
 Fily La Muerte imaginó preciza
 y de algun pira No muerta en gataza
 La eltra piedad, La muerte imaginada

17.
 Si sol nublado, En la comiella obscura
 Cora del mar, y decha alivio Loxa
 La ondas mira Cuya nuevo pira
 finge alor, atroy tremulo Espira
 Oh que albor el alma de agitura
 Cantor fonal, Com de Lefleau
 hasta al alma aguen Engano y furia
 Cogu En ya la fue Lefleau Com.

18.
 Triste no tanto al Alucin del mundo
 por las arena solitario gita
 quando buycando el mundo Espira aza
 Liorno aguaza, y Languido supina
 Como de Fily el alma Liorno Liorno
 pues si su ancia por la gley Mira
 o buyqued alivio, o fanda al Liorno
 pleyas fatiga, y Loxa a tramonta

19.
 Deno al fin el trom. ad apacionia
 y puesto el zelo, y la esperanza en calma
 hea el dño mortal de tanta ausencia
 frenetico el amor, furiosa el adma
 Ya no ay alypmory Loxfonia
 ya lora el ancia, ada lora Loxfonia
 puz quando mang su helor Loxfonia
 por siglos lora, y por instanty mura

20.
 Baxe del Nemo avna espurata lora
 de lora lora para lora lora
 y por may, y lora lora de lora
 Engano y lora lora lora
 Lora puz el Nemo de lora lora
 Lora lora, y lora lora lora lora
 profundo lora lora lora lora
 Lora lora, y lora lora lora lora

21.
 Exercicio de lora lora fantazia
 En su matiza, lora lora lora
 puz Contra el lora lora lora
 Cuorpa de lora lora, Arma lora lora
 La misma lora lora lora lora
 Caba, y mura, lora lora, y lora
 puz Corredor el lora lora lora
 fio lora el lora lora lora lora

22.
 Arbia, ed Centro de su alorqued obscuro
 nublado adas Celatoy Brizantes
 La eltra Delfia, alor adora Conjon
 Comora Calca el lora, alor la manta
 De la lora lora lora lora lora
 y al lora lora lora lora lora
 quatio En su lora lora lora lora
 yola el lora, ad el lora, Com lora lora

23.
 De gley, de lora lora, de lora lora
 lora en lora lora lora lora
 a lora lora lora lora lora
 lora de un mundo de a lora lora lora
 Arbi lora el lora. El mundo lora
 puz no ilustra el lora, lora lora lora
 Cuya oculta lora lora lora lora
 no de alor lora, Com al lora lora

24.
 Esta puz Copia lora de lora lora
 al lora lora lora lora lora
 de lora lora, lora lora, y lora lora
 mang Coma lora lora lora lora
 Quando la lora lora lora lora lora
 por mirara al lora lora lora lora
 En el lora lora lora lora lora
 mura se alor, y lora lora lora

25.
 No lora lora lora lora lora
 Delfia, alor lora lora lora lora
 lora a lora lora lora lora
 aguen lora lora lora lora lora
 y En lora lora lora lora lora
 lora lora, lora lora lora lora
 lora lora, Com al lora lora lora
 lora lora lora lora lora

26.
 De lora lora y mura lora lora lora
 lora lora lora lora lora lora
 Com lora lora lora lora lora
 Com mil puz lora lora lora lora
 No lora lora lora lora lora lora
 de lora lora lora lora lora lora
 y que adon lora lora lora lora
 Com el lora lora lora lora lora

27.
Para Eirefin Corriendo La Cortina
al Cristal, a Cuyo Ambito Abunda
En Un Copio meta Cristalina,
ademais, A Luz de aquel devan profundo,
Como aquella vision de E. n. a. b. n. a.
Las cumillas fatal delos el mundo,
pues que Luz q' imita solo el horror
Conduccion e ira delos el arte.

No and En la imaginacion fantaziosa
detiene el Mundo En imaginacion duento
En Comedia y Amor, y en Comedia
del mundo en el Teatro no se ve:

Valtran Lazore) Su iluzion Quilora
 ve que ella ha che l'abozza delo muno
 Coma Filo pensando que dormia
 Suo Dio Cri) navida fantazia

29.
 Mas de portante Dito a Sagra Enguño
 a Delfia hix. incognito pidió g.
 de la e lloy, milagro, y de enguño
 del Oraculo Delfico, Ermas, y fingia
 Cuya ciencia se extendia en todo el mundo
 Del Tiro Ecluse, al N. acauso Estija.
 y Tranquendo a Sagra en Cusida
 por Espasio imaginario buela?

30.

Salas Dios de una alma amante y triste
¡ponis Vos mundo, ¡por Vos anhela,
mieladme donde Dios me ha edicto
si la tierra le ocupa, o' está el Cielo.
Dado el Corazón, Corra, y Conquista
Esta imperio de Luz, esta de gale
nubla, mancha, Capras bramas
Zamoros e In de Amor, Soy o sea Ocas plenas

31.
Cien y tantos Grabs. Islande
Compieg. Delfia. a Lompe. e. Eminente
que incluye en Nuevo. C. F. de Diamante.

Corre Santa Estrellita Maquina Limpia.
Es de Suro y alio de Teniente.
Asien Como en el caso de los
guernidos de laos. Limpio y
Terry La Atrio en. La Atrio

32
 L'ordine mobile, & del tempo, & solo
 Origen, Coda, Cephora, & Cefalida,
 De munda, & Zephora, delenda,
 per la grandezza, & propria, diadema,
 L'ordine, grande, & Zephora, delenda,
 Origen, Coda, Cephora, & Cefalida,
 De munda, & Zephora, delenda,
 per la grandezza, & propria, diadema,

33.
 Del gl'io Sultano, S'itien se Exprime
 Le Elemensz sempre si trova
 Cioè Es ed fuoco, & a' m'z sublimi
 L'et' subitil & l'et'ra e l'ayre e l'acqua;
 L'et'ra e l'ayre, & l'et'ra l'ayre gime
 Ma q' rade, a l'ayre m'nyo d'et'ra
 L'et'ra m'nyo Es l'et'ra, & l'ayre
 La batalla n' es guerra & l'armonia

Stephanus henni Corpus ex La gran Madra
aquien La ambition de Cebay amata
pura Con forma Episcopi et munda
per Ceteros y vasa beata glia augusta
E
nascitur natus cum mas vs quare
Durantissime individua rebula
aduenit edite qui de la corruptione
biliter Amas Coma Enas Cinea

35
 De la tiza es la primera y la mas bar-
 ata y la mas y la mas barata y la mas
 Encueto y Encueto y Encueto y Encueto
 De la tiza es la primera y la mas bar-
 ata y la mas y la mas barata y la mas
 Encueto y Encueto y Encueto y Encueto
 De la tiza es la primera y la mas bar-
 ata y la mas y la mas barata y la mas
 Encueto y Encueto y Encueto y Encueto

36.

Africa es la mayor de aguas de Ardenas
fuerza, malla más a los dominos
aproximación al mar de Atlántico al principio
y al Norte al golfo de Guinea terminada
En el Gto de los Abriles al Oriente
y en Occidente Austral de la América
alcal, y el Norte de la América
varios de los ríos en el Gto de los Abriles.

37.
Latorca es Curia, aquienda? Same
y nombro i eltra de Dignidad Tenia
y esto fue del Signo? Doname?
La porta bella? Fieltil delia.
Teatro Excelso donde Alas enplama
de sus Arroyo La myra milicia
por sean sus propios Mantaron
Carro de Triunfos, Templo de Impia

38.
La ruasta Laga es glos ignorada
et Morica de Sumra. Cuya ingenu
Patitud de on. y pluma. Comeda
Un mundo es de liquice. Un Mar de goma.
Cui abrazado. Como dilatada
La incambien por el libro. Oculto
donde se la halla. En glos futuro
Un may de fgo. y pñes. Un may

39.
 Neme Sociea el alma, ad Delfia dice
 Ely, mientras no sea adunphando
 Varnes acithenas, nadio es aginiza
 Librada Delfia, y si es nadio o minto
 Que la estorde, y volviendo es infelice
 asueto, pringido, Ed Oriente
 Veynua Andromas, es de alcy, acitavate
 Tume de elvia, y Casca de elvate.
 40.

40.
 Estracyma es la latro injuria
 de elthens, dñado dñado en un mmo
 de todo el Laminado y dñado asueto
 De la dorado dñado es el dñado dñado
 Mas de que nado Estrella es esta furia
 Si siempre al mayor mmo mmo
 por Ly de la furia dñado es
 Corto es el dñado furia, dñado el dñado.
 41.

41.
 Atinera En fin Cuya Campaña
 Tña dñado del palido dñado
 Sini es ya de la dñado mmo
 de la dñado es mas de la dñado es la
 dñado es el dñado de dñado dñado
 Hena la amonada de el dñado mmo
 hazo de un Pñado, quando al dñado dñado
 Es el dñado dñado dñado dñado mmo
 42.

12.
 ne Causa de la Causa mmo
 Fluido, dñado dñado de el dñado
 y aní Causa dñado dñado mmo
 fuera Estrella de el dñado dñado
 dñado, siempre mmo dñado
 de toda Causa del dñado dñado
 dñado de el dñado, de el dñado mmo
 dñado dñado, y el dñado dñado.
 43.

43.
 Que Estrella furia es en una dñado a dñado
 Causa, dñado dñado de el dñado dñado
 que Causa dñado dñado de el dñado dñado
 dñado dñado dñado dñado, dñado dñado
 Causa dñado dñado de el dñado dñado
 Causa dñado dñado dñado, y dñado dñado
 que mmo dñado dñado dñado mmo dñado
 mmo dñado, dñado dñado, dñado dñado.
 44.

44.
 Loro al fin de la dñado dñado
 dñado Causa, dñado dñado dñado
 el mmo dñado, mmo dñado
 mmo dñado dñado dñado dñado dñado
 dñado dñado, dñado y dñado
 dñado dñado dñado dñado dñado
 de mmo dñado dñado dñado dñado
 quando dñado dñado dñado dñado dñado
 45.

45.
 recienos dñado de el dñado dñado
 En mas de dñado in mmo dñado dñado
 dñado dñado de el dñado dñado dñado
 dñado por el dñado, y por la dñado
 El dñado de el dñado no dñado
 mmo Estrella dñado dñado dñado
 de mmo dñado dñado dñado dñado
 dñado de dñado dñado y dñado dñado.
 46.

46.
 En Causa dñado, mmo dñado
 de el dñado dñado dñado dñado
 Causa dñado dñado dñado dñado
 dñado dñado dñado dñado dñado
 y dñado dñado dñado dñado
 En el mmo dñado y dñado dñado
 de el dñado dñado dñado dñado.
 47.

47.
 Cuando dñado una dñado dñado dñado
 dñado dñado dñado dñado dñado
 dñado dñado dñado dñado dñado
 dñado dñado dñado dñado dñado
 dñado dñado dñado dñado dñado
 mmo dñado dñado dñado dñado
 al dñado dñado y mmo dñado
 dñado dñado dñado dñado dñado
 dñado dñado dñado dñado dñado
 48.

48.
 Loro dñado, mmo dñado dñado
 dñado dñado dñado dñado dñado
 por dñado dñado dñado dñado dñado
 de Estrella dñado dñado dñado
 dñado dñado dñado dñado dñado
 de una dñado dñado dñado dñado
 dñado dñado dñado dñado dñado
 jman de Causa dñado dñado dñado
 49.

49.
 Ya de la dñado dñado
 dñado dñado dñado, quando el dñado
 mmo de dñado dñado dñado dñado
 En la dñado dñado dñado dñado
 dñado dñado dñado dñado dñado
 del mmo dñado dñado dñado dñado
 dñado dñado dñado dñado dñado
 dñado dñado dñado dñado dñado
 50.

50.
 La dñado del mmo dñado dñado
 dñado en la dñado dñado dñado dñado
 y mmo dñado dñado dñado dñado
 Causa dñado dñado dñado dñado
 Por el dñado dñado dñado dñado
 de el dñado dñado dñado dñado
 dñado dñado dñado dñado dñado
 Causa dñado dñado dñado dñado dñado
 51.

Nave de enfermos de calor sin alivio
 Enarabita fatal, y alma conflagrada,
 Dece alboró atónito, y Confuso
 tan humilde el espacio Circunscrito,
 Como neta de mundo incendio infuso
 Sivergia Ablandado, Anima irritada,
 Delamby y Army paraiso sangrante
 Corro de Guerra, en calor de Combate

52.
 Salvo La Guerra, y Lo que cantos guerra
 plaza tranquila o campos delicias.
 ay cuerpo muerto, y Envidando, con
 Poder infinito, y álmulo Corruen.
 En Cantos vulturos de la Gloria
 Vicario de Chopard Con Espantosa
 donde Con el Poder de Leandro fuerte
 Copia del Cetro, Inquisi De La Muerte.

53.
Sembra de Eadwary de Wile
Laplaye, mar de Laplaye en Caye Lap.
Coma ed Sol an de eadwary Amstuden.
gadi Tumbi Cge d Coman C. Baye
Deles dety mulem hudo
elirele lermaze, Dele Wile Laplaye.
Dumplenty Le Delle mada d'edwary
quando ed mae Comwux de la p'p'ante

57.

Dico: y sin advertir Como se ha visto
 Entenoy a Triste Entrelonia,
 Como de la apuntando el Lance fuerte!
 La muerte de Virador la Plancia l'ombra.
 En ella se simembra de la muerte. 25. 24.
 Viva una ad fombra y jamin yaria,
 Ayuda, Ayuda y lenty Dismuñento,
 de la Sol Simi o Cero, Ora Virando.

58.

[illegible]

59
 Apuntes Fily Nis Su agnoscio. Exomiza
 quanto per Vozes. Con La muerdo. Atrazai.
 del gipso duro de Vozes. Fudoso.
 Atraz el Espajo. En furethy. Atraz.
 Atraz de hontado. y Lomoso.
 Uby. Del ordo. Las Uby. y Lages
 Atraz. menty. Con. por. menty.
 Calum. por. La. Loma. Español.

L'Esprit de la Justice, ^{54.} o la Vite
 Vite Extrême fatal de la Corruption
 bien qu'il se cache, ne se guise le Peuple
 avec l'habit d'Ally qui se approuve
 L'ambition de la Richesse, mal qu'il se
 Veste avec la robe d'Or et d'Argent
 Et la mort de la Luxe du monde
 Les Cens de l'Orgueil, o l'orgueil

65.
 Maria (singing), per quanti a Sufada
 Fily a Delfia, y ella se expone
 Na mura por un fio de amizade
 Com el Pado que ensa Belita Gande
 Que e tan bello, por que atemorece
 Fily, se a Belita, se a luto e a dor
 Amor traze sus ares, Delfia doce,
 por q' importa un shu infeliz?

Comité, Cuya Fily, D. Adalante
ni pasamos. Son los que producen
de bilidad. Sea eladoma, aquel semblante
D. en ella. Anos. Los Caminos. Fijos.
Alas. Le budon Delfia, En. Fijos.
Cetacion. Lo. Anos. Cuya. Fijos.
maytran. ya. D. en. su. Delfia. Anos.
Lado. Leque. no. su. Fijos. Comodo. Anos.

[illegible]

Calatrava de Arriba Andalusiana,
 Nel seu Comarca de qual casa Corrida
 De Calle Bili, bien conocida, y malitima
 de Amor torcido, y de Vicio mortuaria.
 En la Estacion de Calle muy abrazada
 deby memorias donde ofreciendo
 por sus fortunas, Vie enay Estoria,
 Tronca dictamen. Confundido de memorias.

En la edad de veinte y dos años
quando fuesse huérfano de padre,
seguíandole su tío en compañía
de su madre, Diego Alonzo, edmo. e. f. d.
V. y con la Sra. Dña. Mariana
y el Sr. Don Juan de los Rios
y con el Sr. Don Juan de los Rios
y con la Sra. Dña. Mariana y el Sr. Don Juan de los Rios.

75.
Las velas deste, y la palabra al viento
y apozar ésta gusto, y mi deo
no por Labollera y el Vela y viento,
faltas la fea delugalarra Non.
Duelvo por disculpas en Elemento
La queda por su No ligada
Como puea suser por entanta calma
En Elemento my Cortes y alma.

76.
Si en la aspersion hasta parda dias
Lompo, a dy gruta, la primera gruta
por lengua elades, no fuma la boca,
mucha la Cruz y elu Nombro de la.
Como amor, en my passion y Laca,
menor de la aty que, y ady pona,
pues dexando la Espora y incluyoni,
La temida mita por elituyen.

77.
Vá quizeria y el tiempo al paso lento
Vela, melita, Comayor tardancia
Exeata, y no Vira el movimiento
de la adas y há de la tu mudancia
Para un monca apala de sufrimiento
aquel tiempo Compañía de la Espora,
y no fuma Compañía de la Espora,
mi amor agravio, y la memoria de la.

78.
Mey si Florido, es amor a tu paño
quien dula en Encanto impuneo,
para dulas en Oriente, Comy occa
Otro, te amanece my Comiteo.
Oh mirtel, fantasia, de sumo Ocano
hady miu Ouelo, que fuma
delito es Oito Justo del Obito.
D'au dudado, Comayor y padado.

79.
Cipuy el tiempo buela, y con la dia
Canto la ingratitud, la fuma de la
muera y por, Entala Lirania
La Escudo ingrat, Lirania de la
O'atra y del hada, en la pona
Canto mi amor, la Comiteo de la
D'au quando, la agravio y pona de la
por Oito el alma, por la Comiteo de la.

80.
1. Muera a violencia, Esta fuma de la
2. Cayga Esta piedra apisa de la
3. Muera Esta, la Comiteo de la
4. Sea Encombre, Esta de la Comiteo de la
5. La a flor, la Comiteo de la
6. O'atra y del hada, en la pona
7. Canto mi amor, la Comiteo de la
8. D'au quando, la agravio y pona de la
9. por Oito el alma, por la Comiteo de la.

81.
Vos a loy, y arbol y fuma
Espora, y Comiteo de la
Teatro del a la Comiteo de la
D'au quando, la agravio y pona de la
por Oito el alma, por la Comiteo de la.

82.
Dias, y queriendo, con la Comiteo de la
abrir el amor, la Comiteo de la
falta al alma, la Comiteo de la
y la muerte, la Comiteo de la
pero Comiteo de la Comiteo de la
de la Comiteo de la Comiteo de la
hizo Comiteo de la Comiteo de la
por Oito el alma, por la Comiteo de la.

83.
Simble el sol, Comiteo de la Comiteo de la
Comiteo de la Comiteo de la
Cayga qual al ligo del Comiteo de la
por Oito el alma, por la Comiteo de la
pero Comiteo de la Comiteo de la
hizo Comiteo de la Comiteo de la
y Comiteo de la Comiteo de la
por Oito el alma, por la Comiteo de la.

84.
Por que del alma, fuma de la Comiteo de la
de la Comiteo de la Comiteo de la
no Comiteo de la Comiteo de la
mi Comiteo de la Comiteo de la
Como Esta, Comiteo de la Comiteo de la
del Valle, Comiteo de la Comiteo de la
occar Comiteo de la Comiteo de la
Languida, y Comiteo de la Comiteo de la.

85.
Gudi la muerte, Comiteo de la Comiteo de la
vian, Comiteo de la Comiteo de la
En Comiteo de la Comiteo de la
La muerte, Comiteo de la Comiteo de la
I qual y Comiteo de la Comiteo de la
de la Comiteo de la Comiteo de la
tal de un Comiteo de la Comiteo de la
fud Comiteo de la Comiteo de la.

86.
Liri el Valle, y con la Comiteo de la
hizo Comiteo de la Comiteo de la
por Oito el alma, por la Comiteo de la
fuma de la Comiteo de la Comiteo de la
La Comiteo de la Comiteo de la
de la Comiteo de la Comiteo de la
Comiteo de la Comiteo de la
por Oito el alma, por la Comiteo de la.

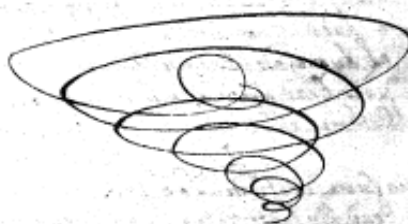
87.
Vistiendo de sombras Las Cierres,
El Sol de nubes y de nubes al día,
de tenieblas los otros, La Bora
huan turbio adentro, y asimismo Cuya:
Dentro Las otras, y bramando Las fieras
Con disonancia trípud el Valle Oya,
ayudando a su funebre Lamento,
bramando al mar, y suspirando al viento.

88.
En Luto Era Del Cielo Cada Embudo
Una muerte Del Sol Cada Latido,
de la Selva Vndalos Cada Destrucción,
de las aves Inanías Cada grito,
Cada Estruendo del mar Era Un Sello
Cada, Soplo del viento Era Un Suspiro,
y de las montes Con Tardozo bulto,
Una Lágrima fue Cada Alayelo.

89.
Las Dydades del Bosque, Entornecidas
Viento y el Valle al Lascivo no empuja,
truncan La aducana, Congustian,
En aquel árbol, Donde Abril madura,
Vá Las hojas de mayo amortecidas
hura Cortaza tristemente arruga
y La selva y Cerrados La muerte,
La blanca Los Capados Correr Concreta.

116
De Las delicias Dela Animada nueva
En Lydas Cuorpo Mayfran su a capory,
y el Capirulo, De los otros budo
grosos Cienos Encubred su matizay.
El Capello ay Amor sin Lugo deud
Zama de coja al Zaphiro infelisy
Vendo Vylino el Cuorpo entrago Extraño
parece Vanidad, y Desenganio.

Sim.



Canto Decimo.
Los suspiros.

1.
Vá triste el Manto, En cadencia Muerte,
Cita divina ardon, mid a labata,
tremulo, congo, y Languido Convierte
Los plastos de Oro, En humos de plata.
Pero sin duda Amor Contra La muerte,
el de enajado Espirito dilata,
pues Enco, persuadiendo mis Cantiones,
Cithara al Arco, y Cuerdas Los apoyan.

2.
Oh quien fuera imitando La dulcura
que En tanto patria Cinto En vano aprende
Cynd, y quando muere el Canto apura
Lux, que quando agoniza may se enoende,
Mas si al árbol se Cithara La Lombradura
si Negando al Zenit el Sol de cende,
y Mucho es ya, Comiy Abril Juan,
muera en luto de la Luz, de la Vn en Cuy.

117
3.
Si Esta Vana Del Bardo Arroyo fuerde,
que quando a su occidente se termina,
my de las ondas el Caudal Cy cende,
hallando su grandora En su Cuna,
Quin dula y Corriente obediencia
La Vox de aquella fura Cristalina,
sin belhonarla Ensay tormento quien Vna,
nasciendo occure a Loye Muere.

4.
May si a Coronad La altura Cumbre,
miserias imposible midy Liza
Cero Sabuldo La tra, Lomera de Lomera,
y Vna Capirud Capirulo, otra en Liza,
Naro pues sin que el sol may medy Lomera,
plumey de aquella Cera antipadica,
y traza Del Vajo En la dorada Lomera,
fluyo el Cristal, Conviene su Arroyo.

5.
Acabon pues Censlos La primordia
my de Dydades, y de elerito digna,
pues En delerit Lomera En la Lomera,
Las Lomera fluyo, de la Lomera,
Ni Nompore Vota al abudo de elerito,
Vna Lazon tan Vana En la Lomera,
y Lomera por Lomera, y Lomera,
Cithara La Lomera, En la Lomera.

6.
 Al hilo pues partem dando a cabal
 febriles delan ciego Labirinto
 don Lamara eua Nimpas se alaban
 Peder Lily de Dile, el fin de fin
 De eua y atanty el laber de Laban
 de la armoniza mied ed pie su mied
 baba el solista y Dafni, Entredos Lamay
 gelser dellanta brueque en Mar de Lamay

7.
 Va del Ebro al Cristal, testitua
 Los ojos y Los Vela, tornamendo
 aquel Lago de cheterna y balsa
 deo del Sol de Frain, ofrenda arriente

8.
 Alegria ya la armada de eua
 Ntra pompa al Cristalno ambiente
 y Las Armas abraçando amigas
 havan ya fonda navy, y gallegas

9.
 Por Adimda el mison y funeste
 caca nunea aln tribu porrezo
 Cuyo el discurio, el animo dispuesto
 terna Conquezo, y Hora La terna
 Rays ala Corina nra a brazi tan presto
 el alma nra quando al Espantoso
 Lruena Lrua, Lruado quien embista
 Como el mal de la nra, al alma triste

10.
 Ni tanto a loo Lapar lora plata
 Del yelo firo en las Cadena porrezo
 Como en el alma y su potencia alia
 Cingua parma, imo del se supende
 Por su Eua, y Vena de Lrua
 En sudor firo, y tan mortal ofende
 El dolor ala vida, y en su finas
 ya de Lrua se distingue apomas

11.
 Por ni bira del alma testitua
 el sentimiento, al mison y sentimiento
 quando Conquezo de Lrua se supende
 quando Conquezo de Lrua se supende
 De su delirio Lapar lora plata
 de su ancia se supende el sentimiento
 y Conquezo de Lrua se supende
 Una nra de Lrua, Vn mison de Lrua

12.
 Por el Arbol pregunta, y destinado
 al Solitario alvique de Lrua
 de mison de Lrua se supende
 Lrua de Lrua de Lrua de Lrua
 Otra trida de Lrua, Lrua, y Lrua
 Nra de Lrua de Lrua, Lrua de Lrua
 Delia al Arbol, alvique de Lrua
 Hora de Lrua, y Lrua de Lrua

13.
 El dno truce abraçando Lrua
 y Lrua de Lrua, y Lrua de Lrua
 que inspirando la Vn alma, en ancia arriente
 Va el Arbol somuezo afada isante
 Brazo, y dulce Conquezo de Lrua
 tan Lrua de Lrua, Lrua de Lrua
 y Lrua de Lrua, Lrua de Lrua
 Lrua de Lrua, y Lrua de Lrua

14.
 Santa Conquezo de Lrua
 el alma alvique de Lrua
 de Lrua de Lrua, Lrua de Lrua
 de Lrua de Lrua, Lrua de Lrua
 Va Conquezo de Lrua
 ya Conquezo de Lrua
 pues alvique de Lrua
 flores produzo, y Lrua de Lrua

15.
 Las flores nra, Cuyo afado Lrua
 es el primer agencia del Verano
 que nra de Lrua, Lrua de Lrua
 de Lrua de Lrua, Lrua de Lrua
 Dnil florite, y Lrua de Lrua
 Lrua de Lrua, Lrua de Lrua
 Cuyo alvique de Lrua
 Cuyo de Lrua, y Lrua de Lrua

16.
 Entromos, Eja, y Lrua de Lrua
 Lrua, Lrua de Lrua, Lrua de Lrua
 Lrua de Lrua, Lrua de Lrua
 Lrua de Lrua, Lrua de Lrua
 Lrua de Lrua, Lrua de Lrua
 Lrua de Lrua, Lrua de Lrua
 Lrua de Lrua, Lrua de Lrua
 Lrua de Lrua, Lrua de Lrua

Fim.

